

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

As reflexões metadiscursivas no discurso *Antídose* de Isócrates

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda

Tese de Doutorado apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Letras Clássicas do
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo
para obtenção do título de
Doutor em Letras Clássicas

Orientador: Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes

versão corrigida

São Paulo

2016

RESUMO

Esta tese de doutorado divide-se em duas partes principais. A primeira delas debruça-se sobre as *reflexões metadiscursivas* presentes no discurso *Antídose* de Isócrates. O estudo se volta para passagens da obra em que o autor discorre sobre aspectos centrais de sua prosa, apoiando-se também em outros excertos do *corpus* isocrático em que essas reflexões também ocorrem. Desses aspectos, destacam-se, principalmente, as definições de gêneros discursivos empregados e os diversos expedientes retóricos adotados por Isócrates no decorrer da obra para construir seu *ēthos* perante sua audiência. Por fim, na segunda parte da tese, segue-se a primeira tradução integral do *Antídose* em Língua Portuguesa.

Palavras-chave:

1. Isócrates 2. *Antídose* 3. Reflexões *metadiscursivas* 4. Gêneros discursivos

ABSTRACT

This doctoral thesis is divided in two main parts. The first one focuses on the *metadiscursive* reflections found in the speech *Antidosis* of Isocrates. The study turns to passages of the work in which the author discusses key aspects of his prose, leaning on other excerpts from the isocratic *corpus* in which these considerations also occur. Of these aspects, we highlight mainly the definitions of discursive genres used and the several rhetorical expedients adopted by Isocrates in the course of the speech to build his *ēthos* before his audience. Finally, in the second part of the thesis, there is the first complete translation of *Antidosis* into Portuguese.

Key-words:

1. Isocrates
2. *Antidosis*
3. *Metadiscursive* reflections
4. Discursive genres

RIASSUNTO

La presente tesi di dottorato si divide in due parti principali. La prima si incentra sulle *riflessioni metadiscorsive* presenti nel discorso *Antidosi* di Isocrate. Lo studio verte sui passi dell'opera in cui l'autore tratta aspetti centrali della sua prosa e prende in considerazione altri luoghi del *corpus* isocrateo in cui tali riflessioni sono altresì presenti. Di siffatti aspetti si mettono in rilievo, principalmente, le definizioni dei generi discorsivi impiegati e i diversi espedienti retorici adottati da Isocrate nel corso dell'opera per costruire il suo *ēthos* davanti al suo uditorio. Infine, nella seconda parte della tesi, segue la prima traduzione integrale dell'*Antidosi* in lingua portoghese.

Parole chiave:

1. Isocrate
2. *Antidosi*
3. Riflessioni *metadiscorsive*
4. Generi discorsivi

*a meus pais,
a meus avós
e à memória de Seu Neco e Dona Lia*

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa concedida para a realização desta pesquisa;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), não apenas pela bolsa concedida nos primeiros meses de minha pesquisa no país, mas principalmente pela Bolsa-Sanduíche concedida entre outubro de 2014 e setembro de 2015, quando realizei meu estágio de doutorado na *Università degli Studi di Roma "Sapienza"*, na Itália;

À USP, à FFLCH e a seus professores, de quem tive o privilégio de ser aluno, por terem me dado sólida base para que eu pudesse me tornar um acadêmico e, principalmente, um sujeito crítico;

A meu orientador, Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes Lopes, por todos esses anos de confiança em meu trabalho, desde o início de meu mestrado, em 2009; por toda a paciência demonstrada durante a realização deste estudo; pela sugestão e pelos esforços de me encaminhar para meu estágio na Itália; por sua leitura sempre tão arguta e acurada de meus textos; pelos importantes ensinamentos de um grande professor, pesquisador e orientador; pela cara amigável mantida ao longo desses anos;

A meu supervisor na Itália, Prof. Dr. Roberto Nicolai, de quem tive o enorme privilégio de ser orientado em meu ano de estágio de doutorado na *Università degli Studi di Roma "Sapienza"*. Sou grato a Nicolai pela gentileza com que me recebeu na *Facoltà di Lettere e Filosofia*, pelo livre acesso à *Biblioteca di Filologia Greca e Latina*, e sobretudo pela leitura tão singular de toda a minha tese, com sugestões muito enriquecedoras advindas de um dos maiores especialistas em Isócrates;

À Profa. Dra. Sandra Lúcia Rodrigues da Rocha (UnB), por ter composto tanto a Banca de Qualificação como a de Defesa, oferecendo-me valiosas sugestões para a consecução deste estudo; além disso, por ter me incluído no Grupo RHETOR desde 2013, o qual contribuiu sobremaneira para minha pesquisa e minha formação nos últimos anos. Sou grato, aliás, a todos os membros do grupo, pela recepção em Brasília

sempre tão amistosa e calorosa, bem como pelas inúmeras sugestões dadas a minha pesquisa;

Ao Prof. Dr. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio (FE-USP), também pela participação nas Bancas de Qualificação e de Defesa, com apontamentos sempre muito preciosos; pelas tantas conversas, formais e informais, em diversas oportunidades por ocasião de eventos acadêmicos; por ter sido um pioneiro dos estudos isocráticos no Brasil, com excelentes trabalhos, abrindo caminho para mim e outros colegas seguirem seus passos;

Aos Profs. Drs. Adriano Machado Ribeiro e Breno Battistin Sabastiani (FFLCH-USP), não apenas por terem aceitado o convite para compor a Banca de Defesa, mas, sobretudo, por terem oferecido valiosas críticas para minha pesquisa em diversas oportunidades;

À Profa. Dra. Priscilla Gontijo Leite (UFPB), pela amizade tão ímpar demonstrada em diversos momentos nos últimos anos;

A Artur Costrino e Ícaro Francesconi Gatti, a quem posso chamar de irmãos, por terem transitado há muito tempo de colegas acadêmicos a caríssimos amigos;

Aos grandes amigos de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Bruna Camara, Helena Maronna, Vanessa Gomes, Tarsila Doná, Leonardo Zuccaro, Tadeu Andrade, Rafael Frate, Flávia Amaral e muitos outros, por sempre terem me apoiado e me estimulado tantíssimas vezes para que eu prosseguisse com minha trajetória acadêmica;

Aos colegas “isocratólogos”, Prof. André Bertacchi (UFRJ) e Prof. Júlio Lopes Rego (UFBA), pelas valiosas conversas e indicações bibliográficas desde 2009, quando a eles me juntei nessa difícil e prazerosa jornada de estudo e tradução de Isócrates;

A Bruno Meng, Felipe Augusto Caetano, Juliana Borges, Ana Paula Santana Bezerra, Beatriz Blanco e Luize Rocha, pela grande amizade que se manteve desde os tempos de graduação; pelas tantas memórias, ainda tão vivas;

A Rafael Alcântara, Danilo Bonato, Vanessa Parrela e Tasso Michetti, pela amizade de toda uma vida; por sempre terem ocupado o lugar de irmãos;

A meus primos, Felipe Curvelo, Vinícius Lacerda e Amanda Lacerda, pela irretocável presença em minha vida como verdadeiros irmãos;

A meus tios, Gilmar Curvelo, Francisco Lúcio de Lacerda, Maria do Socorro de Lacerda, Sônia Maria de Lacerda e José Salmy de Lacerda, por tantas vezes terem sido como pais para mim;

A meus avós maternos, Antônia Gomes Curvelo e José Curvelo, por tudo que me ofereceram sem medir esforços; por terem me demonstrado inúmeras vezes que conhecimento não é por formação; que só há amor quando é incondicional; que a vida não deve ser longa, mas larga;

A meus avós paternos, Lia Paulino de Lacerda e Manoel Estrela de Lacerda, pelas poucas memórias, pelas muitas histórias; por terem me ensinado, mesmo que indiretamente, que moral e humildade são os bens mais valiosos para um indivíduo;

A meus pais, Elza Gomes Curvelo Lacerda e José Sérgio de Lacerda, pela vida que me deram, pelo prazer de vivê-la sem angústias, pela leveza e tranquilidade com que sempre me guiaram em meio a tantas atribulações, pelo infinito amor dedicado, por terem me demonstrado que coragem, afeto e humildade são as maiores virtudes humanas; por absolutamente tudo, e por muito mais do que seria possível expressar nestas palavras.

Ringraziamenti

Dall' ottobre del 2014 al settembre del 2015, ho vissuto la più grande esperienza della mia vita accademica e personale. Sono andato in Italia per fare un tirocinio nell'ambito del mio Dottorato di Ricerca, presso l'Università degli Studi di Roma "Sapienza", e non posso esimermi da alcuni doverosi ringraziamenti.

In primo luogo ringrazio il Professor Roberto Nicolai, senza il quale il mio soggiorno a Roma non sarebbe stato possibile. Gli sono grato non solo per aver dapprima scritto la lettera d'invito e avermi ricevuto molto gentilmente in Sapienza, ma soprattutto per aver letto ogni passo della mia tesi, dal testo di quando sono arrivato in Italia fino alla tesi finale, e anche dopo quando sono tornato in Brasile, facendo sempre validissimi appunti e suggerimenti.

Ringrazio i bibliotecari Alberto Rizzo, Walter Mazzota e Laura Zadra della Biblioteca di Filologia Greca e Latina, per l'inestimabile amicizia stretta in così poco tempo, per l'accoglienza così gentile; in particolare, per le interminabili chiacchierate con Alberto sul dialetto romano e sulla vita, tra due o tre sigarette ogni pomeriggio, e con Walter sulla letteratura italiana e brasiliana;

Ringrazio la Biblioteca Apostolica Vaticana, per l'opportunità di vedere e leggere in loco i manoscritti di Isocrate (Urbinas CXI, Vaticanus 936 e Vaticanus 65). Grazie ai sempre gentilissimi bibliotecari.

Ringrazio l'Istituto Archeologico Germanico, per l'opportunità di ricerca, per i tantissimi libri su Isocrate e per l'ottimo spazio della Biblioteca.

Ringrazio Natalia Manzano Davidovich, per l'inestimabile amicizia, per l'immediata identità di sinistra e di sudamericana, per essere stata veramente come una sorella romana per me.

Ringrazio Isidoro Malvarosa, non solo per essere stato il mio migliore amico italiano, ma soprattutto per essere oggi uno delle più brave persone che abbia conosciuto.

Ringrazio Darío Garigliotti, il mio caro amico argentino, per l'amicizia fatta nel momento quando eravamo troppo lontani dalla nostra amata Sudamerica.

Ringrazio tutti gli amici brasiliani a Roma; in particolare, Priscila Haydée, per essere stata una madre, una sorella, un po' di tutto, un'amicizia senza precedenti; e Fran Meurer, per il suo sorriso solare, e per i viaggi indimenticabili in Grecia e in Sicilia.

Sumário

Apresentação.....	p. 12
Introdução.....	p. 19
Capítulo 1 – Análise dos Proêmios.....	p. 52
Capítulo 2 – A polissemia do termo <i>ιδέα</i> em Isócrates.....	p. 75
Capítulo 3 – “Discursos-testemunhas”: citações e comentários dos discursos <i>Panegírico</i> , <i>Sobre a Paz</i> e <i>Para Níocles</i>	p. 106
Capítulo 4 – A digressão encomiástica nos discursos de Isócrates e o “Elogio a Timóteo” no <i>Antídose</i> (101-139).....	p. 114
Conclusão.....	p. 142
Tradução do discurso <i>Antídose</i>	p. 147
Bibliografia.....	p. 209

Apresentação

A presente tese de doutorado tem como escopo o estudo e a tradução¹ para a Língua Portuguesa do discurso *Antídose* (ou *Sobre a Troca de Bens*), composto pelo ateniense Isócrates (436-338 a.C.), por volta do ano 353 a.C. Trata-se de sua antepenúltima obra publicada e a mais extensa (323 parágrafos), em que o autor apresenta uma defesa de sua atividade pedagógica, desenvolvida desde o início do séc. IV a.C. O discurso constitui uma sinopse de diversos momentos da vida de Isócrates como educador, bem como de seu pensamento político e pedagógico, com citações diretas de outros discursos de sua autoria – a saber, o *Panegírico*, o *Para Nícoles*, o *Sobre a Paz*, e o *Contra os Sofistas* –, além da narração de diversos momentos históricos recentes da Grécia e, sobretudo, de Atenas.

Para tanto, Isócrates retoma no *Antídose* a crítica aos sofistas e às suas respectivas práticas pedagógicas, principalmente aos que ele denomina como “erísticos”, do mesmo modo como já fizera em discursos anteriores no início de sua carreira como educador (por volta de 390 a.C., como no *Contra os Sofistas* e no *Elogio de Helena*), a fim de, por oposição, corroborar a defesa de sua *paideia*. As diretrizes dessa educação isocrática, contraposta à educação erística, somente serão explanadas pelo autor, todavia, na segunda metade do *Antídose* (§§167 a 323). Antes disso, porém, na primeira metade (§§1 a 166), o autor justifica as razões que o levaram à composição do discurso. A motivação para sua redação não é fortuita: Isócrates o elabora em decorrência de sua derrota em um litígio judiciário. Primeiramente, portanto, faz-se necessária uma breve contextualização histórica das circunstâncias desse litígio, o qual precedeu a composição e publicação do discurso *Antídose*.

¹ Segundo a edição de MATHIEU, Georges. *Isocrate: Discours (vol. III)*. Paris: Les Belles Lettres, 1942.

Contexto histórico

No ano de 357 a.C., estabeleceu-se em Atenas a nova Lei de Periandro, a qual ordenava o pagamento de um imposto, a trierarquia. Este imposto (também considerado como uma liturgia) determinava que cada um dos mil e duzentos cidadãos mais ricos da cidade deveria custear a manutenção de um navio de guerra (uma *trirreme*). No entanto, caso um deles alegasse possuir uma riqueza menor do que a de outro cidadão não-designado para o pagamento da trierarquia, poderia mover contra este um processo de *antídose* (i.e., uma ação de *troca de bens/fortunas*). Dessa maneira, se o acusado viesse a perder o processo, seria obrigado a trocar todo o seu dinheiro e suas posses pelas de seu acusador. Este passaria a ter mais dinheiro e, por conseguinte, pagaria as despesas com o navio de guerra. Outra possibilidade de sentença, ainda, seria simplesmente a transferência da designação do pagamento do imposto ao acusado no processo em questão.

Um ano após a instituição da lei, em 356 a.C., um cidadão chamado Megaclides foi um dos duzentos cidadãos designados a pagar esse tributo. Todavia, não satisfeito, alegou que não ele, mas Isócrates era quem deveria ter sido escolhido, argumentando, por direito, que suas posses eram menores que as dele. Desse modo, moveu contra o autor um processo de *antídose*. Ao final, Isócrates perde o processo e é designado a pagar a trierarquia, sem a necessidade, contudo, de permutar suas posses e sua fortuna com Megaclides.

No entanto, em meio à época do litígio, outro cidadão, Lisímaco, teria acusado publicamente Isócrates, por meio de uma *γραφή* (*Antídose* 29), de ter corrompido os jovens com sua *paideia* e de ensiná-los a agir injustamente no tribunal (*Antídose* 30-1). Ao que tudo indica, esse sujeito é uma criação “literária” do autor, um dos fatores centrais que lhe dá ensejo para a composição do discurso *Antídose*². Sua acusação, forjada no contexto ficcional da obra, sustentaria o lado de Megaclides no processo de maneira mais contundente, visto que, segundo o argumento de Lisímaco, independentemente de Isócrates possuir mais ou menos dinheiro do que aquele cidadão,

² Cf. BONNER, Robert, 1920, p. 194.

suas posses proviriam de uma atividade imoral, de modo que caberia a ele o pagamento da liturgia referente ao navio de guerra.

Em virtude dessa γραφή, Isócrates compõe o discurso *Antídose*, após o fim da querela, como uma forma de defesa contra as calúnias proferidas por Lisímaco. Assim, o autor simula um discurso de âmbito forense (*Antídose* 13), como se ele tivesse sido escrito e proferido na época em que o litígio contra Megaclides transcorreria. Nesse discurso, composto já próximo do fim de sua vida, Isócrates traça um largo panorama de sua trajetória como educador e de seu pensamento: ele justifica sua atividade como professor de oratória e defende sua *paideia* sob a alcunha de “filosofia”, de maneira muito mais ampla e fundamentada do que no *Contra os Sofistas*, por exemplo. O autor tece ao longo de todo o discurso argumentos que moldarão o *ēthos* de um homem idôneo, conselheiro de Atenas, e comprometido com uma educação séria, útil e valiosa para essa cidade, pois seria ele responsável pela formação oratória e política de diversos jovens atenienses, futuros participantes da vida pública na *pólis* democrática. Isócrates recorre, portanto, a diversos expedientes retóricos na tentativa não só de descrever, mas principalmente de legitimar sua prática discursiva perante sua audiência.

Objetivos da pesquisa

Assim, para que possamos compreender como esse *ēthos* é moldado e como o autor recorre a esses expedientes retóricos ao longo do *Antídose*, tomar-se-á, como objeto central de análise nesta pesquisa, as *reflexões metadiscursivas* feitas por Isócrates acerca de sua própria prática discursiva. De maneira relativamente teórica, o autor trata, por exemplo, de questões referentes às modalidades discursivas (ou “gêneros” de discurso, como denominaríamos hoje) adotadas ao longo de sua complexa e longa composição, do modo de arranjo das diferentes partes do discurso, de elementos de seu estilo de escrita, dentre outros aspectos.

Buscar-se-á, além disso, relacionar alguns excertos de outros discursos seus com essas reflexões presentes no *Antídose*, a fim de compreendermos, com maior exatidão, aquilo que Isócrates pensa e discute a respeito do *λόγος*. Vale ressaltar que as reflexões *metadiscursivas* presentes no *Antídose* encontram-se, majoritariamente, na primeira metade do discurso (dos §§1 ao 166), a qual, por essa razão, será mais amplamente estudada nesta tese. Na segunda metade (§§167-323), por outro lado, estão formuladas teorias e postulados da *paideia* isocrática propriamente dita, i.e., daquilo que ele define como sua “filosofia”, e que, *a priori*, ficarão em segundo plano para esta pesquisa.

Uma vez analisadas, tais reflexões *metadiscursivas* poderão nos auxiliar a compreendermos como Isócrates aborda questões sobre o *λόγος* de maneira bastante idiossincrática. Não sob a forma de um tratado teórico, mas dentro dos próprios discursos do autor, complexos e programáticos, poderemos encontrar esboçados importantes preceitos e diretrizes daquilo que hoje conhecemos como “Retórica”³. Assim, notaremos que em Isócrates é possível, de algum modo, recuperarmos certa teoria discursiva que versará não tecnicamente sobre “Retórica” propriamente dita, mas, de forma genérica, “sobre a educação através dos discursos” (*περὶ τῆς τῶν λόγων παιδείας*, *Antídose* 180).

³ Se aqui entendermos “Retórica” enquanto uma específica *τέχνη* formulada por Platão e Aristóteles, segundo suas próprias perspectivas filosóficas. Cf. COLE, Thomas, 1991, p. X da Introdução, e SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 6.

Quanto à tradução do discurso *Antídose*, seguimos a edição realizada por Georges Mathieu (1942), da coleção francesa *Les Belles Lettres*. Ao mesmo tempo, outras três importantes edições também foram cotejadas no decorrer do trabalho: (i) NORLIN, George (1929), da *Loeb Classical Library*; (ii) MARZI, Mario (1991); e (iii) MANDILARAS, Basil (2003), da *Bibliotheca Teubneriana*. Para o estabelecimento do texto em português, buscamos, sempre que possível, dar conta do estilo isocrático de composição, sobretudo em construções típicas de sua prosa, como antíteses e “orações simétricas” (cf. *Panatenaico* 2).

As partes do discurso Antídose

Por fim, com a finalidade de guiar o leitor da tese ao longo das análises que aqui serão apresentadas, exponho a divisão das partes do discurso *Antídose*. Considerando as divisões propostas por Yun Lee Too⁴ e Juan Manuel Hermida⁵, podemos desmembrá-lo da seguinte maneira:

PRIMEIRA PARTE

1 a 13: Primeiro proêmio – As justificativas para a composição do discurso e advertências ao leitor.

14 a 29: Segundo proêmio – As dificuldades do autor no exercício do gênero judiciário e sua inexperiência no ambiente forense. Críticas aos erísticos.

30 a 50: Acerca da acusação de Lisímaco – A γραφή.

51 a 166: Defesa e justificativa da *paideia* isocrática. Essa seção pode ainda receber uma subdivisão:

51 a 83: Citações de excertos dos discursos *Panegírico*, *Sobre a Paz* e *Para Nícoles* e comentários.

84 a 100: Defesa da *paideia* I: a formação de seus discípulos.

101 a 139: Defesa da *paideia* II: “Elogio a Timóteo”, um de seus discípulos, figura importante e controversa do séc. IV, o qual mais tarde se tornaria general.

140 a 153: Retorno à própria defesa: a admoestação de um discípulo em *oratio obliqua*.

154 a 166: A legitimidade da fortuna de Isócrates.

⁴ TOO, Yun Lee, 2008, p. 87-242.

⁵ HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 304-5.

SEGUNDA PARTE

167 a 290: *περὶ τὴν τῶν λόγων παιδείαν* – Apresentação da *paideia* de Isócrates e seu distanciamento dos sofistas erísticos. Essa seção também merece uma subdivisão:

167 a 214: A *paideia* isocrática e o valor da cultura intelectual.

215 a 242: Críticas aos sofistas e sicofantas.

243 a 269: O valor da “oratória”: continuação da defesa de sua *paideia* e elogio ao *λόγος*.

270 a 290: A filosofia de Isócrates: a apropriação do termo para a definição de sua *paideia*.

291 a 323: Peroração.

291 a 309: Exortação aos atenienses para que mantenham a glória da cidade baseada na prática oratória. Elogio à oratória ateniense.

310 a 323: Críticas finais aos sicofantas e piedade aos deuses.

Introdução

Desde suas primeiras lições, quase todo estudioso de Retórica Clássica aprende que a tripartição dos gêneros discursivos, proposta por Aristóteles no início do capítulo 3 do livro I de seu tratado de *Retórica* (1358a36-b37), tornou-se praticamente universal para a análise e classificação dos discursos de oradores e mestres da oratória greco-latina da Antiguidade⁶. Nessa conhecida passagem, o filósofo distingue três espécies (εἶδη) da arte em questão, a saber:

- (i) o gênero deliberativo (ou político – συμβουλευτικόν);
- (ii) o gênero judiciário (ou forense – δικανικόν); e
- (iii) o gênero epidíptico (ou demonstrativo – ἐπιδεικτικόν).

Em seguida, o autor passa a distinguir e definir alguns dos mais importantes elementos constitutivos de cada um desses gêneros. Observemos o quadro abaixo, que sintetiza o referido trecho do tratado aristotélico⁷:

<i>Tipos de discursos (εἶδη)</i>	<i>Sub-gêneros</i>	<i>Temporalidade (χρόνοι)</i>	<i>Finalidade (τέλος)</i>	<i>Audiência (ἀκροαταὶ)</i>	<i>Recurso retórico apropriado</i>
DELIBERATIVO (συμβουλευτικόν)	Exortação (προτροπή) Dissuasão (ἀποτροπή)	Futuro (ὁ μέλλων)	Conveniente (συμφέρον) Prejudicial (βλαβερόν)	Membro da Assembleia (ἐκκλησιαστής)	Paradigma (παράδειγμα)
JUDICIÁRIO (δικανικόν)	Acusação (κατηγορία) Defesa (ἀπολογία)	Passado (γεγόμενος)	Justo (δίκαιον) Injusto (ἀδίκον)	Juíz (δικαστής)	Entimema (ἐνθύμημα)
EPIDÍPTICO (ἐπιδεικτικόν)	Louvor (ἔπαινος) Vitupério (ψόγος)	Presente (ὁ παρών)	Belo (τὸ καλόν) Vergonhoso (τὸ αἰσχρόν)	Expectador (θεωρὸς)	Amplificação (αὐξήσις)

⁶ Cf. KENNEDY, George, 1995, p. 730; e SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 199.

⁷ O presente quadro é baseado naqueles propostos por GRIMALDI, William, 1980, p. 82; SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 199; e PERNOT, Laurent, 2015, p. 4.

De maneira geral, é possível afirmarmos que esse quadro resume basicamente as diretrizes retóricas adotadas tanto por futuros oradores como por futuros tratadistas da arte Retórica na posteridade, i.e., após a difusão do tratado aristotélico. Em outras palavras, dos textos antigos que chegaram a nossos dias, essa é a primeira obra que aborda tal disciplina de maneira ampla, teórica e categorizada, e que naturalmente serviu de base para o estudo e a prática da Retórica na Antiguidade tardia, bem como na Modernidade.

Todavia, quando passamos a aplicar as definições retóricas aristotélicas para a compreensão e tentativa de classificação dos discursos de oradores ou mestres da oratória anteriores a Aristóteles, justamente aqueles que o autor até o momento conhecia para compor o seu tratado, percebemos que tais distinções são, em alguns casos, insuficientes e limitadoras, dada a enorme complexidade de muitas das célebres obras da oratória grega dos sécs. V e IV a.C. A primeira parte dessa introdução se debruçará sobre essa questão, i.e., a relativização de alguns dos conceitos retóricos de Aristóteles quando aplicados a seus predecessores, como Isócrates, uma vez que encontramos neste autor uma oratória indissociavelmente política e epidítica, de maneira muito mais complexa e relativa do que as definições aristotélicas poderiam dimensionar. Vale sublinhar que a intenção desta introdução não é a de desqualificar os postulados de Aristóteles para a análise de obras como a de Isócrates, mas advertir para o fato de que, em muitos momentos, a aplicação categórica de tais postulados pode não nos auxiliar a compreender melhor certas idiossincrasias presentes nos discursos isocráticos, ou mesmo nos de outros autores pré-aristotélicos.

1 - O gênero epidítico na oratória grega

Antes de tudo, façamos a seguinte ressalva: as distinções e definições propostas por Aristóteles com relação aos dois primeiros gêneros arrolados, i.e., o deliberativo e o judiciário, refletem, de forma geral, certa tradição oratória que já era praticada na Grécia antiga até os fins do séc. IV, quando o filósofo, enfim, escreve seu tratado de *Retórica*. Ora, como exemplo maior, sabemos que o advento da democracia por parte dos atenienses deu lugar a instituições em que tais práticas oratórias já estavam consolidadas no tempo de Aristóteles: reuniões públicas, como sobretudo o conselho e a assembleia, deram ensejo ao pronunciamento de discursos *exortativos* e *dissuasivos*, ao mesmo tempo em que o tribunal, como é de sua natureza, foi desde sempre palco para aqueles que proferiam tanto *acusações* como *defesas*⁸. Todavia, no tocante aos elementos constitutivos do gênero epidítico postulados por Aristóteles, encontramos algumas diferenças significativas em confronto ao que foi praticado pelos gregos nos sécs. V e IV a.C..

Em primeiro lugar, lembremos que a distinção preliminar feita pelo filósofo com relação à tripartição dos gêneros discursivos diz respeito aos tipos de audiência (οἱ ἀκροαταὶ) de cada um deles. Segundo Aristóteles, há somente dois tipos de ouvintes: o “árbitro” e o “espectador”:

“[...] ἀνάγκη δὲ τὸν ἀκροατὴν ἢ θεωρὸν εἶναι ἢ κριτὴν, κριτὴν δὲ ἢ τῶν γεγενημένων ἢ τῶν μελλόντων. ἔστιν δ' ὁ μὲν περὶ τῶν μελλόντων κρίνων ὁ ἐκκλησιαστής, ὁ δὲ περὶ τῶν γεγενημένων [οἶον] ὁ δικαστής, ὁ δὲ περὶ τῆς δυνάμεως ὁ θεωρός [...]”⁹

“O ouvinte é, necessariamente, ou um espectador ou um árbitro, sendo que o árbitro decide ou sobre eventos passados, ou sobre eventos futuros. Aquele que julga sobre o futuro é o membro da assembleia; sobre o passado, o juiz; e, sobre a habilidade do orador, o espectador.”¹⁰

⁸ Cf. OBER, Josiah, 1989, p. 127-148.

⁹ *Retórica*, 1358b2-6.

¹⁰ Todas as traduções de excertos em grego, seja de Isócrates ou mesmo de outros autores, presentes nesta tese são de minha própria autoria.

Nessa passagem, Aristóteles opõe a audiência do deliberativo e do judiciário à do epidítico. Primeiramente, ele identifica como um árbitro (κριτής) tanto o membro da assembleia (ὁ ἐκκλησιαστής) como o juiz do tribunal (ὁ δικαστής), i.e., aquele que por fim julgará algo a respeito do passado ou do futuro. Dessa maneira, o filósofo reconhece a função ativa que tais audiências naturalmente possuem em seus respectivos campos. No entanto, para o gênero epidítico, a audiência é caracterizada como um mero espectador (ὁ θεωρός), o qual, em tese, não delibera a respeito de algo, mas apenas aprecia a habilidade (δύναμις) do orador.

Ora, em outras palavras, é evidente que um membro de assembleia deliberará algo após ouvir uma exortação ou dissuasão, enquanto um juiz, semelhantemente, dará um veredicto depois que ambas as partes de um processo proferirem seus discursos de acusação e de defesa. Assim, em princípio seria natural aceitarmos que, para aquele que ouve uma ἐπίδειξις de um orador, não caberá outra coisa senão admirar o talento daquele que profere o discurso, dado que, segundo o filósofo, os sub-gêneros do epidítico são definidos como ou um louvor (ἔπαινος) ou um vitupério (ψόγος) a um indivíduo, conforme vimos no quadro anterior. Segundo Edward Schiappa¹¹:

“[...] Aristotle describes the audience member for such speeches as a “spectator” (*theōros*) – not unlike an audience for a poetry performance or the theater. The similarity is no accident, for Aristotle’s description of epideictic rhetoric as *prose* speeches of praise and blame reproduces the longstanding tradition of poetry of praise and blame, called *ainos* or *epainos* and *psogos*, respectively [...]”

Entretanto, se voltarmos nossos olhos para as práticas de sofistas e oradores nos sécs. V e IV a.C., perceberemos que suas ἐπιδείξεις não se limitavam somente a louvores ou vitupérios, e que, principalmente, suas audiências não apenas eram compostas por meros espectadores, mas, ao mesmo tempo, por indivíduos que, em diferentes contextos, também deliberavam acerca de determinadas questões políticas. Vejamos, portanto, como isso ocorreu.

¹¹ SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 199-200.

Historicamente, Aristóteles é o primeiro autor de que temos notícia a delimitar as ἐπιδείξεις oratórias como gênero discursivo em si (ἐπιδεικτικόν)¹². Antes do filósofo, a “exibição” (ou “demonstração”) de um sofista ou orador designava somente uma qualidade ou característica do discurso, mas não propriamente um gênero discursivo¹³. Quando ainda não possuía tal definição, esse “gênero” se desenvolveu de forma diversa e mais complexa do que os outros dois elencados por Aristóteles. Ao contrário daquilo que antes já era praticado e bem delimitado no tribunal ou na assembleia, o epidítico não possuía a mesma importância política, mas paulatinamente ganhou forma e se misturou aos demais gêneros¹⁴, na medida em que os mestres da oratória grega ensinavam seus discípulos a como compor uma exortação ou uma defesa, por exemplo, justamente por meio de suas modelares ἐπιδείξεις.

Modalidades discursivas mais antigas, como o *epitáfio*, o *encômio* e o *panegírico*, podem ser encarados, de certa maneira, como precursores do epidítico aristotélico, pois se trata de formas diversas de ἔπαινος: louvor aos mortos, louvor a uma grande personalidade mítica ou contemporânea, e louvor a uma cidade, respectivamente. Tais modalidades, consolidadas na oratória grega, por sua vez, foram adotadas por importantes autores pré-aristotélicos, os quais compunham discursos, que, muitas vezes, revelavam uma dimensão tanto epidítica quanto política (i.e., exortativa ou deliberativa). Verifiquemos brevemente, pois, como isso ocorreu em cada um desses gêneros antigos.

1.1 – O epitáfio

Os *epitaphioi logoi*, ou as “orações fúnebres”, são as primeiras manifestações de prosa laudatória de que temos notícia na Grécia Antiga, mais especificamente em Atenas, praticadas formalmente pelo menos desde 470-61 a.C.¹⁵. Os principais exemplares desse gênero que chegaram a nossos dias são a *Oração 2* de Lísias (por volta de 392 a.C.), o *Menéxeno* de Platão (por volta de 387 a.C.), a *Oração 60* de

¹² Cf. COLE, Thomas, 1991, p. 89.

¹³ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 198.

¹⁴ Cf. PERNOT, Laurent, 2015, p. vii do Prefácio.

¹⁵ Segundo a tese de LORAUX, Nicole. *The Invention of Athens: The Funeral Oration in the Classical City*. Harvard University Press, 1986.

Demóstenes (338 a.C), a *Oração 6* de Hipérides (322 a.C), e, o mais antigo e conhecido deles, o discurso atribuído a Péricles (431 a.C.) na obra de Tucídides (*História da Guerra do Peloponeso* 2.35-46).

Como o próprio nome sugere, as orações fúnebres são discursos em honra aos mortos, proferidos por ocasião do cortejo ou sepultamento desses. Dos exemplos mencionados, sabemos que os *epitaphioi logoi* eram dedicados especialmente a heróis mortos em batalha – na guerra contra os coríntios, no caso do discurso de Lísias, e na batalha de Queroneia, no caso do discurso de Demóstenes, por exemplo. As tópicas desse gênero seguem um padrão relativamente semelhante na estrutura formal de cada um desses discursos: (i) apresentação do(s) herói(s), (ii) louvor (aos heróis tanto do passado como do presente), (iii) lamento, e (iv) consolação¹⁶.

Todavia, embora esse tipo de discurso possa em princípio ser pensado como uma prática comum mesmo em nossos dias, em Atenas ele representava mais do que apenas uma modalidade discursiva: a oração fúnebre era verdadeiramente uma prática política institucionalizada, que traduzia um ideal cívico ateniense¹⁷. Em outras palavras, ao louvar aqueles que morreram em batalha em nome da *pólis*, o orador também exorta a audiência a imitá-los, seja defendendo e dando a vida pela cidade em uma guerra, seja mantendo sua fama e organização político-democrática ao governá-la do mesmo modo como seus antepassados fizeram. Segundo Edward Schiappa¹⁸:

“Particularly in a democracy where persuasion must replace force, the *epitaphios* played an important persuasive function to maintain the will of the citizenry to meet the ongoing institutional needs of Athens (e.g., finances, soldiers, unity), reinforce commitment to Athenian-style democracy, support the current military policies (whether imperialistic or defensive) and, in short, to assure the continued existence of Athens as a political institution [...].”

¹⁶ Cf. KENNEDY, George, 1963, p. 155.

¹⁷ Cf. PERNOT, Laurent, 2015, p. 1.

¹⁸ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 195.

Para exemplificar brevemente, podemos lembrar que, após elogiar os mortos no primeiro ano da Guerra do Peloponeso, Péricles exorta seus ouvintes da seguinte maneira: “[...] οὐς νῦν ὑμεῖς ζηλώσαντες καὶ τὸ εὐδαιμον τὸ ἐλεύθερον, τὸ δ' ἐλεύθερον τὸ εὐψυχον κρίναντες μὴ περιορᾶσθε τοὺς πολεμικοὺς κινδύνους. [...]” (“Emulando-os, e julgando que felicidade é liberdade, e que liberdade é coragem, não vos preocupeis demasiadamente com os perigos da guerra.”) – Tucídides, 2.43. Nesse sentido, portanto, inferimos que a oração fúnebre, enquanto um tipo de ἔπαινος, cumpre uma função epidítica e, principalmente, exortativa, dentro de um específico contexto político-social da Atenas do séc. V a.C..

No caso de Isócrates, apesar de não encontrarmos em seu *corpus* um exemplar de epitáfio em seus moldes tradicionais, o discurso *Evágoras* constitui uma inovação tardia dessa modalidade discursiva mais antiga de ἐπίδειξις. Ao invés de louvar um grupo de homens mortos, o autor tece um elogio a apenas um indivíduo, Evágoras, rei cipriota recém-falecido¹⁹. Retomaremos esse ponto em breve, quando veremos esse discurso a partir de sua perspectiva encomiástica.

Por fim, vale destacar que, no *Panegírico* (§74), Isócrates faz uma clara menção aos *epitaphioi logoi*, ressaltando que há neles assuntos em comum com aquilo que será tratado pelo autor em seu atual discurso:

74. Καίτοι μ' οὐ λέληθεν ὅτι χαλεπὸν ἔστιν ὕστατον ἐπελθόντα λέγειν περὶ πραγμάτων πάλαι προκατειλημμένων καὶ περὶ ὧν οἱ μάλιστα δυνηθέντες τῶν πολιτῶν εἶπειν ἐπὶ τοῖς δημοσίου θάπτομένοις πολλάκις εἰρήκασιν· ἀνάγκη γὰρ τὰ μὲν μέγιστ' αὐτῶν ἤδη κατακεχρησθαι, μικρὰ δ' ἔτι παραλελειφθαι. Ὅμως δ' ἐκ τῶν ὑπολοίπων, ἐπειδὴ συμφέρει τοῖς πράγμασιν, οὐκ ὀκνητέον μνησθῆναι περὶ αὐτῶν.

74. Todavia, tenho consciência da dificuldade que há em falar por último acerca de ações já tratadas há muito tempo, e sobre as quais os cidadãos mais hábeis em oratória falaram muitas vezes por ocasião dos *funerais públicos*; naturalmente, já usaram as mais importantes delas, abdicando das de menor valor. Eu, por outro lado, não hesitarei em lembrar dessas ações deixadas de lado, visto que convém aos meus assuntos.

¹⁹ Cf. PERNOT, Laurent, 2015, p. 2.

Nessa reflexão *metadiscursiva*, Isócrates traz à luz os discursos proferidos durante os funerais (i.e., os epitáfios), a fim de incorporar essa modalidade discursiva a seu atual discurso, tratando, porém, de novos assuntos ainda não abordados nesses contextos. Ao incluir novos “gêneros” no *Panegírico*, o autor recorre a um procedimento de “composição mista”, o qual reaparecerá em diversos momentos de sua obra. No primeiro capítulo, veremos como isso ocorre no momento mais emblemático da descrição desse procedimento presente no *corpus* isocrático (*Antídose* 12).

1.2 – O encômio

Além dos *epitaphioi logoi*, outra importante forma de ἔπαινος praticada na oratória grega pré-aristotélica é o encômio (ἐγκώμιον). Trata-se de um gênero de discurso derivado da tradição poética arcaica, que encontra como fonte, sobretudo, os famosos epinícios pindáricos (i.e., odes dedicadas a um atleta vencedor de algum certame desportivo por ocasião dos jogos olímpicos, píticos, ístmicos ou nemeicos). A prática de compor encômios em forma de prosa, por sua vez, foi introduzida na Grécia do período clássico pelas mãos dos chamados “sofistas”, visto que, de maneira geral, esses discursos constituíam exercícios retóricos praticados por esses professores, e revelam, em primeiro plano, uma dimensão epidítica evidente, i.e., são discursos modelares para que seus discípulos os imitem. Antes de verificarmos alguns exemplos, porém, lembremos de uma importante distinção entre os conceitos de ἔπαινος e ἐγκώμιον.

Ao tratar especificamente do gênero epidítico no capítulo 9 do livro I da *Retórica* (1366a-1369b), Aristóteles propõe uma curiosa oposição entre ἔπαινος e ἐγκώμιον (1367b28-30):

“[...] ἔστιν δ' ἔπαινος λόγος ἐμφανίζων μέγεθος ἀρετῆς. δεῖ οὖν τὰς πράξεις ἐπιδεικνύναι ὡς τοιαῦται. τὸ δ' ἐγκώμιον τῶν ἔργων ἐστίν [...]”

“[...] O louvor é um discurso que manifesta a grandeza de uma virtude. É preciso, pois, demonstrar as ações como virtuosas. O encômio, por sua vez, refere-se aos feitos [...]”

O filósofo categoriza cada uma das duas espécies epidíticas delimitando seus temas: o ἔπαινος trata da ἀρετῇ daquele que é louvado; o ἐγκώμιον, das ἔργα do sujeito elogiado. Todavia, na tradição da prosa clássica encomiástica, encontraremos discursos que versam sobre ambas as características de um indivíduo enaltecido: virtudes e feitos. Vale mencionar, por exemplo, que, em obras como o *Para Filipe* ou o *Busíris* de Isócrates, os dois aspectos permeiam todo o discurso. Destarte, torna-se difícil identificar tradições distintas de uma e de outra modalidade, principalmente de maneira tão restrita como Aristóteles faz nessa passagem²⁰. Portanto, ao invés de considerarmos aqui os dois conceitos como espécies epidíticas distintas, tomemos ἔπαινος em sentido mais genérico, como um discurso de “louvor” em geral, e ἐγκώμιον (ou “elogio” como também se convencionou traduzi-lo) como um sub-tipo de ἔπαινος, do mesmo modo que o *epitáfio* e o *panegírico*, uma vez que estamos tratando de fato de uma modalidade discursiva que se constituiu por meio de uma longa tradição, a qual veremos brevemente nos parágrafos subsequentes.

Apesar de não terem chegado a nós, temos notícias de uma prática discursiva que parece ter sido comum entre os sofistas: os “encômios paradoxais”. Eram uma espécie de “desafio” oratório que consistia em elogiar, e, por conseguinte, engrandecer coisas triviais, como os mosquitos e o sal – citados por Isócrates (*Elogio de Helena* 12) e por Platão (*Simpósio* 177b) – ou panelas, pedras e ratos – mencionados por Polícrates²¹. Em outras palavras, podemos dizer que tal prática diz respeito à conhecida proposição de que os sofistas eram capazes de “enaltecer coisas pequenas, bem como diminuir coisas grandiosas”, conforme nos é vastamente reportado²².

²⁰ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 201-2. Alguns comentadores chegam inclusive a duvidar da autenticidade dessa distinção, dada a falta de evidências históricas para a constituição de duas tradições diversas de ἔπαινος e ἐγκώμιον (cf. GRIMALDI, William, 1980, p. 213-4).

²¹ Cf. PERNOT, Laurent, 2015, p. 2. Os encômios paradoxais serão praticados mais vastamente, porém, durante a chamada Segunda Sofística, no séc. II d.C. Cf. HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 61.

²² Cf., por exemplo, em Isócrates, *Panegírico* 8, *Busíris* 4, e *Panatenaico* 36, e em Platão, *Fedro* 267a7-8.

Entretanto, em oposição a esses elogios acerca de temas banais, o ἐγκώμιον em prosa mais antigo que chegou a nossos dias, e provavelmente o mais conhecido da oratória grega, é o *Elogio de Helena* de Górgias (entre 415 e 393 a.C.²³). Em síntese, o discurso é um típico exercício retórico demonstrativo, i.e., uma ἐπίδειξις sofisticada, conforme a descrevermos há pouco. Porém, apesar do autor intitular seu discurso como um “encômio”, invocando assim uma tradição poética que o antecede, o tom laudatório só é efetivamente empregado entre os §§3 e 5, quando Górgias discorre brevemente sobre a linhagem divina e a beleza de Helena. Em todo o restante da obra, contudo, ele pretende eximir a famosa rainha de Esparta da culpa por ter fugido com Páris e, por conseguinte, ter causado a Guerra de Troia. Ele apresenta quatro possíveis razões de Helena ter ido a Troia: (i) o desígnio dos deuses (§6); (ii) o rapto à força (§7); (iii) o discurso de Páris que a persuadira (§§8-14); e (iv) o Amor (deus Éros) que a arrebatou e a fez fugir com o herói troiano (§§15-19). Nesse sentido, o encômio do autor estaria, na verdade, mais próximo de um discurso judiciário de defesa²⁴, como se Helena estivesse perante um tribunal, e Górgias advogasse em seu favor. Dada essa ocasião fictícia do discurso, a dimensão epidítica do *Elogio de Helena*, porém, não se perde, pois, seja elogiando, seja defendendo aquela personagem mítica, o autor não pretende nada mais que tecer um discurso modelar a ser imitado.

A definição do discurso gorgiano como um encômio²⁵ encontra, no séc. IV, uma crítica alusiva²⁶. Isócrates, como herdeiro da tradição sofisticada do séc. V, também compõe um *Elogio de Helena* (entre 390 e 380 a.C.), como forma de réplica à obra homônima de seu mestre²⁷. No §14, ao concluir seu proêmio, o autor aponta certo equívoco no modo como Górgias nomeara sua composição:

²³ Cf. BLASS, Friedrich, 1887, 72-5.

²⁴ O próprio autor assim define sua intenção com o presente discurso. Cf. o uso do verbo ἀπολογήσασθαι no §8.

²⁵ Indicado não apenas no título, mas também nas últimas linhas do discurso ([...] ἐβουλήθη γράψαι τὸν λόγον Ἑλένης μὲν ἐγκώμιον [...] – “Quis escrever o discurso como um elogio de Helena...” – §21).

²⁶ É importante salientar que Górgias não é mencionado, embora quase toda a crítica moderna seja unânime em afirmar que a alusão é uma clara referência ao sofista de Leontine. Cf. KENNEDY, George, 1958, p. 79.

²⁷ Como assim nos é reportado segundo alguns testemunhos antigos. Cf. Dioniso de Halicarnasso, *Sobre os Antigos Oradores*, Isócrates, 1; e Plutarco, *Moralia*, *Vida dos Dez Oradores*, IV. Isócrates, 836f.

14. Διὸ καὶ τὸν γράψαντα περὶ τῆς Ἑλένης ἐπαινῶ μάλιστα τῶν εὖ λέγειν τι βουλευθέντων, ὅτι περὶ τοιαύτης ἐμνήσθη γυναικὸς ἣ καὶ τῷ γένει καὶ τῷ κάλλει καὶ τῇ δόξῃ πολὺ διήνεγκεν. Οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ τοῦτον μικρόν τι παρέλαθεν· φησὶ μὲν γὰρ ἐγκώμιον γεγραμέναι περὶ αὐτῆς, τυγχάνει δ' ἀπολογία εἰρηκῶς ὑπὲρ τῶν ἐκεῖνη πεπραγμένων.

14. Por isso também exalto, sobretudo, dentre os que quiseram falar bem sobre algum assunto, aquele que escreveu acerca de Helena, porque recordou de tal mulher que muito se distinguiu por sua origem, beleza e fama. No entanto, não se atentou a um pequeno detalhe: diz ter escrito um *encômio* a respeito dela, mas acabou por proferir uma *defesa* em nome de seus feitos.

Desse modo, Isócrates encerra seu proêmio e passa a elogiar Helena de fato, segundo as diretrizes que convêm a um encômio (origem de Helena, seus feitos, suas virtudes, sua beleza, etc.). Ao contrapor ἐγκώμιον e ἀπολογία, o autor está compondo uma de suas mais importantes e citadas reflexões *metadiscursivas*: ele desautoriza o trabalho de Górgias quanto ao gênero adotado em seu discurso, a fim de superar as deficiências daquela primeira versão do *Elogio de Helena*.

Vale aqui sublinhar que, conforme veremos ao longo deste estudo sobre o discurso *Antídose*, criticar os modelos discursivos de outros autores, e, ao mesmo tempo, oferecer sua própria versão para os mesmos temas será um dos mecanismos retóricos centrais da obra de Isócrates. Ao distinguir esses modelos, é importante notarmos o modo como o criticismo isocrático se insere na tradição oratória dos sofistas, a fim de rivalizar com seus antecessores e estabelecer aquilo que o autor entende por um ou por outro modelo discursivo. Ainda que ele não opere por definições e categorias taxonômicas como Aristóteles faz na *Retórica*, Isócrates já nos oferece, dentro de seus próprios discursos, importantes considerações teóricas sobre a prática discursiva de seu tempo, o que consideramos aqui como reflexões *metadiscursivas*²⁸.

²⁸ Para a atitude de Isócrates em rivalizar com seus predecessores, ver uma importante reflexão *metadiscursiva* presente no *Contra os Sofistas* 12. “Pois aquilo que é proferido por alguém não é igualmente útil para quem venha a falar em seguida, mas parece ser o mais habilidoso aquele que falar com propriedade dos assuntos em questão, além de ser capaz de descobrir outras coisas diferentes daquelas usadas pelos demais”. (τὸ γὰρ ὑφ' ἑτέρου ῥηθὲν τῷ λέγοντι μετ' ἐκείνων οὐχ ὁμοίως χρήσιμόν ἐστιν, ἀλλ' οὗτος εἶναι δοκεῖ τεχνικώτατος ὅστις ἂν ἀξίως μὲν λέγῃ τῶν πραγμάτων, μηδὲν δὲ τῶν αὐτῶν τοῖς ἄλλοις εὐρίσκειν δύνηται.).

Esse ponto será retomado e melhor discutido no primeiro capítulo desta tese, quando analisaremos os proêmios do *Antídose*.

Se Górgias é provavelmente o precursor do gênero encomiástico em prosa no séc. V a.C. ao compor um elogio dedicado a uma notável personagem mítica, Isócrates, por sua vez, é certamente um inovador desse gênero no século posterior. Ao mesmo tempo em que se insere nessa tradição epidítica gorgiana, orientada para uma função pedagógica da prática discursiva, ele também se contrapõe a seus predecessores não apenas por criticá-los, mas, sobretudo, por tratar de novos temas de maneira diversa. Após a composição de seus encômios a Helena e a Busíris (mítico rei egípcio), publicados durante a primeira década de sua atividade enquanto educador (390-80 a.C.), o autor aparentemente é aquele que primeiro compõe²⁹, por volta de 365 a.C., um elogio dedicado a uma personagem contemporânea, no caso, para o recém-falecido rei cipriota Evágoras. Não obstante o discurso siga mais ou menos as mesmas diretrizes encomiásticas do *Elogio de Helena* e do *Busíris*, o autor declara, no proêmio do discurso *Evágoras*, a dificuldade de sua atual composição:

8. Οἶδα μὲν οὖν ὅτι χαλεπὸν ἐστὶν ὁ μέλλω ποιεῖν, ἀνδρὸς ἀρετὴν διὰ λόγων ἐγκωμιάζειν. Σημεῖον δὲ μέγιστον· περὶ μὲν γὰρ ἄλλων πολλῶν καὶ παντοδαπῶν λέγειν τολμῶσιν οἱ περὶ τὴν φιλοσοφίαν ὄντες, περὶ δὲ τῶν τοιούτων οὐδεὶς πώποτ' αὐτῶν συγγράφειν ἐπεχείρησεν.

8. Portanto, sei que é difícil o que estou prestes a fazer, tecer um encômio sobre a virtude de um homem por meio de um discurso. E o maior sinal disso é o seguinte: homens sábios ousam falar a respeito de muitas outras coisas, de todos os tipos, mas ninguém jamais tentou escrever acerca de assuntos de tamanha envergadura.

Como é usual a um encômio, Isócrates discorrerá sobre a virtude (ἀρετὴν) de alguém, mas dessa vez não de uma personagem mítica, como Górgias e ele próprio já o fizeram, porém de um homem contemporâneo (ἀνδρὸς). Assim, por se lançar ao difícil desafio de ser o primeiro a tratar do tema, ele se coloca como um inovador do gênero encomiástico, quebrando, de certa forma, com a tradição na qual ele mesmo já havia se

²⁹ Cf. PERNOT, Laurent, 2015, p. 2.

inserido. De acordo com Laurent Pernot, essa inovação isocrática se dá, aliás, de maneira ainda mais ampla:

“The novelty of this speech was threefold: it was praising an individual (Evagoras, the king of Cypriot Salamis), as opposed to the collective character seen in the epitaphios logos, and a contemporary figure, as opposed to the mythological heroes seen in the paradoxical encomia, and it was written in prose. This innovation was soon adopted, for instance in the funeral eulogy of Gryllus, son of Xenophon, in 362 (Diogenes Laertius of Eminent Philosophers 2.55), or in the Agesilaus of Xenophon.”³⁰

Essa postura de Isócrates como um inovador dentro de tradições já estabelecidas desde o século anterior, como a do encômio gorgiano ou a das orações fúnebres, não se restringe ao discurso *Evágoras* em sua obra. Conforme observaremos na análise do discurso *Antídose*, o autor sempre buscou deliberadamente, ao longo de sua carreira, se destacar de filósofos, sofistas, poetas, erísticos, oradores e demais autores do passado e de seu tempo³¹. Vale destacar que, por meio de uma digressão no *Antídose* (§§101-39), Isócrates também tece um encômio dedicado a uma personagem contemporânea, o general Timóteo (414-354 a.C.), seu mais nobre e já falecido discípulo. A análise dessa digressão encomiástica será tema do quarto e último capítulo desta tese.

Para além da rivalidade isocrática com práticas discursivas antigas e atuais, é importante retomarmos aqui a discussão sobre a dimensão político-exortativa de certas ἐπιδείξεις. Assim como há pouco observamos essa dimensão na oração fúnebre, percebemos que ela também se repete em alguns exemplares do gênero encomiástico. No mesmo discurso *Evágoras* de Isócrates, por exemplo, a audiência não se configura como uma mera espectadora do discurso, admirando a eloquência de seu autor. Mais do que isso, o autor pretende ali exortar o filho de Evágoras, Níocles, agora seu sucessor como rei, a seguir os mesmos passos de seu pai, e, assim, tornar-se um nobre governante: em outras palavras, ele deve imitar as ações e virtudes de Evágoras, descritas pelo autor no decorrer do discurso. Na peroração (§§73-81), Isócrates declara diretamente a Níocles, em síntese, a finalidade do presente encômio dedicado a seu pai:

³⁰ *ibidem*.

³¹ Cf. a rivalidade de Isócrates com outros autores em *Contra os Sofistas* 1-13, *Elogio de Helena* 1-15, e a idiosincrasia de sua obra em *Antídose* 1, 12, 45-6, e *Panatenaico* 1-2.

76. Ὡν ἕνεκα καὶ μᾶλλον ἐπεχείρησα γράφειν τὸν λόγον τοῦτον, ἡγούμενος καὶ σοὶ καὶ τοῖς σοῖς παισὶν καὶ τοῖς ἄλλοις τοῖς ἀπ' Εὐαγόρου γεγονόσιν πολὺ καλλίστην ἂν γενέσθαι ταύτην **παράκλησιν**, εἴ τις ἀθροίσας τὰς ἀρετὰς τὰς ἐκείνου καὶ τῷ λόγῳ κοσμήσας παραδοίη θεωρεῖν ὑμῖν καὶ συνδιατρίβειν αὐταῖς.

76. Por isso, sobretudo, empenhei-me em escrever este discurso, considerando que, para ti, para teus filhos, e para os demais descendentes de Evágoras, esta seria a mais bela *exortação*. Se alguém reunisse suas virtudes e as organizasse em um discurso, seria capaz de vos oferecê-las para que as contemplásseis, bem como vivêsseis constantemente por meio delas.

Também para o estudo do *Antídose*, é de suma importância perceber que, em discursos como o *Evágoras*, o próprio autor define o gênero de sua obra de formas diversas. No próêmio (§9), ele havia discutido sobre sua dificuldade em tecer um encômio (ἐγκωμιάζειν), porém, na peroração, declara seu discurso como uma exortação (παράκλησιν³²). Não devemos supor, todavia, que tais definições sejam contraditórias e que, por conseguinte, elas poderiam gerar um impasse para a compreensão do discurso isocrático. Ao contrário, como discutiremos mais adiante nesta tese, essas formas de definir sua obra são, em verdade, complementares, dada a complexidade de suas composições, bem como a pluralidade de seus fins.

1.3 – O panegírico

Para concluir esta parte, resta-nos falar a respeito da última espécie pré-aristotélica de ἔπαινος elencada: o πανηγυρικός. O termo deriva de πανήγυρις, a qual denota uma reunião ou assembleia popular, em sentido genérico, de uma ou mais cidades gregas. O gênero “panegírico”, por sua vez, diz respeito a uma forma de louvor dedicado a um deus que, por conseguinte, é associado a algum festival, ou geralmente a uma *pólis* que presida alguma πανήγυρις³³. Dos exemplares desse gênero de que temos notícia, todos encontram como ocasião de *performance* os jogos olímpicos. Em 408

³² O termo é sinônimo da προτροπή aristotélica (*Retórica*, 1358b8), porém em sentido um pouco mais genérico (“chamado”, “apelo”, “convocação”, etc). Já o termo usado por Aristóteles, por sua vez, ganha um sentido mais técnico, i.e., “exortação” como gênero de discurso, do mesmo modo como as demais definições dos gêneros e sub-gêneros retóricos.

³³ Cf. KENNEDY, George, 1963, p. 167.

a.C., Górgias teria proferido um “discurso olímpico”, por ocasião dos jogos atléticos realizados naquele ano, do qual infelizmente restaram apenas fragmentos (Aristóteles, *Retórica*, 1414b31). O discurso *Olímpico* de Lísias (388 a.C.) também é, segundo evidências intratextuais, considerado como um panegírico por seus comentadores.

Porém, o panegírico certamente mais conhecido no mundo grego antigo foi, ao mesmo tempo, a obra mais célebre e modelar de seu autor, ao menos do ponto de vista estilístico, conforme apontam praticamente todos os seus estudiosos e comentadores³⁴. Por volta de 380 a.C.³⁵, Isócrates publica o *Panegírico* e inaugura aí esse modelo discursivo de forma mais reconhecida e sistemática do que os “discursos olímpicos” de seus outros dois predecessores³⁶. Vale ressaltar que o discurso não foi de fato proferido por ocasião dos jogos olímpicos, mas escrito e publicado, sobretudo, como modelo de elogio e de exortação. O aspecto ficcional dos discursos isocráticos, bem como o fato de nunca os ter proferido em público, permeiam praticamente toda a sua obra, e serão também importantes para as análises presente nos capítulos deste estudo³⁷.

Embora, em primeiro plano, essa forma discursiva se configure de fato como um louvor (no caso de Isócrates, à cidade de Atenas), ela é talvez a que revela mais abertamente sua dimensão político-exortativa. Segundo Edward Schiappa³⁸:

“[...] an examination of panegyric speeches prior to Aristotle’s *Rhetoric* reveals an additional characteristic: early panegyrics contained an unmistakable deliberative dimension. That is, they were openly political in orientation and aimed at encouraging the audience to follow a course of action.”

No proêmio do *Panegírico*, Isócrates pretende não apenas (i) se inserir na tradição dessa modalidade discursiva, oferecendo uma obra modelar e superior ao de seus predecessores (§§7-8), mas, principalmente, (ii) promover a concórdia entre os povos gregos (pan-helenismo), e exortá-los à guerra contra os persas (§3). O §6 talvez seja o que melhor sintetize ambas as finalidades do discurso:

³⁴ A excelência estilística do *Panegírico* de Isócrates já nos é reportada desde os antigos. Cf. Aristóteles, *Retórica*, 1409b33-1410a17, e Dionísio de Halicarnasso, *Moralia, Isócrates*, 5 e 14.

³⁵ Cf. NICOLAI, Roberto, 2004, p. 10.

³⁶ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 190.

³⁷ Cf., por exemplo, a confissão de Isócrates na *Carta aos Magistrados de Mitilene 7* (Ἐγὼ τοῦ μὲν πολιτεύεσθαι καὶ ῥητορεύειν ἀπέστην· οὔτε γὰρ φωνὴν ἔσχον ἰκανὴν οὔτε τόλμαν· - “Eu me afastei da participação política e da oratória, pois não tive voz suficiente nem ousadia.”)

³⁸ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 190.

6. Ἔως δ' ἂν τὰ μὲν ὁμοίως ὥσπερ πρότερον φέρηται, τὰ δ' εἰρημένα φαύλως ἔχοντα τυγχάνη, πῶς οὐ χρὴ σκοπεῖν καὶ φιλοσοφεῖν τοῦτον τὸν λόγον, ὃς ἦν κατορθωθῆ, καὶ τοῦ πολέμου τοῦ πρὸς ἀλλήλους καὶ τῆς ταραχῆς τῆς παρούσης καὶ τῶν μεγίστων κακῶν ἡμᾶς ἀπαλλάξει;

6. Todavia, enquanto as coisas continuarem como antes, e o que foi proferido for ineficiente, como não seria necessário examinar e estudar este discurso, o qual, se for bem-sucedido, nos libertará da guerra entre nós, da atual desordem, e das maiores desgraças?

Segundo o autor, visto que os panegíricos passados se mostraram ineficazes em seus propósitos, o panegírico isocrático, por seu turno, pretende ensinar a seu público a necessidade da unificação pan-helênica em nome da guerra contra os bárbaros. Nesse sentido, assim como vimos no encômio a *Evágoras*, percebemos também no *Panegírico* uma ambivalência indissociável: seu discurso é marcado por uma evidente dimensão epidítica, pois visa superar as deficiências presentes nas obras daqueles que antes trataram acerca do mesmo tema; ao mesmo tempo, revela sua dimensão político-exortativa (τοῦ πολέμου τοῦ πρὸς ἀλλήλους [...] ἀπαλλάξει), aspecto pelo qual a obra ganhou muito mais notoriedade³⁹.

³⁹ Cf. MATHIEU, Georges, 1925, p. 189-99.

1.4 – A relativização das categorias retóricas aristotélicas

Conforme observamos na breve discussão feita acima, podemos concluir que as categorias aristotélicas no tocante às espécies do gênero epidítico (louvor e vitupério) não são capazes de abarcar certas modalidades discursivas antigas de louvor, como o epitáfio, o encômio e o panegírico, visto que a caracterização da audiência desses subgêneros como meros espectadores não dá conta da função e dimensão político-exortativa que cada um desses gêneros antigos possuía desde suas origens no séc. V a.C.. De acordo com Edward Schiappa⁴⁰:

“Aristotle’s description of epideictic in I.3 arguably does not do justice to the range of rhetorical objectives and activities previously described by *enkomion*, *panegyrikos logos*, and *epitaphios logos*.

“...it is misleading to treat *enkomion*, panegyric, *epitaphios*, and epideictic as interchangeable categories, as Aristotle and some of his commentators did [...]. The two most significant characteristics to emphasize are how the audience members are conceptualized as passive spectators and how the relationship of the speaker to the “ends” of epideictic are described in terms that minimize the social and political importance of *enkomia*, panegyrics, and *epitaphioi*.”

“By focusing on the aesthetic and performance aspects of certain rhetorical practices (*enkomia*, panegyrics, *epitaphioi*), the social and political dimensions were neglected, and the degree of overlap with other rhetorical practices minimized.”

A caracterização do gênero epidítico proposta por Aristóteles faz com que os discursos dessa categoria se configurem apenas como um exercício retórico do orador, como, em princípio, seria próprio de uma ἐπίδειξις. Todavia, o filósofo não faz menção à importância social e política de que muitos desses exercícios retóricos também estavam imbuídos, conforme aponta Schiappa. Nesse sentido, a tripartição aristotélica dos gêneros retóricos pode ser legitimada somente na medida em que ela delimita três

⁴⁰ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 200-2.

principais “áreas” da prática oratória anterior ao filósofo, mas não propriamente modelos discursivos. Vale destacar, por exemplo, que, em uma importante passagem da obra de Isócrates (*Sobre a Paz* 27), essas três principais áreas já se encontram explicitadas, porém de maneira diversa:

27. Ἀνάγκη δὲ τὸν ἔξω τῶν εἰθισμένων ἐπιχειροῦντα δημηγορεῖν καὶ τὰς ὑμετέρας γνώμας μεταστῆσαι βουλόμενον πολλῶν πραγμάτων ἄψασθαι καὶ διὰ μακροτέρων τοὺς λόγους ποιήσασθαι, καὶ τὰ μὲν ἀναμνησαί, τῶν δὲ **κατηγορῆσαι**, τὰ δ' **ἐπαινέσαι**, περὶ δὲ τῶν **συμβουλευῶσαι**. [...]

27. Quem pretende falar em público de maneira diferente da habitual, e quer mudar vossas opiniões, deve abordar muitos assuntos, tecer discursos grandiloquentes, recordar de certas coisas, *acusar* outras, *louvar* algumas, e *aconselhar* acerca de outras. [...]

O uso dos verbos *κατηγορῆσαι*, *ἐπαινέσαι* e *συμβουλευῶσαι*, de certa forma, já anuncia a futura tripartição de gêneros da *Retórica*⁴¹. Isócrates, no entanto, não pretende aqui delimitar esses gêneros, mas tão somente evidenciar três possíveis ocasiões em que um orador diferenciado pode atuar. Somente dentro dessas áreas, por conseguinte, é que poderíamos reconhecer uma pluralidade maior e mais complexa de modalidades discursivas; no caso do epidítico, como vimos, ao menos três antigas práticas distintas de *ἔπαινος*.

Por essa razão, portanto, para discutirmos ao longo deste estudo as modalidades discursivas adotadas por Isócrates no *Antídoto* e em outros discursos, é importante salientarmos, como um importante pressuposto, que o autor não as distingue propriamente como “gêneros retóricos” em nenhum momento de sua obra. Ainda que estejamos mais familiarizados com a canônica categorização ternária de Aristóteles, não devemos perder de vista que Isócrates é um autor ligeiramente anterior, que trata tais gêneros apenas como circunstâncias de uso do *λόγος* (i.e., segundo as ocasiões em que esses gêneros são praticados), mas não procede por definições teóricas nem os categoriza. Dessa maneira, seu discernimento de diferentes modalidades discursivas consiste antes em distinções informais do que em taxonomias rígidas, conforme observamos nos excertos até aqui citados do *Elogio de Helena*, do *Evágoras*, do

⁴¹ Cf. PERNOT, Laurent, 2015, p. 3.

Panegírico e do *Sobre a Paz*, bem como também perceberemos ao longo desta pesquisa em outros excertos do autor.

É importante salientarmos, por fim, que, ao menos dos textos que chegaram até nossos dias, o uso do termo ῥητορικὴ para definir a τέχνη de sofistas e oradores parece ser tardio. Uma de suas primeiras e mais significativas ocorrências encontra-se em Platão, no diálogo *Górgias* (448d9), e, posteriormente, tal arte recebe uma fundamentação teórica e uma categorização por parte de Aristóteles em seu tratado de *Retórica*⁴². É evidente que ambos os filósofos representam um importantíssimo marco na história da retórica greco-latina, e que suas considerações sobre tal disciplina são formadas a partir de suas leituras dos textos de oradores e mestres de oratória do passado, bem como de suas convivências com contemporâneos que já pensavam o uso do λόγος, como Isócrates. Este, entretanto, jamais utiliza o termo em seus escritos. Por essa razão, em suma, devemos sempre ter muita precaução com a aplicação dos conceitos retóricos aristotélicos a discursos anteriores à composição da *Retórica*; por vezes, tal rigor taxonômico não será suficiente para que possamos compreender certas idiosincrasias encontradas no interior de um mesmo discurso, as quais escapam aos postulados dos gêneros tais como propostas pelo filósofo.

⁴² Segundo as teses de SCHIAPPA, Edward, 1999 e 1990, e de COLE, Thomas, 1991.

2 – Menções aos discursos de Isócrates na Retórica de Aristóteles

Postas as advertências feitas acima a respeito do gênero epidítico aristotélico, cabe, por conseguinte, verificarmos como o próprio Isócrates é citado pelo filósofo na *Retórica*, a fim de melhor compreendermos o modo como o autor é ali tratado. Conforme mencionamos há pouco, Isócrates jamais se vale do termo ῥητορικὴ em suas reflexões *metadiscursivas* para definir ou teorizar a respeito de sua prática. No entanto, o autor é comumente referido pela crítica moderna como um orador ou sofista⁴³, que praticava retórica, ainda que jamais tenha proferido seus discursos em público⁴⁴. Ora, em Aristóteles, podemos depreender uma importante imagem de Isócrates, a qual será decisiva para a leitura *standard* que se perpetuou sobre o autor, não sendo tratado nunca dentro do domínio da Filosofia, como ele próprio define sua *paideia*, mas, ao contrário, da Retórica.

No referido tratado aristotélico, encontramos vinte e oito ocorrências em que excertos de discursos isocráticos são direta ou indiretamente citados⁴⁵. Dessas, apenas uma encontra-se no livro I, duas no livro II, e todas as demais no livro III. Considerando, pois, que o último livro da *Retórica* é dedicado ao estudo da λέξις, fica evidente que a análise de parte da obra isocrática por Aristóteles enfatiza principalmente o estilo esmerado de composição de Isócrates, tomando-o, de certo modo, como paradigma de diversos aspectos da prática discursiva no que diz respeito à elocução. Ao mesmo tempo, as discussões isocráticas a respeito dos “gêneros” de discurso, por exemplo, ficam em segundo plano. Vejamos, portanto, alguns dos principais momentos em que o filósofo se refere a Isócrates em seu tratado.

No livro I (1368a18-21), ao tratar do recurso da amplificação na retórica epidítica, Aristóteles assinala que Isócrates, quando compõe um elogio a alguém, utiliza-se da *auxese* por meio de comparações com outras personalidades de renome, em virtude de sua inexperiência em oratória forense. Uma vez que o autor é o único mencionado dentre os que fazem uso desse recurso, podemos considerar que o filósofo, de certa maneira, toma Isócrates como modelo de tal prática. Ademais, nesse passo da

⁴³ Cf. KENNEDY, George, 1994, p. 43; e VICKERS, Brian, 1998, p. 8, 149 e 150.

⁴⁴ Cf. *Carta aos Arcontes de Mitilene*, 7; *Carta a Dioniso*, 9; *Panatenáico*, 9-10 e *Para Filipe*, 81.

⁴⁵ Cf. ROSS, Sir David W., 1959, p. 206.

Retórica, é curioso verificar como Aristóteles atesta tal inexperiência de Isócrates no exercício do gênero judiciários, ao contrário do que leremos em Cícero (*Brutus* 48), por exemplo, e parte da tradição retórica posterior, que considera os chamados “seis discursos judiciários”⁴⁶ como genuinamente forenses, escritos na suposta carreira de Isócrates como logógrafo, antes da publicação de *Contra os Sofistas* e da fundação de sua escola em Atenas, por volta de 390 a.C.⁴⁷.

Nas duas ocorrências do livro II (1392b10-14 e 1399a1-3), encontramos referências a tópicos comuns presentes nos entimemas de discursos judiciários. A primeira delas diz que, “se algo é possível a homens inferiores, sê-lo-á mais ainda a seus superiores”, argumento este utilizado por Isócrates em seu discurso *Contra Eutino*. A referência a essa obra em Aristóteles para exemplificar tal tópica não parece ser fortuita, dada a sua importância histórica enquanto discurso modelar na composição forense baseada em argumentos de probabilidade (εἰκός), sobretudo quando não houve testemunhas na apuração dos fatos que motivaram o litígio. Segundo Diógenes Laércio⁴⁸, Antístenes teria composto uma réplica ao *Contra Eutino*, desqualificando essa tópica isocrática. Filóstrato⁴⁹, em contrapartida, também menciona o discurso, tecendo elogios ao estilo de composição de Isócrates.

A segunda ocorrência, por sua vez, alude ao *Elogio de Helena* do autor. Ao inserir nesse discurso um “Elogio a Teseu”, Isócrates recorre ao argumento de autoridade de outra importante personagem mítica para amplificar ainda mais o louvor a Helena: “esta era σπουδαία, pois assim Teseu a julgara”. Esse recurso da inserção de um encômio em outro, ou de um encômio em um discurso de outro gênero, será largamente utilizado pelo autor. No *Antídose*, por exemplo, como já mencionamos, encontramos um “Elogio a Timóteo” (§§101-139), conhecido general ateniense e ex-discípulo de Isócrates. Ao louvar Timóteo, o autor indiretamente também compõe um auto-elogio, visto que fora o responsável por sua formação intelectual. Uma discussão sobre esse fenômeno de composição isocrática será explorada no quarto e último capítulo desta tese.

⁴⁶ A saber: 16 – *Sobre a Biga de Cavalos*, 17 – *Trapezítico*, 18 – *Contra Calímaco*, 19 – *Eginético*, 20 – *Contra Lôquite* e 21 – *Contra Eutino*.

⁴⁷ Uma discussão mais aprofundada sobre a eventual carreira logográfica de Isócrates encontra-se na segunda parte do primeiro capítulo desta tese.

⁴⁸ Diógenes Laércio, *Vida dos Filósofos*, VI, 15.

⁴⁹ Filóstrato, *Vida dos Sofistas*, I, 17.

No livro III, por fim, encontramos vinte e cinco referências ao nome de Isócrates ou a passos de sua obra. Em uma curta passagem (1409b33-1410a17), já encontramos dez citações a excertos do *Panegírico* (§§1, 35, 41, 48, 72, 89, 105, 149, 181 e 186). Aristóteles recorre tão somente a uma única obra isocrática quando passa a comentar e exemplificar os estilos retóricos de composição “dividido” (διηρημένη) e o “antitético” (ἀντικειμένη). O filósofo nos oferece como exemplo do estilo “dividido” o primeiro parágrafo do *Panegírico*⁵⁰, e todas as outras nove citações dizem respeito ao estilo antitético, projetando Isócrates como modelo de tais recursos de elocução. Não por acaso, sabemos, pela boca do próprio autor, que a antítese é justamente uma das características estilísticas mais marcantes que perpassa toda a sua obra. No segundo parágrafo de seu último discurso, o *Panatenáico*, ao comentar algumas dessas características discursivas, o autor afirma que seus discursos são “não somente carregados de muitos entimemas, mas também de não poucas *antíteses*, simetrias sintáticas, e outras figuras discursivas...” ([...] καὶ πολλῶν μὲν ἐνθυμημάτων γέμοντας, οὐκ ὀλίγων δ' ἀντιθέσεων καὶ παρισώσεων καὶ τῶν ἄλλων ἰδεῶν [...]).

Seguramente, nenhum sofista ou orador é citado tantas vezes por Aristóteles na *Retórica* quanto Isócrates. Apenas a poesia de Homero (37 ocorrências) e a de Eurípides (18 ocorrências) são as obras que mais frequentemente aparecem no tratado do filósofo ao lado de Isócrates⁵¹. Considerando tantas ocorrências de excertos isocráticos em Aristóteles, bem como também de considerações propriamente isocráticas como a supracitada do segundo parágrafo do *Panatenáico*, não fica difícil inferir daí certas razões pelas quais Isócrates foi posteriormente considerado como um orador, sofista, ou ao menos um autor situado antes dentro do domínio da Retórica do que da Filosofia. Em virtude de certas considerações platônicas⁵², mas, sobretudo, aristotélicas, e da consequente tradição intelectual que legou o pensamento de ambos, é natural que a “filosofia” isocrática tenha sido encarada de outro modo. Por exercer papel importante na descrição aristotélica sobre a elocução e sobre questões temáticas e estilísticas na *Retórica*, Isócrates passou a ser, portanto, uma importante referência apenas para tal disciplina. O uso do termo φιλοσοφία para dar alcunha a sua atividade profissional, por outro lado, foi, na maior parte das vezes, desconsiderado. O autor, em suma, foi quase

⁵⁰ Nessa passagem, Aristóteles não discute o conceito do estilo definido como διηρημένη, uma vez que, no exemplo citado (*Panegírico* 1), também se reconhece o mesmo estilo dos demais nove exemplos antitéticos. Cf. COPE, Edward & SANDYS, John, 1877, p. 101.

⁵¹ ROSS, Sir David W., 1959, 205-6.

⁵² Cf. *Eutidemo* 304d-305e; e *Fedro* 279a.

sempre julgado antes pela leitura que os reconhecidos filósofos consolidaram sobre seu pensamento do que através dos próprios termos que utiliza⁵³.

Para o presente estudo, portanto, é fundamental sublinhar que, se Isócrates jamais se serviu do termo ῥητορική para definir aquilo que ensina, devemos, então, buscar compreender o modo como suas reflexões *metadiscursivas* se realizam, a partir do próprio vocabulário de que ele se vale. Assim, termos como λόγος e ἰδέα, por exemplo, nos guiarão por meio das análises dessas reflexões isocráticas acerca de sua própria práxis discursiva.

Por fim, é de suma relevância citar a última menção a Isócrates na *Retórica*. Em 1414b42-30, ao expor as características dos proêmios de discursos epidícticos, Aristóteles afirma ser recorrente o fato deles não terem um tema em comum com o elogio em si, e, assim, estarem desconectados do restante do discurso, como ocorre no *Elogio de Helena* de Isócrates:

“[...] καὶ ἐν τοῖς ἐπιδεικτικοῖς λόγοις δεῖ οὕτως γράφειν, ὅ τι [γὰρ] ἂν βούληται εὐθὺ εἰπόντα ἐνδοῦναι καὶ συνάψαι, ὅπερ πάντες ποιῶσιν. παράδειγμα τὸ τῆς Ἴσοκράτους Ἑλένης προοίμιον· οὐθὲν γὰρ κοινὸν ὑπάρχει τοῖς ἐριστικοῖς καὶ Ἑλένη. ἅμα δὲ καὶ ἐὰν ἐκτοπίση, ἀρμόττει, καὶ μὴ ὄλον τὸν λόγον ὁμοειδῆ εἶναι. [...]”

“[...] e é preciso compor os discursos epidícticos da seguinte maneira: após dizer diretamente qualquer coisa que se queira, deve-se dar um tom ao discurso e conectá-lo, como todos fazem. Um exemplo é o proêmio do *Elogio de Helena* de Isócrates: não há nada em comum entre os erísticos e Helena. Da mesma forma, ainda que o orador se afaste do tema [em alguma das partes], o efeito continua sendo adequado, a fim de que todo o discurso não seja uniforme.”

O filósofo compara o proêmio dos discursos epidícticos ao prelúdio musical dos tocadores de *aulos*, tendo eles a mesma função: introduzir a canção com um tom adequado, para que ele possa se ligar satisfatoriamente ao restante dela. Semelhantemente, ainda que o autor disponha temas diferentes no proêmio e no elogio, como é de fato o caso do *Elogio de Helena* de Isócrates (*grosso modo*, um proêmio

⁵³ Cf. SCHIAPPA, Edward, 1999, p. 155.

contra os erísticos [§§1-14], “desconectado” do elogio em si que o sucede), seu discurso não “perde seu valor” enquanto composição epidítica, pois, segundo Aristóteles, é assim que se deve operar em discursos dessa natureza. Por essa razão, se a pluralidade de temas é possível na retórica epidítica no entendimento de Aristóteles, tendo em vista seu conhecimento do texto de Isócrates e de outros autores do período, a mescla de temas dentro de um mesmo discurso epidítico não só é possível e aceitável dentro dos limites de composição desse modelo, como também esse mesmo discurso passa a ter considerável virtude por não ser monótono, na medida em que o tom uniforme, ao contrário, poderia torná-lo fastidioso segundo o filósofo⁵⁴.

Por conseguinte, se o *Elogio de Helena* de Isócrates serve como paradigma para a compreensão do fenômeno da heterogeneidade de temas na retórica epidítica, segundo o excerto aristotélico supracitado, um discurso como o *Antídose*, o qual é essencialmente definido por Isócrates como “misto” e “aberto a todos os temas” (§12), é ainda mais indispensável para se pensar no modo isocrático de composição discursiva enquanto uma ἐπίδειξις. A maneira como o autor opera tal mescla de temas e de modalidades discursivas no *Antídose* é levado ao limite, constituindo, assim, sua obra mais complexa e idiossincrática, conforme veremos no decorrer do presente estudo.

⁵⁴ Cf. *Antídose* 12 (πρὸς δὲ τούτοις μὴ ζητεῖν εὐθὺς ἐπελθόντας ὅλον αὐτὸν διελθεῖν, ἀλλὰ τοσοῦτον μέρος ὅσον μὴ λυπήσει τοὺς παρόντας. “...é necessário também que não procurem lê-lo todo do início ao fim de uma só vez, mas num ritmo que não aflija os presentes.”).

3 – A problemática classificação dos discursos de Isócrates

Já sabemos até aqui, pois, que uma análise mais aprofundada de cada uma das obras de Isócrates (em especial, a do discurso *Antídose*) pode nos apontar para diversas particularidades de sua própria prática discursiva: suas reflexões *metadiscursivas*, os temas tratados, as modalidades de discurso aplicadas e mescladas (“gêneros”), dentre outras. Tal análise pode nos revelar a forma como cada discurso possui sua idiossincrasia, de modo a não poder ser classificado puramente como um discurso de certo gênero segundo a canônica tripartição aristotélica. Para encerrar esta introdução, será importante verificarmos como se deu, ao longo dos séculos, a classificação do discurso *Antídose* em alguns de seus principais manuscritos, editores, comentadores e tradutores. Desse modo, será possível observar como qualquer tentativa classificatória possui suas limitações, e, conseqüentemente, é insuficiente para que compreendamos a natureza peculiar dos discursos isocráticos, sobretudo no caso do *Antídose*.

O bibliotecário Fócio de Bizâncio, no séc. IX d.C., foi o primeiro a redigir comentários aos discursos de Isócrates. O critério de sua classificação centra-se na clássica tripartição aristotélica dos gêneros retóricos: judiciário, deliberativo e epidítico. Por esse motivo, o *Antídose* é colocado pelo comentador ao lado dos chamados “seis discursos judiciários”, frutos da hipotética carreira logográfica do autor⁵⁵. Para um homem do nono século, a influência aristotélica na maneira de pensar os gêneros retóricos, incorporada também pela tradição latina, era muito marcante, e, ademais, é natural que Fócio utilizasse uma nomenclatura já canônica e familiar para classificar os discursos isocráticos. Vale lembrar que outras classificações medievais seguem o mesmo princípio aristotélico utilizado por Fócio. Nos principais manuscritos do período (*Urbinas CXI* – séc. IX ou X d.C.; *Vaticanus 65* – séc. XI; *Vaticanus 936* – séc. XIV d.C.; e *Laurentianus LXXXVII 14* – séc. XIII d.C.), encontramos basicamente o mesmo critério tripartite para classificar os discursos de Isócrates⁵⁶. Tais classificações, portanto, estariam baseadas tão somente no aspecto formal do *Antídose*, como discurso

⁵⁵ Cf. nota 46.

⁵⁶ TOO, Yun Lee, 1995, p. 14.

judiciário de defesa, sem levar em conta sua evidente e tão marcada dimensão epidítica⁵⁷, conforme veremos ao longo deste trabalho.

As obras de Isócrates (discursos e cartas) recebem sua primeira edição em 1493, pelas mãos do helenista grego Demetrios Chalkokondyles⁵⁸. Em seguida, em 1570, o helenista alemão Hieronymus Wolf também publica em Basel, Suíça, as obras de Isócrates. Sua edição ganhou posteriormente muito mais notoriedade que a de Chalkokondyles, sobretudo porque Wolf é o responsável pela ordenação numérica dos discursos isocráticos que seguimos até hoje (1 – *Para Demônico*, 2 – *Para Nícoles*, etc). Essa numeração evidentemente já nos sugere uma ordenação classificatória das obras de Isócrates por gêneros, e é curioso notar o modo como o discurso *Antídose* (15) foi colocado, não por acaso, no limite entre o final da lista de discursos encomiásticos e o início da lista dos chamados seis discursos judiciais. Desse modo, é muito provável que Wolf tenha levado em consideração para sua classificação o caráter misto do *Antídose* descrito no §12 do discurso.

É de suma relevância lembrar, todavia, que o discurso *Antídose* só receberá uma edição completa em 1812, pelas mãos de Andreas Mustoxydis⁵⁹. Este helenista grego foi o responsável pelo descobrimento do códice *Ambrosianus* O 144 (E), o qual contém o *Antídose* integralmente. Até então, desde Fócio, conhecia-se apenas uma pequena porção do discurso, e de maneira fragmentária: dos §§1 a 72, e 311 a 323 (o que corresponde tão somente ao próêmio, ao início da argumentação, e à peroração). É somente após a edição de Mustoxydis que se pôde melhor pensar e julgar a complexidade do modelo discursivo adotado na composição do *Antídose*, bem como houve, assim, uma melhor oportunidade para reclassificá-lo, visto que, somente a partir do início do século XIX, helenistas tiveram disponível, pela primeira vez, o discurso completo.

⁵⁷ Tendo em vista a discussão feita na primeira parte desta Introdução, é de suma importância ressaltar que o caráter “epidítico” dos discursos isocráticos, como assim nos referiremos ao longo desta tese, não diz respeito à sua classificação enquanto gênero (sentido *strito*), segundo as categorias aristotélicas, mas tão somente a seu aspecto performático, didático, demonstrativo e pedagógico de ἐπιδειξις (sentido *lato*).

⁵⁸ ISOCRATE. *Opera Omnia (editio princeps)*. Milão, 1493. Demetrios Chalkokondyles foi professor de língua grega e filosofia nas universidades de Pádua, Milão, Roma, Perugia e Florença. Também é o responsável pela primeira edição da *Iliada* e da *Odisseia* de Homero, em 1488 (Florença).

⁵⁹ HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 324-5.

De Mustoxydis, seguiu-se a edição talvez mais consultada e citada dos últimos dois séculos, e sem dúvida a principal do séc. XIX. Em 1854, o filólogo alemão Gustav Eduard Benseler publica em Leipzig as obras completas de Isócrates pela coleção da Biblioteca Teubner⁶⁰. Sua classificação é aquela pela primeira vez baseada nos temas dos discursos, e não propriamente em seus “gêneros” tão imprecisos. Benseler cria, por exemplo, as categorias dos chamados “discursos cipriotas” (*Para Demônio, Para Níocles, Níocles e Evágoras*) e dos “discursos contra os sofistas” (*Contra os Sofistas, Elogio de Helena e Busíris*). É curioso notar que o filólogo considera o *Antídose*, por sua vez, como um discurso sobre “a apologia da vida de Isócrates”⁶¹, e assim o classifica isoladamente nesta categoria, muito provavelmente por conta de sua complexidade e idiosincrasia⁶².

No século XX, duas são as principais edições isocráticas: a inglesa da Biblioteca Loeb, realizada por George Norlin e Larue Van Hook, e a francesa da coleção *Les Belles Lettres*, feita por Georges Mathieu e Émile Brémond⁶³. Na primeira delas, o *Antídose* aparece agrupado com os discursos *Contra os Sofistas, Panatenaico, Areopagítico e Sobre a Paz*. Por serem discursos consideravelmente diferentes entre si, não parece haver uma classificação das obras por parte dos editores com base em razões temáticas ou genéricas. Já a edição francesa é a primeira a ordenar os discursos de Isócrates cronologicamente, levando em conta as hipotéticas datas em que as obras foram publicadas, apoiadas em testemunhos antigos ou em dados intratextuais do próprio autor. Sendo assim, o *Antídose* (353 a.C.) figura como a antepenúltima obra ali editada. Em 2003, por fim, as obras completas de Isócrates são editadas novamente pela Biblioteca Teubner, dessa vez pelo filólogo suíço Basil Mandilaras⁶⁴. Tal edição, por sua vez, ordena os discursos isocráticos segundo a consolidada numeração de Wolf (1570).

⁶⁰ BENSELER, Gustav Eduard. *Isokrates' Werke*. Leipzig, 1854.

⁶¹ TOO, Yun Lee. 1995, p. 15.

⁶² Há outra importante edição da obra de Isócrates realizada no séc. XIX e publicada no início do séc. XX: DRERUP, Engelbert. *Isocratis Opera Omnia*. 1906. O discurso *Antídose*, todavia, não figura nessa edição, pois Drerup infelizmente falecera antes de concluí-la.

⁶³ NORLIN, George. & VAN HOOK, Larue. *Isocrates, The Loeb Classical Library*, Harvard: Harvard University Press, (vol. I, 1928; vol. II, 1929; vol. III, 1945); e MATHIEU, G. & BRÉMOND, A., *Isocrate: Discours*. Paris, *Les Belles Lettres*, (vol. I, 1929; vol. II, 1938; vol. III, 1942; vol. IV, 1962).

⁶⁴ MANDILARAS, B. G (ed.) *Isocrates. Opera Omnia*. Bibliotheca Teubneriana. 3 volumes. Munich & Leipzig, Teubner, 2003.

Como foi possível notar, o discurso *Antídose* é classificado de diversas maneiras no decorrer dos séculos. Seguramente, cada editor tem suas razões perfeitamente justificáveis para uma ou outra escolha de como ordenar os discursos isocráticos. É importante, porém, que o leitor de Isócrates esteja atento para essas edições e perceba que, em cada uma delas, o editor nos oferece apenas um olhar parcial para a classificação do *Antídose* e de todos os outros discursos. Desse modo, qualquer classificação genérica ou temática de definição dos discursos isocráticos, e, sobretudo, do *Antídose*, não parece ser suficiente para precisar sua natureza mista, complexa e idiossincrática (*Antídose* 12). Em verdade, cada discurso de Isócrates, de certo modo, resguarda particularidades tão acentuadas em seu aparente “modelo de composição”, que seria impossível categorizá-los em temas ou em gêneros de maneira definitiva e incontestável.

Todavia, uma forma talvez mais razoável para compreendermos em boa parte a prática discursiva de Isócrates seria a de não tentarmos olhar para o conjunto de discursos de forma tão tradicional quanto suas classificações buscam categorizá-los, mas perceber, antes de tudo, a homogeneidade existente nesse conjunto, no tocante a seu caráter cívico-político e epidítico. Ainda que certos discursos possuam, por exemplo, moldes notavelmente encomiásticos, como o *Elogio de Helena*, judiciários, como o *Antídose*, ou exortativos, como o *Para Nicocles*, jamais devemos perder de vista as dimensões política e epidítica que, de uma forma ou de outra, estão presentes em praticamente todos os discursos de Isócrates. Muito mais relevante e perceptível que a estrutura formal de composição adotada em cada discurso é a função político-pedagógica que cada discurso de Isócrates inegavelmente possui⁶⁵. Será, pois, justamente essa função que unificará a obra isocrática, assegurando-lhe uma marcante identidade de seus fins, além de, ao mesmo tempo, nos descrever o pensamento político e propedêutico do autor.

⁶⁵ No *Panatenaico* 1-2, por exemplo, Isócrates abre seu último discurso enumerando uma série de modelos discursivos que ele preferiu não utilizar ao longo de sua vida em detrimento daquele tipo de discurso que sempre utilizou: discursos eloquentemente bem compostos que aconselham Atenas e a Grécia naquilo que lhes é útil. Segundo o próprio autor, encontraremos em sua obra, de maneira geral, (i) conselhos à *pólis* (dimensão política) eloquentes e carregados de diversas figuras discursivas (dimensão epidítica).

Yun Lee Too nos oferece uma interessante abordagem acerca do caráter uniforme dos discursos isocráticos, em seu livro “*The Rhetoric of Identity in Isocrates*”. A autora trata em seu primeiro capítulo sobre o “*logos politikos*” isocrático, destacando sua indissociável função política e epidítica. Too, inclusive, chega a ser muito categórica quanto às tradicionais taxonomias classificatórias dos discursos do autor, afirmando que⁶⁶:

“[...] Generic taxonomy offers an affront to Isocrates’ authority and the autonomy of his writing. It presumes to put his works in their ‘proper’ place without acknowledging that the categories bring to the author and his work a series of anachronistic assumptions about how and what he writes. The historical (re)organisations of his texts all fail to recognise that he stresses the continuity of his writing as a body, a *corpus*, of *logoi politikoi*. He names his prose ‘political discourse’, and in so doing, he implicitly sets his own limits and boundaries upon it, implicitly defining his corpus for a reader.”

A definição dos discursos de Isócrates como *logoi politikoi*, no entanto, não deve ser entendida simplesmente como “discursos políticos”. Não se trata de discursos que tenham como ocasião de *performance* uma assembleia ou conselho, visando deliberar a respeito de uma questão política, mesmo porque eles não foram escritos para serem proferidos efetivamente nessas ocasiões. De acordo com Roberto Nicolai:

“Isocrate proponeva ai suoi allievi, perché li imitassero, discorsi esemplari su temi tradizionali. Sono discorsi fittizi, non destinati a essere recitati. Attraverso questi discorsi l’allievo veniva a conoscenza di un patrimonio etico consolidato [...] e insieme di un bagaglio di conoscenze storiche o meglio di paradigmi storici fondati per la sua identità di Greco e di Ateniese.”⁶⁷

⁶⁶ TOO, Yun Lee, 1995, p. 35.

⁶⁷ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 7-8.

Por essas razões, o discurso isocrático é precisamente “político” na medida em que aborda questões relativas à *pólis*. Trata-se, portanto, de um discurso que versa acerca de assuntos de interesse comum aos atenienses, através de conselhos, exortações, exemplos históricos a serem imitados, etc. Isócrates é, antes de tudo, um educador, o qual busca, em suma, ensinar a seus alunos valores morais e técnicas discursivas, indissociavelmente⁶⁸. A melhor definição desse *logos politikos* feita pelo próprio Isócrates, aliás, encontra-se no §46 do discurso *Antídose*. O autor define seu modelo discursivo como Ἑλληνικὸς καὶ πολιτικὸς καὶ πανηγυρικὸς, i.e., são discursos que tratam de questões pan-helênicas, que visam ao interesse da cidade, e que são próprios para serem proferidos em uma πανήγυρις⁶⁹.

Roberto Nicolai, em seu livro “*Studi su Isocrate*”, por sua vez, ressalta a forma como Isócrates cria um novo gênero literário diferente de outros já existentes e consolidados em seu tempo. O crítico destaca a ambivalência das esferas política e didática às quais as obras de Isócrates se destinavam como uma das principais características desse novo gênero de prosa criado pelo autor. Segundo Nicolai⁷⁰:

“Dall’analisi delle considerazioni di Isocrate sui veri generi della prosa e su quello da lui prescelto si può facilmente ricavare che non identifica il suo genere con nessuno dei generi tradizionali e che anzi insiste a sottolineare la differenza tra i generi di discorso funzionali a particolari occasioni [...] e quelli di utilità più generale, che trattano temi di interesse comune.”

“Isocrate dunque si presenta a noi come il creatore di un nuovo genere, affidato alla pubblicazione scritta. Le caratteristiche principali di questo genere sono la destinazione didascalica e politica insieme, la struttura mimetica (ora rivolta all’oratoria deliberativa, ora a quella epidittica ora a quella giudiziaria), l’estrema cura formale. È comunque indispensabile ricordare che proprio la mancanza del vincolo con l’occasione determina una grande libertà di scelte, che si traduce in una apertura senza precedenti nei confronti di tutta la letteratura in poesia e in prosa. E non si andrebbe troppo lontani dal vero definendo le opere di Isocrate come una letteratura sperimentale in prosa affidata al canale scrittorio.”

⁶⁸ Cf. *Contra os Sofistas* 21.

⁶⁹ Cf. também *Panatenáico* 1-2. Esses parágrafos encontram-se citados e confrontados no segundo capítulo desta tese, quando discutiremos a polissemia do termo *idéa* em Isócrates.

⁷⁰ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 53.

Esse caráter experimental da obra isocrática descrito por Nicolai, inclusive, explica uma das principais razões do autor tecer ao longo de seus discursos tantas reflexões *metadiscursivas*. Ora, justamente pelo fato de ser o precursor de um “novo gênero literário”, Isócrates naturalmente necessita a todo o momento explicar ao leitor, ou a sua eventual e hipotética audiência, os motivos que o levaram a compor um dado discurso (em geral, em todos os seus proêmios), introduzir novos temas em sua obra (*Evágoras* 9), tecer digressões (*Antídose* 101-39), mesclar gêneros tradicionais em um único discurso (*Antídose* 12), dentre outros. Destarte, não haveria como o autor por vezes se arriscar em uma “literatura experimental” sem que seus discursos fossem carregados dessas reflexões *metadiscursivas*.

Todavia, considerando que cada discurso do autor resguarda suas idiossincrasias internas, imbuído das mais diversas reflexões *metadiscursivas*, notaremos que, enquanto sua obra possui uma natureza homogênea no que concerne à ambivalência político-epidítica (i.e., seu *logos politikos*), ela é detentora, ao mesmo tempo, de certa heterogeneidade, se pensarmos em cada discurso isocrático como um “sub-gênero” específico e particular desse λόγος cívico, visto que dois ou mais discursos de Isócrates não poderiam ser classificados exatamente em um mesmo gênero⁷¹. Segundo Roberto Nicolai⁷²:

“[Yun Lee] Too ha convincentemente dimostrato l’unità della produzione di Isocrate, tutta volta a creare l’identità dell’autore e riassumibile nella formula dei πολιτικοὶ λόγοι. Ma questa formula non rende ragione delle continue e puntigliose precisazioni com cui Isocrate differenzia i vari λόγοι creando una complessa griglia di interrelazioni e di opposizioni. Occorre dunque studiare le dichiarazioni di metodo di Isocrate⁷³, rimanendo consapevoli da un lato dell’unità della sua produzione, dall’altro delle nuove condizioni della comunicazione e della pubblicazione.”

⁷¹ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 54.

⁷² *Ibidem*, p. 34-5.

⁷³ I.e., suas reflexões *metadiscursivas*.

Esse aspecto heterogêneo, porém, não deve ser confundido, como dissemos há pouco, com a tentativa classificatória dos discursos isocráticos segundo as tradicionais categorias aristotélicas, uma vez que elas não dão conta da complexidade de sua obra. *Grosso modo*, seus discursos são, por um lado, homogêneos na medida em que sempre revelam suas intenções políticas e educacionais; por outro, são também heterogêneos na medida em que tais *logoi politikoi* resguardam idiossincrasias únicas e muito acentuadas em cada um de seus exemplares, os quais, quase sempre, asseguram novidades em relação a discursos anteriores do próprio autor ou de seus predecessores.

4 – Conclusão

Considerando, portanto, as discussões introdutórias apresentadas até aqui, devemos postular, para esta pesquisa acerca do discurso *Antídose* de Isócrates, que não podemos estar subordinados às categorias canônicas de gêneros discursivos advindas da *Retórica* de Aristóteles para que possamos compreendê-lo com maior exatidão, o que vale também – senão para todos – para grande parte dos discursos do autor. Rotulá-los como puramente judiciários, deliberativos ou epidíticos será, indubitavelmente, ineficiente.

Ademais, a maneira como a composição da prosa isocrática se realiza é capaz de nos revelar que cada um de seus discursos em particular só pode ser entendido a partir de peculiaridades inerentes ao novo gênero literário experimental criado pelo autor, seu *logos politikos*, conforme as proposições supracitadas de Yun Lee Too e de Roberto Nicolai.

Posta essa discussão, portanto, consideraremos também, como um dos fios condutores deste estudo, a ambivalência política e epidítica indissociável presente na obra de Isócrates. Essa ambivalência, pois, nos auxiliará na compreensão das reflexões *metadiscursivas* presentes tanto no *Antídose* como em outros momentos de sua obra que também serão estudados.

Capítulo 1

Análise dos Proêmios

1.1- Modelos discursivos em debate: entre o âmbito judiciário e o epidítico (Primeiro Proêmio: §§1-13)

Neste capítulo, faremos a análise das reflexões *metadiscursivas* presentes nos dois proêmios do discurso *Antídose*. No primeiro deles (§§1-13), Isócrates elabora uma espécie de “prefácio à obra”, tecendo aquilo que chamaríamos contemporaneamente de “advertências ao leitor”, a fim de prepará-lo para a leitura do discurso e guiá-lo segundo algumas diretrizes. Por se tratar de um discurso longo, cansativo, complexo e fictício, dentre outras particularidades que o autor evidenciará ao longo desse proêmio, tais advertências tornam-se imprescindíveis para a compreensão daquilo que ele pretende com sua composição.

O segundo proêmio (§§14-28), por sua vez, constitui as considerações de Isócrates no tocante a suas dificuldades em compor um discurso para fins judiciários, uma vez que, segundo ele próprio, não está habituado a discursar no ambiente forense. Ademais, encontraremos ali esboçado o princípio de sua crítica incisiva aos erísticos, a qual perpassará todo o discurso.

Isócrates abre o discurso *Antídose* explicitando, já no primeiro parágrafo, sua complexidade quanto a sua categorização genérica:

1. Εἰ μὲν ὅμοιος ἦν ὁ λόγος ὁ μέλλον ἀναγνωσθήσεσθαι τοῖς ἢ πρὸς τοὺς ἀγῶνας ἢ πρὸς τὰς ἐπιδείξεις γιγνομένοις, οὐδὲν ἂν οἶμαι προδιαλεχθῆναι περὶ αὐτοῦ· νῦν δὲ διὰ τὴν καινότητα καὶ τὴν διαφορὰν ἀναγκαῖόν ἐστιν προειπεῖν τὰς αἰτίας δι' ἃς οὕτως ἀνόμοιον αὐτὸν ὄντα τοῖς ἄλλοις γράφειν προειλόμην· μὴ γὰρ τούτων δηλωθεισῶν πολλοῖς ἂν ἴσως ἄτοπος εἶναι δόξειεν.

1. Se o discurso que está prestes a ser lido fosse semelhante aos que se praticam em âmbito judiciário ou epidítico, presumo que eu não faria qualquer preâmbulo a seu respeito. Porém, por causa de sua novidade e diversidade, é necessário neste momento prefaciá-lo pelos motivos pelos quais escolhi escrever um discurso tão diferente dos demais; pois, se eu não esclarecesse tais motivos, ele poderia parecer talvez atípico à maioria dos homens.

Dessa maneira, o autor justifica a composição do primeiro proêmio, advertindo seus ouvintes-leitores: o texto que se segue será mais complexo que seus discursos anteriores, tanto por sua temática como por seu gênero. Segundo Isócrates, o *Antídose* não poderá ser considerado propriamente um discurso judiciário (πρὸς τοὺς ἀγῶνας), nem propriamente um discurso epidítico⁷⁴ (πρὸς τὰς ἐπιδείξεις). Terry Pappillon aborda o primeiro parágrafo do *Antídose* da seguinte maneira⁷⁵:

“The *Antidosis* is a complicated speech that deals with a wide variety of issues. Isocrates knows that the speech will strike the audience – the imaginary jury and the actual readers – as unusual and he addresses this issue of novelty from the very first words.”

Isócrates já nos anuncia desde o início a complexidade de seu discurso, o que lhe assegura novidade e diversidade. O discurso *Antídose* é a oportunidade que o autor tem para criar uma obra inovadora e idiossincrática, a fim de se defender de muitos acusadores, emulando um discurso judiciário, mas, ao mesmo tempo, compondo uma verdadeira ἐπίδειξις de seu pensamento político bem como de sua proposta educacional. Nesse sentido, o modelo escolhido pelo autor para a composição de seu discurso lhe confere certo hibridismo genérico. Segundo Josiah Ober⁷⁶:

⁷⁴ Baseando-se na discussão feita na Introdução a respeito do gênero epidítico, não devemos entender por “epidítico” aqui o discurso de “elogio” ou “vitupério”, espécies categorizadas por Aristóteles na *Retórica* (1358b12-13). Seu sentido em Isócrates normalmente se refere antes a seu contexto de *performance*, enquanto modelo de discurso destinado à exibição em âmbito privado.

⁷⁵ PAPPILLON, Terry, 1997, p. 48.

⁷⁶ OBER, Josiah, 1998, p. 258.

“[...] The pseudo-dicanic oration, written as if for, but never delivered in the Athenian people’s court, was a familiar genre within the critical community by the mid-fourth century. Isocrates’ oration was, however, a hybrid rather than simple pseudo-dicanic [...] Isocrates does not overestimate the difficult novelty, and distinctiveness of his undertaking: the *Antidosis* is indeed unique in explicitly and repeatedly calling attention to its own hybrid and fictitious character.”

E, ainda, de acordo com James Henderson Collins II⁷⁷:

“In the preface to the *Antidosis*, Isocrates instructs his readers, in very self-referential ways, to identify his texts as a literary innovation that is novel (καινότητα) and different from (διαφορὰν... ἀνόμιον) anything they have ever seen. It is neither identical with forensic (πρὸς τοὺς ἀγῶνας) nor with epideictic (πρὸς τὰς ἐπιδείξεις) discourse. In addition, he indicates, his text is also not merely deliberative (*Antid.* 65, 77). The *Antidosis* uses each of these kinds of rhetoric, but does not restrict itself to the rules of any one of them. It uses other discourses in surprisingly unconventional ways.”

Nessa perspectiva, conforme a discussão feita na Introdução, a classificação do discurso *Antídose* como meramente judiciário, em virtude apenas de sua fictícia ocasião de *performance*, certamente não dá conta de precisar sua natureza híbrida, advertida pelo próprio Isócrates desde o próêmio. Por essa razão, as tradicionais categorias retóricas aristotélicas, em virtude de seu caráter estanque e limitador, vão de encontro ao modo pelo qual o autor define sua atual composição: o discurso *Antídose* é atípico e anômalo em confronto aos demais, dado o seu complexo hibridismo genérico, o que lhe garante uma composição completamente inovadora e talvez sem precedentes até aquele momento. Segundo Terry Papillon⁷⁸:

“Categorizing these...discourses [of Isocrates] more specifically, however, is difficult and controversial. Attempting to break them into Aristotelian categories of deliberative and epideictic is unfruitful since those categories post-date Isocrates’ work and he seemed only to distinguish between discourse in law courts and discourse outside of the law courts.”

⁷⁷ COLLINS II, James Henderson, 2015, p. 230.

⁷⁸ PAPILLON, Terry. “Isocrates”, p. 59. In: WORTHINGTON, Ian, 2010.

Assim, no caso de Isócrates, devemos antes de tudo estar atentos à complexidade de seus discursos, os quais não estão subordinados a uma categoria fixa, mas que mesclam modalidades discursivas muito distintas em sua concepção. Num tempo em que tais modalidades ainda não se configuram necessariamente como categorias estanques, oradores e mestres do λόγος compõem muitas vezes discursos que misturam elementos dos futuros “gêneros retóricos” de Aristóteles e de toda uma tradição retórica posterior. Destarte, a definição do *Antídose* como um discurso puramente judiciário torna-se sem dúvida bastante simplista para que possamos compreender os percursos da composição isocrática com maior rigor.

Posta essa advertência, podemos, por conseguinte, observar o evidente conhecimento que Isócrates possui das circunstâncias de uso do λόγος. Notaremos em praticamente todas as obras do autor uma distinção entre as ocasiões de *performance* de um e de outro *tipo* de discurso – justamente aquilo que Aristóteles nomeará como *gêneros*. Assim, um dos critérios que determinariam em Isócrates as diferenças entre modalidades discursivas distintas é o ambiente em que cada uma efetivamente se realiza. No caso do primeiro parágrafo do *Antídose*, percebemos que o autor tem muito clara a noção daquele que é o discurso próprio do tribunal (âmbito judiciário – πρὸς τοὺς ἀγῶνας), e daquele próprio da exibição oratória (âmbito epidítico – πρὸς τὰς ἐπιδείξεις). Ele os distingue para que não sejam confundidos com seu complexo discurso que ora se inicia – para que ele não pareça ἄτοπος a seus ouvintes-leitores.

Ao compreendermos, portanto, a complexidade do *Antídose*, não só por simular⁷⁹ modalidades discursivas distintas, mas também por mesclá-las, cabe verificar como Isócrates faz uso desses expedientes em discursos anteriores. Não só no *Antídose*, como em boa parte de sua obra, a ausência de unidade no discurso não constitui um problema para o autor. Ele recorre com naturalidade – e por vezes por necessidade – a uma mistura de gêneros em um mesmo discurso, como, por exemplo, no *Elogio de Helena* e no *Busíris*: em ambos os proêmios, Isócrates dá uma tônica declaradamente invectiva, para depois tecer um encômio, no primeiro caso para a mítica Helena, e, no segundo, para o rei egípcio Busíris. A invectiva que prefacia ambos os discursos tem por finalidade justificar a composição de um novo encômio, contestando a maneira como outros discursos sobre o mesmo tema foram mal compostos por seus autores;

⁷⁹ Cf. Introdução e *Antídose* 13.

dessa maneira, Isócrates tem a oportunidade de superá-los, compondo, após o proêmio, um encômio de fato em tom de réplica.

No *Elogio de Helena* (§14), conforme já citado na Introdução, encontramos uma crítica alusiva ao famoso discurso homônimo de Górgias⁸⁰, pois, tentando elogiá-la, o sofista acabou por fazer, segundo Isócrates, uma “apologia” de Helena⁸¹. Nesse sentido, o autor faz uma importante reflexão *metadiscursiva* sobre como o gênero encomiástico não fora propriamente empregado por Górgias. Ademais, encontramos também naquele mesmo proêmio isocrático (§12) invectivas a sofistas que compõe os chamados “encômios paradoxais”, pois tratam de temas banais, de maneira inferior àqueles que discorrem sobre temas grandiosos, como é o caso de quem escolhe tecer um elogio em nome de Helena.

No *Busíris*, por sua vez, as críticas são direcionadas a Polícrates, sofista ateniense que também havia composto outro encômio ao mítico rei egípcio. Ele teria, de acordo com Isócrates, utilizado péssimos argumentos, de modo que seu discurso não se fez consistente:

4. Αἰσθόμενος οὖν οὐχ ἤκιστα σε μεγαλαυχούμενον ἐπὶ τε τῆ Βουσίριδος ἀπολογία καὶ τῆ Σωκράτους κατηγορία, πειράσομαί σοι ποιῆσαι καταφανές ὅτι πολὺ τοῦ δέοντος ἐν ἀμφοτέροις τοῖς λόγοις διήμαρτες. [...]

4. Então, por ter percebido que tu estás um tanto orgulhoso de tua *Defesa de Busíris* e de tua *Acusação de Sócrates*, tentarei te esclarecer que, em ambos os discursos, tu te equívocaste mais do que o necessário. [...]

5. [...] Βουσίριδος ἀπολογήσασθαι φάσκων οὐχ ὅπως τῆς ὑπαρχούσης αὐτὸν διαβολῆς ἀπήλλαξας, ἀλλὰ καὶ τηλικαύτην αὐτῷ τὸ μέγεθος παρανομίαν προσῆψας, ἧς οὐκ ἔσθ' ὅπως ἂν τις δεινοτέραν ἐξευρεῖν δυνηθείη. [...]

5. [...] ao afirmar que defendes Busíris, tu não apenas não o libertas da calúnia inicialmente existente, como também atribuis a ele um delito tão grande que não seria possível a ninguém descobrir algo pior. [...]

⁸⁰ Cf. nota 26.

⁸¹ Cf. o uso de ἀπολογήσασθαι no *Elogio de Helena* 8, de Górgias.

Nota-se, portanto, o modo como dois modelos discursivos são utilizados num mesmo discurso: em primeiro lugar, uma invectiva no próêmio, e, posteriormente, um encômio em si no restante do discurso. Nesse sentido, é razoável considerarmos que o autor não julgue problemática essa pluralidade genérica, uma vez que a prática – e a justifica – em mais de uma de suas obras⁸². A *ἐπίδειξις* de Isócrates, portanto, é construída nestes dois níveis discursivos: é preciso (i) criticar o modo como outros discursos que tratam sobre o mesmo assunto foram compostos, demonstrando sua ineficiência, para, em seguida, (ii) oferecer a sua própria versão, a fim de que esta, por sua vez, possa superar as dos demais. O autor encerra o próêmio do *Busiris* desta maneira:

9. Ἴνα δὲ μὴ δοκῶ⁸³ τὸ προχειρότατον ποιεῖν, ἐπιλαμβάνεσθαι τῶν εἰρημένων μηδὲν ἐνδεικνύς τῶν ἐμαυτοῦ, πειράσομαί σοι διὰ βραχέων δηλῶσαι περὶ τὴν αὐτὴν ὑπόθεσιν, καίπερ οὐ σπουδαίαν οὔσαν οὐδὲ σεμνοῦς λόγους ἔχουσαν, ἐξ ὧν ἔδει καὶ τὸν ἔπαινον καὶ τὴν ἀπολογία πειήσασθαι.

9. Para que não pareça que eu faço o mais cômodo – i.e., criticar o que disseste sem mostrar a minha própria versão – tentarei fazer para ti uma demonstração, por intermédio de um breve discurso, a respeito do mesmo tema, ainda que ele não seja elevado nem tenha argumentos esplêndidos, a partir dos quais era necessário que procedesses tanto no elogio como na defesa.

No caso do discurso *Antídose*, por sua vez, o autor discorre explicitamente sobre a multiplicidade de gêneros ao final do primeiro próêmio. Por se tratar de uma obra em que ele tratará de diversos assuntos, Isócrates justifica a possibilidade de uma mescla de gêneros no texto que ora está começando a compor:

⁸² Apesar de na Introdução termos compreendido que as categorias aristotélicas são limitadoras para a compreensão da prática discursiva isocrática, precisaremos, por vezes, recorrer a algumas dessas categorias para nomear partes de seus discursos, como nesse caso dos subgêneros do epidítico: elogio (também pensado aqui como “encômio”) e invectiva. Não haveria problema em utilizar categorias mais familiares e canônicas para compreendermos separadamente certas partes do texto de Isócrates ou mesmo de outros autores. A questão apontada anteriormente diz respeito tão somente ao equívoco em categorizar cada discurso de Isócrates como um todo, i.e., afirmar que o *Antídose* é judiciário, ou que o *Elogio de Helena* é epidítico, por exemplo. Essas generalizações, como vimos, certamente não dariam conta da complexidade dos discursos do autor.

⁸³ Cf. o uso da mesma fórmula no *Elogio de Helena* 15, momento em que Isócrates transita, também no fim do próêmio, da invectiva para o encômio.

12. Χρῆ δὲ τοὺς διεξιόντας αὐτὸν πρῶτον μὲν ὡς ὄντος **μικτοῦ τοῦ λόγου** καὶ πρὸς ἀπάσας τὰς ὑποθέσεις ταύτας γεγραμμένου ποιεῖσθαι τὴν ἀκρόασιν, ἔπειτα προσέχειν τὸν νοῦν ἔτι μᾶλλον τοῖς λέγεσθαι μέλλουσιν ἢ τοῖς ἤδη προειρημένοις, [...]

12. Aos que vão examinar este discurso, é necessário estarem atentos, antes de tudo, ao fato de que ele é escrito como um *discurso misto* e aberto a todos os temas, e, então, concentrarem-se mais no que será dito do que em minhas antigas palavras. [...]

De fato, conforme elencado na divisão das partes do discurso (cf. Apresentação), o *Antídose* contém *invectivas* aos sofistas, *elogios* como forma de *defesa* de sua *paideia* e de um de seus alunos (Timóteo), descrições de aspectos de seu pensamento que levam a um debate sobre sua “filosofia”, acontecimentos daquele momento *histórico* de Atenas, dentre outros temas. O uso da expressão *μικτοῦ τοῦ λόγου* explicita e sintetiza, portanto, a forma como Isócrates concebe a complexa composição de seu atual discurso. τὰς ὑποθέσεις, aqui traduzido por “temas”, podem se referir ainda às possibilidades abertas aos gêneros que, porventura, venham a ser utilizados pelo autor. Assim, encontramos, no fim do primeiro proêmio do *Antídose*, talvez a principal reflexão *metadiscursiva* dirigida a seu “ouvinte-leitor”: a fim de que tal discurso não lhe cause estranheza (ἄτοπος – §1), ele define sua obra como mista (§12), fator preponderante para explicar a idiossincrasia de sua atual composição.

Além disso, a declaração de Isócrates nesse último passo não somente serve como advertência para que seu “ouvinte-leitor” esteja preparado para o discurso que se segue, mas demonstra também a evidente intenção do autor em criar um novo modelo discursivo, um *gênero misto*, diferente daqueles já conhecidos por seus contemporâneos. Em seu livro *Studi su Isocrate*, Roberto Nicolai aborda essa questão destacando justamente a inventividade de Isócrates ao compor esse novo gênero de discurso no *Antídose*⁸⁴:

“Isocrate non può o non vuole identificare il genere delle sue opere più acclamate con nessuno dei generi di prosa praticati al suo tempo. Vuole invece presentarsi come un innovatore, che ha creato un nuovo genere e ne ha definito le funzioni e il codice.”

⁸⁴ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 41, 56-7.

“L’esplicita definizione dell’*Antidosi* come discorso misto ci conferma che Isocrate era perfettamente consapevole di compiere un’operazione letteraria innovativa e sperimentale, che aveva un codice differente da quello dei generi tradizionali di prosa.”

Não devemos supor, todavia, que a mistura de modalidades discursivas no *Antídose* constitua necessariamente uma dificuldade para sua compreensão. Ao contrário, o uso desse expediente retórico em Isócrates seguramente nos auxilia a entender melhor seu método de composição, visto que seu discurso pode possuir múltiplas funções e finalidades. Sob esse viés, notaremos que não há apenas um tema central no *Antídose*, bem como em muitas outras obras do autor, mas diversos temas para diferentes fins. O autor, portanto, atribui o adjetivo μικτός ao discurso para justificar precisamente seu problema inicial: tratar de tantos assuntos que necessitam ser explanados, para que ele possa, de múltiplas maneiras, se defender daquela acusação de Lisímaco e legitimar sua *paideia*. Por conseguinte, o termo não somente possui a função de, ao final do primeiro proêmio, definir a natureza mista do discurso *Antídose*, mas principalmente a de lhe conferir certa unidade no plano discursivo geral: i.e., ao mesmo tempo em que a obra é variegada temática e genericamente, sua concatenação das partes, regida por um modelo formal de um discurso judiciário de defesa, lhe garante sua unicidade. Segundo Terry Pappilon⁸⁵:

“We can approach the tension of multiple goals and the resulting difficulties through an analysis of *miktos* and related words, for these words will shed light on both the “mixed” nature of the speech and its unity. In the word *miktos* we see the composite nature of the *Antidosis*, but also a hint at the attempt to unify it, for the sense of *miktos* joins the ideas of mixture and union.”

Vale salientar, aliás, que o adjetivo μικτός deriva do verbo μίγνυμι (ou μείγνυμι), o qual pode justamente ter como acepção (i) “misturar, mexer” como também (ii) “unir, juntar”⁸⁶. Ademais, no *Antídose* não é a primeira vez em que Isócrates utiliza termos com a raiz μικ-/μίγ- para se referir à mesma ideia de composição discursiva mista. Numa das passagens mais citadas e comentadas do discurso *Contra os Sofistas* (§§16-7), por exemplo, encontramos precisamente o verbo μείγνυμι para descrever um

⁸⁵ PAPPILLON, Terry, 1997, p. 50.

⁸⁶ LIDDELL & SCOTT. *Greek-English Lexicon*. 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

dos preceitos que o aluno deve aprender para se tornar um bom orador e compositor de discursos:

16. [...] ἐφ' ἐκάστῳ τῶν πραγμάτων ἃς δεῖ προελέσθαι καὶ **μείξασθαι** πρὸς ἀλλήλας καὶ τάξασθαι κατὰ τρόπον, ἔτι δὲ τῶν καιρῶν μὴ διαμαρτεῖν ἀλλὰ καὶ τοῖς ἐνθυμήμασι πρεπόντως ὅλον τὸν λόγον καταποικίλαι καὶ τοῖς ὀνόμασιν εὐρύθμως καὶ μουσικῶς εἰπεῖν, 17. ταῦτα δὲ πολλῆς ἐπιμελείας δεῖσθαι καὶ ψυχῆς ἀνδρικήας καὶ δοξαστικῆς ἔργον εἶναι. [...]

16. [...] dentre cada um dos assuntos, é necessário escolher as formas⁸⁷ devidas, *misturá-las* umas às outras e ordená-las sob um determinado critério, e, ainda, não se equivocar quanto às situações oportunas para usá-las, como também ornar convenientemente todo o discurso por meio de raciocínios e proferi-lo melodicamente com palavras bem ritmadas; 17. são essas as coisas que precisam de muito cuidado e que são trabalho para alma viril e opinativa. [...]

É importante ressaltar que aqui Isócrates faz uma das reflexões *metadiscursivas* mais centrais de toda a sua obra. Ao discorrer sobre algumas das tarefas primordiais para que um aluno atinja certa excelência em sua prática discursiva, o autor está, em outras palavras, abordando alguns dos preceitos canônicos que posteriormente serão conhecidos como “partes da retórica”: em latim, (i) *inventio*, (ii) *dispositio*, (iii) *elocutio*, (iv) *memoria* e (v) *actio* (ou *pronuntiatio*)⁸⁸. Nesse sentido, “escolher” (προελέσθαι) refere-se à inventividade do orador (i); “misturar” (μείξασθαι) e “ordenar” (τάξασθαι), à disposição das partes do discurso (ii); “ornar” (καταποικίλαι), aos modos de elocução e uso de figuras retóricas (iii); e “proferir” (εἰπεῖν), ao ato discursivo em si, posto em prática declamatória (v). Novamente, seguindo o mesmo raciocínio feito na discussão sobre os gêneros retóricos, apesar de Isócrates não operar aqui com definições de forma rígida nem taxonômica sobre “partes da retórica”, ele distingue claramente alguns dos deveres principais a que um aluno deve se submeter para aprender plenamente o uso do λόγος junto a seu professor. Por essa razão, proposições isocráticas como a do *Contra os Sofistas* 16 já nos anunciam futuros postulados teóricos e doutrinas de toda uma tradição retórica posterior.

⁸⁷ “Formas” aqui retoma as “ἰδεῶν” do início do §16. No segundo capítulo, discutiremos detalhadamente a semântica do termo presente nessa passagem.

⁸⁸ Cf. *Retórica a Herênio* I, 3, 1.

Compreendidas, portanto, tais questões sobre o caráter misto e complexo do *Antídose*, voltemos ao início do discurso. Dos §§2 a 5, por sua vez, Isócrates começa a construir a imagem de seu *ēthos* perante sua audiência, contrapondo-o, ao mesmo tempo, aos de seu acusador e seus pares. Vejamos como isso se inicia nos §§2 e 3:

2. Ἐγὼ γὰρ εἰδὼς ἐνίους τῶν σοφιστῶν βλασφημοῦντας περὶ τῆς ἐμῆς διατριβῆς καὶ λέγοντας ὡς ἔστιν περὶ δικογραφίαν, καὶ παραπλήσιον ποιοῦντας ὥσπερ ἂν εἴ τις Φειδίαν τὸν τὸ τῆς Ἀθηνᾶς ἔδος ἐργασάμενον τολμῶη καλεῖν κοροπλάθον, ἢ Ζεῦξιν καὶ Παρράσιον τὴν αὐτὴν ἔχειν φαίη τέχνην τοῖς τὰ πινάκια γράφουσιν, ὅμως οὐδὲ πώποτε τὴν μικρολογίαν ταύτην ἡμυνάμην αὐτῶν, 3. ἠγούμενος τὰς μὲν ἐκείνων φλυαρίας οὐδεμίαν δύναμιν ἔχειν, αὐτὸς δὲ πᾶσι τοῦτο πεποιηκέναι φανερόν, ὅτι προήρημαι καὶ λέγειν καὶ γράφειν οὐ περὶ τῶν ἰδίων συμβολαίων, ἀλλ' ὑπὲρ τηλικούτων τὸ μέγεθος καὶ τοιούτων πραγμάτων, ὑπὲρ ὧν οὐδεὶς ἂν ἄλλος ἐπιχειρήσειεν πλὴν τῶν ἐμοὶ πεπλησιακότων ἢ τῶν τούτους μιμεῖσθαι βουλομένων.

2. Sei que alguns sofistas difamam sobre minha ocupação, e dizem que se trata de prática logográfica. Eles fazem algo semelhante a alguém que ousasse chamar Fídias, o escultor da estátua de Atena, de “fabricante de bonecas”, ou que dissesse que Zêuxis e Parrásio possuem a mesma técnica dos que pintam em tabuinhas. Eu, todavia, nunca me defendi da mesquinhez desses homens, 3. acreditando que suas tolices não têm poder algum, e deixando evidente a todos que escolhi falar e escrever não sobre assuntos privados, mas em nome de assuntos de tamanha grandeza que nenhum outro intentaria, exceto os que têm sido meus discípulos ou aqueles que desejam imitá-los.

A comparação estabelecida no segundo parágrafo é muito aguda. Segundo o autor, qualificar Fídias, o escultor da estátua de Atena, como um mero “fabricante de bonecas”, bem como Zêuxis e Parássio, famosos pintores, como quem pinta em pedaços de madeira, seria o mesmo que chamá-lo de logógrafo. Em outras palavras, homens em princípio detentores de grandes habilidades seriam considerados, segundo os sofistas que Isócrates critica, como artistas de pouca estima, que exercitam suas técnicas em trabalhos de pouco valor (discursos judiciários, esculturas de bonecas e pequenas pinturas em madeira, respectivamente).

A logografia, prática comum nos séculos V e IV a.C. em Atenas, consistia em uma função mais ou menos semelhante àquela que hoje exerce um advogado. Quando um litigante não estava convicto de sua habilidade para elaborar um discurso a ser proferido no tribunal, poderia contratar os serviços de um logógrafo, um escritor especializado em discursos para querelas privadas, o qual compunha assim defesas ou acusações⁸⁹. Tal prática oratória, todavia, parece ter sido muito pouco estimada tanto por Isócrates como pelos sofistas que o criticam, visto que a δικογραφία (§2), ou logografia, não possuía o mesmo nível de refinamento estilístico de composição como em outras modalidades discursivas existentes na época⁹⁰. Vale lembrar que a crítica isocrática à logografia também se estenderá a uma questão ética, a partir do segundo proêmio do discurso *Antídose*.

Será justamente, pois, este o cerne das acusações que Isócrates recebe da parte de Lisímaco: atuar profissionalmente como logógrafo (e ensinar a seus discípulos esse tipo de discurso). No entanto, o autor negará insistentemente o fato em diversas passagens do *Antídose*, do mesmo modo como também negara ao longo de boa parte de sua obra⁹¹. Todavia, aventa-se aqui um novo problema. Por que Isócrates nega tão categoricamente que jamais compusera discursos judiciários e que não está habituado a frequentar o ambiente forense, se encontramos em sua obra seis discursos forenses⁹²? Ao menos duas hipóteses podem ser levantadas: (i) como tais discursos teriam sido compostos antes de sua carreira como educador (390 a. C.), agora pareceria vergonhoso assumir que antes fora logógrafo, dificultando assim a construção do *ēthos* de um professor comprometido com conselhos para a *pólis* e com a educação moral ateniense; ou, ao contrário, (ii) tais discursos são aparentemente compostos com finalidade forense, mas em todos eles poderíamos encontrar elementos que apontariam para um exercício oratório próprio do ambiente epidítico, em que Isócrates, assim como faz no *Antídose*, mesclaria elementos de outras modalidades discursivas, a fim de ensinar tal versatilidade para seus discípulos⁹³.

⁸⁹ Cf. KENNEDY, George, 1994, p. 16.

⁹⁰ Além da crítica à logografia presente nos §§30-45 do *Antídose*, cf. *Panatenaico* 1-2 e *Panegírico* 11.

⁹¹ Cf., por exemplo, no caso do *Antídose*, o trecho entre os §§30-45, quando Isócrates compara sua prática discursiva com a dos logógrafos, e demonstra como sempre preferiu ao longo de sua carreira a primeira em detrimento da segunda.

⁹² Conforme indicado na Introdução, os discursos 16 – *Sobre a Biga de Cavalos*, 17 – *Trapezítico*, 18 – *Acusação Contra Calímaco*, 19 – *Eginético*, 20 – *Contra Lóquites* e 21 – *Contra Eutino*.

⁹³ Cf. PAPPILLON, Terry. “Isocrates”, p. 59. In: WORTHINGTON, Ian, 2010.

Seja a primeira hipótese verdadeira, seja a segunda, devemos ter muita precaução para debater a fundo tal questão e verificar se tais discursos são de fato judiciários ou demonstrativos. Conforme já mencionado, rotular os discursos isocráticos é uma tarefa arriscada, e, ainda que os rotulemos, tais definições quase sempre são parciais e insuficientes para que compreendamos a idiosincrasia de sua prática discursiva. Independentemente de acreditarmos ou não no autor quando ele nos afirma que jamais compusera discursos para o tribunal, cabe, antes disso, verificar como a discussão sobre suas próprias práticas discursivas são postas *metadiscursivamente* em suas obras, sobretudo naquela que é mais longa, complexa e autobiográfica: o discurso *Antídose*. A discussão sobre os discursos judiciários de Isócrates será retomada na segunda parte deste capítulo, na análise do segundo proêmio.

No §8, por sua vez, deparamo-nos finalmente com considerações do autor que podem esclarecer melhor a distinção feita no primeiro parágrafo entre discursos próprios do âmbito judiciário e do âmbito epidítico. Após expor ao leitor diversas razões que o levaram a compor o discurso (§§6 e 7), Isócrates revela algumas das dificuldades que encontrou para escrevê-lo: como tecer um *elogio* (ἐπαινεῖν) não seria suficiente para suas pretensões, a melhor opção seria, portanto, compor uma *defesa* (ἀπολογία):

8. Εἰ μὲν οὖν ἐπαινεῖν ἑμαυτὸν ἐπιχειροῖην, ἐώρων οὔτε περιλαβεῖν ἅπαντα περὶ ὧν διελθεῖν προηρούμην οἷός τε γενησόμενος, οὔτ' ἐπιχαρίτως οὐδ' ἀνεπιφθόνως εἰπεῖν περὶ αὐτῶν δυνησόμενος· εἰ δ' ὑποθεῖμην ἀγῶνα μὲν καὶ κίνδυνόν τινα περὶ ἐμὲ γιγνόμενον, συκοφάντην δ' ὄντα τὸν γεγραμμένον καὶ τὸν πράγματά μοι παρέχοντα, κάκεῖνον μὲν ταῖς διαβολαῖς χρώμενον ταῖς ἐπὶ τῆς ἀντιδόσεως ῥηθείσας, ἑμαυτὸν δ' ἐν ἀπολογίας σχήματι τοὺς λόγους ποιούμενον, οὕτως ἂν ἐκγενέσθαι μοι μάλιστα διαλεχθῆναι περὶ ἀπάντων ὧν τυγχάνω βουλόμενος.

8. Portanto, eu via que, se eu intentasse tecer um elogio de mim mesmo, não seria capaz de reunir tudo que escolhi expor do início ao fim, nem que poderia falar sobre isso de maneira agradável e sem provocar inveja. Por outro lado, se eu compreendesse que se tratava de uma querela na qual eu corria perigo, que o acusador cujos problemas me causava era um sicofanta, que este se servia de calúnias no processo de troca de bens, ao passo que eu teceria meus argumentos no esquema de uma defesa, vi que, assim, poderia discorrer da melhor maneira possível sobre tudo que desejo.

Apesar do que aqui nos é advertido, Isócrates não procederá precisamente dessa maneira em muitos momentos ao longo do *Antídose*. Em primeiro lugar, o discurso é carregado de elogios a seu modo de vida e a seu trabalho educacional. A própria extensão do discurso pode nos revelar o enorme esforço do autor para reunir efetivamente tudo o que fosse possível expor. Em segundo lugar, é evidente que Isócrates sabe que seus adversários lhe seriam hostis em qualquer hipótese, seja elogiando a si mesmo ou se defendendo, uma vez que reforça o fato ao longo de todo o discurso⁹⁴. Compor o discurso no esquema de uma defesa (ἐν ἀπολογίας σχήματι), por outro lado, seria mais decoroso à ocasião, pois o litígio contra Megacledes, como vimos na Apresentação, transcorreria de fato em um tribunal, e o autor deveria replicar as calúnias proferidas contra ele.

Assim, podemos inferir do oitavo parágrafo importantes considerações a respeito do modelo discursivo adotado por Isócrates para compor o *Antídose*. Em primeiro lugar, vale ressaltar que ele declara categoricamente que, de fato, o esquema formal do discurso é o de uma defesa (ἀπολογία). Em termos estruturais, portanto, poderíamos classificar *a priori* o *Antídose* como um típico discurso judiciário. Percebemos, todavia, que esta defesa se realiza por meio do exercício oratório de Isócrates em se auto-elogiar, elogiar seu modelo educacional e aqueles que o estudam e são seus discípulos, citar obras passadas com o intuito de legitimar sua *paideia*, dentre outras características.

Entende-se, pois, que o discurso se situa numa fronteira entre o judiciário e o epidítico⁹⁵, e, por esta razão, sua idiosincrasia: ele não é semelhante aos discursos que normalmente são proferidos no ambiente forense (πρὸς τοὺς ἀγῶνας), nem no ambiente demonstrativo (πρὸς τὰς ἐπιδείξεις), conforme Isócrates já nos advertira no primeiro parágrafo. Em *Studi su Isocrate*, Roberto Nicolai discute a estrutura formal do *Antídose* do seguinte modo⁹⁶:

⁹⁴ O trecho mais emblemático é uma admoestação de um de seus discípulos (§141-9) que, segundo Isócrates, teria alertado o autor sobre a animosidade que ele provocaria na “audiência” ao “proferir” o discurso *Antídose*.

⁹⁵ O sentido de “epidítico” circunscreve-se neste caso ao sentido mais geral que o termo normalmente possui em Isócrates (i.e., o de uma exibição oratória), uma vez que o autor opera com os termos ἐπαινεῖν e ἀπολογία para se referir ao modelo discursivo adotado para a realização de sua ἐπίδειξις.

⁹⁶ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 98-9.

“L’elaborato proemio dell’*Antidosi* fornisce ai lettori antichi e a noi lettori moderni una chiave di lettura che, a prima vista, appare del tutto esplicita: il discorso è misto (cornice giudiziaria, ragionamenti filosofici e didattici, citazioni), ma nella struttura e considerato nel suo complesso è un’apologia fittizia. Isocrate dichiara anche chiaramente che cosa il suo discorso non è: l’*Antidosi* non è né un’orazione giudiziaria né un encomio di se stesso. [...] Infatti nella sua più intima natura il discorso è un **autoencomio scritto in forma di orazione giudiziaria.**”

Em seguida, no décimo parágrafo, o autor passa a elencar uma pequena relação de modalidades discursivas praticadas por ele em alguns de seus discursos publicados no passado:

10. Ἔστιν γὰρ τῶν γεγραμμένων ἕνια μὲν ἐν δικαστηρίῳ πρέποντα ῥηθῆναι, τὰ δὲ πρὸς μὲν τοὺς τοιοῦτους ἀγῶνας οὐχ ἀρμόττοντα, περὶ δὲ φιλοσοφίας πεπαρησιασμένα καὶ δεδηλωκότα τὴν δύναμιν αὐτῆς· ἔστιν δὲ τι καὶ τοιοῦτον, ὃ τῶν νεωτέρων τοῖς ἐπὶ τὰ μαθήματα καὶ τὴν παιδείαν ὀρμῶσιν ἀκούσασιν ἂν συνενέγκοι, πολλὰ δὲ καὶ τῶν ὑπ’ ἐμοῦ πάλαι γεγραμμένων ἐγκαταμεμιγμένα τοῖς νῦν λεγομένοις, οὐκ ἀλόγως οὐδ’ ἀκαίρως, ἀλλὰ προσηκόντως τοῖς ὑποκειμένοις.

10. Dos meus escritos, há alguns que são apropriados para serem proferidos no tribunal, e outros que não se conjugam em querelas desse tipo, mas que falam com liberdade sobre filosofia e evidenciam seu poder. Há também outro escrito que seria útil aos jovens que, ao ouvirem-no, procuram por meus ensinamentos e minha educação. Ademais, muitos dos meus antigos escritos encontram-se inseridos no presente discurso, e essa mescla não é insensata nem inoportuna, mas conveniente ao assunto atual.

A primeira categoria de discursos arrolada refere-se sem dúvida àqueles que muitos estudiosos⁹⁷ consideram como os primeiros discursos isocráticos antes da publicação de *Contra os Sofistas*, discurso inaugural de sua escola de oratória, situado por volta de 390 a. C. Como há pouco referido, Isócrates teria atuado como logógrafo antes abrir tal escola e, a partir de então, se dedicado a sua *paideia* filosófica. Todavia, não fica claro, ao menos nessa passagem, se tais discursos forenses foram de fato compostos nesse eventual “período logográfico”, ou se simplesmente são fictícios com

⁹⁷ A atividade logográfica do autor já nos é reportada desde os testemunhos antigos, como em Plutarco (*A vida dos Dez Oradores, Isócrates*) e em Dionísio de Halicarnasso (*Moralia, Isócrates*), nos primeiros parágrafos dessas respectivas obras.

finalidade epidítica, como o próprio *Antídose*, podendo ter sido compostos, portanto, em qualquer momento de sua carreira como educador.

A segunda categoria, por sua vez, refere-se à grande parte dos discursos de seu período enquanto educador. Podemos compreender aqui discursos como o *Elogio de Helena* e o *Busíris*, enquanto elogios dirigidos a personalidades míticas, bem como discursos que se configuram como elogio a Atenas e à Grécia e como exortações com fins deliberativos em âmbito político, como o *Panegírico*, o *Sobre a Paz* e o *Panatenaico*, dentre outros. No entanto, o discurso *standard* de Isócrates que mais fala com liberdade sobre sua filosofia (περὶ δὲ φιλοσοφίας πεπαρησιασμένα) é, sem dúvida, uma clara referência ao *Contra os Sofistas*. Este discurso é precisamente aquele que pode ser “útil aos jovens que, ao ouvirem-no, procuram por meus ensinamentos e minha educação” (ἔστι δέ τι καὶ τοιοῦτον ὃ τῶν νεωτέρων τοῖς ἐπὶ τὰ μαθήματα καὶ τὴν παιδείαν ὀρμῶσιν ἀκούσασιν ἂν συνενέγκοι). O *Contra os Sofistas* é, em síntese, uma espécie de manifesto isocrático contra as práticas sofisticas erísticas⁹⁸ e políticas⁹⁹ de então (390 a.C.). Tais sofistas não estariam preocupados com uma orientação moral correta para que os jovens atenienses atuassem idoneamente nas instituições democráticas, como o conselho e a assembleia. Em lugar desses sofistas, Isócrates surgiria, então, como um novo educador para a *pólis*, exortando tais jovens a uma educação oratória voltada para a prática política e, sobretudo, para uma *paideia* preocupada com a educação moral desses futuros cidadãos. No penúltimo parágrafo do *Contra os Sofistas*, o autor conclui seu discurso discorrendo a respeito da principal finalidade de sua atividade educacional da seguinte maneira:

21. Καίτοι τοὺς βουλομένους πειθαρχεῖν τοῖς ὑπὸ τῆς φιλοσοφίας ταύτης προσταττομένοις πολὺ ἂν θᾶπτον πρὸς ἐπιείκειαν ἢ πρὸς ῥητορείαν ὠφελήσειεν. Καὶ μηδεὶς οἰέσθω με λέγειν ὡς ἔστιν δικαιοσύνη διδακτόν· ὅλως μὲν γὰρ οὐδεμίαν ἡγοῦμαι τοιαύτην εἶναι τέχνην, ἥτις τοῖς κακῶς πεφυκόσιν πρὸς ἀρετὴν σωφροσύνην ἂν καὶ δικαιοσύνην ἐμπούησειεν· οὐ μὴν ἀλλὰ συμπαρακελεύεσθαι γε καὶ συνασκήσαι μάλιστα' ἂν οἶμαι τὴν τῶν λόγων τῶν πολιτικῶν ἐπιμέλειαν.

⁹⁸ *Contra os Sofistas* 1-8.

⁹⁹ *Contra os Sofistas* 9-15.

21. Ademais, os que anseiam por obedecer aos preceitos desta filosofia tirariam proveito muito mais rapidamente com relação à idoneidade do que com relação à eloquência. E que ninguém pense que eu afirmaria que a justiça pode ser ensinada! Pois considero em absoluto que não há nenhuma arte tal que poderia ser capaz de infundir temperança e justiça nos que são naturalmente vis com relação à virtude. Penso, porém, que o zelo pelos discursos cívicos poderia, sobretudo, instruí-los e ampará-los.

Nessa obra, Isócrates não se dispõe a ensinar somente uma correta prática de discursos, em resposta aos sofistas que ensinam os “discursos políticos” (§§9-14), mas, sobretudo, a aprimorar moralmente o discípulo, em resposta aos sofistas erísticos (§§1-8). No parágrafo citado, ele contrasta os termos ἐπιείκεια (idoneidade) e ῥητορεία (eloquência) a fim de demonstrar que sua *paideia* está antes preocupada com a moral envolvida na prática oratória do que em seus aspectos estritamente técnicos¹⁰⁰.

Finalmente, a terceira categoria de discursos referida, no décimo parágrafo do *Antídose*, como “antigos escritos que se encontram inseridos no presente discurso” é composta, respectivamente, pelo *Panegírico*, o *Sobre a Paz*, o *Para Nícoles* e o próprio *Contra os Sofistas*, os quais Isócrates citará e discutirá a respeito de sua composição mais adiante no discurso¹⁰¹. Já no proêmio, portanto, o autor anuncia mais uma das idiossincrasias do *Antídose*: uma das técnicas argumentativas encontradas para moldar seu *ēthos* e descrever sua carreira será a de citar excertos de algumas de suas obras do passado a fim de refutar as calúnias proferidas por Lisímaco, oferecendo seus próprios discursos como “testemunhas” perante o tribunal. O *Panegírico* (§§57-62) e o *Sobre a Paz* (§§63-66), por exemplo, revelarão como Isócrates esteve sempre preocupado com os rumos que a política externa ateniense tomava, tentando aconselhar os cidadãos a deliberarem em favor daquilo que ele julga melhor e mais útil para a *pólis*. O *Para Nícoles* (§§67-73), por sua vez, demonstrará a maneira como o autor se coloca como educador e conselheiro de Nícoles, o então rei de Salamina, ajudando-o a governar seus súditos com prudência e justiça. A citação e o comentário do *Contra os Sofistas* (§§14-18) se encontram apenas na segunda parte do *Antídose* (§§193-8), quando

¹⁰⁰ ῥητορεία é aqui um termo genérico, o qual se refere às habilidades técnicas da prática oratória de maneira ampla. O termo não deve ser confundido com ῥητορικὴ, possivelmente cunhada por Platão no diálogo *Górgias* (448d9), que diz respeito a uma específica disciplina ensinada pelos sofistas. Cf. COLE, Thomas, 1991, p. 120.

¹⁰¹ As citações e análises desses discursos encontram-se entre os §§52-83 e 194. Isócrates iniciará propriamente sua defesa “perante o tribunal” demonstrando através de seus próprios discursos que sua atividade pedagógica estava realmente preocupada com assuntos sérios e importantes para Atenas, e que sua *paideia* filosófica não corrompia os jovens como Lisímaco acusara. Uma análise mais aprofundada sobre essas citações se dará no terceiro capítulo deste estudo.

Isócrates começa a explicar minuciosamente sua *paideia*. Nesse contexto, ele cita a obra que abre sua carreira de educador em 390 a.C., e que já nos indica os fundamentos de sua educação moral através dos discursos, em detrimento dos ensinamentos dos sofistas erísticos daquele tempo.

Por fim, no §13, o último do primeiro proêmio, o autor novamente assume e reforça a complexa natureza do presente discurso para concluir suas “advertências ao ouvinte-leitor”: o *Antídose* é a simulação (τὴν προσποιουμένην) de uma apologia do âmbito forense:

13. Ἄ μὲν οὖν ἀναγκαῖον ἦν προειπεῖν, ταῦτ' ἐστίν· ἤδη δ' ἀναγιγνώσκετε τὴν ἀπολογίαὶν τὴν προσποιουμένην μὲν περὶ κρίσεως γεγράφθαι, βουλομένην δὲ περὶ ἐμοῦ δηλῶσαι τὴν ἀλήθειαν, καὶ τοὺς μὲν ἀγνοοῦντας εἰδέναι ποιῆσαι, τοὺς δὲ φθονοῦντας ἔτι μᾶλλον ὑπὸ τῆς νόσου ταύτης λυπεῖσθαι· μείζω γὰρ δίκην οὐκ ἂν δυναίμην λαβεῖν παρ' αὐτῶν.

13. O que era necessário prefaciar, portanto, está dito. Lede agora esta defesa que simula um discurso escrito para um litígio: ela pretende evidenciar a verdade a meu respeito e fazer com que os ignorantes a conheçam e os invejosos padeçam ainda mais por essa doença: eu não poderia dar-lhes castigo maior!

Nesse parágrafo, ao final de seu “prefácio” ao *Antídose*, o autor enfim nos revela de maneira mais explícita o caráter fictício da obra que está prestes a compor. Conforme vimos há pouco no §8, a obra se caracteriza em princípio como um discurso judiciário enquanto composição formal, estruturado no esquema de uma defesa (ἐν ἀπολογίας σχήματι). Todavia, apesar dessa definição primária, o *Antídose* possui intenções epidíticas muito claras (demonstrar à “audiência” o *ēthos* de Isócrates, seu comprometimento com questões políticas da Grécia e de Atenas, sua *paideia* oratória voltada para questões morais, dentre outras). Nesse sentido, o hibridismo de sua composição o torna um “discurso misto”, aberto a todos os temas, como vimos no §12 e ao longo desta primeira parte do capítulo. Se considerarmos todos esses fatores,

portanto, podemos de certa maneira definir a natureza genérica do discurso *Antídose* até aqui como a construção de uma “*apologia auto-encomiástica*”¹⁰².

¹⁰² Cf. NICOLAI, Roberto, 2004, p. 98-9.

1.2– As dificuldades de composição do gênero judiciário e a inexperience de Isócrates no ambiente forense (Segundo Proêmio: §§14-28)

Após fazer suas “advertências ao ouvinte-leitor” no primeiro proêmio, bem como as considerações acerca do “gênero misto” no *Antídose*, essenciais para uma melhor compreensão da obra, Isócrates passa a compor um segundo proêmio, a fim de agora discutir sobre algumas das dificuldades enfrentadas para compor um discurso judiciário. Uma vez que o discurso o força a seguir certas diretrizes desse gênero, ainda que ele seja fictício e judiciário apenas enquanto composição formal, o autor encontrará certos obstáculos na composição do *Antídose*, uma vez que, segundo ele, jamais esteve envolvido em qualquer querela privada, nem está habituado a frequentar o ambiente forense.

Além disso, é importante notar que, ao longo do segundo proêmio do *Antídose*, Isócrates busca desqualificar a acusação de Lisímaco bem como seu caráter, apesar dessa repetida inexperience no tribunal e na composição de discursos judiciários. Para tanto, a principal dificuldade enfrentada pelo autor será o fato de ser obrigado a proferir seu discurso perante a audiência depois da acusação de Lisímaco, uma vez que este fizera duros ataques ao caráter de Isócrates e a sua atividade educacional. Segundo o autor, falar em segundo lugar é muito mais difícil do que ser o primeiro a falar num litígio jurídico, sobretudo porque nesse momento o acusador já suscitou na audiência certa indisposição contra aquele que se defende:

17. Δέομαι οὖν ὑμῶν μήτε πιστεύειν πῶ μήτ' ἀπιστεῖν τοῖς εἰρημένοις, πρὶν ἂν διὰ τέλους ἀκούσητε καὶ τὰ παρ' ἡμῶν, ἐνθυμουμένους ὅτι μηδὲν ἂν ἔδει δίδοσθαι τοῖς φεύγουσιν ἀπολογίαν εἴπερ οἷόν τ' ἦν ἐκ τῶν τοῦ διώκοντος λόγων ἐψηφίσθαι τὰ δίκαια. Νῦν δ' εἰ μὲν εὖ τυγχάνει κατηγορηκῶς ἢ κακῶς, οὐδεὶς ἂν τῶν παρόντων ἀγνοήσειεν· εἰ δ' ἀληθέσι κέχρηται τοῖς λόγοις, οὐκέτι τοῦτο τοῖς κρίνουσι γινῶναι ῥάδιον ἐξ ὧν ὁ πρότερος εἴρηκεν, ἀλλ' ἀγαπητὸν ἦν ἐξ ἀμφοτέρων τῶν λόγων ἐκλαβεῖν δυναθῶσιν τὸ δίκαιον.

17. Peço-vos, portanto, que não confieis totalmente nem desconfieis das palavras desse homem sem que antes ouçais também as minhas até o fim, tendo em mente que não haveria necessidade de se conceder aos réus uma oportunidade de defesa se fosse possível sentenciar com justiça a partir exclusivamente dos discursos do acusador. Nesse caso, todavia, nenhum dos presentes poderia saber se Lisímaco fez a acusação de maneira correta ou não. Ainda que ele utilize argumentos verdadeiros, para os juizes não é fácil saber julgar a partir das palavras do primeiro orador, mas seria satisfatório que eles pudessem compreender o que é justo a partir dos discursos de ambas as partes.

Nos parágrafos subsequentes, será importante observar como a crítica a Lisímaco se estende para todos os cidadãos atenienses. Assim como o acusador calunia indevidamente o caráter do autor e seu modelo educacional, a cidade, por sua vez, incorre no erro de não ouvir o acusado com a mesma disposição que demonstrou durante o discurso do acusador. Apesar de Isócrates já ter demonstrado ao longo de sua carreira sua importância para a *pólis* como educador e principalmente como conselheiro político¹⁰³ de Atenas, a cidade, dentro do contexto fictício da obra, parece ignorar a figura pública e histórica do autor, e se deixa levar pelo calor do momento da acusação no tribunal, dando crédito aos ataques de Lisímaco:

20.[...] Καὶ γὰρ αἰσχρὸν ἐπὶ μὲν τῶν ἄλλων πραγμάτων ἐλεημονεστάτους ὁμολογεῖσθαι καὶ προατάτους ἀπάντων εἶναι τῶν Ἑλλήνων, ἐπὶ δὲ τοῖς ἀγῶσι τοῖς ἐνθάδε γιγνομένοις τάναντία τῇ δόξει ταύτῃ φαίνεσθαι πράττοντας· 21. καὶ παρ' ἑτέροις μὲν, ἐπειδὴν περὶ ψυχῆς ἀνθρώπου δικάζωσιν, μέρος τι τῶν ψήφων ὑποβάλλεσθαι τοῖς φεύγουσιν, παρ' ὑμῖν δὲ μηδὲ τῶν ἴσων τυγχάνειν τοὺς κινδυνεύοντας τοῖς συκοφαντοῦσιν, [...] 22. τοσοῦτον δὲ τὸ μεταξὺ ποιεῖν ὥστε τῶν μὲν αἰτιωμένων ὅ τι ἂν λέγωσιν ἀποδέχεσθαι, τῶν δὲ τούτους ἐξελέγχειν πειρωμένων ἐνίοτε μηδὲ τὴν φωνὴν ἀκούοντας ἀνέχεσθαι, [...]

20. [...] é lamentável que sejamos os mais misericordiosos em outros assuntos e os mais amáveis dentre todos os gregos, mas nos mostremos contrariando essa boa fama no âmbito judiciário. 21. Em outros lugares, quando julgam um homem por um crime capital, uma parte dos votos é reservada aos acusados; todavia, entre vós, os que correm perigo não estão em condição de igualdade com os sicofantas. [...] 22. vós agis de modo tão tendencioso a ponto de aceitar o que quer que digam os acusadores, e muitas vezes não tolerais ouvir a voz dos que tentam refutá-los. [...]

¹⁰³ Sobretudo em discursos como o *Panegírico* e o *Sobre a Paz*, até aquele momento (353 a.C.).

Após prosseguir com suas críticas à *pólis*, e à maneira como ela se indispõe contra os acusados nas querelas jurídicas, Isócrates novamente retoma o argumento de que, ao contrário do que Lisímaco afirma em sua acusação, ele jamais esteve envolvido em qualquer litígio por questões particulares:

26. Ἐλπίζει δὲ ῥαδίως τοῦτο ποιήσειν· ὁρᾷ γὰρ ὑμᾶς μὲν λίαν ταχέως ἀποδεχομένους τὰς αἰτίας καὶ τὰς διαβολὰς, ἐμὲ δ' ὑπὲρ αὐτῶν οὐ δυνατὸν ἀξιῶς τῆς δόξης ἀπολογήσασθαι καὶ διὰ τὸ γῆρας καὶ διὰ τὴν ἀπειρίαν τῶν τοιούτων ἀγόνων.

26. Ele espera fazer isso com facilidade, pois vê que vós aceitais as acusações e as calúnias muito rapidamente, e que eu, por outro lado, não poderia me defender delas como seria condizente à minha reputação em virtude de minha velhice e de minha inexperiência em litígios dessa natureza.

Já no segundo e terceiro parágrafos, Isócrates afirmara que jamais se empenhou na composição de discursos judiciários, de assuntos privados, mas que, ao contrário, preferiu compor discursos de maior importância para o bem de Atenas¹⁰⁴. Conforme comentado na primeira parte deste capítulo, um dos maiores problemas nos estudos isocráticos reside na questão de como interpretar tais afirmações, se encontramos em sua obra seis discursos tidos como judiciários¹⁰⁵. Retomemos brevemente aquela discussão.

Os seis discursos judiciários normalmente são classificados pelos editores e tradutores como sendo escritos por um Isócrates jovem, numa eventual carreira logográfica, antes que ele se dedicasse à carreira de professor de oratória e à sua *paideia* a partir de 390 a.C., ano da publicação de seu “manifesto panfletário” *Contra os Sofistas*¹⁰⁶. Nesse sentido, com que intuito o autor, agora aos oitenta e dois anos de idade no *Antídose*, estaria se negando a admitir que já compusera discursos para fins judiciários? Ou, ao contrário, devemos confiar em Isócrates quando ele nos declara sua inexperiência nos assuntos forenses, e, conseqüentemente, considerar que tais discursos podem ter finalidade epidítica e serem modelares para seus alunos?

¹⁰⁴ Cf. *Panatenaico* 1-2, em que o mesmo argumento é retomado.

¹⁰⁵ Cf. nota 46.

¹⁰⁶ KENNEDY, George, 1994, p. 43.

Se levarmos em conta o segundo questionamento, podemos supor que os seis discursos, assim como o *Antídose*, são formalmente judiciários, pois eles em princípio constituem defesas ou acusações, mas encontraremos neles outras modalidades discursivas mescladas. Terry Papillon sugere que¹⁰⁷:

“No one thinks that Isocrates presented the *Antidosis* in a court for a real case; must we think that Isocrates wrote the six speeches for actual clients? Though he speaks ill of law court speeches, teaching it may have been part of his early career [...]”

Seguindo o mesmo expediente retórico do *Antídose*, Isócrates pode ter composto seus seis discursos judiciários como espécies de ficções literárias, i.e., discursos modelares para imitação de seus alunos, e também como meio de propaganda para futuros discípulos. Nesse sentido, portanto, tais discursos seriam, de certo modo, “predecessores” do *Antídose*, os quais já demonstrariam uma marcada peculiaridade na natureza complexa e mista de tal modalidade discursiva em Isócrates.

Todavia, o primeiro questionamento levantado pode nos apontar para uma leitura do caso que mais nos interessa neste estudo. A recusa de Isócrates com relação ao gênero judiciário se deve à necessidade de construir seu próprio *ēthos* perante os fictícios juízes e sua real “audiência” de leitores. Desse modo, o que nos interessa de fato não é se o autor realmente foi ou não logógrafo em sua juventude, mas perceber o efeito retórico que essa recusa gera em sua argumentação ao longo do *Antídose*. Ao declarar e reforçar que jamais compusera discursos para o tribunal e que não está habituado a frequentar aquele ambiente, o autor sem dúvida assegura para si a prerrogativa que lhe permite criticar seus adversários com maior propriedade, uma vez que não pareceria contradição vituperar uma prática à qual ele afirma jamais ter se dedicado.

¹⁰⁷ PAPHILLON, Terry. “Isocrates”, p. 59. In: WORTHINGTON, Ian, 2010.

Assim como no primeiro proêmio do *Antídose*, portanto, encontramos no segundo novas advertências de Isócrates para seus “ouvintes-leitores”. Segundo Robert Bonner, tais advertências constituem uma série de τόποι próprios do discurso judiciário¹⁰⁸:

“After a general introduction setting forth the character of the composition which is conceived of as a sort of preface to the real defense there is a proemium (13-28) in which many of the τόποι of forensic oratory appear: an appeal for a fair hearing; warnings against forming hasty judgments under impulses of anger; the pernicious activities of sycophants against innocent men; lack of experience in litigation; the jurors' oath.”

Nesse sentido, se a função do primeiro proêmio é prefaciá-lo uma série de advertências que preparem a “audiência” para o discurso que será lido, a do segundo, por sua vez, é apresentar a ela o *ēthos* de seu autor em oposição àquele de logógrafos e sicofantas. De acordo com Yun Lee Too¹⁰⁹:

“Isocrates makes apparent to his audience the sort of person that both he and the prosecutor Lysimachus are. Running down one's opponent in court is an important strategy for discrediting this individual, and for gaining the sympathy of the audience (cf. Rhet. to Alex. 1445a13 ff.). Here it serves the particular function of discrediting the sort of perceptions which originally landed the rhetorician in the antidosis-trial by revealing what the sort of people those who hold them are.”

O apelo para que seja ouvido com a mesma atenção dada ao acusador, bem como sua declarada inexperiência em discursos forenses, por exemplo, permitem que Isócrates possa construir seu *ēthos* em um ambiente, em princípio, hostil contra a sua pessoa. É somente através dessa representação de caráter, portanto, que o autor poderia tentar conquistar a empatia da parte de seus “ouvintes-leitores”, bem como deslegitimar as calúnias proferidas por Lisímaco em sua acusação.

¹⁰⁸ BONNER, Robert, 1920, p. 195.

¹⁰⁹ TOO, Yun Lee, 2008, p. 102.

Capítulo 2

A polissemia do termo ἰδέα em Isócrates

Conforme observamos no primeiro capítulo, atentar-se para parte do vocabulário específico com o qual Isócrates opera em seus discursos é condição elementar para compreendermos as particularidades de suas reflexões *metadiscursivas*. Expressões como μικτός ὁ λόγος e λόγος πολιτικός, por exemplo, possuem importância central para a reflexão e definição de sua atividade pedagógica voltada para a educação cívica e oratória, o que torna, assim, a obra isocrática tão peculiar. Em *Studi su Isocrate*, para introduzir a discussão sobre os gêneros de prosa em Isócrates, Roberto Nicolai assinala o autor como um dos primeiros na Grécia Antiga a realizar reflexões teóricas sobre os gêneros discursivos escritos, além de outros aspectos da prosa, e aponta precisamente para o termo ἰδέα como emblemático para a discussão sobre as escolhas terminológicas empregadas por Isócrates¹¹⁰:

“La riscoperta delle potenzialità e dell’ambiguità dei generi letterari (dove l’ambiguità appare come la potenzialità maggiore) comporta l’esigenza di tornare alla teoria letteraria antica e in particolare proprio a Isocrate, che si colloca all’inizio della riflessione greca sui generi della prosa affidati alla scrittura. Anche la teoria antica presenta ampie aree di ambiguità, che si riflettono puntualmente nelle scelte terminologiche. Per rimanere a Isocrate, è esemplare il caso del termine ἰδέα, che ha creato non poche incertezze agli esegeti.”

No caso do discurso *Antídose*, em especial, encontramos quatro ocorrências desse termo, e, nelas, ao menos três acepções em particular. Como todas essas acepções, apesar de distintas, estão sempre vinculadas a alguma reflexão *metadiscursiva* do autor, uma análise mais atenta sobre suas nuances torna-se indispensável para esta pesquisa. Este capítulo, pois, é dedicado ao estudo da polissemia de ἰδέα no discurso *Antídose*, apoiando-se, ademais, em outros passos do *corpus* isocrático em que o mesmo termo ou o mesmo conceito também ocorrem. Desse modo, poderemos verificar, por meio de

¹¹⁰ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 37.

suas acepções e contextos, a função do termo em cada uma de suas ocorrências presentes nas reflexões *metadiscursivas* de Isócrates que aqui serão discutidas.

Diferentemente da noção que temos hoje da palavra “ideia”, o sentido básico do termo ἰδέα em grego clássico é, geralmente, o de “forma”, “aparência”. Como resultado de um processo de substantivação derivado da mesma raiz do verbo ἰδεῖν (aoristo de ὀράω), i.e., “ver”, ἰδέα, *a priori*, significa “aquilo que é visto”, “algo que pode ser percebido”¹¹¹. Desse modo, não é por acaso que o termo é de fato polissêmico, uma vez que tal abstração do sentido da visão pode assumir diferentes acepções, como “forma”, “figura”, “tipo”, “aspecto”, “parte”, etc. Até o séc. V, encontramos, na poesia e na prosa, apenas ocorrências em sentido concreto (i.e., “forma” física, em geral); todavia, a partir do séc. IV, o termo passa a assumir também nuances abstratas, sobretudo em textos filosóficos, utilizado principalmente como item de classificação “científica”, em acepções como “gênero”, “tipo”, “classe”, etc¹¹².

No *corpus* isocrático, por sua vez, encontram-se dezenove ocorrências do termo. Dessas, apenas seis não nos interessam para o presente estudo¹¹³. Todas as outras treze, por outro lado, estão presentes em reflexões *metadiscursivas*, e podemos enquadrá-las em ao menos quatro diferentes acepções:

- (i) “gênero” de discurso (ou *modalidade discursiva*);
- (ii) *figura* discursiva;
- (iii) *tema* de um discurso; e
- (iv) *elementos* do λόγος (*procedimentos* de composição), de modo genérico, abarcando aqui, basicamente, as três acepções anteriores.

¹¹¹ Cf. os dicionários etimológicos de CHANTRAINE, Pierre, 1999, p. 455, e BEEKES, Robert, 2010, vol. 1, p. 577.

¹¹² Cf. SCHLATTER, Fredric W., 1972, p. 592.

¹¹³ Cf. *Elogio de Helena* 54 e 58 (“características” de Helena); *Nícoles* 30 e 44 (“qualidade”; “condições”); *Para Nícoles* 34 (“qualidades”); e *Panatenaico* 132 (“modos” de governo).

Neste estudo, pois, faremos as análises segundo estas categorias, proposta por Robert G. Sullivan em seu artigo *Eidos/idea in Isocrates* (2001). Discordaremos, no entanto, de sua interpretação em algumas ocorrências, conforme se verificará ao longo do presente capítulo. Wersdörfer, por sua vez, faz uma divisão mais específica, propondo sete acepções distintas para o termo, mas alerta que não devemos esperar clareza e assertividade ao assinalar um significado exato para cada ocorrência de *ἰδέα* em particular¹¹⁴. O uso do termo em Isócrates, mesmo quando ocorre em reflexões *metadiscursivas*, é, em geral, impreciso e genérico, pois ele o utiliza de forma fluida, sem discutir de maneira teórica suas possíveis nuances. De acordo com Roberto Nicolai¹¹⁵:

“...La terminologia impiegata da Isocrate non classifica i fenomeni in relazione a uma scala che procede dal generale al particolare, ma li designa in modo generico, utilizzando lo stesso termine sia per un caso singolo sia per un concetto generale che lo racchiude. Nel caso di *ἰδέα*, per gli usi afferenti alla sfera letteraria, il termine indica la forma di un contenuto o di un procedimento argomentativo o retorico, dal livello delle figure retoriche a quello del genere letterario.”

Por essa razão, podemos no máximo propor possíveis interpretações baseadas tão somente nos *contextos* em que *ἰδέα* ocorre, sem que, contudo, sejamos categóricos em nossas proposições. Passemos, portanto, para a análise das quatro ocorrências do termo no discurso *Antidose*, bem como das demais que também se encontram no restante do *corpus* isocrático.

¹¹⁴ Cf. WERSDÖRFER, H., 1940, p. 53-4 *apud* SCHLATTER, Fredric W., 1972, p. 592.

¹¹⁵ NICOLAI, Roberto, 2004, p. 37-8.

2.1 - *ιδέα como “gênero” ou “modalidade discursiva”*

A primeira ocorrência do termo *ιδέα* no discurso *Antídose* encontra-se nas últimas linhas do primeiro proêmio. No §11, Isócrates explica uma das dificuldades enfrentadas no processo de composição do presente discurso: mesclar muitos de seus antigos trabalhos dentro deste que agora se inicia, a fim de lhe conferir certa unidade discursiva:

11. Τοσοῦτον οὖν μῆκος λόγου συνιδεῖν καὶ τοσαύτας *ιδέας* καὶ τοσοῦτον ἀλλήλων ἀφεστώσας συναρμόσαι καὶ συναγαγεῖν καὶ τὰς ἐπιφερομένας οἰκειῶσαι ταῖς προειρημέναις καὶ πάσας ποιῆσαι σφίσιν αὐταῖς ὁμολογουμένας οὐ πάνυ μικρὸν ἦν ἔργον. Ὅμως δ' οὐκ ἀπέστην, καίπερ τηλικούτος ὢν, πρὶν αὐτὸν ἀπετέλεσα, μετὰ πολλῆς μὲν ἀληθείας εἰρημένον, τὰ δ' ἄλλα τοιοῦτον οἶος ἂν εἶναι δόξῃ τοῖς ἀκρωμένοις.

11. Então, olhar de uma só vez um discurso tão extenso, reunir e conjugar tantas *modalidades discursivas* tão diversas entre si, adaptar o que vem em seguida àquilo que fora dito anteriormente, e fazer tudo convergir entre si não era um trabalho deveras pequeno. Todavia, apesar de velho, não renunciei antes de concluí-lo, proferindo-o com muita sinceridade. Por fim, quanto às outras características do discurso, será a opinião dos ouvintes a julgá-las.

Conforme vimos no primeiro capítulo, Isócrates, no décimo parágrafo, havia listado algumas categorias de seus antigos discursos: (1) discursos judiciários, (2) discursos públicos (epidíticos ou políticos, com destaque para o *Contra os Sofistas*), e (3) discursos que serão citados ao longo do *Antídose* (*Panegírico*, *Para Níocles*, *Sobre a Paz*, além do próprio *Contra os Sofistas*). Logo em seguida, no primeiro período do §11, o autor se vale precisamente do termo *ιδέα* para se referir a tais categorias. Assim, a acepção do termo aqui parecer ser a de “gênero”, “modalidade discursiva”, i.e., aquelas categorias discursivas listadas no parágrafo anterior. Além disso, como também vimos na análise do subsequente §12, Isócrates declara que o leitor deve estar atento ao fato de que o *Antídose* se configura como um “discurso misto” (μικτοῦ τοῦ λόγου). Essa mescla, portanto, explica justamente o resultado de um processo de composição que

sintetiza, no mesmo discurso, as τσσαύτας ιδέαας (judiciário, epidítico, político, etc) do §11. Segundo o comentário de Yun Lee Too a essa passagem em questão¹¹⁶:

“[...] Isocrates speaks about the importance of producing a work which gives the impression of being a literary unity on which cf. 13.16-17 and Plato *Phdr.* 264c2-5. Again, literary vocabulary is not firmly established even in a single author. The noun ιδέα here denotes what we might now term speech ‘genres’ (15.46, 183; 4.7) [...] ιδέα is not to be regarded as a technical term, but as having the general sense of ‘kinds’ [...]”

De fato, as reflexões *metadiscursivas* em Isócrates não operam por meio de um vocabulário técnico da Retórica, o qual posteriormente seria estabelecido pela tradição dessa disciplina, bem como não estão preocupadas em oferecer ao leitor uma visão propriamente teórica sobre a prática discursiva. Ao contrário, algumas delas se realizaram, como é o caso do §11 do *Antídose*, em um proêmio cuja função é tão somente alertar o leitor para as idiossincrasias inerentes ao processo de composição mista do autor. O termo ιδέα aqui, portanto, não possui exatamente uma nuance técnica de “gênero”, mas, em sentido genérico, “forma de discurso” ou “modalidade discursiva”.

Em seu artigo sobre as ιδέαι em Isócrates, Robert Sullivan entende, por outro lado, que o termo no §11 do *Antídose* possui outra acepção¹¹⁷:

“...Isocrates uses the same word [*idea*] to refer to larger, structural, unites of discourses, independent blocks of material that can be worked into a speech. The clearest example of such a usage will be found in *Antidosis*. In his prologue to that discourse, Isocrates complains of the difficulty of the task. ‘Now, to conceive of such a long speech, and to gather and harmonize together so many scattered *forms* (ideas), is not easy’ (11). We might keep in mind what these ‘forms’ are that Isocrates gathers and harmonizes in the *Antidosis*. They are large portions of his other speeches, forty-eight sections of the *Panegyricus*, forty-four sections from two parts (both the proofs and conclusion) of *On the Peace*, twenty-five sections from *To Nicocles*, and four sections of *Against the Sophists*, which he has edited and compiled to act as his ‘witnesses’ in his fictional *apologia*.”

¹¹⁶ TOO, Yun Lee, 2008, p. 101.

¹¹⁷ SULLIVAN, Robert, 2001, p. 86-7.

Ao contrário de Too, Sullivan interpreta a presente ocorrência do termo não como “modalidade discursiva”, mas como “parte” de um discurso. Seu argumento leva em consideração apenas o último item das obras que haviam sido elencadas por Isócrates no §10, i.e., os quatro excertos de discursos que serão citados ao longo do *Antídose* (*Panegírico, Sobre a Paz, Para Níocles e Contra os Sofistas*). De fato, como se trata de longos trechos de antigos discursos isocráticos, Sullivan conclui que as *idéas* no início do §11 se referem diretamente apenas a esses “blocos” de discursos. O crítico, todavia, parece não se atentar às outras categorias listadas anteriormente no §10 (judiciários e políticos), e, principalmente, à definição isocrática do *Antídose* como um *discurso misto* no §12. Por separar o §11 de seu contexto no proêmio, Sullivan parece fazer uma leitura imprecisa e apenas parcial dessa ocorrência de *idéa*, como “excerto”, “bloco”, “parte” de um discurso, e não como modalidade discursiva propriamente¹¹⁸.

A segunda ocorrência do termo no *Antídose* está presente no §46. Após suas considerações iniciais sobre a complexidade do “gênero misto” (judiciário e epidítico) no primeiro proêmio, e a apresentação de seu *ēthos* no segundo, Isócrates passa a tratar de outras questões relativas ao *lóγος*, em meio a sua refutação contra a *γραφή* de Lisímaco¹¹⁹:

45. Πρῶτον μὲν οὖν ἐκεῖνο δεῖ μαθεῖν ὑμᾶς, ὅτι τρόποι τῶν λόγων εἰσὶν οὐκ ἐλάττους ἢ τῶν μετὰ μέτρου ποιημάτων. Οἱ μὲν γὰρ τὰ γένη τὰ τῶν ἡμιθέων ἀναζητοῦντες τὸν βίον τὸν αὐτῶν κατέτριψαν, οἱ δὲ περὶ τοὺς ποιητὰς ἐφιλοσόφησαν, ἕτεροι δὲ τὰς πράξεις τὰς ἐν τοῖς πολέμοις συναγαγεῖν ἐβουλήθησαν, ἄλλοι δὲ τινες περὶ τὰς ἐρωτήσεις καὶ τὰς ἀποκρίσεις γεγόνασιν, οὓς ἀντιλογικοὺς καλοῦσιν. Εἴη δ' ἂν οὐ μικρὸν ἔργον εἰ πάσας τις τὰς *ιδέας* τὰς τῶν λόγων ἐξαριθμεῖν ἐπιχειρήσειεν· ἥς δ' οὖν ἐμοὶ προσήκει, ταύτης μνησθεὶς ἐάσω τὰς ἄλλας. Εἰσὶν γὰρ τινες οἱ τῶν μὲν προειρημένων οὐκ ἀπείρωσ ἔχουσιν, γράφειν δὲ προήρηγται λόγους, οὐ περὶ τῶν ὑμετέρων συμβολαίων, ἀλλ' Ἑλληνικοὺς καὶ πολιτικοὺς καὶ πανηγυρικοὺς, οὓς ἅπαντες ἂν φήσειαν ὁμοιοτέρους εἶναι τοῖς μετὰ μουσικῆς καὶ ρυθμῶν πεποημένοις ἢ τοῖς ἐν δικαστηρίῳ λεγομένοις.

¹¹⁸ Vale mencionar que as principais traduções de Isócrates no séc. XX divergem consideravelmente na escolha da aceção do termo *idéa* nessa passagem. Norlin, Too e Hermida optam por soluções mais neutras ou imprecisas (*varieties of discourse; types of discourse; e ideas*, respectivamente). Mathieu e Marzi, por outro lado, entendem o termo do mesmo modo que Sullivan (*thèmes; e temi*, respectivamente). Cf. NORLIN, George, 1929, vol. II, p. 191; MIRHADY, David, & TOO, Yun Lee, 2000, p. 207; HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 308; MATHIEU, Georges, vol. III, 1942, p. 106; MARZI, Mario, 1991, vol. II, p. 201.

¹¹⁹ Compreendida entre os §§29-51.

45. Antes de tudo, portanto, é necessário que vós compreendais que os *tipos* de discursos não são menos numerosos do que os de poemas metrificados. De fato, os que investigam as linhagens dos semideuses dedicaram-se exaustivamente à vida deles; outros estudaram acerca dos poetas; alguns, ainda, quiseram reunir em discursos as empresas bélicas; e outros, por fim, os chamados *antilógicos*, dedicaram-se à discussão mediante perguntas e respostas. 46. Não seria tarefa pequena se alguém intentasse enumerar todas as *modalidades discursivas*. Então, convém a mim discorrer acerca daquela que me concerne, abdicando das demais. De fato, há alguns autores que, embora não sejam ignorantes nos tipos de discursos há pouco mencionados, preferiram escrever não sobre assuntos particulares, mas *discursos pan-helênicos, voltados ao interesse da pólis, e panegíricos*. Todos diriam que tais discursos são mais semelhantes às composições musicadas e ritmadas do que àquilo que é proferido no tribunal.

O termo *τρόποι* (tipos) no §45 é, sem dúvida, sinônimo de *ιδέας* (formas) no §46. Com ambos os termos, Isócrates está apontando para as diferentes modalidades discursivas a que um compositor de discursos pode recorrer; em outras palavras, os termos se referem a diversos “gêneros” praticados por autores tanto do passado como de seu tempo. Além disso, ao afirmar que tais gêneros da prosa são tão numerosos quanto os da poesia, o autor faz aqui, de certa maneira, uma defesa de sua prática discursiva: as composições em prosa não seriam inferiores às poéticas¹²⁰.

Tal acepção é melhor evidenciada quando, em seguida, Isócrates passa a elencar alguns desses “tipos” de discursos: (1) Vida dos semideuses, (2) Vida dos poetas, (3) “Historiografia”, (4) Antilogia (erística/dialética), (5) Discursos forenses e (6) Discursos cívicos. Ele, todavia, não pretende listar todas essas modalidades discursivas, pois seria um trabalho praticamente impossível (*εἴη δ’ ἄν οὐ μικρὸν ἔργον*)¹²¹. Isócrates, assim, não opera com uma taxonomia fixa e reduzida de “gêneros retóricos”, como tradicionalmente se convencionou a partir de Aristóteles em seu tratado de *Retórica* (judiciário, deliberativo e epidítico – 1358b7-8), mas antes com distinções qualitativas de um ou de outro tipo de discurso, sem propriamente formalizar categorias estanques da prosa de forma teórica, mas tão somente por meio de reflexões *metadiscursivas* dentro de seu próprio discurso. Segundo Yun Lee Too¹²²:

¹²⁰ Cf. *Evágoras* 6-11, em que Isócrates vai além, e eleva a condição de sua prosa em relação à poesia.

¹²¹ A oração é muito semelhante àquela do parágrafo analisado anteriormente, quando o termo *ιδέα* também ocorre: *οὐ πάνυ μικρὸν ἦν ἔργον* (§11).

¹²² TOO, Yun Lee, 1995, p. 20-1.

“[...] Isocrates could not have in mind strict or rigid schema of genre – perhaps like the more theoretical regulation of genre found in Aristotle (specially the *Rhetoric*) and latter writers. This become clear from the presentation of prose categories he lists. We see that at *Antidosis* 45-6 Isocrates states only that there are as many genres of prose as there are types of poetry (*poiēmata*): the list he provides in this chapter is not intended to be exhaustive. Like the forms of poetry, the *ideai logōn*, the phrase which now denotes prose ‘genres’ (also *Antidosis* 183), are virtually innumerable. He has no intention of listing (*exarithmein*) them as this would involve a great labour.”

Como as *idéas* são inumeráveis, Isócrates deixa de lado todas as demais para destacar apenas aquela que lhe interessa; seu “gênero” de prosa é definido em síntese como Ἑλληνικὸς καὶ πολιτικὸς καὶ πανηγυρικὸς. É importante percebermos que não se trata de três modalidades distintas de λόγοι, mas aspectos do discurso cívico isocrático, pois o autor pretende discorrer sobre apenas uma *idéa* que lhe é própria (ταύτης μνησθεῖς). Em primeiro lugar, seus discursos são Ἑλληνικὸς na medida em que tratam de questões pan-helênicas, que, como sabemos, constituem o ideal político isocrático. São também πολιτικὸς porque dizem respeito ao interesse dos cidadãos e da *pólis* ateniense. Por fim, são πανηγυρικὸς pois encontram como ocasião de *performance* uma πανήγυρις. A *idéa* discursiva eleita pelo autor para a composição de seus λόγοι são descritas aqui por meio das três características mais marcantes de sua obra¹²³.

É de suma importância aqui ressaltar que outro passo da obra isocrática muito semelhante ao *Antídose* 45-6 são os dois primeiros parágrafos do discurso *Panatenáico*. Ali, Isócrates arrola algumas modalidades discursivas para demonstrar de quais delas não se utilizou, e posteriormente de qual delas se serviu ao longo de sua vida como professor de oratória em sua escola e como conselheiro de Atenas. Publicado aos noventa e sete anos de idade, um ano antes de sua morte, em 339 a.C., o autor abre seu último discurso da seguinte maneira:

¹²³ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 120.

1. Νεώτερος μὲν ὢν προηρούμην γράφειν τῶν λόγων οὐ τοὺς μυθώδεις οὐδὲ τοὺς τερατείας καὶ ψευδολογίας μεστοὺς, οἷς οἱ πολλοὶ μᾶλλον χαίρουσιν ἢ τοῖς περὶ τῆς αὐτῶν σωτηρίας λεγομένοις, οὐδὲ τοὺς τὰς παλαιὰς πράξεις καὶ τοὺς πολέμους τοὺς Ἑλληνικοὺς ἐξηγουμένους, καίπερ εἰδὼς δικαίως αὐτοὺς ἐπαινουμένους, οὐδ' αὖ τοὺς ἀπλῶς δοκοῦντας εἰρησθαι καὶ μηδεμιᾶς κομψότητος μετέχοντας, οὓς οἱ δεινοὶ περὶ τοὺς ἀγῶνας παραινῶσι τοῖς νεωτέροις μελετᾶν, εἴπερ βούλονται πλέον ἔχειν τῶν ἀντιδίκων, ἀλλὰ πάντας τούτους ἐάσας περὶ ἐκείνους ἐπραγματευόμην τοὺς περὶ τῶν συμφερόντων τῆ τε πόλει καὶ τοῖς ἄλλοις Ἑλλησι συμβουλευόντας, [...]

1. Quando mais jovem, não escolhi escrever discursos acerca de assuntos míticos, nem aqueles que são repletos de histórias extraordinárias e fictícias, não obstante muitos homens se deleitem mais com isso do que com discursos proferidos em vista de sua salvação. Também não escrevi sobre as façanhas de outrora e as guerras empreendidas pelos gregos, embora eu saiba que com justiça esses discursos merecem louvor. Tampouco escrevi aqueles que parecem ser proferidos com simplicidade e que não possuem nenhuma fineza discursiva, ainda que os hábeis em disputas judiciárias exortem os mais jovens a proclamá-los, sobretudo, quando precisarem superar seus adversários em uma querela forense. 2. Deixei todos esses discursos de lado, e compunha aqueles que aconselham nossa cidade e os outros gregos a respeito daquilo que é de seu interesse. [...]

Semelhantemente, Isócrates também elenca aqui algumas modalidades discursivas que afirma jamais ter praticado: (1) Histórias míticas, (2) Histórias extraordinárias e fictícias, (3) “Historiografia” e (4) Discursos judiciários. Por fim, destaca os (5) Discursos cívicos que compôs¹²⁴. Novamente, sem categorizá-los formalmente, o autor faz uma breve enumeração dos tipos de discurso mais importantes ou mais praticados em sua época, embora pudesse haver outros tantos. “Histórias míticas” e “Histórias extraordinárias e fictícias” (*Panatenaico*) podem ser equiparadas aos discursos que retratam a vida dos semideuses (*Antídose*). Histórias dos feitos bélicos gregos constituem provavelmente a matéria do que conhecemos como “gênero histográfico”, numa provável alusão a autores como Heródoto, Tucídides e Xenofonte, por exemplo. Apenas na listagem do excerto do *Antídose* encontramos a categoria dos

¹²⁴ Em ambos os excertos do *Antídose* e do *Panatenaico*, Isócrates compõe um *priamel*, figura de discurso por meio da qual uma lista é composta, negando inicialmente uma série de itens, para, ao final, eleger apenas um em detrimento dos anteriores. Esse recurso estilístico encontra suas origens na poesia. Ver, por exemplo, Píndaro, *Olímpica 11*. No *Fr. 16 Lobel-Page* de Safo, uma série de elementos de matéria épica são inicialmente negados (cavalos, soldados, navios), para, por fim, afirmar-se um elemento de matéria lírica (“aquilo que se ama”).

“antilógicos”, numa clara referência aos erísticos (ou dialéticos) criticados pelo autor no *Contra os Sofistas* (§§1 a 8) e no mesmo discurso *Antídose* (§§84, 266 e 271)¹²⁵.

Encontramos, todavia, nas duas listas, uma crítica mordaz àqueles que praticam o gênero judiciário. No *Antídose*, não somente no excerto citado, bem como em boa parte da obra, Isócrates busca demonstrar sua inexperiência no ambiente forense por justamente nunca ter produzido discursos para tal âmbito, conforme a discussão apresentada na segunda parte do primeiro capítulo. O autor alega insistentemente que jamais esteve envolvido em qualquer querela privada, mas que, por outro lado, preferiu escrever discursos cívicos com finalidade deliberativa, em vista de melhor aconselhar Atenas e a Grécia naquilo que lhes fosse útil e necessário. Tais composições seriam, assim, mais bem elaboradas estilisticamente, em oposição à oratória simplória (*ἀπλως*, *Panatenáico* 2) e pouco eloquente do tribunal.

É pertinente ressaltar, contudo, que por trás de todas essas categorias isocráticas, está o julgamento moral que o autor faz de quem pratica uma ou outra dessas diferentes modalidades discursivas. Sempre que encontramos em Isócrates classificações das *idéai* de discurso, notamos que o autor as distingue para indicar quais são úteis ou não a Atenas e à Grécia, quais aconselham os jovens e quais os corrompem; em outras palavras, quais modalidades ele pratica e quais modalidades os outros autores praticam. Assim, as classificações isocráticas de suas *idéai* como gêneros da prosa constituem, de certo modo, uma espécie de distinção entre diferentes escritores do ponto de vista moral, considerando a matéria e a finalidade de cada um desses gêneros. Desse modo, o propósito de tais classificações é o de pontuar a recusa de gêneros praticados por outros autores, e, ao mesmo tempo, legitimar aquele que lhe é próprio¹²⁶.

Por fim, vale ainda mencionar as outras duas ocorrências do termo *idéai* no *corpus* isocrático com a acepção de “modalidade discursiva”. No elogio a *Busíris*, Isócrates oferece uma réplica ao discurso homônimo composto pelo sofista Polícrates, o qual supostamente não teria utilizado os argumentos apropriados à composição de um encômio, como já destacamos no primeiro capítulo quando vimos excertos do proêmio

¹²⁵ Vale lembrar que a crítica isocrática aos “erísticos” revela-se também como crítica à dialética platônica e à Academia. Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 219-20.

¹²⁶ Cf. WILCOX, Stanley, 1943, p. 430. “Neither list [ou seja, nem a do *Antídose*, nem a do *Panatenáico*] uses technical language or is scientific like Aristotle's classifications. Each list approaches the subject from a slightly different point of view (kinds of authors, kinds of compositions).”

desse discurso. No §33, por sua vez, o autor afirma que Polícrates teria se equivocado quanto à *ιδέα* de seu discurso:

33. Ἐπειτ' εἰ καὶ τυγχάνομεν ἀμφοτέρωθεν ψευδῆ λέγοντες, ἀλλ' οὖν ἐγὼ μὲν κέχρημαι τούτοις τοῖς λόγοις οἷσπερ χρῆ τὸς ἐπαινοῦντας, σὺ δ' οἷς προσήκει τοὺς λοιδοροῦντας· ὥστ' οὐ μόνον τῆς ἀληθείας αὐτῶν, ἀλλὰ καὶ τῆς *ιδέας* ὅλης δι' ἧς εὐλογεῖν δεῖ, φαίνει διημαρτηκῶς.

33. Então, mesmo que ambos nós tenhamos proferido mentiras, ao menos eu utilizei os argumentos que convém àqueles que louvam, ao passo que tu, os que convêm àqueles que difamam. De modo que é evidente que te equivocaste não somente com relação à verdade de teus argumentos, mas principalmente na *modalidade discursiva* como um todo, por meio da qual se deve elogiar.

O sentido de “gênero” em *ιδέα* parece ser evidente. Segundo Isócrates, Polícrates, ao tentar tecer um *elogio* a Busíris, acabou fazendo uma *invectiva* contra o mítico rei egípcio¹²⁷. Visto que o sofista teria se equivocado quanto ao *modelo de composição* adotado, o autor lhe oferece o presente discurso como resposta, a fim de demonstrar como de fato se deve proceder ao tecer um encômio. Conforme já mencionamos anteriormente, o mesmo procedimento crítico é utilizado pelo autor na composição de seu *Elogio de Helena*. A fim de compor uma réplica ao famoso discurso homônimo de Górgias¹²⁸, Isócrates demonstra ali que o sofista, pretendendo elogiar a mítica Helena, acabou tecendo naquele caso uma apologia (§14). Desse modo, ao final do próêmio de seu *Elogio de Helena*, o autor faz uma breve reflexão *metadiscursiva* sobre como o gênero encomiástico não fora propriamente praticado por Górgias. Assim, ao menos com relação ao *Busíris* e ao *Elogio de Helena*, notamos que a motivação para a composição dos encômios isocráticos é, como ele próprio evidencia, oferecer uma resposta e uma melhor versão do mesmo tema abordado por antigos escritores, criticando, no próêmio, o modelo de composição (*ιδέα*) que estes haviam adotado anteriormente.

¹²⁷ Cf. *Busíris* 1-5.

¹²⁸ Cf. nota 26.

A quarta e última ocorrência encontra-se no sétimo parágrafo do discurso *Panegírico*. Também em um proêmio, Isócrates explica os motivos pelos quais ele deve compor o presente discurso:

7. Πρὸς δὲ τούτοις εἰ μὲν μηδαμῶς ἄλλως οἷόν τ' ἦν δηλοῦν τὰς αὐτὰς πράξεις ἀλλ' ἢ διὰ μιᾶς ἰδέας, εἶχεν ἄν τις ὑπολαβεῖν ὡς περιεργόν ἐστι τὸν αὐτὸν τρόπον ἐκείνοις λέγοντα πάλιν ἐνοχλεῖν τοῖς ἀκούουσιν· 8. ἐπειδὴ δ' οἱ λόγοι τοιαύτην ἔχουσι τὴν φύσιν ὥσθ' οἷόν τ' εἶναι περὶ τῶν αὐτῶν πολλαχῶς ἐξηγήσασθαι καὶ τὰ τε μεγάλα ταπεινὰ ποιῆσαι καὶ τοῖς μικροῖς μέγεθος περιθεῖναι, καὶ τὰ τε παλαιὰ καινῶς διελθεῖν καὶ περὶ τῶν νεωστὶ γεγενημένων ἀρχαίως εἰπεῖν, οὐκέτι φευκτέον ταῦτ' ἐστὶ περὶ ὧν ἕτεροι πρότερον εἰρήκασιν, ἀλλ' ἄμεινον ἐκείνων εἰπεῖν πειρατέον.

7. Ademais, se não fosse possível expor tais acontecimentos a não ser por meio de uma única *modalidade discursiva*, seria desnecessário fatigar os ouvintes falando novamente do mesmo *modo*¹²⁹ que meus predecessores. Todavia, uma vez que os discursos possuem uma natureza tal, 8. que é possível dissertar de muitas maneiras diferentes acerca dos mesmos assuntos, tornar baixas as coisas grandiosas e conferir grandiosidade às pequenas, bem como discorrer sobre os antigos acontecimentos de maneira inovadora e falar com estilo arcaico a respeito dos fatos recentes, jamais se deve evitar os assuntos acerca dos quais outros tenham falado antes, mas tentar falar melhor do que eles.

Novamente por meio de uma reflexão *metadiscursiva*, Isócrates explicita como pretende superar os discursos de antigos escritores, graças ao modo como a prática discursiva permite que se tratem dos mesmos assuntos de modos diversos. Assim, o termo *ἰδέα* aqui também não pode possuir outra acepção senão a de “modalidade discursiva”, pois podemos inferir dessas palavras que, segundo o autor, há evidentemente outras possíveis modalidades para “expor os acontecimentos”. Além disso, vale salientar que o sentido de *ἰδέα* como gênero nesse caso é, mais especificamente, o de “estrutura textual”, i.e., o modelo que convém a uma composição de uma determinada modalidade discursiva. No caso isocrático, por meio de um panegírico, o autor estaria prestes a tecer um discurso superior ao de outros que trataram

¹²⁹ Assim como nos §§45-6 do *Antídose*, Isócrates também recorre aqui ao termo *τρόπος* como sinônimo de *ἰδέα*.

dos mesmos assuntos, mas por intermédio de ἰδέαι diversas daquela que ele irá utilizar. De acordo com Robert Sullivan¹³⁰:

“He [...] intends to surpass them both in ideas and in approach, choosing the noblest of the sorts of discourse (toutous kallistous einai tôn logôn). He is sure that the time is still ripe for his effort and that his competitors have not exhausted the capacity of speech to express his ideas, for, as Isocrates has it, ‘if one were in no other ways able to expound these matters, than by means of a single form (dia mias ideas)’, then he would have nothing to contribute (7). But, of course, Isocrates can and does.”

Dos excertos isocráticos vistos até aqui, podemos tirar ao menos uma importante conclusão: quase sempre que Isócrates utiliza o termo ἰδέα com a acepção de “gênero”, “modalidade discursiva”, em suas reflexões *metadiscursivas*, ele exprime seu *criticismo* em relação a determinada(s) ἰδέα(ι) em confronto com a(s) sua(s), advertindo outros autores e com eles rivalizando. À exceção do *Antídose* 11, observamos que, no *Antídose* 45-6, o autor recusa outras formas discursivas, a fim de tratar apenas daquela que lhe concerne (i.e., seu *logos politikos*); no *Busíris* 33, por sua vez, Isócrates adverte que Polícrates não desenvolveu o modelo discursivo ao qual havia se proposto (encômio *versus* invectiva); no *Panegírico* 7, por fim, ele demonstra que pretende tecer seu discurso segundo um modelo de composição superior ao dos trataram dos mesmos acontecimentos.

¹³⁰ SULLIVAN, Robert, 2001, p. 82.

2.2 - *ιδέα como figura discursiva*

O termo *ιδέα* em Isócrates, entretanto, pode não apenas significar “gênero de discurso” ou “modalidade discursiva”. No subsequente parágrafo do último excerto citado do *Antídose*, encontramos imediatamente uma terceira ocorrência de *ιδέα*, porém com uma nova acepção:

47. Καὶ γὰρ τῇ λέξει ποιητικωτέρα καὶ ποικιλωτέρα τὰς πράξεις δηλοῦσιν, καὶ τοῖς ἐνθυμήμασιν ὀγκωδεστέροις καὶ καινότεροις χρῆσθαι ζητοῦσιν, ἔτι δὲ ταῖς ἄλλαις *ιδέαις* ἐπιφανεστέραις καὶ πλείοσιν ὅλον τὸν λόγον διοικοῦσιν. [...]

47. Com efeito, eles [oradores] apresentam os fatos por meio de um estilo de composição mais poético e mais rebuscado, procuram utilizar argumentos mais solenes e mais originais, e, ainda, organizam todo o discurso com outras *figuras* mais ilustres e mais numerosas. [...]

Isócrates não está mais aqui se referindo a modalidades discursivas. Dando continuidade a sua crítica ao estilo simplório da oratória judiciária, o autor discorre sobre como se dá a construção dos discursos cívicos do ponto de vista do “estilo de composição” (*λέξις*): este deve ser “mais poético e mais rebuscado” (*ποιητικωτέρα καὶ ποικιλωτέρα*), e o escritor deve organizá-lo com outras *ιδέαις* “mais ilustres e mais numerosas”. Nesse contexto, tais “formas” assumem dessa vez o sentido de “figuras discursivas”, às quais os autores dessas composições recorrem, e que são, por exemplo, parte daquilo que hoje conhecemos pela gramática das línguas modernas também como “figuras de discurso” ou “figuras de linguagem”. Além disso, apesar de fazer referência na terceira pessoa (“aqueles que compõem discursos políticos”), é importante notar que Isócrates certamente está se incluindo como um autor desse gênero, que também opera com essas *ιδέαις*, a fim de conferir ornamentação, distinção, e um estilo de composição mais refinado para seus discursos¹³¹.

¹³¹ Cf. SULLIVAN, Robert, 2001, p. 85: “They (*ιδέαις*) are stylistic features, not ideas, per se, but modes of auxesis.”.

Ao final do segundo parágrafo do discurso *Panatenaico*, também encontramos o termo *ιδέα* com essa mesma acepção:

2. [...] καὶ πολλῶν μὲν ἐνθυμημάτων γέμοντας, οὐκ ὀλίγων δ' ἀντιθέσεων καὶ παρισώσεων καὶ τῶν ἄλλων *ιδεῶν* τῶν ἐν ταῖς ῥητορείαις διαλαμπουσῶν καὶ τοὺς ἀκούοντας ἐπισημαίνεσθαι καὶ θορυβεῖν ἀναγκαζουσῶν· νῦν δ' οὐδ' ὅπως οὖν τοὺς τοιούτους.

2. [...] não somente carregados de muitos argumentos, mas também de não poucas antíteses, simetrias sintáticas, e outras *figuras* que abrilhantam a eloquência e compelem os ouvintes a aplaudir e causar um sonoro clamor.

Ao recusar outros gêneros discursivos (aqueles elencados no primeiro parágrafo do *Panatenaico*), Isócrates preferiu ao longo de sua carreira compor discursos em benefício da *pólis*, a fim de, como já vimos, aconselhar Atenas e a Grécia naquilo que lhes fosse útil¹³². Em seguida, o autor menciona as duas figuras discursivas que mais foram utilizadas na composição de tais discursos: antíteses (*ἀντιθέσεων*) e simetrias sintáticas (*παρισώσεων*), além de “...outras *figuras discursivas* que abrilhantam a eloquência...” (τῶν ἄλλων *ιδεῶν* τῶν ἐν ταῖς ῥητορείαις¹³³ διαλαμπουσῶν).

Assim como Isócrates não pretende ser exaustivo ao elencar alguns gêneros de discurso no *Antídose* 45-6 e no *Panatenaico* 1-2, mas apenas destacar aquele que lhe concerne, aqui também ele não busca formalizar todas nem mesmo as principais figuras discursivas existentes até sua época, mas tão somente destacar aquelas que foram mais frequentes em suas obras (*ἀντιθέσεων καὶ παρισώσεων*¹³⁴). Apesar de aqui o autor operar com termos que possivelmente já eram técnicos em seu tempo para definir certas figuras discursivas, tais *ιδεῶν* não são tratadas de forma sistemática, pois ele novamente não pretende estabelecer categorias estanques para tais “figuras”, do mesmo modo como ele também utilizara o termo com a nuance de “gênero” (*Antídose* 46).

¹³² Ἑλληνικοὺς καὶ πολιτικοὺς καὶ πανηγυρικοὺς (*Antídose* 46).

¹³³ Para ῥητορεία como “eloquência”, cf. também *Contra os Sofistas* 21.

¹³⁴ Dionísio de Halicarnasso destaca tais figuras mais utilizadas por Isócrates como gorgianas, adicionando a *paromeose* (orações também simétricas, mas com assonância rítmica resultante do uso de desinências finais iguais nas palavras). O crítico julga enfaticamente o estilo isocrático como monótono, devido ao uso excessivo de tais figuras, e as analisa em seu ensaio sobre o autor. Cf. Dionísio de Halicarnasso, *Moralia, Isócrates*, 13-4.

Por fim, vale mencionar que, no §9 do discurso *Evágoras*, encontramos o termo εἶδος¹³⁵ como sinônimo de ἰδέα, no mesmo sentido de “figura discursiva”:

9. Τοῖς μὲν γὰρ ποιηταῖς πολλοὶ δέδονται κόσμοι· καὶ γὰρ πλησιάζοντας τοὺς θεοὺς τοῖς ἀνθρώποις οἷόν τ' αὐτοῖς ποιῆσαι καὶ διαλεγομένους καὶ συναγωνιζομένους οἷς ἂν βουλευθῶσιν, καὶ περὶ τούτων δηλῶσαι μὴ μόνον τοῖς τεταγμένοις ὀνόμασιν, ἀλλὰ τὰ μὲν ξένοις, τὰ δὲ καινοῖς, τὰ δὲ μεταφοραῖς, καὶ μηδὲν παραλιπεῖν, ἀλλὰ πᾶσιν τοῖς εἶδεσιν διαποικίλαι τὴν ποίησιν·

9. Os poetas dispõem de muitos ornamentos: aproximando os deuses dos homens, são capazes de fazê-los conversarem e lutarem juntos quem quer que eles queiram, e expõem tais fatos não somente com palavras ordinárias, mas ora com *estraneirismos*, ora com *neologismos*, ora com *metáforas*, sem deixar de lado nenhum deles, mas adornando sua poesia com todas as *figuras*.

O sentido de εἶδος aqui é exatamente aquele mesmo de ἰδέα no *Antídose* 47 e no *Panatenaico* 2, i.e., “figuras discursivas”, visto que neste passo de sua obra o autor novamente elenca alguns desses recursos estilísticos responsáveis pela ornamentação e refinamento discursivo presentes na poesia – estraneirismos (ξένοις), neologismos (καινοῖς) e metáforas (μεταφοραῖς)¹³⁶. É importante destacar, por fim, que, enquanto na outra acepção o termo ἰδέα é utilizado como sinônimo de τρόπος, aqui ele está diretamente associado, por sua vez, aos κόσμοι a que os poetas recorrem em suas composições.

Se o que há em comum entre os excertos isocráticos em que ἰδέα possui acepção de “gênero” é o criticismo do autor contra as modalidades discursivas adotadas por seus rivais, quando Isócrates utiliza o termo, por sua vez, como “figura”, observamos, em primeiro lugar, que ele quase sempre elenca uma pequena lista dessas figuras (*Panatenaico* 2: antíteses e simetrias sintáticas; *Evágoras* 9 [com εἶδος]: estraneirismos, neologismos e metáforas), fator peremptório que evidencia essa nuance. Todavia, destaquemos principalmente que, em todos esses excertos, é possível também constatar o uso de um vocabulário relativo à ornamentação estilística da

¹³⁵ Assim como ἰδέα, o termo também é um substantivo derivado do verbo ἰδεῖν.

¹³⁶ Cf. *Aristóteles*, *Poética*, 1457b1-1458a17, para a discussão teórica dessas figuras.

prática escrita: *Antídose*, 47 (ποιητικώτερα καὶ ποικιλώτερα, ὀγκωδεστέροις καὶ καινότεροις); *Panatenaico*, 2 (τῶν ἐν ταῖς ῥητορείαις διαλαμπουσῶν); *Enágoras* (κόσμοι, διαποικίλαι). Assim, sem propriamente sistematizar, formalizar ou classificar tais recursos estilísticos de composição, o autor nesses momentos trata de maneira muito particular a respeito da λέξις, por intermédio das reflexões *metadiscursivas* ora apresentadas.

2.3 - *ιδέα* como “*elementos discursivos*”

A quarta e última ocorrência do termo *ιδέα* no *Antídose* encontra-se no §183. A partir do início da segunda parte do discurso (do §167 em diante), Isócrates passa a discorrer sobre alguns aspectos de sua atividade profissional, discutindo, por exemplo, as funções de professor e aluno no processo de ensino e aprendizagem segundo sua *paideia*:

183. Ἐπειδὴν γὰρ λάβωσι μαθητὰς, οἱ μὲν παιδοτρίβει τὰ σχήματα τὰ πρὸς τὴν ἀγωνίαν εὐρημένα τοὺς φοιτῶντας διδάσκουσιν, οἱ δὲ περὶ τὴν φιλοσοφίαν ὄντες τὰς **ιδέας** ἀπάσας, αἷς ὁ λόγος τυγχάνει χρώμενος, διεξέρχονται τοῖς μαθηταῖς.

183. Quando recebem discípulos, os professores de educação física ensinam a seus alunos os movimentos que criaram em vista das competições, ao passo que os de filosofia expõem a seus discípulos todos os *elementos* empregados pelo discurso.

Por meio de uma analogia com a educação física, Isócrates discorre a respeito de sua função pedagógica enquanto professor de filosofia. Numa sucinta proposição, ele define o objeto de estudo dessa disciplina como *ιδέας* relativas ao aprendizado da oratória. Nos parágrafos subsequentes, porém, o autor não discorre a respeito de quais sejam precisamente tais *ιδέαι*. Ora, nas acepções anteriores, observamos que ele quase sempre determina com clareza quais são as *ιδέαι* de que está tratando: as modalidades discursivas arroladas no §46 do *Antídose*, e algumas “figuras” citadas no §2 do *Panatenaico*, por exemplo. Nessa nova ocorrência do §183 do *Antídose*, por outro lado, o termo é utilizado de maneira imprecisa, pois não são especificados quais aspectos do discurso ele está discutindo. Depreende-se daí um sentido mais geral para o termo, dentro, é claro, dos limites que compreendem todo o conteúdo disciplinar do ensino de oratória.

Para melhor ilustrar a amplitude da presente acepção, vale lembrar que, das ocorrências de *ιδέα* em Isócrates, esta talvez seja aquela em que encontramos maiores divergências, ainda que sensíveis, por parte dos principais tradutores do autor no séc. XX. George Norlin, da *Biblioteca Loeb*, parece não se arriscar e traduz o termo aqui por seu sentido mais básico (“*forms of discourse*”)¹³⁷. Georges Mathieu, da coleção *Les Belles Lettres*, por sua vez, entende *ιδέα* como “*thèmes généraux*”¹³⁸, acepção que será vista na próxima parte deste capítulo. Mario Marzi¹³⁹ e Juan Hermida¹⁴⁰, por fim, concordam em traduzir por “*procedimenti*” e “*procedimientos*”, respectivamente.

Devido a seu contexto, o termo parece não se referir especificamente a “gêneros” ou “figuras”, como observado nas acepções anteriores, mas possui uma terceira nuance mais geral: “elementos discursivos”, “procedimentos oratórios”, ou mesmo os “pressupostos” da filosofia isocrática ali mencionada. Nesse excerto, portanto, *ιδέα* assume um caráter mais genérico, pois diz respeito a tudo aquilo que compreende o aprendizado da oratória, incluindo as modalidades discursivas, as figuras de discurso, e quaisquer outros elementos que eventualmente façam parte do objeto de estudo ensinado por um professor de “filosofia” (nesse caso, é claro, pelo próprio Isócrates). Segundo Robert Sullivan¹⁴¹:

“[...] Isocrates uses the terms as if he could be referring to either ‘figure’ or to a topic ‘structure’ or perhaps even to the form of a speech, but there is no way of distinguishing the level of particularity at which he is speaking. In these cases, it seems safest to follow what has become the standard usage and employ the translation of ‘elements’ [...]”

“[...] (*Antidosis* 183). The exact meaning of *idea* is indeterminate here; it would refer to any of the elements of the art that could be taught by Isocrates, genre, figures, or thematic development.”

¹³⁷ NORLIN, George, 1929, vol. II, p. 289.

¹³⁸ MATHIEU, Georges, 1942, vol. III, p. 148.

¹³⁹ MARZI, Mario, 1991, vol. II, p. 267.

¹⁴⁰ HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 351.

¹⁴¹ SULLIVAN, Robert, 2001, p. 88 e 90.

Em uma das passagens mais centrais e citadas do *corpus* isocrático (*Contra os Sofistas* 16), o autor também faz menção aos *elementos* discursivos (ιδέαι) que o aluno de oratória deve aprender com os mestres especialistas no assunto, e não com os sofistas que fazem promessas absurdas:

16. Βούλομαι δ' ἐπειδὴ περ εἰς τοῦτο προῆλθον, ἔτι σαφέστερον εἰπεῖν περὶ αὐτῶν. Φημί γὰρ ἐγὼ τῶν μὲν **ιδεῶν**, ἐξ ὧν τοὺς λόγους ἅπαντας καὶ λέγομεν καὶ συντίθεμεν, λαβεῖν τὴν ἐπιστήμην οὐκ εἶναι τῶν πάνυ χαλεπῶν, ἦν τις αὐτὸν παραδιδῶ μὴ τοῖς ῥαδίως ὑπισχνουμένοις ἀλλὰ τοῖς εἰδόσιν τι περὶ αὐτῶν· [...]

16. Já que cheguei até esse ponto, quero falar sobre tais assuntos de maneira ainda mais clara. Declaro, pois, que deter o conhecimento dos *elementos*, a partir dos quais proferimos e compomos todos os discursos, não é uma das tarefas mais difíceis em absoluto, desde que o sujeito se entregue não para os que fazem promessas com facilidade¹⁴², mas para aqueles que conhecem alguma coisa a respeito deles. [...]

Segundo Isócrates, as ιδέαι são, em síntese, a matéria requerida para a efetiva realização da prática oratória por parte de seus discípulos¹⁴³. Conforme citamos no primeiro capítulo, o autor inicia na sequência desse parágrafo uma importante reflexão *metadiscursiva* para a compreensão de seu método de composição: tais ιδέαι devem ser escolhidas devidamente, misturadas e ordenadas sob um determinado critério, e, ainda, não devemos nos “equivocar quanto às situações oportunas para usá-las, como também ornar convenientemente o discurso inteiro por meio de raciocínios e proferi-lo melodicamente com palavras bem ritmadas”. Nesse caso, notamos que aqui o termo agrega em si pelo menos as outras duas acepções vistas anteriormente: “gênero” (escolher uma ιδέα a ser utilizada) e “figura discursiva” (ornamentação, melodia e ritmo). Além disso, “misturar e ordenar” ιδέαι constitui a quarta acepção que será vista adiante: “temas” do discurso. Desse modo, observamos, em suma, que os *elementos* (ou *procedimentos*) discursivos aos quais Isócrates se refere neste conhecido passo do

¹⁴² Cf. o primeiro parágrafo do *Elogio de Helena*, quando Isócrates também critica aqueles que fazem promessas insólitas a seus discípulos.

¹⁴³ Cf. SULLIVAN, Robert, 2001, p. 89; e SCHLATTER, Fredric W., 1972, p. 592-3.

Contra os Sofistas compreendem ao menos três níveis das chamadas “partes da retórica”: *inventio* (εὔρεσις), *dispositio* (τάξις) e *elocutio* (λέξις)¹⁴⁴.

No *Elogio de Helena* 11, por sua vez, o autor também recorre ao termo de forma genérica, a fim de novamente designar os elementos discursivos que devem ser aprendidos por um orador; neste caso, para aquele que deseja tecer encômios e tratar de assuntos de grande relevância:

11. Ἔστιν γὰρ τῶν μὲν τοιούτων συγγραμμάτων μία τις ὁδός, ἣν οὔθ' εὐρεῖν οὔτε μαθεῖν οὔτε μιμήσασθαι δύσκολόν ἐστιν· οἱ δὲ κοινοὶ καὶ πιστοὶ καὶ τούτοις ὅμοιοι τῶν λόγων διὰ πολλῶν ἰδεῶν καὶ καιρῶν δυσκαταμαθήτων εὐρίσκονται τε καὶ λέγονται, καὶ τοσοῦτῳ χαλεπωτέραν ἔχουσι τὴν σύνθεσιν ὅσα περ τὸ σεμνύνεσθαι τοῦ σκώπτειν καὶ τὸ σπουδάζειν τοῦ παίζειν ἐπιπονώτερόν ἐστιν.

11. Dessas obras [simplórias], só há um caminho a ser seguido, o qual não é complicado descobrir, nem aprender, nem imitar. Todavia, os discursos comuns, confiáveis e semelhantes a esses são compostos e pronunciados por meio de muitos *elementos* e situações de difícil aprendizado, e a composição deles é tão mais difícil quanto é mais penoso louvar do que zombar, e ser sério do que brincar.

Sullivan analisa brevemente este parágrafo, e considera que sua acepção é a de “gênero”/modalidade discursiva¹⁴⁵. O crítico entende que o contraste feito por Isócrates entre μία τις ὁδός e διὰ πολλῶν ἰδεῶν diz respeito a um único “gênero” dos sofistas em oposição a uma enorme variedade de gêneros da prosa isocrática. Os tradutores do autor no séc. XX, em contrapartida, escolhem termos genéricos e imprecisos na busca de soluções para o sentido de ἰδέα nessa passagem (Van Hook: *forms*; Mathieu & Brémond: *moyens d'expression*; Hermida: *procedimientos*; Marzi: *idee*¹⁴⁶).

¹⁴⁴ Cf. SCHLATTER, Fredric W., 1972, p. 593-4.

¹⁴⁵ Cf. SULLIVAN, Robert, 2001, p. 83.

¹⁴⁶ VAN HOOK, Larue, 1945, vol. III, p. 191; HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 308; MATHIEU, Georges, & BRÉMOND, Émile, 1929, vol. I, p. 166; MARZI, Mario, 1991, vol. I, p. 497.

Assim como vimos na análise do §183 do *Antídose*, Isócrates também não deixa claro aqui de que ἰδεῶν ele está tratando. Por essa razão, o autor parece se referir de forma ampla a todos os aspectos e conteúdos que devem ser aprendidos por quem deseja imitar tais gêneros (modalidades discursivas, figuras, etc), e não apenas à sua natureza enquanto “gênero”. É mais difícil louvar e ser sério do que zombar e brincar porque há uma variedade muito maior de “meios de expressão” e procedimentos oratórios (πολλῶν ἰδεῶν) próprios do encômio, o que, segundo ele, não ocorre nas obras simplórias dos sofistas (μία τις ὁδός). Vale ressaltar, ademais, que o contexto em que o termo aqui se insere é próprio de suas ocorrências com essa acepção. Também no §11 do *Elogio de Helena* encontramos uma reflexão *metadiscursiva* sobre o modo de *aprendizagem* das ἰδέαι discursivas, em sua nuance mais abrangente possível, i.e., referindo-se a modalidades discursivas, figuras de discurso, escolha de temas e demais elementos oratórios.

Por fim, em sua *Carta aos Filhos de Jasão*, o autor também se refere às ἰδέαι do discurso como matéria daquilo que deve ser explorado por professor e aluno em seu processo de educação:

8. Εἴθισμαι γὰρ λέγειν πρὸς τοὺς περὶ τὴν φιλοσοφίαν τὴν ἡμετέραν διατρίβοντας ὅτι τοῦτο πρῶτον δεῖ σκέψασθαι, τί τῷ λόγῳ καὶ τοῖς τοῦ λόγου μέρεσι διαπρακτέον ἐστίν· ἐπειδὴν δὲ τοῦθ' εὕρωμεν καὶ διακριβωσώμεθα, ζητητέον εἶναί φημι τὰς ἰδέας, δι' ὧν ταῦτ' ἐξεργασθήσεται καὶ λήψεται τέλος ὅπερ ὑπεθέμεθα. Καὶ ταῦτα φράζω μὲν ἐπὶ τῶν λόγων, ἔστιν δὲ τοῦτο στοιχεῖον καὶ κατὰ τῶν ἄλλων ἀπάντων καὶ κατὰ τῶν ὑμετέρων πραγμάτων.

8. Costumo a dizer a meus alunos de filosofia que, em primeiro lugar, é preciso observar aquilo que deve ser realizado pelo discurso como um todo e por suas partes. Uma vez que descobrimos isso e o determinamos com exatidão, digo que é necessário buscar os *elementos* por meio dos quais executaremos e daremos cabo àquilo a que nos havíamos propostos. Isso é o que afirmo com relação aos discursos, que é também fundamento tanto para todas as demais atividades como para vossos assuntos.

A carta aos filhos de Jasão tem por objetivo aconselhá-los a governar sua cidade de forma mais moderada, após uma série de assassinatos políticos, incluindo o de seu pai, antigo tirano de Ferae, na Tessália. Assim, Isócrates oferece seus conselhos demonstrando como é necessário que se proceda no aprendizado tanto da oratória como da política. Os alunos devem primeiro determinar qual é a finalidade de um discurso, para só depois pensarem em como deverão operar com as *idéai* na realização daquilo que havia sido planejado. Novamente, o termo aqui possui uma acepção mais ampla, pois não somente diz respeito às possibilidades de “gêneros” de discurso que poderão ser utilizados pelos alunos, às figuras discursivas, e à disposição de suas partes, mas também a quaisquer outros *elementos* por meio dos quais um determinado discurso é composto. O sentido do termo nesse passo é um tanto vago, e não determina com precisão quais seriam tais *elementos*. Segundo o autor, esse procedimento, por conseguinte, vale não apenas para a oratória como também para todas as demais atividades (por isso sua generalidade), incluindo, é claro, a política com a qual os filhos de Jasão deverão governar melhor sua cidade.

Vale destacar que, nessa reflexão *metadiscursiva*, Isócrates de certo modo explica um pouco melhor como a primeira etapa do processo de composição discursiva se realiza, a *inventio* (εὑρεσις), conforme ele já a indicara, como vimos, no §16 do *Contra os Sofistas*. Determinar um objeto para o discurso (σκέψασθαι), descobri-lo (εὑρωμεν), e então buscar (ζητητέον) as *idéai* para sua realização, fazem parte de um procedimento exclusivamente inventivo e intelectual, o qual precede a composição prática do discurso oratório de fato¹⁴⁷.

Assim como foi possível observar um fator comum nas ocorrências de cada uma das duas acepções do termo *idéa* vistas anteriormente, aqui também fica evidente um mesmo contexto quando Isócrates o utiliza de maneira genérica (i.e., como “elementos” do discurso). Em todas as ocorrências da presente acepção há menção ao modo como seus discípulos devem proceder no aprendizado de sua “filosofia”; i.e., nas quatro reflexões *metadiscursivas* apresentadas, *idéa* possui sentido genérico porque justamente se refere de forma ampla e imprecisa a todos os recursos, procedimentos ou elementos que fazem parte de seu programa pedagógico, a serem aprendidos por seus alunos em

¹⁴⁷ Cf. GAINES, Robert N., 1990, p. 166-7.

sua escola. O termo denota, em suma, a matéria de estudo de seus discípulos, o amplo conteúdo da *paideia* isocrática, sem que o autor discuta com maior rigor quais sejam precisamente tais elementos (com exceção da breve descrição das partes do processo de composição oratória arroladas no *Contra os Sofistas* 16).

2.4 - *ιδέα* como “tema” de um discurso

Apesar de já termos analisado até aqui as quatro ocorrências do termo *ιδέα* presentes no discurso *Antídose*, cabe, por fim, verificar outras três passagens da obra de Isócrates em que o termo também é utilizado, porém em uma nova acepção ainda não discutida: “tema” de um discurso. Dada a importância do termo no *corpus* isocrático, em razão de sua polissemia, esta última análise se torna também indispensável para o presente capítulo.

No §14 do *Elogio de Helena*, como já vimos anteriormente, Isócrates critica Górgias alusivamente, pois seu discurso homônimo, que se pretendia no título como um encômio, resultou, porém, em uma apologia. O presente discurso isocrático, por sua vez, funcionará como uma réplica ao gorgiano. Essa reflexão *metadiscursiva* prossegue no §15, quando o autor distingue a finalidade de cada um dos dois gêneros discursivos, opondo, assim, seu encômio àquela apologia de Górgias:

15. Ἔστιν δ' οὐκ ἐκ τῶν αὐτῶν **ιδεῶν** οὐδὲ περὶ τῶν αὐτῶν † ἔργων ὁ λόγος, ἀλλὰ πᾶν τοῦναντίον· ἀπολογεῖσθαι μὲν γὰρ προσήκει περὶ τῶν ἀδικεῖν αἰτίαν ἔχόντων, ἐπαινεῖν δὲ τοὺς ἐπ' ἀγαθῶ τινὶ διαφέροντας. Ἴνα δὲ μὴ δοκῶ τὸ ῥᾶστον ποιεῖν, ἐπιτιμᾶν τοῖς ἄλλοις μηδὲν ἐπιδεικνὺς τῶν ἑμαυτοῦ, πειράσομαι περὶ τῆς αὐτῆς ταύτης εἰπεῖν, παραλιπὼν ἅπαντα τὰ τοῖς ἄλλοις εἰρημένα.

15. Este discurso não é composto a partir dos mesmos *temas*, nem versa acerca das mesmas ações, mas, ao contrário: convém defender os que são acusados de cometer injustiças e elogiar os que são diferenciados em algo nobre. E para que eu não pareça estar fazendo o discurso mais fácil, ou seja, criticar os outros sem mostrar minha própria versão¹⁴⁸, tentarei falar sobre essa mesma mulher, deixando de lado tudo que já foi dito por outros autores.

¹⁴⁸ Isócrates recorre com frequência à fórmula ἴνα δὲ μὴ δοκῶ com a intenção de se defender de algumas acusações, por não oferecer sua versão sobre o assunto tratado. Se o autor não apresentasse essa versão, poderia ser acusado de motivação “erística”, ou seja, de visar apenas à refutação de seus adversários. Cf. a mesma construção no *Busíris* 9 e no *Contra os Sofistas* 22.

Com esse parágrafo, Isócrates encerra o proêmio de seu *Elogio de Helena*. Segundo o autor, o discurso que se segue constitui de fato um encômio porque sua finalidade é de fato enaltecer Helena (ἐπαινεῖν δὲ τοὺς ἐπ’ ἀγαθῷ τινὶ διαφέροντας), e não defendê-la de acusações (ἀπολογεῖσθαι μὲν γὰρ προσήκει περὶ τῶν ἀδικεῖν αἰτίαν ἔχόντων) como Górgias havia feito. Mas, de que modo o gênero de seu discurso será empregado para que seja diferente daquele gorgiano? Ele não será feito a partir das mesmas ἰδεῶν, nem tratará das mesmas ἔργων. As ações (ou “acontecimentos”) dos episódios da vida de Helena, que serão narradas e enalticidas por Isócrates, constituirão, ao mesmo tempo, temas diversos daqueles encontrados no *Elogio de Helena* de Górgias.

De fato, o discurso gorgiano, além do proêmio e da peroração, é dividido basicamente em quatro partes principais, as quais buscam refutar as acusações de que Helena fora culpada por ter desencadeado a Guerra de Troia, oferecendo, assim, possíveis razões para o seu rapto: (i) – O desígnio dos deuses que a obrigou a ir para Troia; (ii) – A força física dos soldados troianos que a raptaram; (iii) – O λόγος que a persuadiu; e (iv) – O deus Éros que a dominou e fez com que ela se enamorasse de Páris. Ao elencar essas possíveis justificativas, Górgias molda seu discurso segundo as diretrizes formais de uma apologia, como se Helena estivesse perante um tribunal, e o autor buscasse eximi-la de sua responsabilidade pela guerra. Segundo Isócrates, portanto, as ἰδεῶν empregadas no discurso gorgiano não são próprias para um encômio, mas, para uma apologia em contexto judiciário.

O *Elogio de Helena* de Isócrates, por sua vez, “não é composto a partir dos mesmos temas, nem versa acerca das mesmas ações”. Além do proêmio e da peroração, o autor divide o “corpo” de seu elogio em: (i) Linhagem mítica de Helena; (ii) Elogio a Teseu; (iii) Helena e seus pretendentes; (iv) Helena e Páris; (v) Helena em meio aos conflitos entre gregos e troianos; (vi) Elogio à beleza; e (vii) Elogio ao poder de Helena. Por essa razão, ao contrário da estrutura composicional apologética de Górgias, o gênero encomiástico que será efetivamente empregado por Isócrates exige outro modelo estrutural, composto por outras ἰδεῶν. Em seus comentários ao *Elogio de Helena* de Isócrates, Tomassetti Gusmano¹⁴⁹ anota que:

¹⁴⁹ GUSMANO, Tomassetti. 1960, p. 39-40.

“15. L’oratore vuol dire che c’è differenza tra un discorso encomiastico e un apologetico, perché un discorso encomiastico non si può fare con le medesime idee e con i medesimi argomenti (ἐκ τῶν αὐτῶν ἰδεῶν οὐδὲ περὶ τῶν αὐτῶν ἔργων) di un discorso apologetico, giacché chi ha commesso colpe (περὶ τῶν ἀδικεῖν αἰτίαν ἔχόντων, lett.: intorno a quelli che hanno la colpa di commettere ingiustizie) si deve difendere (ἀπολογεῖσθαι προσήκει) invece chi si distingue per qualche virtù (τοὺς ἐπ’ ἀγαθῷ τινὶ διαφέροντας) si deve lodare (è sott. προσήκει).”

Desse modo, o termo *ιδέα* aqui não possui a acepção propriamente de gênero (como poderia sugerir a reflexão *metadiscursiva* colocada nesse momento pelo autor a respeito do elogio *versus* a defesa), mas, no plural, diz respeito mais especificamente aos *temas* que compõem a estrutura de um e de outro modelo discursivo adotado por Górgias e por Isócrates. A construção de um elogio ou de uma defesa, portanto, deve seguir as diretrizes estruturais que convém a cada uma das modalidades discursivas adotados pelos autores¹⁵⁰.

No discurso *Para Nicocles*, encontramos outra ocorrência de *ιδέα* com o mesmo sentido, quando, nos §§48-9, Isócrates trata a respeito da dicotomia entre discursos úteis (políticos) e discursos fabulosos (míticos). Os compositores desse último gênero souberam identificar, na natureza humana, quais *temas* devem ser tratados em suas composições para cativar a audiência e nela gerar comoção e deleite, abandonando, em contrapartida, os conselhos comumente presentes nos discursos políticos:

48. Ἐκεῖνο δ' οὖν φανερόν, ὅτι δεῖ τοὺς βουλομένους ἢ ποιεῖν ἢ γράφειν τι κεχαρισμένον τοῖς πολλοῖς μὴ τοὺς ὠφελιμωτάτους τῶν λόγων ζητεῖν, ἀλλὰ τοὺς μυθωδεστάτους· ἀκούοντες μὲν γὰρ τῶν τοιούτων χαίρουσιν, θεωροῦντες δὲ τοὺς ἀγῶνας καὶ τὰς ἀμίλλας. Διὸ καὶ τὴν Ὀμήρου ποίησιν καὶ τοὺς πρώτους εὐρόντας τραγωδίαν ἄξιον θαυμάζειν, ὅτι κατιδόντες τὴν φύσιν τὴν τῶν ἀνθρώπων ἀμφοτέραις ταῖς **ιδέαις** ταύταις κατεχρήσαντο πρὸς τὴν ποίησιν. Ὁ μὲν γὰρ τοὺς ἀγῶνας καὶ τοὺς πολέμους τοὺς τῶν ἡμιθέων ἐμυθολόγησεν, οἱ δὲ τοὺς μύθους εἰς ἀγῶνας καὶ πράξεις κατέστησαν, ὥστε μὴ μόνον ἀκουστοὺς ἡμῖν ἀλλὰ καὶ θεατοὺς γενέσθαι. Τοιούτων οὖν παραδειγμάτων ὑπαρχόντων δέδεικται τοῖς ἐπιθυμοῦσιν τοὺς ἀκροωμένους ψυχαγωγεῖν ὅτι τοῦ μὲν νουθετεῖν καὶ συμβουλεύειν ἀφεκτέον, τὰ δὲ τοιαῦτα λεκτέον, οἷς ὀρθῶσι τοὺς ὄχλους μάλιστα χαίροντας.

¹⁵⁰ Cf. SULLIVAN, Robert, 2001, p. 87-8.

48. É evidente que quem deseja compor ou escrever algo atraente para as massas deve buscar não os discursos mais proveitosos, mas os mais fabulosos, pois do mesmo modo os homens se comprazem quando ouvem mitos e quando contemplam conflitos e querelas. É por isso, aliás, que a poesia de Homero e a dos primeiros compositores trágicos são dignas de admiração, porque, ao analisarem a natureza humana, adotaram ambos os *temas* em seus poemas. 49. O primeiro cantou fabulosamente os conflitos e as guerras dos semideuses; os outros, por sua vez, transformaram as fábulas em conflitos e ações, de modo que não somente são ouvidos, mas também contemplados por nós. Portanto, partindo desses exemplos, fica demonstrado que quem deseja seduzir o auditório deve renunciar à reflexão e ao conselho¹⁵¹, e dizer as coisas com as quais as massas se comprazem.

Novamente, Isócrates opõe modalidades de discurso distintas: discurso mítico (μυθωδεστάτους) *versus* discurso político (ὠφελιμωτάτους). Segundo o autor, Homero e os tragediógrafos adotaram duas idéias centrais em suas composições míticas: conflitos e querelas (τοὺς ἀγῶνας καὶ τὰς ἀμίλλας). Assim, a acepção do termo nessa ocorrência também diz respeito à matéria dessas composições; i.e., há nelas *temas* específicos que serão tratados por seus autores¹⁵². Segundo Robert Sullivan¹⁵³:

“The descriptions of ‘battles and contests’ are particular *ideai*, structural units of composition that can be loaded into fiction to make it more pleasureable for the readers. More than a figure, and not so much a thought or consideration, per se, this is a particular compositional device, and it conforms to a notion of what we would call a theme or structure.”

Finalmente, o termo *idéa* também ocorre com a mesma acepção no §143 do discurso *Para Filipe*. Nos parágrafos precedentes, Isócrates fizera alguns elogios ao poderio e à supremacia de Filipe, demonstrando sua importância na posteridade por ter liderado os gregos na guerra contra os bárbaros. O tom encomiástico, porém, se dá de maneira indireta: o autor, aparentemente, busca apenas assegurar que tais elogios serão manifestados pelos homens no futuro, pois é natural que todos demonstrem respeito e

¹⁵¹ À parte a presente discussão, vale ressaltar que, nesse passo do *Para Nicocles*, Isócrates está na verdade criticando aqueles que tratam de temas míticos, sejam poetas ou oradores, em lugar de produzirem algo que seja realmente útil para a audiência, como os conselhos políticos que o autor tanto buscou passar ao longo de seus discursos. Cf., por exemplo, a recusa de Isócrates aos temas míticos nos já citados excertos do *Panatenáico* 1-2 e do *Antidose* 45-6.

¹⁵² Cf. HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 160.

¹⁵³ SULLIVAN, Robert, 2001, p. 88.

admiração por um político e estrategista tão importante como o rei macedônio. Isócrates, no entanto, não fará (diretamente) tais elogios, pois...

143. Ἀλλὰ γὰρ εἰλόμην ἀποσχέσθαι τῆς τοιαύτης ἰδέας δι' ἀμφοτέρω, διὰ τε τοὺς οὐκ εὐκαίρως αὐτῇ χρωμένους καὶ διὰ τὸ μὴ βούλεσθαι ταπεινοτέρους ποιεῖν τῶν νῦν ὄντων τοὺς ἡμιθέους εἶναι νομιζομένους.

143. Prefiro, porém, abster-me desse *tema* por duas razões: porque alguns autores recorrem a ele inoportunamente, e também porque não quero fazer com que os semideuses sejam considerados inferiores aos heróis hodiernos.

De fato, um dos recursos de amplificação (auxese) de caráter em um encômio isocrático consiste em comparações da figura e dos feitos do elogiado com semideuses, heróis do passado ou personalidades de renome¹⁵⁴. No *Elogio de Helena*, por exemplo, o autor compara Teseu a Hércules, a fim de demonstrar a superioridade do primeiro em relação ao segundo¹⁵⁵. De acordo com Isócrates no *Para Filipe*, outros autores fazem mau uso desse recurso, e, por falsa modéstia, ele parece não querer incorrer nesse mesmo erro, nem enaltecer o rei da Macedônia a ponto de fazê-lo superar os heróis míticos do passado. Se fizesse uso desse recurso, o autor assim comporia um novo *tema* para seu discurso baseado na comparação¹⁵⁶. Ademais, vale também destacar que, por meio dessa reflexão *metadiscursiva*, Isócrates novamente pretende deixar claro as *razões* pelas quais compõe ou não certas partes ou desenvolve determinados temas no presente discurso.

¹⁵⁴ Conforme vimos na Introdução, ao tratar desse recurso estilístico na *Retórica* (1368a19-21), i.e., a amplificação baseada na comparação, Aristóteles cita justamente Isócrates como paradigma de quem o pratica.

¹⁵⁵ Nesse caso, a comparação é alegórica, pois o intuito é o de demonstrar a superioridade ateniense (Teseu) em relação à espartana (Hércules), em um período recente de pós-guerra do Peloponeso (por volta de 380 a.C.). A comparação encontra-se inserida numa das partes do *Elogio de Helena* conhecida como “Elogio a Teseu” (§§18-37).

¹⁵⁶ Cf. SULLIVAN, Robert, 2001, p. 87.

Como pudemos observar, a análise do termo ἰδέα com a nuance de *tema* de um discurso mostrou-se, de alguma maneira, pertinente para o presente capítulo, ainda que essa acepção não ocorra no discurso *Antídose*. Também presentes em importantes reflexões *metadiscursivas* isocráticas, as ocorrências do termo aqui comentadas podem nos evidenciar, do mesmo modo como nas outras acepções anteriormente vistas, um contexto em comum. Quando recorre ao termo para determinar temas de um discurso, Isócrates está, em primeiro lugar, discutindo a forma como ele ou outros escritores devem conceber e elaborar a estrutura discursiva dos gêneros que praticam. Além disso, nesses contextos, o autor novamente rivaliza com seus pares, demonstrando como eles, de uma maneira ou de outra, não souberam compor seus discursos por meio das ἰδέαι devidas a uma dada modalidade discursiva. No *Elogio de Helena*, suas ἰδέαι serão diversas daquelas da apologia composta por Górgias, pois ele, ao contrário, estruturará seu discurso por meio de temas próprios a um encômio. No *Para Nicocles*, por sua vez, Isócrates se opõe aos compositores de mitos, evidenciando sutilmente que sua prosa política está voltada antes para o conselho e a reflexão do que para as narrativas bélicas (ἰδέαι dos mitógrafos), que deleitam a audiência. No *Para Filipe*, por fim, ele declara que outros autores utilizam erroneamente o recurso da comparação nas composições encomiásticas, ἰδέα assaz comum na estrutura de composição de seus discursos desse gênero.

2.5 – Conclusão

Após a exposição das reflexões *metadiscursivas* isocráticas em que se encontram ocorrências do termo *ιδέα*, bem como das interpretações que aqui foram sugeridas, podemos propor algumas considerações finais para este capítulo. Em primeiro lugar, cabe dizer que o uso do termo em Isócrates não é propriamente técnico. Devido a sua polissemia, observamos que *ιδέα* possui nuances muito peculiares em cada uma de suas ocorrências. Além disso, mesmo na análise de cada uma de suas acepções, o termo nem sempre diz respeito a um mesmo aspecto definido e bem delimitado de seus ensinamentos sobre o *λόγος*, mas, por vezes, a vários. Assim como boa parte dos termos ou expressões centrais com as quais o autor opera, *ιδέα*, a cada reflexão *metadiscursiva*, possui uma acepção específica, que normalmente só pode ser depreendida por meio de *contextos* muito particulares.

Cada uma das reflexões isocráticas sobre o *λόγος* possui suas peculiaridades inerentes ao modo como sua *paideia* opera, visto que cada uma de suas obras resguarda, de algum modo, suas idiosincrasias internas. De fato, dentro de um mesmo discurso (*Antídose*), encontramos ao menos três acepções para apenas quatro ocorrências. Por essa razão, ao contrário do que seria se um vocabulário técnico fosse empregado, Isócrates não busca definir termos específicos para discutir os conceitos próprios de sua práxis discursiva. O autor, ao invés disso, faz uso de um léxico mais usual da prosa ática, para expressar, com certa liberdade terminológica, a forma como seu processo de composição escrita se realiza, bem como expor alguns dos preceitos de sua escola através justamente de suas reflexões *metadiscursivas*.

Ademais, vale por fim salientar que, não somente nas reflexões *metadiscursivas* discutidas neste capítulo, mas em muitas outras delas, é possível notarmos a maneira como Isócrates busca romper com diversas tradições, apresentando-se como um autor inovador em diversos níveis, seja estilístico, temático ou mesmo doutrinário. Seu criticismo, sobretudo contra a poesia e a sofística, permeia grande parte dessas reflexões, e opera com termos que, na maioria das vezes, tornam-se centrais – mas não técnicos – para uma melhor compreensão de sua obra.

Capítulo 3

“Discursos-testemunhas”: citações e comentários dos discursos *Panegírico*, *Sobre a Paz* e *Para Nícoles*

Após os dois proêmios (§§1-13 e 14-29), Isócrates inicia de fato sua apologia, por meio de duras réplicas às acusações de Lisímaco (§§30-50). Para refutar o sicofanta, que o acusara de corromper os jovens com discursos perniciosos, o autor faz uma importante reflexão (§§45-46) sobre uma infinidade de modelos discursivos existentes em oposição ao modelo que ele preferiu utilizar ao longo de sua carreira como educador – a saber, seu *logos politikos* –, demonstrando assim que aqueles que praticam tal tipo de discurso não são dignos de acusação, mas de elogio, dada a finalidade e utilidade cívica de tais obras.

Entre os §§47 e 50, o autor traça uma breve comparação entre aqueles que praticam esse gênero de discurso útil à cidade e aqueles que escrevem discursos para o tribunal. Isócrates retoma então sua crítica aos logógrafos, destacando a limitação inventiva daqueles que se dedicam apenas à composição de discursos em âmbito forense, contrapondo-a ao estilo de composição mais elevado dos que compõem discursos cívicos, como ele próprio sempre buscou desenvolver por meio de sua *paideia*. Por fim, o autor conclui essa parte do *Antídose* da seguinte forma:

49. ἔτι δὲ τοὺς μὲν, ἣν ὀφθῶσιν δις ἢ τρις ἐπὶ τῶν δικαστηρίων, μισουμένους καὶ διαβαλλομένους, τοὺς δ' ὅσῳ περ ἂν πλείοσι καὶ πλεονάκις συγγίγνωνται, τοσοῦτῳ μᾶλλον θαυμαζομένους· πρὸς δὲ τούτοις τοὺς μὲν περὶ τὰς δίκας δεινοὺς πόρρω τῶν λόγων ἐκείνων ὄντας, τοὺς δ' εἰ βουλευθεῖεν ταχέως ἂν ἐλεῖν καὶ τούτους δυνηθέντας.

49. Além disso, os primeiros, quando são vistos duas ou três vezes nos tribunais, são odiados e caluniados, ao passo que os segundos, quanto mais pessoas se reunirem e quanto maior for a sua frequência, tanto mais são admirados. Por fim: os primeiros, hábeis no tribunal, estão longe de saber compor discursos políticos, enquanto que os segundos, se quisessem, poderiam rapidamente aprender também os discursos judiciários.

Ainda que não se coloque em primeira pessoa nesse parágrafo, Isócrates pretende destacar aqui sua habilidade oratória em oposição àquela dos logógrafos. Ao polarizar cada um dos *ēthoi* (oradores forenses *versus* oradores políticos), o autor reafirma indiretamente sua superioridade em ser capaz de compor ambos os modelos de discurso, enquanto os que se dedicam aos discursos judiciários estão limitados apenas a esse gênero.

No §51, por sua vez, Isócrates inicia uma nova seção do discurso. Sua defesa agora se volta para uma nova estratégia argumentativa: se é acerca de discursos que ele está sendo acusado por Lisímaco, nada melhor do que apresentar para sua “audiência” seus próprios discursos ora publicados ao longo de sua vida como professor de oratória e conselheiro ateniense. Segundo o próprio autor (§§52-3), de nenhum outro modo ele poderia se defender melhor de acusações dessa sorte, a não ser citando excertos desses discursos em razão dos quais Lisímaco precisamente o acusara (§56). Dessa maneira, ele demonstraria como não fora responsável por corromper seus jovens discípulos, mas, ao contrário, por educá-los devidamente através de discursos de orientação político-deliberativa¹⁵⁷. Tais citações de suas obras do passado funcionarão, portanto, como se fossem “testemunhas de defesa” em seu fictício discurso forense. Ao invés de convocar amigos ou principalmente ex-discípulos para testemunhar em seu favor, o autor considera mais eficaz demonstrar seu pensamento político-pedagógico por meio de excertos emblemáticos de suas obras em vista daquilo que ele justamente precisa provar: sua inocência com relação à acusação de corrupção da juventude e seu valor enquanto educador e conselheiro. Percebe-se, assim, que as citações desses discursos como “testemunhas de defesa” configuram um prosseguimento da construção do *ēthos* do autor, já iniciada, como vimos, no segundo proêmio (§§14-28).

As passagens das obras que seguem citadas e comentadas são as dos discursos *Panegírico* (§§51-99), *Sobre a Paz* (§§25-56 e 132-145), e *Para Níocles* (§§14-39). Isócrates dará a seu “ouvinte-leitor” pequenas amostras de seu pensamento (*Antídose* 54), citando três de suas principais obras destinadas a aconselhar a cidade (*Panegírico* e *Sobre a Paz*) e o então rei de Salamina (*Para Níocles*). Através desses conselhos, Isócrates deu forma a praticamente todos os seus discursos que visavam ao bem comum

¹⁵⁷ É importante pontuar que, se Isócrates também insere no *Antídose* discursos de natureza deliberativa, ainda que através de citações, tal modelo discursivo também se soma ao caráter misto do discurso, descrito no §12.

entre os cidadãos, seus já mencionados *logoi politikoi*¹⁵⁸ (discursos de indissociável natureza e ambivalência exortativa e epidítica¹⁵⁹).

O primeiro discurso é certamente uma das obras mais citadas do autor por seus comentadores, pois nele encontramos uma série de fatores que levaram o *Panegírico* a ser considerado por muitos¹⁶⁰ como o melhor discurso do autor. Isócrates o teria composto por volta de 380 a.C., após dez anos da fundação de sua escola e da publicação do *Contra os Sofistas*. O *Panegírico* é tido como a obra mais bem elaborada estilisticamente por Isócrates: não por acaso, o discurso levou cerca de dez anos para que pudesse ser concluído¹⁶¹.

O discurso, em síntese, possui duas funções principais, caracterizadas evidentemente pela ambivalência do *logos politikos* isocrático: (i) função cívico-política e (ii) função epidítica. A primeira delas, por sua vez, possui duas finalidades: exortar os gregos a lutar contra os bárbaros, verdadeiro inimigo comum do povo helênico, e exortar os atenienses a retomar sua hegemonia perante os gregos, uma vez que a atual soberania espartana era, segundo Isócrates, ilegítima. Com essa obra, portanto, o autor pretende recuperar a dignidade do povo ateniense, abalada desde sua derrota no fim da Guerra do Peloponeso, fazendo-os ressurgir como líderes dos gregos e capazes de encabeçar a luta contra os persas. Quanto à função epidítica do *Panegírico*, vale lembrar que Isócrates não o compôs para efetivamente pronunciá-lo numa πανήγυρις, assim como também não proferiu seus demais discursos em público, mas apenas o publicou e o fez circular de forma escrita¹⁶². É fato que Isócrates tem sua postura política muito bem definida como “atenocêntrica” e, por essa razão, quer fazer insurgir nos atenienses seu antigo brio e identidade enquanto soberanos dentre os gregos. Todavia, por meio da divulgação de seu pensamento político, é natural que o autor também encontre no

¹⁵⁸ Cf. TOO, Yun Lee, 1995, p. 35.

¹⁵⁹ Cf. NICOLAI, Roberto, 2004, p. 53.

¹⁶⁰ A começar pelo próprio Isócrates, que em seus discursos de maturidade, não só no *Antídose*, cita diretamente ou faz referência ao *Panegírico* como um discurso *standard* de seu pensamento político. Cf. *Para Filipe* 11 e 83-4, *Panatenaico* 35, e *Segunda Carta Para Filipe* 6. Cf. também Dionísio de Halicarnasso, *Moralia, Isócrates*, 5 e 14.

¹⁶¹ HERMIDA, Juan Manuel. 1982, p. 77, MATHIEU, Georges & BRÉMOND, Émile, 1938, p. 5, 12-3, e *Panegírico* 13. Dionísio de Halicarnasso (*Moralia, Isócrates*, 14) se serve precisamente do *Panegírico* para analisar o estilo isocrático de composição. Na *Retórica* (1409b33-1410a17), Aristóteles se vale unicamente de passagens do *Panegírico* de Isócrates (dez excertos) para discorrer a respeito da antítese no livro III, dedicado à elocução.

¹⁶² Cf. NICOLAI, Roberto, 2004, p. 53.

Panegírico um modo de fazer certa propaganda de seu modelo de composição e de seu refinamento discursivo, a fim de atrair novos discípulos¹⁶³.

O excerto que compreende os §§51 a 99 do discurso *Panegírico*, os quais são citados no *Antídose*, é dedicado a demonstrar aos atenienses as razões pelas quais eles são merecedores da hegemonia entre os gregos em detrimento do atual comando espartano nas ações pan-helênicas. É no proêmio do discurso, todavia, que encontramos considerações de Isócrates sobre a necessidade do discurso e sua função enquanto conselheiro dos atenienses:

3. Οὐ μὴν ἐπὶ τούτοις ἀθυμήσας εἰλόμην ῥαθυμεῖν, ἀλλ' ἰκανὸν νομίσας ἄθλον ἔσεσθαι μοι τὴν δόξαν τὴν ἀπ' αὐτοῦ τοῦ λόγου γενησομένην ἥκω **συμβουλευέσων** περὶ τε τοῦ πολέμου τοῦ πρὸς τοὺς βαρβάρους καὶ τῆς ὁμοιοῖας τῆς πρὸς ἡμᾶς αὐτοὺς, [...]

3. Preferi não negligenciar esses assuntos, já que isso me desencorajaria, mas, considerando que me seria prêmio suficiente a fama que resultaria deste discurso, venho aqui para *aconselhar* a respeito da guerra contra os bárbaros e da reconciliação entre nós, [...]

Para (i) aconselhar os atenienses a retomarem sua soberania interna e liderarem uma expedição contra os persas (função cívico-política), (ii) Isócrates reivindica δόξα como prêmio por seu discurso, uma vez que assim superaria os sofistas que no passado trataram do mesmo assunto (§§3-4), oferecendo a seus discípulos um modelo praticamente insuperável de discurso cívico-político (função epidítica). Desse modo, portanto, o autor evidencia para a “audiência” do *Antídose* que, desde a publicação do *Panegírico*, seus discursos estavam longe de corromper os jovens, mas, ao contrário, de aconselhá-los e exortá-los a importantes questões políticas (cf. *Antídose* 60). Vejamos, em seguida, a maneira como essa refutação prossegue.

¹⁶³ NORLIN, George, 1928, p. 19.

O discurso *Sobre a Paz*, por sua vez, nos remete a um tempo muito posterior ao do *Panegírico*. Também de natureza política, foi escrito no tempo em que Atenas já retomara sua talassocracia e supremacia perante os demais povos gregos, voltando a liderar a chamada Segunda Liga Marítima. Cidades como Quíos, Rodes e Bizâncio, porém, haviam-na abandonado, devido às altas tributações impostas pelos atenienses. Os confederados, comandados por Atenas, iniciam então uma guerra contra tais cidades. Em meio aos confrontos, Isócrates publica por volta de 356 a.C. o discurso *Sobre a Paz*, exigindo o fim dessa guerra por meio de duras críticas à atual hegemonia despótica de Atenas.

Novamente preocupado com os rumos que as políticas interna e externa de Atenas tomavam, o autor busca, por meio do discurso *Sobre a Paz*, aconselhar Atenas a pôr fim à guerra, demonstrando como aquele regime de então estava agindo, segundo ele, de forma deveras violenta e desnecessária. Não por acaso, Isócrates cita no *Antídose* outro discurso em que também havia se colocado como conselheiro de Atenas, buscando compor novamente uma exortação aos atenienses. Contrariando as acusações de Lisímaco, portanto, seria impossível que, de seu ponto de vista, ele tenha corrompido os jovens com seus discursos, uma vez que estes, cívicos por natureza, foram de grande utilidade pública na deliberação de importantes questões políticas daquele período. É precisamente por esse motivo que a inserção do discurso deliberativo no discurso judiciário tem por finalidade reforçar a defesa do autor, visto que ela reitera a construção de seu *ēthos*.

Entre os §§25 e 56 do discurso *Sobre a Paz*, aqueles citados no *Antídose*, Isócrates aborda a atual postura ateniense perante os gregos. No §39, por exemplo, encontramos importantes considerações sobre a utilidade de seu discurso e seu papel como conselheiro da *pólis*:

39. [...] Ἐμὸν μὲν οὖν ἔργον ἐστὶν καὶ τῶν ἄλλων τῶν κηδομένων τῆς πόλεως προαιρεῖσθαι τῶν λόγων μὴ τοὺς ἡδίστους, ἀλλὰ τοὺς ὠφελιμωτάτους· ὑμᾶς δὲ χρῆ πρῶτον μὲν τοῦτο γινώσκειν, ὅτι τῶν μὲν περὶ τὸ σῶμα νοσημάτων πολλαὶ θεραπείαι καὶ παντοδαπαὶ τοῖς ἰατροῖς εὕρηται, ταῖς δὲ ψυχαῖς ταῖς ἀγνοούσαις καὶ γεμούσαις πονηρῶν ἐπιθυμιῶν οὐδὲν ἐστὶν ἄλλο φάρμακον πλὴν λόγος ὁ τολμῶν τοῖς ἀμαρτανομένοις ἐπιπλήττειν, [...]

39. É minha tarefa, e dos outros que se preocupam com a cidade, preferir não os discursos mais agradáveis, mas os mais úteis. É necessário que vós sabeis que os médicos já descobriram muitos medicamentos de todos os tipos para as doenças do corpo, mas para as almas ignorantes e carregadas de desejos perniciosos não há outro remédio senão o discurso que ousa censurar os equivocados.

Através de uma alegoria estabelecida com a medicina, o *ēthos* de Isócrates é outra vez caracterizado. O autor se coloca perante a cidade como um “médico” dedicado a cuidar das almas dos atenienses. Seu “medicamento” é o λόγος cívico, que “censura os equivocados”, composto não para o deleite da audiência, mas para que sejam úteis àqueles que se preocupam com a *pólis*. Novamente, segundo esse argumento, não haveria como ele ter corrompido os jovens com seus discursos, conforme Lisímaco o havia acusado, visto que suas obras, ao contrário, são o φάρμακον para a salvação da cidade.

Por fim, Isócrates cita seu terceiro e último “discurso-testemunha”, o *Para Níocles*. Mais uma vez tentando mostrar-se como educador e conselheiro, ele expõe agora conselhos não aos atenienses, mas a uma importante personalidade, o então rei de Salamina. Na tentativa de auxiliar Níocles em seu projeto de governo, o autor elenca nesse discurso uma série de máximas conselheiras para que seu reinado seja considerado moderado e bem quisto por seus cidadãos. Em outras palavras, Isócrates busca educar o rei Níocles para que ele governe com prudência e não se torne um tirano perante seu povo. Entre os §§14 e 39, citados no *Antídose*, encontramos o corpo principal do discurso dedicado aos conselhos (i.e., excluindo o proêmio e a peroração). No §24, por exemplo, o autor fala para Níocles sobre a necessidade de um governo ponderado às vistas de seus concidadãos e de sua política externa:

24. Ἀρχικὸς εἶναι βούλου μὴ χαλεπότητι μηδὲ τῷ σφόδρα κολάζειν, ἀλλὰ τῷ πάντας ἡττάσθαι τῆς σῆς διανοίας καὶ νομίζειν ὑπὲρ τῆς αὐτῶν σωτηρίας ἄμεινον αὐτῶν σὲ βουλευέσθαι. Πολεμικὸς μὲν ἴσθι ταῖς ἐπιστήμαις καὶ ταῖς παρασκευαῖς, εἰρηνικὸς δὲ τῷ μηδὲν παρὰ τὸ δίκαιον πλεονεκτεῖν. Οὕτως ὁμίλει τῶν πόλεων πρὸς τὰς ἡττους ὥσπερ ἂν τὰς κρείττους πρὸς ἑαυτὸν ἀξιώσειας.

24. Queiras ser um líder sem ser autoritário, não reprimindo em demasia, mas comandando a todos com tua inteligência, e sabendo que a salvação deles é mais bem deliberada por ti do que por eles próprios. Sê belicoso no conhecimento e nos preparativos [de guerra], mas apaziguador junto àqueles que não se excedem à margem da justiça. Relaciona-te com as cidades mais fracas, tal como considerarias digno que as mais fortes se relacionassem contigo.

É importante notar que os conselhos arrolados por Isócrates nos parágrafos anteriores e posteriores ao §24 não possuem uma ordem discursiva lógica e progressiva. O autor nos alerta, nos §§67-8 do *Antídose*, que a forma de composição do *Para Nícoles* segue um modelo diverso daquele utilizado no *Panegírico* e no *Sobre a Paz*,...

68. Οὔτοι μὲν γὰρ τὸ λεγόμενον ὁμολογούμενον ἀεὶ τῷ προειρημένῳ καὶ συγκεκλειμένον ἔχουσιν, ἐν δὲ τούτῳ τὸναντίον· ἀπολύσας γὰρ ἀπὸ τοῦ προτέρου καὶ χωρὶς ὥσπερ τὰ καλούμενα κεφάλαια ποιήσας πειρῶμαι διὰ βραχέων ἕκαστον ὧν συμβουλεύω φράζειν. [...]

68. Pois, nos anteriores, o que é dito concorda e está sempre conectado rigorosamente ao que fora dito anteriormente, ao passo que neste sucede o contrário: ao separar distintamente cada parte da anterior, e compô-las como os chamados “resumos”, tento enunciar brevemente cada um dos meus conselhos.

A fim de aconselhar os cidadãos atenienses e os gregos (*Panegírico* e *Sobre a Paz*), Isócrates recorre a um modelo discursivo que opera por meio de conselhos concatenados. Para aconselhar um governante (*Para Nícoles*), todavia, sua estrutura de composição é mais “solta”, livre de uma ordenação que explique causas e consequências, razões históricas ou políticas para seus conselhos. Em outras palavras, tal modelo de discurso se configura basicamente como uma grande lista de conselhos estruturados sob a forma de orações quase sempre imperativas, as quais exortam o destinatário a respeito daquilo que é preciso fazer e, ao mesmo tempo, o admoestam com relação ao que ele deve evitar¹⁶⁴.

¹⁶⁴ Em outros discursos, como por exemplo o *Para Demônico*, Isócrates se serve precisamente do mesmo modelo estrutural de composição. Para que Demônico aprenda a imitar o caráter nobre e exemplar de seu pai, ele deve seguir os conselhos de Isócrates, tais como “16. Após realizar algo vergonhoso, jamais esperes escondê-lo. Pois, ainda que os outros não o percebam, tu mesmo terás consciência disso. Teme

Conforme anunciado no §46 do *Antídose*, portanto, Isócrates tratará adiante sobre o modelo de discurso que lhe concerne. O *logos politikos*, enquanto modelo de composição isocrática que perpassa toda a sua obra, encontra nos excertos dos três discursos citados sua principal característica e função: aconselhar e exortar politicamente os cidadãos atenienses (*Panegírico* e *Sobre a Paz*), ou governantes em particular (*Para Níocles*). Nesse sentido, o autor recorre no *Antídose* a certa “personificação” de alguns de seus discursos, que lhe servirão como “testemunhas de defesa” frente às acusações que Lisímaco fizera. A fim de provar que seus discursos não corrompiam seus jovens discípulos, mas, ao contrário, ensinava-os (dimensão epidítica) a compor discursos úteis aos interesses da cidade (dimensão cívico-política), a melhor forma encontrada pelo autor foi a de citar diretamente excertos de algumas de suas próprias obras, ao invés de convocar antigos discípulos para defendê-lo no tribunal. Conseqüentemente, ao elaborar e desenvolver esse recurso argumentativo contra as acusações de Lisímaco, Isócrates faz novamente reflexões sobre sua própria prática discursiva e seus modelos de composição, como, por exemplo, a peculiar estrutura de conselhos não-concatenados oferecida a Níocles (e a Demônico), por meio de exortações ou admoestações imperativas. Através desse expediente argumentativo, pois, o autor contribui mais uma vez para a construção de seu *ēthos* perante a “audiência” do discurso *Antídose*, além de incluir mais um gênero discursivo (político-exortativo) dentro de sua composição mista (*Antídose* 12).

aos deuses, honra os pais, respeita os amigos e obedece às leis. Persegue os prazeres bem reputados, pois deleite com honra é a coisa mais nobre, mas, sem ela, a coisa mais vil.” “16. μηδέποτε μηδέν αἰσχρὸν ποιήσας ἔλπιζε λήσειν: καὶ γὰρ ἂν τοὺς ἄλλους λάθῃς, σεαυτῷ συνειδήσεις. τοὺς μὲν θεοὺς φοβοῦ, τοὺς δὲ γονεῖς τίμα, τοὺς δὲ φίλους αἰσχύνου, τοῖς δὲ νόμοις πείθου. τὰς ἡδονὰς θήρευε τὰς μετὰ δόξης: τέρψις γὰρ σὺν τῷ καλῷ μὲν ἄριστον, ἄνευ δὲ τούτου κάκιστον.”.

Capítulo 4

A digressão encomiástica nos discursos de Isócrates e o “Elogio a Timóteo” no *Antídose* (101-139)

Sabemos que, na primeira metade do discurso *Antídose* (§§30-166), Isócrates pretende refutar as acusações de Lisímaco, baseadas em duas críticas principais: “ele diz que eu (i) corrompo os mais jovens por (ii) ensiná-los a discursar e a levar vantagem nos litígios injustamente” (ὡς διαφθείρω τοὺς νεωτέρους λέγειν διδάσκων καὶ παρὰ τὸ δίκαιον ἐν τοῖς ἀγῶσι πλεονεκτεῖν) - §30. Assim, após expor a grafia de seu acusador, o autor passa então a moldar seu *ēthos* no presente discurso, contrapondo-o ao dos logógrafos (§§30-50), a fim de apontar, sobretudo, distinções de aspecto moral existentes entre ambos. Em seguida, conforme vimos no capítulo anterior, ele cita diretamente e comenta três de seus principais discursos (§§51-83), *Panegírico*, *Sobre a Paz* e *Para Nicocles*, buscando provar que suas composições, no decorrer de toda a sua carreira como educador, foram sempre de natureza (político-exortativa e epidítica) muito diversa daquela que Lisímaco acusara (judiciária). Até esse momento, em suma, Isócrates procura refutar o segundo ponto da acusação de seu delator: seus argumentos têm por finalidade demonstrar que ele jamais compôs discursos para o tribunal, e que, por conseguinte, é inexperiente no ambiente forense.

Na seção seguinte do discurso (§§84-100), todavia, o autor passa a se defender do primeiro ponto da acusação: a suposta corrupção dos jovens. Para tanto, ele começa a discorrer particularmente sobre como se dava sua relação com seus discípulos, o modo como em parte sua escola funcionava, além de mencionar alguns de seus mais notáveis pupilos. Segundo Isócrates, nenhum de seus alunos ou ex-alunos jamais o criticou, mas, ao contrário, conviviam e estudavam com ele por cerca de três ou quatro anos (§87); eram tão gratos por seus ensinamentos, que, quando deviam retornar para suas respectivas pátrias, a despedida era feita sempre com muita tristeza (§88); seria mais apropriado que a audiência desse crédito a seus discípulos, pois eles de fato o conheceram bem, e não a um sujeito (Lisímaco) que jamais conviveu com o autor

(§88)¹⁶⁵. De seus primeiros discípulos, os que mais se destacaram foram Eunomo, Lisíctides e Calipo; depois, Onétor, Ânticles, Filônides, Filomelo, e Carmantides (§93), sujeitos que não se tornaram corruptos, mas que, ao contrário, foram coroados pela cidade, despendiam grande parte de seus recursos particulares em benefício de Atenas, e eram considerados homens nobres e bons (καλὸν κάγαθὸν) – §§94 e 95. Assim, o autor seguirá refutando a acusação de Lisímaco até o centésimo parágrafo, demonstrando, de maneira geral, que ele não corrompe os mais jovens, mas, em verdade, contribui para a formação moral e intelectual de seus discípulos.

No entanto, a partir do §101, inicia-se uma nova seção do *Antídose*, objeto de estudo do presente capítulo. Isócrates ali interrompe o tom de seu discurso, suspendendo a generalidade da defesa de seus discípulos, para destacar aquele que fora o mais proeminente deles: o já falecido general Timóteo. A partir desse ponto, até o §139, o autor irá compor um encômio a esse ex-pupilo, como forma de defesa ainda mais contundente contra a acusação de Lisímaco sobre a corrupção dos discípulos isocráticos, visto que aquele general é aqui representado, em síntese, como o maior responsável pelas benfeitorias já realizadas em nome de Atenas¹⁶⁶. Antes de passarmos para a análise do “Elogio a Timóteo”, porém, será importante ponderarmos brevemente as informações e os testemunhos que chegaram até nós a respeito de quem teria sido esse importante estrategista.

Filho do também general Cônnon (444-392 a.C.), Timóteo (414-354 a.C.) tornou-se general em 378 a.C., e foi um dos principais comandantes atenienses no período pós-Guerra do Peloponeso, além de ter sido também o principal articulador da chamada Segunda Liga Marítima. Todavia, no período do cerco contra Córceira (374 a.C.), foi acusado e considerado culpado por traição contra as cidades aliadas. Desse modo, foi exilado, e passou a servir como comandante mercenário, chegando inclusive a lutar ao lado dos persas contra os egípcios (372 a.C.). Alguns anos depois, retornou a Atenas, liderou a investida contra Samos (366-5 a.C.) e, no decurso de dez anos, conquistou diversas outras cidades nas regiões do Helesponto, Trácia, Macedônia e Ásia Menor.

¹⁶⁵ Um argumento muito semelhante aparece nos §§240-1, quando Isócrates retoma sua crítica aos sofistas e sicofantas: se ele fosse um corruptor de jovens tão terrível como Lisímaco afirma em sua acusação, os pais desses discípulos supostamente corrompidos seriam sem dúvida os primeiros a se irritar e a acusar o autor. Muito pelo contrário, eles levam os jovens até Isócrates e, segundo o autor, se comprazem ao vê-los em sua companhia.

¹⁶⁶ Ver os §§106, 107, 118, 125, 127 e 129, em que é enfatizada a singularidade de Timóteo e seus feitos. Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 148.

Entretanto, após a destruição de grande parte da frota ateniense durante rebeliões civis nas cidades aliadas (356 a.C.), Timóteo foi novamente acusado, julgado e considerado culpado por tais insurreições. Incapacitado de pagar a alta sentença no valor de cem *talentos*, foi exilado na ilha de Quíos, onde veio a falecer dois anos depois¹⁶⁷.

Além do “Elogio a Timóteo” (*Antídose* 101-39), Isócrates nos reporta a figura de Timóteo uma outra vez em sua obra (*Areopagítico* 12), para também destacar brevemente seu papel decisivo e o de seu pai, Cônnon, no domínio ateniense marítimo e militar sobre toda a Grécia. Lísias, por sua vez, faz menção ao general para defender que, além de ter sido injustamente caluniado, sua esposa e seus filhos não deveriam sofrer as consequências do confisco de seus bens após sua morte (*Sobre os bens de Aristófanes* 34). Nas *Helênicas* (5.4.64), Xenofonte destaca a maneira singular e respeitosa com que Timóteo tomou Córira: não escravizou o povo local nem alterou o modo de governo vigente, assim como Isócrates também o representa no encômio dedicado ao general (*Antídose* 123-6). Aristóteles, por fim, cita Timóteo como paradigma de estrategista que conseguia realizar empresas bélicas com poucos recursos (*Econômico*, 1350a23; 1350b2), do mesmo modo como Isócrates também o caracteriza (*Antídose* 108-9, 111 e 113).

Todavia, salientemos, sobretudo, o testemunho de Timóteo mais relevante em confronto ao encômio isocrático ao general. Em *Contra Timóteo, em nome de uma dívida* (pronunciado em 362 a.C.), Demóstenes constrói uma imagem do general completamente oposta àquela representada por Isócrates no *Antídose*. Trata-se de um típico discurso judiciário de acusação, em que o autor oferece seus serviços logográficos a um famoso ator, Apolodoro. De saída do Pireu para uma de suas expedições militares, Timóteo havia pedido um empréstimo de 1351 *dracmas* e dois *óbulos* a Pásion, um conhecido banqueiro ateniense, pai de Apolodoro. Este, então, acusa Timóteo, afirmando que o general é “o mais injusto de todos os homens” (*ἀδικώτατον πάντων ἀνθρώπων*) – §2, pois o empréstimo havia sido feito há dez anos, e Timóteo ainda não havia saldado a quantia. À época do empréstimo, Pásion e o general eram amigos, e, por essa razão, a dívida jamais fora cobrada. No entanto, como seu pai falecera há pouco, Apolodoro move o processo para reivindicar o dinheiro em débito. Ao final do discurso, Demóstenes, pela boca de Apolodoro, descreve uma série de

¹⁶⁷ Cf. OBER, Josiah, 1998, p. 268-9; TOO, Yun Lee, 2008, p. 144-5; HORNBLLOWER, Simon & SPAWFORTH, Anthony, 1996, p. 1529 (The Oxford Classical Dictionary).

insucessos militares de Timóteo, demonstrando que, além de ainda não haver saldado a dívida, ele não utilizara o dinheiro de maneira bem-sucedida (§§49-69)¹⁶⁸.

Como se nota, há poucos e, em sua maioria, breves testemunhos acerca de Timóteo em outros autores gregos. Entretanto, no *Antídose*, sua figura nos é reportada de forma ampla e rica em detalhes sobre sua vida e seus feitos militares. É importante ressaltarmos, porém, que não podemos confiar completa e inocentemente nesse testemunho isocrático como histórico, pois não devemos perder de vista que ele atende a certas diretrizes requeridas pelo “encômio”, aqui entendido como categoria discursiva bem definida na obra do autor, conforme vimos na Introdução. Uma das mais importantes dessas diretrizes, por exemplo, encontra-se em uma reflexão *metadiscursiva* presente no discurso *Busíris*, quando Isócrates destaca que...

4. [...] Ἀπάντων γὰρ εἰδότεων ὅτι δεῖ τοὺς μὲν εὐλογεῖν τινὰς βουλομένους πλείω τῶν ὑπαρχόντων ἀγαθῶν αὐτοῖς προσόντ' ἀποφαίνειν, τοὺς δὲ κατηγοροῦντας τὰναντία τούτων ποιεῖν, [...]

4. “[...] todos sabem que os que querem elogiar alguém devem revelar mais qualidades do que a princípio existem verdadeiramente, e, os acusadores, fazer o contrário disso, [...]”

Nesse passo do *Busíris*, encontramos o próprio autor admitindo com naturalidade que, na composição encomiástica, o orador estará mais comprometido com o uso de ampliações do que com descrições fiéis de quem é elogiado. De fato, conforme já referido anteriormente, um dos recursos discursivos mais utilizados por Isócrates na composição de seus encômios é a chamada “auxese”, i.e., a amplificação das características e dos feitos do elogiado, a fim de conferir maior destaque e enaltecimento ao sujeito. Vale salientar que, não por acaso, Isócrates é citado por Aristóteles na *Retórica* como paradigma daquele que sabia amplificar o caráter e os feitos do elogiado através de comparações com heróis, semideuses, ou personalidades de renome¹⁶⁹. Por esse motivo, também em seu “Elogio a Timóteo”, o autor naturalmente não se furtará ao uso desse recurso.

¹⁶⁸ Cf. Too, Yun Lee, 2008, p. 145; e FALCÓ, José Manuel Colubi, 1983, p. 99-120.

¹⁶⁹ Cf. Aristóteles, *Retórica*, 1368a10-33.

Retomemos, pois, o início do “Elogio a Timóteo” e o problema a ser tratado neste capítulo. Conforme dito acima, a transição do centésimo para o centésimo primeiro parágrafo marca uma nova seção do discurso *Antídose*. A defesa geral a respeito de sua falsa corrupção dos jovens é deixada em suspenso, para ganhar, de certo modo, um maior poder argumentativo. Através do encômio, Isócrates elege um novo gênero a ser praticado dentro do discurso, a fim de demonstrar, com maior propriedade, que sua atividade pedagógica não corrompia os jovens, mas, pelo contrário, era responsável pela formação de nobres e exemplares cidadãos, como Timóteo. Em outras palavras, o tom do discurso judiciário é quebrado e retomado somente a partir do §140, dando lugar a uma digressão de caráter encomiástico. Ora, a possibilidade para a composição dessa nova seção do discurso se justifica pelo que fora anunciado pelo autor no §12, quando define a complexidade de composição do *Antídose* como um discurso misto (μικτοῦ τοῦ λόγου), como vimos no primeiro capítulo. Isso posto, consideremos, para este estudo, que tal digressão configura-se como um fenômeno de inserção de um breve discurso encomiástico dentro de outro discurso principal de gênero diverso; nesse caso, do judiciário¹⁷⁰.

Esse recurso discursivo de inserção, porém, não é exclusivo do “Elogio a Timóteo”, pois Isócrates o utiliza em outros momentos de sua obra. Antes da análise em questão, portanto, verifiquemos como o autor se vale de tal expediente em outros de seus discursos (a saber, no “Elogio a Teseu” no *Elogio de Helena* [§§18-37]; no “Elogio a Hércules” no *Para Filipe* [§§109-12]; e no “Elogio a Agamêmnon” no *Panatenaico* [§§84-90]), para, posteriormente, investigarmos como isso ocorre no “Elogio a Timóteo” no discurso *Antídose*.

¹⁷⁰ Ao menos enquanto composição formal dentro do discurso misto (cf. o conceito de “*cornice giudiziaria*” para a definição do *Antídose*, segundo NICOLAI, Roberto, 2004, p. 98, citado no primeiro capítulo, p. 65.

4.1 - Digressões encomiásticas na obra de Isócrates

4.1.1 – O “Elogio a Teseu” no Elogio de Helena (18-37)

Considerando a cronologia das obras de Isócrates¹⁷¹, é no *Elogio de Helena* (390-380 a.C.) que encontramos pela primeira vez o exercício de uma digressão encomiástica. Após concluir o próêmio (§15), o autor passa a compor de fato seu encômio a Helena, começando a discorrer sobre sua linhagem divina (§16-7). Todavia, já no §18, ele suspende seu tema principal, e inicia ali um “Elogio a Teseu”. No §22, ele justifica a razão dessa inserção oblíqua de um encômio dentro de outro principal da seguinte maneira:

22. Δοκεῖ δέ μοι πρέπει περὶ αὐτοῦ καὶ διὰ μακροτέρων εἰπεῖν ἡγοῦμαι γὰρ ταύτην μεγίστην εἶναι πίστιν τοῖς βουλομένοις Ἑλένην ἐπαινεῖν, ἣν ἐπιδείξωμεν τοὺς ἀγαπήσαντας καὶ θαυμάσαντας ἐκείνην αὐτοὺς τῶν ἄλλων θαυμαστοτέρους ὄντας.

22. Parece-me conveniente falar mais amplamente a respeito dele [Teseu], pois acredito que esta seja a maior prova para aqueles que querem elogiar Helena: demonstrar que os que a amaram e a admiraram são mais dignos de admiração do que os demais.

Ora, se Helena foi digna do amor de Teseu, e, se este herói foi um dos maiores responsáveis pelas benfeitorias já realizadas em nome dos gregos, como o autor demonstrará ao longo de sua digressão, então é digno que um “Elogio a Teseu” faça parte de um encômio em nome de Helena. No entanto, por trás dessa proposição isocrática, observaremos que o “Elogio a Teseu” possui também, e antes de tudo, uma dimensão política.

¹⁷¹ Cf. NICOLAI, Roberto, 2004, p. 10-1.

Na sequência do discurso (§23-8), o autor passa a comparar os feitos de Teseu aos de Hércules: as ações deste serviram apenas para benefício próprio (§24), ao passo que os trabalhos de Teseu beneficiaram a todos os gregos (§25). Não por acaso, Teseu, herói ateniense, é comparado a Hércules, herói espartano. Aceitando que o discurso possa ter sido composto entre 390 e 380 a.C., estamos aí em um recente período pós-guerra do Peloponeso, a qual terminara em 404 a.C. Antes dessa guerra, Atenas figurava como protagonista entre as cidades helênicas, bem como servia de modelo político para muitas das demais. No entanto, após a derrota sofrida para os lacedemônios, é provável que os atenienses não tivessem mais o mesmo orgulho de outrora. Nesse sentido, o “Elogio a Teseu” simbolizaria de certa forma uma tentativa de revitalização da memória local e uma exaltação da grandiosidade dos atenienses ante os espartanos dentro do mundo helênico. Mais do que isso, considerando o modo como Isócrates caracteriza Teseu, como benfeitor não apenas de Atenas, mas de toda a Grécia, infere-se daí que tal representação alinhe-se ao ideal pan-helênico do autor, i.e., a unificação dos povos gregos, liderados pelos atenienses, em nome da luta contra os bárbaros, presente em grande parte de seus discursos¹⁷². Dessa forma, o “Elogio a Teseu” no *Elogio de Helena* pode ser também interpretado a partir de sua dimensão política. Segundo George Kennedy¹⁷³:

“[...] praise of Theseus (21-37) which occupies about a quarter of the work, a considerable portion of which is in turn devoted to a comparison of Theseus and Heracles. If now, according to my hypothesis, we regard the speech as concerned somehow with Panhellenism, it seems significant that the principal Athenian hero is compared to the principal hero of the Peloponnese, to the advantage of the former.”

De certo modo, portanto, Isócrates faz uso do encômio, enquanto composição formal, para obliquamente inserir uma exortação aos atenienses, e, assim, compor um discurso de âmbito político. Conforme veremos na análise das próximas digressões encomiásticas, tal fenômeno será recorrente nas futuras obras do autor.

¹⁷² O discurso *Panegírico* é o maior exemplo desse ideal político defendido pelo autor. Nas análises do “Elogio a Hércules” e do “Elogio a Agamêmnon”, veremos que o ideal pan-helênico de Isócrates reaparece.

¹⁷³ KENNEDY, George, 1958, p. 81.

Nos §§29 e 30, Isócrates volta a refletir sobre o discurso, e revela um *ēthos* próprio que será fundamental para as análises das demais digressões isocráticas presentes neste capítulo. O autor se mostra desorientado para a consecução do discurso (ἀπορῶ) e hesita em continuar a relatar os feitos do herói. Ele teme (δέδουκα) parecer aos ouvintes falar mais a respeito de Teseu do que de Helena, e, portanto, decide ser o mais conciso possível acerca do herói.

Ao caracterizar seu *ēthos* no meio da digressão como um orador perdido, hesitante e temeroso, Isócrates introduz uma atmosfera dramática ao discurso¹⁷⁴, pois não quer ser alvo de críticas por parte da audiência nem de outros oradores. Como veremos adiante, o autor se vale dos mesmos termos mencionados no parágrafo acima para criar essa mesma atmosfera nas demais digressões, ou mesmo em outras passagens de sua obra¹⁷⁵. Essa representação de caráter, porém, nada mais é do que uma espécie de falsa modéstia por parte de Isócrates. Ora, após fazer uma série de ressalvas e escusas para prosseguir em sua digressão encomiástica e prometer concisão, ele, todavia, compõe mais sete parágrafos discorrendo acerca de outras façanhas de Teseu, e, sobretudo, de suas virtudes enquanto conquistador e líder político (§§31-7). O autor, portanto, não está desorientado em seu percurso discursivo como havia se caracterizado, nem teme ser alvo de críticas, pois, em verdade, possui absoluto controle da consecução de sua composição¹⁷⁶.

4.1.2 – O “Elogio a Hércules” no Para Filipe (109-112)

No penúltimo de seus discursos, o *Para Filipe* (346 a.C.), Isócrates compõe uma exortação ao rei Filipe II da Macedônia, aliada também a um tom encomiástico, a fim de aconselhá-lo a unificar os povos gregos e liderá-los na luta contra seu inimigo comum, os persas – não por acaso, o ideal político pan-helênico do autor, presente em grande parte de seus discursos, conforme mencionado há pouco no “Elogio a Teseu”. Uma das tantas maneiras que o autor encontra no decorrer do discurso para incitar o rei macedônio a tal empresa é a composição de um elogio dedicado ao mais conhecido

¹⁷⁴ Cf. RACE, William, 1978, p. 179.

¹⁷⁵ Cf. *Panatenaico* 74 e 88, e *Antídose* 140 e 310.

¹⁷⁶ Cf. RACE, William, 1978, p. 184.

herói da mitologia grega, Hércules, justamente um dos precursores na tentativa de certa unificação pan-helênica na luta contra outros povos. É importante salientar que o uso da mitologia é frequente na obra do autor, pois ela serve para legitimar com maior propriedade seu ideal político. A intenção de Isócrates, nesse caso, é a de fazer com que o herói cumpra uma função paradigmática para o rei macedônio¹⁷⁷.

O breve “Elogio a Hércules” (§§109-112) é exemplar para a compreensão do fenômeno isocrático da inserção de um discurso epidítico dentro de um discurso maior; nesse caso, de uma exortação a Filipe II, a fim de que ele possa realizar façanhas semelhantes às de Hércules. No início de sua digressão encomiástica, Isócrates tece uma de suas já características reflexões *metadiscursivas*, afirmando que...

109. Περὶ τοίνυν Ἡρακλέους οἱ μὲν ἄλλοι τὴν ἀνδρείαν ὑμνοῦντες αὐτοῦ καὶ τοὺς ἄθλους ἀπαριθμοῦντες διατελοῦσιν, περὶ δὲ τῶν ἄλλων τῶν τῇ ψυχῇ προσόντων ἀγαθῶν οὐδεὶς οὔτε τῶν ποιητῶν οὔτε τῶν λογοποιῶν οὐδεμίαν φανήσεται μνεῖαν πεποιημένος. Ἐγὼ δ' ὁρῶ μὲν τόπον ἴδιον καὶ παντάπασιν ἀδιεξέργαστον, οὐ μικρὸν οὐδὲ κενόν, ἀλλὰ πολλῶν μὲν ἐπαίνων καὶ καλῶν πράξεων γέμοντα, ποθοῦντα δὲ τὸν ἀζίως ἂν δυνηθέντα διαλεχθῆναι περὶ αὐτῶν.

109. A respeito de Hércules, outros autores continuam a hinear sua coragem e enumerar seus trabalhos, mas, a respeito de outras qualidades relativas a sua alma, nenhum poeta ou prosador jamais recordou. Eu, por outro lado, vejo que esta oportunidade é única e completamente inexplorada. Não é um trabalho pequeno nem em vão, mas carregado de muitos louvores e de grandiosas ações, e que requer alguém que seja capaz de abordar tais assuntos com dignidade.

Isócrates reivindica para si a capacidade de ser o único a poder tratar desses novos assuntos ainda inexplorados, elemento aqui fundamental para a construção de seu *ēthos*, e, sobretudo, para também justificar a composição dessa digressão¹⁷⁸. Não bastaria que ele simplesmente mencionasse Hércules a Filipe, fazendo-o recordar dos feitos do herói já abordados por outros autores. O autor, ao contrário, deve tecer um encômio a Hércules, para que o rei macedônio possa se espelhar não somente em seus trabalhos já conhecidos, mas também em sua *ψυχή*.

¹⁷⁷ Cf. HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 415.

¹⁷⁸ Cf. *Evágoras* 8-11, em que Isócrates também se coloca como um precursor do tema de seu encômio.

No §110, Isócrates prossegue seu proêmio justificando a composição de sua digressão, ressaltando que, se fosse mais jovem, poderia compor um encômio muito maior, destacando uma série de virtudes físicas, morais e intelectuais a respeito de Hércules. Todavia, devido a sua idade mais avançada, ele se concentrará tão somente em uma única ação do herói, a qual convém ao momento em que seu discurso se encontra¹⁷⁹. Finalmente, nos subseqüentes §§111-2, o autor compõe seu elogio de fato. Ele destaca que Hércules (i) foi o responsável por unificar os povos gregos, antes envolvidos em muitas guerras, insurreições e demais desgraças; (ii) tomou a cidadela de Troia em dez dias, em oposição aos famosos heróis gregos do ciclo troiano, que levaram dez anos para realizar o mesmo feito; (iii) derrotou muitos outros reis bárbaros¹⁸⁰; e (iv) erigiu as famosas Colunas de Hércules, como símbolo de seus trabalhos e delimitação do território grego.

Encerrada a digressão, para conectar seu fim ao prosseguimento do discurso *Para Filipe*, o autor novamente afirma a finalidade de sua composição:

113. Τούτου δ' ἕνεκά σοι περὶ τούτων διήλθον, ἵνα γνῶς ὅτι σε τυγχάνω τῷ λόγῳ παρακαλῶν ἐπὶ τοιαύτας πράξεις, ἃς ἐπὶ τῶν ἔργων οἱ πρόγονοί σου φαίνονται καλλίστας προκρίναντες. Ἄπαντας μὲν οὖν χρὴ τοὺς νοῦν ἔχοντας τὸν κράτιστον ὑποσησαμένους πειρᾶσθαι γίγνεσθαι τοιούτους, μάλιστα δὲ σοὶ προσήκει.

113. Por essa razão, relatei tais coisas para ti, para que saibas que, com meu discurso, estou te exortando a ações de tal magnitude, as quais teus ancestrais, à luz de seus feitos, elegeram evidentemente como as mais belas. É necessário que todos os homens inteligentes tomem como modelo o mais forte e intentem tornarem-se como tal, e isso convém, sobretudo, a ti.

A partir desse parágrafo, ao associar o parentesco de Filipe com Hércules, Isócrates seguirá, até o §116, repetindo e reafirmando a necessidade do rei da Macedônia se espelhar em seus ancestrais, para que ele possa unificar os povos gregos e liderá-los na luta contra os persas. Mais uma vez, através de outra reflexão

¹⁷⁹ Para a escusa de Isócrates a respeito de sua idade avançada, fazendo com que sua eloquência tenha se tornado mais “fraca” do que em seus tempos de maturidade, ver *Evágoras* 73; *Sobre a Paz* 141-5; *Antidose* 9; *Panatenaico* 3 e 55; *Para Filipe* 27-8 e 149; e a *Carta aos Filhos de Jasão* 6.

¹⁸⁰ Busíris (Egito), Diomedes (Trácia), Sapédon (Ásia), dentre outros. Cf. HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 416.

metadiscursiva, o autor evidencia a finalidade de sua digressão encomiástica, justificando as razões de sua composição. De acordo com William Race¹⁸¹:

“In epideictic rhetoric digressions serve as models (*παραδείγματα*) which are persuasive in a illustrative way (leading to imitative action) not in an argumentative or strictly logical way. That Isocrates intended his digressions to be understood in this vein is clear from the conclusion to the digression on Heracles, when he urges Philip to imitate (*μιμήσασθαι*, *Philip* 114) the "spirit" of Heracles' *εὐεργεσία* towards the Hellenes (114-16).”

4.1.3 – O “Elogio a Agamêmnon” no *Panatenaico* (84-90)

Em seu último discurso, o *Panatenaico* (339 a.C.), Isócrates tece um longo elogio a Atenas, por ocasião (fictícia) das famosas festas em honra à deusa Atena, as Panateneias. Após um longo proêmio (§§1-39), em que o autor discorre sobre o propósito da obra, além de criticar outros autores que também trataram do mesmo tema, inicia-se de fato o encômio à cidade. Isócrates apóia-se, sobretudo, na comparação de Atenas com Esparta para demonstrar a superioridade da primeira sobre a segunda ao longo dos tempos, destacando seu poderio e, principalmente, suas benfeitorias em nome de toda a Grécia (§§40-107). Em meio ao elogio, nos §§71-2, o autor volta ao passado mítico e cita alguns dos principais heróis gregos do ciclo troiano (Nestor, Menelau e Agamêmnon), destacando sua importância para a futura hegemonia helênica perante os bárbaros, a qual Atenas no futuro viria a protagonizar. Não satisfeito, porém, em apenas mencioná-los, Isócrates vê a necessidade de discorrer um pouco mais a respeito do último herói citado, visto que “nenhum outro empreendera feitos mais insólitos, nem mais nobres, nem mais importantes, nem mais vantajosos aos gregos, nem dignos dos maiores elogios” (§73).

Inicia-se, então, no §74, um “Elogio a Agamêmnon”. Assim como nas digressões anteriores, o autor suspende o tema de seu discurso (no caso, o elogio a Atenas), para elogiar um herói mítico do passado. Dessa vez, porém, a finalidade da digressão não é tão explícita como, por exemplo, no “Elogio a Hércules”, embora ela

¹⁸¹ RACE, William, 1978, p. 185.

aqui também se configure como uma exortação a Filipe. Segundo Blass e Hermida, ao elogiar Agamêmnon como um líder unificador dos povos gregos na luta contra os bárbaros, assim como também o fizera com relação a Hércules no *Para Filipe*, Isócrates pretende novamente exortar o rei da Macedônia para que se espelhe em Agamêmnon e realize um feito semelhante, considerando, evidentemente, a proximidade temporal da composição de ambos os discursos (*Para Filipe* – 346 a.C. e *Panatenaico* – 339 a.C.)¹⁸².

Ao iniciar sua digressão (§74), portanto, o autor novamente tece algumas reflexões *metadiscursivas* para justificar sua composição. Ele primeiramente se mostra hesitante (*ἀπορῶ*) por não saber que palavras usar, e se sente envergonhado (*αἰσχύνομαι*) se, após anunciar que discorreria sobre a virtude de Agamêmnon, não rememorar nenhum de seus feitos. No §75, diz temer (*δέδοικα*) que seja alvo de criticismo da parte de outros autores, por ter de fugir de seu tema principal, mas, por fim, decide ajudar (*αἰροῦμαι βοηθῆσαι*) a um sujeito que não recebeu o devido reconhecimento (i.e., Agamêmnon). Nesses termos, e com essa quebra brusca na estrutura discursiva, o autor cria uma atmosfera dramática no próêmio de sua digressão encomiástica, visando, além disso, a construção de seu *ēthos*, exatamente do mesmo modo como havia feito no “Elogio a Teseu”, como vimos há pouco. Ademais, assim como no próêmio do “Elogio a Hércules” (§109), Isócrates quer ser digno de seu discurso, trazendo algo inovador a respeito de seu elogiado, e não incorrer nas falhas da maioria de outros autores¹⁸³. De acordo com William Race¹⁸⁴:

“The abruptness of the praise is calculated and Isocrates' *dubitatio* increases the dramatic and emotional effect of his *laudes*.”

“This complex arrangement of topics is carefully contrived to portray the *ēthos* of the orator and to highlight the forthcoming encomium, which is now assuming an epideictic (exemplary) function beyond its original forensic intention.”

¹⁸² BLASS, F. 1887, p. 331 *apud* HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 447.

¹⁸³ Cf. *Contra os Sofistas* 12.

¹⁸⁴ RACE, William, 1978, p. 179.

“Creating an impasse in which a difficult choice must be made is at the very heart of drama, and is especially effective in revealing character. It is meant to draw the audience into the process of composing so as better to appreciate the orator's tact in handling the forthcoming subject.”

Encerra-se, então, o breve próêmio, e, entre os §§76 e 83, Isócrates tece o corpo de seu encômio de fato. O discurso segue as diretrizes de um típico elogio isocrático, demonstrando, sobretudo, o modo como Agamêmnon foi único no que se refere ao comando pan-helênico contra Troia. Dessa parte, vale destacar duas passagens em particular, nas quais encontramos similaridades com outras digressões encomiásticas do autor. No §77, o autor afirma que Agamêmnon libertou os gregos de guerras, confusões e muitas desgraças (πολέμῳ καὶ ταραχαῖς καὶ πολλοῖς κακοῖς), assim como também representara Hércules no *Para Filipe* (§111), como o responsável por unificar os povos gregos, antes envolvidos em muitas guerras, insurreições e demais desgraças (πολέμων καὶ στάσεων καὶ πολλῶν ἄλλων κακῶν). Já no §82, diz que Agamêmnon comandou o exército grego no cerco contra Troia durante dez anos, destacando que tal empresa foi realizada “sem grandes despesas ou gastos de dinheiro” (οὐ μισθοφοραῖς μεγάλαις οὐδὲ χρημάτων δαπάναις). Conforme já mencionado no início do capítulo, encontramos também na representação isocrática de Timóteo no discurso *Antídose* (§§108-9, 111 e 113)¹⁸⁵ o enaltecimento da virtude “econômica” de um general.

O autor só retornará de fato ao tema principal do *Panatenaico* no §91. Assim, entre os §§84 e 90, encontramos uma série de reflexões *metadiscursivas* que novamente servirão como justificativa para a digressão, bem como para a conexão de seu fim à continuidade do *Panatenaico*. Em especial, o §88 é o mais significativo para a compreensão desse fenômeno digressivo com o qual Isócrates está operando:

88. Ἀλλὰ γὰρ οὐκ οἶδ' ὅποι τυγχάνω φερόμενος· αἰεὶ γὰρ οἰόμενος δεῖν προστιθέναι τὸ τῶν προειρημένων ἐχόμενον, παντάπασι πόρρω γέγονα τῆς ὑποθέσεως. Λοιπὸν οὖν ἐστὶν οὐδὲν ἄλλο πλὴν αἰτησάμενον τῷ γήρα συγγνώμην ὑπὲρ τῆς λήθης καὶ τῆς μακρολογίας, τῶν εἰθισμένων παραγίγνεσθαι τοῖς τηλικούτοις, ἐπανελεθεῖν εἰς τὸν τόπον ἐκεῖνον ἐξ οὐπερ εἰσέπεσον εἰς τὴν περιττολογίαν ταύτην.

¹⁸⁵ Hermida destaca, ainda, que há aqui uma crítica do autor contra o costume grego, em voga no séc. IV, de contratar tropas mercenárias. Cf. *Sobre a Paz* 44, e HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 449.

88. Todavia, não sei a que lugar isso está me levando. Pois, por sempre acreditar que devo conectar o que se segue ao que foi dito antes, estou completamente afastado de meu tema. Portanto, não me resta mais nada além de clamar por condescendência à minha velhice, devido ao meu esquecimento e prolixidade, defeitos comuns a homens de minha idade, e retornar ao ponto a partir do qual me lancei nesta digressão.

A caracterização do *ēthos* de Isócrates neste passo ganha contornos muito expressivos e, por conseguinte, decisivos para melhor compreender o jogo retórico no qual o autor busca justificar a inserção de uma digressão encomiástica em seu discurso. Essa caracterização é muito frequente, sobretudo, em seus últimos discursos: em primeiro lugar, ele se mostra desorientado em seu percurso discursivo, do mesmo modo como também se retrata em outros momentos de transição de tópicos¹⁸⁶, e, em um segundo momento, pede indulgência e culpa sua velhice por ser desmemoriado e prolixo¹⁸⁷.

William Race, em seu artigo sobre o “Elogio a Agamêmnon” no *Panatenaico*, nos oferece importantes considerações sobre a representação do *ēthos* isocrático na digressão em debate. De fato, durante a composição de seu último discurso, Isócrates já é um nonagenário. É verossímil que sua velhice possa ter sido um fator limitador para o desenvolvimento de seu trabalho. Todavia, há ao menos duas confissões do autor dentro da mesma obra que vão de encontro a esse pedido de complacência em razão de sua velhice. Em sua peroração, ele explica que o discurso levou três anos para ser escrito, não só por sua extensão, mas, sobretudo, devido a uma enfermidade que o acometeu em seus últimos anos de vida (§267). No entanto, amigos e alunos o estimularam durante todo esse tempo para que ele não desistisse, e, assim, pudesse concluir a obra, além de o terem ajudado a revisá-la (§268). Ora, segundo Race, seu “esquecimento” mencionado no §88 é, portanto, uma falsa modéstia¹⁸⁸. Além disso, no §271, Isócrates pede que não haja condescendência para com suas palavras (οὐ συγγνώμης τυχεῖν ἀξιῶν ὑπὲρ τῶν

¹⁸⁶ Como vimos, no uso do verbo ἀπορῶ no meio do “Elogio a Teseu” no *Elogio de Helena* 29, e no próprio início do “Elogio a Agamêmnon” – §74. Veremos mais adiante o uso do mesmo verbo no *Antídose* 140, no fim do “Elogio a Timóteo”, e §310, no início da peroração do discurso *Antídose*.

¹⁸⁷ Cf. *Panatenaico* 3 e 55, *Sobre a Paz* 141-5, *Antídose* 9, *Para Filipe* 27-8 e 149, a *Carta aos Filhos de Jasão* 6.

¹⁸⁸ Essa mesma falsa modéstia, já mencionada anteriormente na análise do “Elogio a Teseu” no *Elogio de Helena*, é uma tópica retórica muito recorrente. Ela normalmente aparece nos momentos em que o orador busca captar a benevolência de sua audiência (*captatio benevolentiae*, na oratória latina). Cf. Aristóteles, *Retórica* 1415a35 (εὖνον ποιῆσαι).

ειρημένων), apesar de sua senilidade, ao contrário do que é requerido no §88. Dessa maneira, podemos concluir que¹⁸⁹:

“When one of the greatest rhetoricians of his time has carefully introduced and justified a digression, and then, in order to return to the subject asks indulgence for his forgetfulness and prolixity because of his age, and then can give a complete summary in a few words (89) before continuing his *narratio*, we ought to regard his remarks with an urbane smile. [...] In fact, the more he dwells on the dangers he faces in choosing to digress, the more we are meant to admire his character and appreciate his heart-felt succor (cf. βοηθῆσαι, 75) of Agamemnon, the man who had achieved in deed what Isocrates has always advocated in his speeches.”

¹⁸⁹ RACE, William, 1978, p. 184.

4.2 – O “Elogio a Timóteo” no discurso *Antídose* (101-139)

Tendo em vista as demais digressões encomiásticas na obra de Isócrates aqui analisadas, retornemos ao “Elogio a Timóteo” no *Antídose*. A fim de se defender da acusação de corruptor de seus jovens discípulos, o autor havia mencionado alguns deles como exemplos de nobres cidadãos, que muito colaboraram com a cidade, despenderam muito de seus bens em nome de Atenas, além de terem sido coroados por ela (§§93-4). Todavia, segundo Isócrates, a defesa de um deles, em particular, se faz necessária no presente discurso.

4.2.1 – Proêmio (§§101-106)

Na acusação (γραφή) apresentada contra Isócrates, Lisímaco teria relembado sua amizade com Timóteo, proferindo calúnias e insolências também contra o nobre general já falecido (§101). Por esta razão, o autor se vê obrigado a suspender sua própria apologia para também defender seu antigo discípulo. Ademais, ainda que o acusador não tivesse se delongado nas críticas a Timóteo, a simples menção a seu nome como um aluno corrompido auxiliaria Isócrates em sua defesa, dada a importância histórica e nobreza do general segundo o autor. Nesse sentido, uma vez que Timóteo também é acusado por Lisímaco, discorrer sobre o estrategista torna-se ainda mais necessário (§102). Desse modo, Isócrates introduz a justificativa de sua digressão, e, no §103, explicita a razão dessa separação do ponto de vista estrutural: “...não foi conveniente argumentar em seu favor no mesmo momento em que eu argumentava em favor de meus demais alunos, mas era necessário separá-los e arranjá-los (διελέσθαι και διατάξασθαι) dessa maneira.”.

Já no §104, por outro lado, ele prossegue justificando a composição do “Elogio a Timóteo” de outra forma:

104. Χρῆ δὲ τὸν ὑπὲρ ἐκείνου λόγον οὐκ ἀλλότριον εἶναι νομίζειν τοῖς ἐνεστῶσιν πράγμασιν οὐδ' ἐμὲ λέγειν ἔξω τῆς γραφῆς· τοῖς μὲν γὰρ ιδιώταις ὑπὲρ ὧν ἕκαστος ἔπραξεν προσήκει διαλεχθεῖσιν καταβαίνειν ἢ δοκεῖν περιεργάζεσθαι, τοῖς δ' ὑπολαμβανομένοις συμβούλοις εἶναι καὶ διδασκάλοις ὁμοίως ὑπὲρ τῶν συγγεγενημένων ὥσπερ ὑπὲρ αὐτῶν ἀναγκαῖον ποιεῖσθαι τὴν ἀπολογία, ἄλλως τ' ἦν καὶ τύχη τις διὰ τὴν αἰτίαν ταύτην κρινόμενος· ὅπερ ἐμοὶ συμβέβηκεν.

104. É preciso ter em mente que o discurso em nome de Timóteo não está alheio às questões atuais, nem que estou falando de um assunto impertinente ao processo. Pois convém a cidadãos ordinários que, de sua parte, sentem-se após discorrerem em defesa de suas ações, ou, do contrário, parecerão inconvenientes, ao passo que, àqueles que são reconhecidos como conselheiros e professores, é necessário que façam uma defesa¹⁹⁰ em nome de seus alunos do mesmo modo como fariam em seu próprio nome, sobretudo quando alguém é julgado por esse mesmo motivo, como justamente agora me sucede.

Prevendo uma possível crítica futura por ter se desviado do tema do *Antídose*, assim como também observamos nas digressões encomiásticas anteriores, Isócrates busca demonstrar nesse tópico que a defesa de Timóteo também faz parte de sua própria, e, portanto, pertinente ao processo em questão. Se ele fosse um cidadão ordinário, seria inconveniente que defendesse outra pessoa dentro de um discurso dedicado a sua própria defesa. No entanto, na qualidade de conselheiro e professor, convém, segundo o autor, que ele defenda também seus próprios discípulos das mesmas acusações, uma vez que defendê-los também significaria defender a si próprio. Segundo Yun Lee Too¹⁹¹:

“This § of *Or.* 15 [i.e., o “Elogio a Timóteo” no discurso *Antídose* (101-139)] is part of the ‘apology within an apology’, but the regression does not take attention away from Isocrates’ own defense of himself. There are many similarities and analogies between the teacher and his student, and their situations: disregard for their contributions to the city-state to the point of wrongfully being put on trial

¹⁹⁰ Apesar de no *Elogio de Helena* 14 Isócrates criticar Górgias por ter se equivocado quanto ao gênero que desenvolveu em seu discurso homônimo (defesa *versus* encômio), o autor aqui nomeia como uma ἀπολογία o encômio que fará ao general. Todavia, não se trata de ter incorrido no mesmo erro. É importante observar que no “Elogio a Timóteo” a estrutura discursiva e os temas abordados são diversos. Enquanto, no *Elogio de Helena*, Górgias busca eximir Helena da culpa pela Guerra de Troia (defesa), Isócrates, no “Elogio a Timóteo”, tece um discurso que segue as mesmas diretrizes de seus encômios, como veremos a seguir, do mesmo modo como o faz em seu *Elogio de Helena*, por exemplo. Em suma, para defender seu discípulo das acusações de Lisímaco, ele não se vale inicialmente de uma ἀπολογία, mas, na prática, de um discurso propriamente encomiástico.

¹⁹¹ TOO, Yun Lee, 2008, p. 145.

(129), concern for panhellenic unity, fortherance of Athens' position amongst the Greek states, [...]. Timotheus [...] is testimony to the excellence of his teacher; [...]"

Em outras palavras, o autor deixa claro em seu proêmio que, de certo modo, haverá certo espelhamento entre sua figura e a de Timóteo, o que justamente reforçará sua própria defesa. As similaridades e analogias entre mestre e discípulo serão, portanto, exploradas pelo autor ao longo de sua digressão, e serão algumas delas que agora passaremos a analisar.

4.2.2 – As conquistas militares de Timóteo (§§107-113)

Nos §§107-8, Isócrates começa por destacar as diversas conquistas militares de Timóteo em importantes regiões de domínio grego (Peloponeso, Jônia, Helesponto e Trácia) e ressalta que todos esses feitos militares foram realizados sem grandes gastos (οὐ δαπάναις μεγάλαις, §§108-9), aspecto que para o autor será fundamental na caracterização de Timóteo como um general “econômico” no decorrer de toda a sua digressão. Timóteo também foi o responsável por selar um importante acordo de paz entre Atenas e Esparta, feito jamais realizado antes, e que era celebrado todos os anos pelos atenienses (§110). Ademais, segundo Isócrates, o general foi mais econômico que Péricles na conquista de Samos¹⁹² (§111), e tomou, no total, vinte e quatro cidades, gastando menos do que a cidade havia despendido ao dominar Melos¹⁹³ nos tempos de seus pais (§113).

Dois aspectos da construção do *ēthos* de Timóteo são relevantes nessa passagem. Em primeiro lugar, observemos que o destaque dado às tantas cidades conquistadas pelo general em diversas regiões do mundo grego demonstra a intenção de Isócrates em representá-lo como um estrategista responsável por certa união pan-helênica (nesse caso, sob o comando de Atenas). Se assim aceitarmos, aventa-se necessariamente um paralelo dessa representação com aquelas de Teseu no *Elogio de Helena*, de Agamêmnon no *Panatenaico*, e de Hércules no *Para Filipe*, conforme vimos há pouco. Por conseguinte,

¹⁹² Cf. Tucídides, 1.116-7.

¹⁹³ Cf. *Panegírico* 100 e 110, *Panatenaico* 63 e 89, e Tucídides, 5. 84-116.

tal representação evidentemente retomaria no discurso *Antídose* o ideal político pan-helênico do autor, que, como sabemos, caracteriza sua obra desde o *Panegírico* (380 a.C.).

Em segundo lugar, é notório o modo como Isócrates faz questão de ressaltar repetidamente os baixos gastos de Timóteo em suas empresas militares. Em outras palavras, o cerne da defesa do general baseia-se, de forma geral, em quanto dinheiro foi despendido na conquista de cada cidade grega e em nome de Atenas¹⁹⁴. Há nesse aspecto da construção do *ēthos* de Timóteo um importante espelhamento do mestre em seu discípulo que merece destaque.

Um pouco mais adiante, no final da primeira parte do discurso *Antídose*, o autor dedica alguns parágrafos para justamente discorrer acerca de suas finanças e o modo como despendeu seus próprios recursos em nome de Atenas, e, ao mesmo tempo, jamais pediu auxílio financeiro à cidade (§§154-166). Essa parte da defesa de Isócrates é motivada pela acusação de Lisímaco, que teria alegado que o autor era possuidor de uma vasta fortuna (justamente por ter corrompido tantos jovens) – §154. Isócrates, em contrapartida, afirma, por exemplo, que viveu com menos dinheiro do que despendera em tributos à cidade (§158), e que obteve lucros advindos apenas de alunos estrangeiros, ressaltando o absurdo de ser julgado pelo simples fato de ter ganhado dinheiro como professor, como se isso configurasse um crime (§164).

Nesse sentido, portanto, não é difícil observar que, no “Elogio a Timóteo”, o autor projeta parte de seu *ēthos* sobre a figura do general. Metaforicamente, ele aqui antecipa essa representação, para, somente após a digressão encomiástica, discorrer a respeito de sua idoneidade no tocante a questões financeiras.

4.2.3 – As virtudes de Timóteo como estrategista (§§114-120)

Após abordar os feitos militares realizados por Timóteo, Isócrates passa a tratar brevemente de certas qualidades do general. Segundo o autor (§§115-6), Timóteo não possuía uma natureza física robusta (ἔρρωμένην), ao contrário daquilo que o povo

¹⁹⁴ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 149.

privilegia na eleição de um general, mas tinha, em contrapartida, virtudes intelectuais. O autor destaca a virtude de Timóteo como estrategista, pois, no que diz respeito à necessidade de líderes com boa compleição física, bastavam-lhe outros generais atenienses que ele mesmo já comandava (§116). Ao opor natureza física e intelectual, Isócrates já está aqui operando com uma distinção que, no início da segunda metade do discurso *Antídose*, será basilar e introdutória para discutir os preceitos de seu modelo de educação, i.e., de sua filosofia¹⁹⁵: a superioridade da alma (ψυχή) em relação ao corpo (σῶμα):

180. Βούλομαι δὲ περὶ τῆς τῶν λόγων παιδείας ὥσπερ οἱ γενεαλογοῦντες πρῶτον διελεῖν πρὸς ὑμᾶς. Ὁμολογεῖται μὲν γὰρ τὴν φύσιν ἡμῶν ἔκ τε τοῦ σώματος συγκεῖσθαι καὶ τῆς ψυχῆς· αὐτοῖν δὲ τούτοις οὐδεὶς ἔστιν ὅστις οὐκ ἂν φήσειεν ἡγεμονικωτέραν πεφυκέναι τὴν ψυχὴν καὶ πλείονος ἀξίαν· τῆς μὲν γὰρ ἔργον εἶναι βουλευσασθαι καὶ περὶ τῶν ἰδίων καὶ περὶ τῶν κοινῶν, τοῦ δὲ σώματος ὑπηρετῆσαι τοῖς ὑπὸ τῆς ψυχῆς γνωσθεῖσιν.

180. Quero vos discorrer a respeito da educação através dos discursos, primeiramente do modo como fazem os genealogistas. Concorda-se que nossa natureza é composta de corpo e alma. Desses dois elementos, ninguém negaria que a alma é aquela que por natureza governa e é mais valorosa. É tarefa sua, pois, deliberar acerca de assuntos privados e públicos, e a do corpo, executar as decisões da alma.

Além disso, a representação de Timóteo como um general pouco viril fisicamente, mas superior como poucos intelectualmente, também se caracteriza como uma projeção do mestre em seu discípulo. Lembremos aqui que o autor frequentemente faz menção a sua debilidade enquanto orador público, devido a sua voz fraca e falta de ousadia¹⁹⁶ (cf. *Para Filipe* 81, *Panatenaico* 9-10 e a *Carta aos Magistrados de Mitilene* 7 - Ἐγὼ τοῦ μὲν πολιτεύεσθαι καὶ ῥητορεύειν ἀπέστην· οὔτε γὰρ φωνὴν ἔσχον ἰκανὴν οὔτε τόλμαν· - “Eu me afastei da participação política e da oratória pública, pois não tive voz suficiente nem ousadia”).

¹⁹⁵ Segundo a definição que ele próprio dá a sua *paideia* (*Antídose* 50).

¹⁹⁶ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 152-3.

Em seguida, entre os §§117 e 120, Isócrates anuncia algumas dessas virtudes intelectuais de um nobre general (τὸν στρατηγὸν τὸν ἀγαθόν – §117). O princípio de sua estratégia é saber (i) contra quem lutar e com quem fazer alianças (§§117-8); (ii) reunir um exército, organizá-lo e utilizá-lo favoravelmente (§119); e (iii) reverter uma situação desfavorável encontrando recursos abundantes (§120).

Nesses parágrafos, encontramos outro importante espelhamento entre Isócrates e seu pupilo. Postas analogamente, há aqui similaridades implícitas entre virtudes militares (Timóteo) e habilidades discursivas (Isócrates)¹⁹⁷. Ora, (i) “saber contra quem guerrear e com quem fazer alianças” corresponde também à atual situação de Isócrates, por exemplo, em um contexto judiciário, ou mesmo a um orador político em um contexto de assembleia; (ii) reunir, organizar e utilizar (um exército, no caso de Timóteo) também são ações comuns a um orador no que diz respeito à composição formal de seu discurso (τάξις)¹⁹⁸; por fim, (iii) reverter uma situação desfavorável encontrando recursos (εὐπορίας) relaciona-se à capacidade inventiva do orador na composição de um discurso. No *Contra os Sofistas* 15, por exemplo, ao contrapor seu modelo educacional ao dos sofistas que critica, o autor se vale precisamente da mesma raiz de εὐπορία para destacar o modo como sua *paideia* transforma seus discípulos em hábeis oradores (ἡ δὲ παιδεία τοὺς μὲν τοιοῦτους τεχνικωτέρους καὶ πρὸς τὸ ζητεῖν εὐπορωτέρους ἐποίησεν’ [...] - “A educação, por sua vez, os torna mais engenhosos e mais inventivos na atividade de investigação.”).

4.2.4 – A conduta filosófica de Timóteo (§§121-128)

No §121, Isócrates atribui a Timóteo uma ação que, expressamente, confirma a similaridade estabelecida entre mestre e discípulo em sua digressão encomiástica. Em meio a tantas virtudes e nobres condutas atribuídas ao general, o autor afirma que Timóteo ἐφιλοσόφει, i.e., ele estava comprometido com a filosofia (isocrática). O uso desse verbo nessa passagem é deveras significativo, pois ele está diretamente relacionado às analogias feitas anteriormente entre as virtudes militares de Timóteo e as

¹⁹⁷ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 153.

¹⁹⁸ Cf. *Contra os Sofistas* 16.

habilidades discursivas de Isócrates. Se um estrategista foi de fato o aluno mais proeminente do autor, a ponto de merecer uma digressão encomiástica dentro do discurso *Antídoto*, é porque esse discípulo foi o que melhor agiu em conformidade à filosofia isocrática enquanto líder militar¹⁹⁹.

Segundo o autor, a maior parte das conquistas militares de Timóteo não foi realizada em batalha, como fazem os demais generais, mas cativando a benevolência (εὐνοίαν) dos povos conquistados (§122)²⁰⁰. Em seguida (§§123-6), o autor passa a caracterizar essa conduta benevolente: Timóteo sempre respeitou as leis e os governos vigentes nas cidades conquistadas, e por isso foi sempre respeitado em cada uma delas, administrando-as com gentileza e respeito (πράως δίκει καὶ νομίμως – §125). Por fim (§§127-8), o estrategista é representado como uma espécie de “redentor” dos atenienses e dos gregos, não somente por ter conquistado muitas cidades por todas as regiões do mundo grego de então, mas principalmente por ter sido um grande pacificador desses povos, fazendo cessar muitas catástrofes (δεινῶν), insurreições (ἀναστάσεις), males (κακῶν) e desgraças (συμφοραὶ). Há de se ressaltar aqui que a representação de Timóteo como pacificador e unificador pan-helênico é muito semelhante àquelas de Teseu, Hércules e Agamêmnon, como vimos anteriormente neste capítulo (cf., por exemplo, *Para Filipe* 111 [πολέμων καὶ στάσεων καὶ πολλῶν ἄλλων κακῶν] e *Panatenáico* 77 [ἐν πολέμῳ καὶ ταραχαῖς καὶ πολλοῖς κακοῖς]).

4.2.5 – Admoestações de Isócrates para Timóteo (129-139)

Para encerrar seu encômio, Isócrates dedica alguns parágrafos a um discurso direto (*oratio obliqua*) a Timóteo, o qual versa a respeito de certas admoestações que ele frequentemente dava ao general, ponderando, de certo modo, o tom hiperbólico do elogio. Segundo o autor, Timóteo foi julgado injustamente pela cidade porque ele próprio também contribuiu em parte para que isso acontecesse (§§129-30). O cerne de suas admoestações é explicitado no §131, quando afirma que, apesar das tantas virtudes de Timóteo elencadas ao longo do encômio, sua altivez (μεγαλοφροσύνη), decorrida de

¹⁹⁹ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 153-4.

²⁰⁰ Mesma ideia contida nos conselhos de Isócrates para Filipe II, no discurso *Para Filipe* 68 e na *Carta I a Filipe* 21.

sua condição enquanto general, foi a responsável pela ruína de sua reputação. Segundo Josiah Ober²⁰¹:

“Like some other key terms used by Isocrates, *megalophrosynē* could have very different connotations depending on the context, ranging in the case from the very positive “greatness of spirit” to the negative “haughtiness”. Isocrates obviously intends the audience to keep both the positive and the negative aspects of the word in mind. While *megalophrosynē* was a virtue in a general, it was, Isocrates admits, out of place in the quotidian environment of the polis, and it led Timotheus to be regarded as an arrogant, misanthropic democracy-hater.”

De fato, as duas acepções de μεγαλοφροσύνη, positiva e negativa, serão explicitadas por Isócrates no decorrer de suas admoestações. Timóteo demonstrava “grandeza de alma/espírito” nos assuntos públicos, mas era “altivo”, “arrogante”, no trato com os homens (§131).

Nos parágrafos subsequentes (§§133-7), o autor finalmente tece seu discurso direto. Suas advertências a Timóteo são compostas por meio de estruturas sintáticas baseada em antíteses e parisoses²⁰², do mesmo modo como também lemos em seus discursos exortativos, como o *Para Demônico* ou o *Para Nicocles*²⁰³. A ambivalência de μεγαλοφροσύνη guiará seus conselhos a Timóteo, para que ele, em síntese, seja mais cauteloso na imagem que transmite aos atenienses (controle de sua altivez), apresentando-se como um homem nobre e gentil, da mesma maneira como os cidadãos das cidades aliadas o veem (grandeza de espírito) – §133. Nos §§134-5, por sua vez, Isócrates retoma a já mencionada εὐνοια de Timóteo: se, por um lado, o general cativava a benevolência dos povos conquistados e aliados (§122), por outro, ele não percebeu que era necessário também cativá-la dos atenienses:

135. Ἦν σὺ τῇ μὲν πόλει παρὰ τῶν ἄλλων ἐκ παντὸς τρόπου κτήσασθαι ζητεῖς, ἡγούμενος μέγιστον εἶναι τῶν ἀγαθῶν, αὐτὸς δὲ σαυτῷ παρὰ τῆς πόλεως οὐκ οἶει δεῖν τὴν αὐτὴν ταύτην παρασκευάζειν, [...]

²⁰¹ OBER, Josiah, 1998, p. 270-1.

²⁰² Cf. *Panatenaico* 1-2.

²⁰³ Cf. *Antídose* 67-73, quando Isócrates cita e discorre a respeito do *Para Nicocles*.

135. Tu buscas de toda maneira adquirir a benevolência de outras cidades para com a nossa, acreditando que esse é o maior dos benefícios, mas tu mesmo não percebes a necessidade de assegurar que nossa cidade seja benevolente para contigo. [...]

Todavia, é importante sublinhar que a crítica isocrática ao comportamento de Timóteo perante os atenienses configura-se também como crítica aos atenienses por não terem dado crédito ao general. Entre os §§136-8, o autor adverte que o povo está acostumado a louvar e a zelar por homens mentirosos e adutores, ao invés de valorizar sujeitos como Timóteo, que muito fizeram em benefício de cidade. No entanto, ainda que a maioria das pessoas aja assim, o general não deve desdenhar (ἀμελεῖς – §136) desses homens perante o público, nem os depreciar (καταφρονήσεις – §137), pois, se o povo se compraz com tais indivíduos, pode-se, assim, criar uma imagem negativa, arrogante (μεγαλοφροσύνη), caso ele tente se apresentar como superior a esses homens.

Nesse sentido, podemos observar uma evidente preocupação de Isócrates em moldar o *ēthos* de Timóteo enquanto seu discípulo. O “Elogio a Timóteo” no discurso *Antídose*, portanto, não se configura somente como uma digressão encomiástica, do mesmo modo como vimos nos casos do “Elogio a Teseu” no *Elogio de Helena*, do “Elogio a Hércules” no *Para Filipe* e do “Elogio a Agamêmnon” no *Panatenaico*, mas, ao final, também é composto por conselhos isocráticos que tanto caracterizaram os discursos exortativos de sua obra, quase sempre endereçados justamente a seus pupilos²⁰⁴. Se assim aceitarmos, podemos inferir daí que tais discursos exortativos também se somam ao caráter misto do *Antídose*, assim definido, como já vimos, no §12 do discurso.

Por fim, é de suma importância ressaltar que, nessa última parte da digressão, podemos também constatar consideráveis projeções do *ēthos* de Isócrates sobre o general, se a compararmos com a parte do discurso *Antídose* subsequente ao “Elogio a Timóteo”, compreendida entre os §§142 e 149. Ali, o autor tece um novo discurso direto, baseado também em admoestações. No entanto, os papéis dessa vez estão invertidos: dentro da ficção do discurso, Isócrates introduz um de seus discípulos (τις

²⁰⁴ i.e., discursos como o *Para Filipe*, *Para Demônico*, *Nícoles* e *Para Nícoles*.

τῶν ἐπιτηδείων - §141), o qual, segundo o autor, lhe teria feito algumas advertências pouco antes de sua “ida ao tribunal” para proferir o *Antídose*.

O aluno anônimo exorta Isócrates a ser mais cauteloso com suas palavras, pois, se ele criticar com veemência a ignorância e a vileza de certos indivíduos, eles naturalmente agirão de forma selvagem e hostil contra o autor (§142-3). Como vimos, Isócrates também exortara Timóteo a ser mais precavido com sua μεγαλοφροσύνη, a fim de cativar a εὐνοια²⁰⁵ dos atenienses (§135). Em seguida, o discípulo destaca a postura modesta que Isócrates adotou ao longo de sua vida pública, afastado dos assuntos políticos, e dedicado apenas à formação de seus nobres alunos (§144). Reconhece a forma dedicada com que o autor prestou serviços à cidade e despendeu seus próprios recursos em favor de Atenas (§145) – assim como o próprio Isócrates elogiara os serviços prestados por Timóteo em suas conquistas como estrategista (§§107-113), bem como o uso de seu próprio dinheiro em suas empresas bélicas (§§118-120). Por fim (§§146-9), o pupilo reforça suas admoestações, opondo o *ēthos* superior, caridoso e benevolente de seu mestre ao modo de agir inferior (καταδέεστερον), inflexível e intransigente (δυσκολανοῦσιν καὶ χαλεπῶς οἴσουσιν) de certos indivíduos da audiência. Semelhantemente, logo após o fim do discurso direto anterior, Isócrates também havia oposto o *ēthos* de Timóteo (ἦν καλὸς μὲν κἀγαθὸς ἀνὴρ) ao de homens que por natureza lhe são inferiores (§138).

Ademais, a própria circunstância (fictícia) na qual o autor se encontra no presente discurso, i.e., como acusado “perante o tribunal”, espelha-se sem dúvida na de Timóteo, já que sabemos que este também fora julgado pelas insurreições das cidades aliadas a Atenas, antes de ser exilado e morrer pouco tempo depois, como vimos na introdução deste capítulo. Dessa maneira, considerando o modo como as figuras de ambos são representadas por Isócrates nas passagens mencionadas, fica evidente que, nos dois casos, tanto mestre como discípulo foram levados ao tribunal injustamente por seus respectivos acusadores. Segundo tais representações, portanto, percebemos novamente que o elogio dedicado a Timóteo é posto no discurso *Antídose* obliquamente, como mais um dos expedientes retóricos do autor, o qual servirá como reforço à sua própria defesa contra as acusações de Lisímaco²⁰⁶.

²⁰⁵ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 163. “[...] the speakers in *Or. 15* revisit the issue of εὐνοια where the dutiful quietist is concerned.”

²⁰⁶ Cf. TOO, Yun Lee, 2008, p. 145.

4.3 - A transição do fim do “Elogio a Timóteo” para a retomada do *Antídose*

O “Elogio a Timóteo” finalmente se encerra, e, no §140, exatamente no ponto em que Isócrates necessita conectar o fim de sua digressão à continuidade do *Antídose*, ele demonstra estar perdido dentro de seu percurso discursivo:

140. Ἀπορῶ δ' ὅ τι χρῆσθαι τοῖς ὑπολοίποις καὶ τίνος πρώτου μνησθῶ καὶ ποίου δευτέρου· τὸ γὰρ ἐφεξῆς με λέγειν διαπέφευγεν. Ἴσως μὲν οὖν ἀναγκαῖόν ἐστιν, ὡς ἂν ἕκαστον τύχη προσπεσόν, οὕτως εἰπεῖν περὶ αὐτῶν· [...]

140. Não sei como tratarei do que me resta a dizer, e o que mencionarei em primeiro lugar e em segundo, pois já não sou mais capaz de falar sistematicamente. Talvez seja então necessário falar sobre essas coisas do modo como cada uma ocasionalmente vier a aparecer. [...]

Nessa transição de um tópico para outro do discurso *Antídose*, é importante ressaltarmos, por fim, o uso do termo ἀπορῶ. Conforme vimos anteriormente nas análises do §29 do *Elogio de Helena* e do §74 do *Panatenáico*, Isócrates também faz uso desse verbo para, naqueles casos, introduzir ou prosseguir em um encômio a um herói (Teseu e Agamêmnon, respectivamente), demonstrando certa hesitação na composição ou não de tais digressões.

No §310 do *Antídose*, por sua vez, o autor novamente recorre a ἀπορῶ, para introduzir, nesse caso, a peroração de sua obra:

310. Πολλῶν δ' ἐφεστώτων μοι λόγων ἀπορῶ πῶς αὐτοὺς διαθῶμαι· δοκεῖ γὰρ μοι καθ' αὐτὸ μὲν ἕκαστον ὧν διανοοῦμαι ῥηθῆν ἐπιεικῆς ἂν φανῆναι, πάντα δὲ νυνὶ λεγόμενα πολλὴν ἂν ὄχλον ἐμοί τε καὶ τοῖς ἀκούουσιν παρασχεῖν. Ὅπερ καὶ περὶ τῶν ἤδη προειρημένων δέδοικα μὴ τοιοῦτόν τι πάθος αὐτοῖς διὰ τὸ πλῆθος τυγχάνη συμβεβηκός.

310. Embora muitos argumentos me venham à mente, não sei como dispô-los. Pois me parece que cada um dos meus pensamentos, se expresso separadamente, parecerá conveniente; todavia, se proferidos todos agora, seria muito tedioso para mim e para os ouvintes. E temo que aquilo que já foi dito tenha causado uma sensação desse tipo, em razão de sua dimensão.

Além de sua hesitação em prosseguir “proferindo” seus argumentos para concluir o *Antídose*, Isócrates também demonstra temor (δέδουκα) em relação à audiência, em razão da enorme proporção que seu discurso já havia tomado, assim como também observamos anteriormente o uso do mesmo verbo no *Panatenaico* 75, e no *Elogio de Helena* 30 (naqueles casos, para enfatizar seu receio em compor uma digressão encomiástica, e, por essa razão, ser mal julgado pelo público ou por outros autores).

No entanto, nos parágrafos subsequentes ao “Elogio a Timóteo”, Isócrates, apesar de alegar “falta de recursos” para dar continuidade ao *Antídose*, tece um discurso direto, cujo conteúdo são admoestações proferidas por um de seus discípulos, e que, como vimos há pouco, resguarda fortes semelhanças justamente com a última parte da digressão encomiástica a Timóteo que acabara de proferir (§§133-137 – A admoestação de Isócrates a seu pupilo). Da mesma maneira, após introduzir a peroração do *Antídose* com hesitação e temor em relação ao tamanho da obra e à reação da audiência, o autor, em contrapartida, se mostra convicto e até mesmo encolerizado (ὕπὸ τῆς ὀργῆς βία φερόμενος) ao fazer duras críticas aos sicofantas (§§312-319).

Ora, se Isócrates afirma estar sem recursos e temeroso para dar consecução a seu discurso (*Antídose* 140 e 310), porém logo em seguida age contrariamente ao que acabara de afirmar, podemos inferir daí, como considerações finais a este capítulo, um importante traço do *ēthos* que o autor busca construir nesses momentos em que tópicos discursivos são concatenados.

Considerando a análise de William Race²⁰⁷ ao §88 do “Elogio a Agamêmnon” no *Panatenaico*, como vimos anteriormente, convém propormos que, também nessas passagens do *Antídose* em questão, não devemos aceitar de prontidão as escusas do autor com relação a certa inabilidade oratória no que diz respeito à coordenação das partes da obra que ele está compondo. Ao contrário, se lembrarmos que estamos lendo

²⁰⁷ Cf. RACE, William, 1978, p. 184.

um discurso de um dos maiores e mais reconhecidos mestres de oratória ateniense, devemos, ao menos, encarar essa caracterização do *ēthos* isocrático com certo ceticismo, uma vez que sua falsa modéstia é evidenciada quando ele, em verdade, sempre é capaz de retomar seu discurso e conectá-lo apropriadamente ao que fora dito antes.

Ademais, se levarmos também em consideração a pluralidade de temas e de gêneros discursivos garantida pelo que fora anunciado no proêmio da obra, i.e., a definição do *Antídose* como um *discurso misto* (μικτοῦ τοῦ λόγου – §12), perceberemos que Isócrates, ao contrário, tem absoluto controle de sua composição, de modo que sua digressão encomiástica é, por assim dizer, organicamente bem engendrada dentro de sua obra²⁰⁸. Vale dizer, por fim, que, se retirado do discurso *Antídose*, poderíamos de alguma maneira reconhecer o “Elogio a Timóteo” como realmente um discurso “separado”, que resguarda perfeitamente suas coerências internas de unidade de composição quando comparado aos demais discursos isocráticos do gênero, como pudemos observar na análise proposta por este capítulo.

²⁰⁸ Cf. RACE, William, 1978, p. 176.

Conclusão

Conforme anunciado na Apresentação e na Introdução, o objetivo desta pesquisa foi a análise das reflexões *metadiscursivas* no discurso *Antídose* de Isócrates. Apoiei-me também em outras reflexões do gênero presentes em diversas obras do *corpus* isocrático, as quais puderam auxiliar numa melhor compreensão daquelas do *Antídose*. Ao longo do trabalho, busquei dar conta das principais passagens da primeira metade do discurso (§§1-166), em que Isócrates discorre a respeito de sua própria práxis discursiva, em meio a sua defesa contra a acusação de Lisímaco. A segunda metade (§§167-323), todavia, não foi base para análise neste estudo, uma vez que ali encontramos questões mais apropriadas a um trabalho que trate de questões relativas à filosofia isocrática, bem como discussões pertinentes à concepção de *paideia* do autor.

O primeiro proêmio do discurso *Antídose* (§§1-13) pode ser encarado, de certa maneira, como uma longa reflexão *metadiscursiva* a respeito da obra que Isócrates está começando a compor. Por essa razão, ele foi o tema de discussão principal do primeiro capítulo desta tese. Como uma espécie de prefácio, o autor tece ali advertências direcionadas a seu “ouvinte-leitor”, a fim de prepará-lo para o discurso, deixando-o ciente de uma série de problemas enfrentados ao longo de sua extensa composição e do fictício (§13) processo judiciário no qual ele mesmo se encontrava. Destacam-se ali, principalmente, os §§1 e 12, em que Isócrates busca definir o gênero discursivo de sua obra. Segundo o autor, o *Antídose* não é um discurso propriamente judiciário, nem propriamente epidítico (§1), i.e., não devemos esperar que ele se configure como uma obra típica do ambiente forense (πρὸς τοὺς ἀγῶνας), nem como puramente uma exibição oratória (πρὸς τὰς ἐπιδείξεις). A idiossincrasia de sua obra, portanto, já se encontra ali anunciada.

Após tratar de outros problemas ao longo desse proêmio, ao concluir suas advertências, ele enfim define o gênero de sua composição com maior rigor: trata-se de um *discurso misto* (μικτοῦ τοῦ λόγου – §12). Em outras palavras, sua obra será o resultado de uma grande amálgama de gêneros a serem adotados, assim como de temas a serem tratados, para que ele possa se defender de maneira mais contundente das acusações de Lisímaco.

À luz dessas definições, pudemos verificar, no primeiro capítulo, que uma análise mais apropriada com relação aos gêneros de discurso em Isócrates (o que vale não apenas para o *Antídose*) deve estar apoiada, antes de tudo, nos termos e conceitos de que o próprio autor se vale para descrever suas sempre complexas composições. As categorias retóricas aristotélicas, com as quais estamos mais frequentemente habituados a classificar as obras de oradores ou de mestres da oratória, em contrapartida, mostraram-se, ao longo de nosso estudo, limitadoras para uma compreensão apropriada dos discursos isocráticos, sobretudo no caso do *Antídose*.

Em um segundo momento, pude avaliar que, dentre os principais termos ou expressões com os quais Isócrates opera para desenvolver grande parte de suas reflexões *metadiscursivas*, o termo *ιδέα*, em especial, merecia maior atenção para o presente trabalho. Em razão de sua evidente polissemia em contexto *metadiscursivos*, tanto no *Antídose* como em diversos outros passos de sua obra, uma análise de suas ocorrências no *corpus* isocrático mostrou-se indispensável para esta pesquisa. Foi esse, portanto, o tema abordado no segundo capítulo.

De acordo com nossa proposta, observamos que o termo possui ao menos quatro acepções distintas nas reflexões *metadiscursivas* isocráticas: (i) “gênero” (ou modalidade discursiva); (ii) figura de discurso; (iii) tema de um discurso; e (iv) elementos discursivos (em sentido genérico, compreendendo as três acepções anteriores). No discurso *Antídose*, em particular, *ιδέα* ocorre em quatro momentos: §§11 e 46 (como “modalidade discursiva”); §47 (como “figura”); e §183 (como “elementos discursivos”).

Em vista da análise de cada uma dessas passagens, verificamos que as diferentes nuances do termo somente podem ser inferidas segundo os diversos contextos *metadiscursivos* em que o autor utiliza o termo *ιδέα*. Observamos, pois, que esse termo não é utilizado em sentido estritamente técnico, pois Isócrates não o faz de maneira sistemática, nem busca categorizar, de forma teórica, gêneros de discurso ou figuras discursivas, por exemplo. Ao contrário, notamos que o autor recorre a uma terminologia mais neutra e usual da prosa ática para tratar tão somente, de maneira parcial e particular, acerca de sua própria prática discursiva, abordando, especialmente, as modalidades discursivas por ele adotadas, as figuras de discurso mais recorrentes em suas obras, e os elementos gerais que são próprios ao estudo do *λόγος*. Vale destacar

que as acepções propostas em cada uma das ocorrências de ἰδέα podem, em alguns casos, não ser absolutas, visto que suas diferenças são muito tênues, motivo pelo qual há consideráveis divergências entre os principais tradutores e comentadores das obras do autor.

Ao longo do *Antídose*, Isócrates se serve de alguns expedientes retóricos na tentativa de desqualificar os argumentos proferidos na γραφή de Lisímaco. Um dos mais relevantes desses expedientes encontra-se entre os §§50 e 83. A fim de se defender da acusação de corruptor de seus jovens discípulos em razão do tipo de discurso que ensina, o autor vê a necessidade de citar diretamente algumas de suas próprias obras – o *Panegírico*, o *Sobre a Paz* e o *Para Nicocles*. A análise dessas citações foi, por sua vez, realizada no terceiro capítulo.

Por meio dessas citações, Isócrates pretende provar que seus discursos, ao contrário do que seu delator alegara, sempre estiveram comprometidos com valiosos ensinamentos morais, bem como buscavam exortar os atenienses a sérias questões políticas defendidas pelo autor (em síntese, a sua causa pan-helênica). Dessa maneira, pudemos observar que o autor “convoca” seus discursos naquele momento como se fossem suas “testemunhas de defesa”, inseridas dentro do contexto ficcional da obra. Em outras palavras, Isócrates “personifica” as obras citadas, dando-lhes “voz no tribunal”, de modo a comprovar mais contundentemente sua idoneidade frente às calúnias proferidas por seu delator.

Por fim, no quarto e último capítulo, fizemos a análise do “Elogio a Timóteo” presente no discurso *Antídose*. Um novo expediente retórico é ali utilizado por Isócrates: a inserção de um encômio dedicado ao mais proeminente de seus discípulos dentro de sua defesa contra a γραφή de Lisímaco. A fim de demonstrar que não corrompia os jovens, o autor reserva alguns parágrafos da obra para tecer uma digressão de caráter encomiástico e, assim, refutar novamente seu acusador. Por meio desse expediente, ao revelar à “audiência” o nobre caráter e os grandes feitos bélicos realizados pelo general Timóteo, Isócrates intenta legitimar a boa formação moral que oferecia a seus discípulos, desmentindo assim as calúnias que Lisímaco havia proferido em sua γραφή.

Em nossa proposta de análise, compreendemos que o encômio em nome de Timóteo está, em verdade, inserido ali obliquamente, uma vez que ele se configura, de certa forma, como um elogio ao próprio Isócrates. As virtudes do estrategista expostas pelo autor se encontram em analogia com partes posteriores do *Antídose* (§§140 a 153: a admoestação de um discípulo em *oratio obliqua*; e §§154 a 166: a legitimidade da fortuna de Isócrates), quando o autor discorre acerca dessas mesmas virtudes em relação a si próprio. Nesse sentido, verificamos que esse auto-elogio não está deslocado, portanto, do atual processo judiciário no qual Isócrates se encontra; ao contrário, ele contribui como mais um argumento peremptório presente na construção de sua apologia, e, por conseguinte, assegura certa unicidade discursiva no *Antídose*.

Grande parte dos estudos isocráticos, ao menos nas últimas décadas, revelam um interesse sensivelmente maior pelas discussões acerca da filosofia de Isócrates, bem como de suas rivalidades com Platão e com Demóstenes, do que por outras questões também fundamentais existentes na obra do autor. A presente tese de doutorado, por seu turno, teve o propósito de contribuir de algum modo para esses estudos, oferecendo discussões que se voltaram mais para aspectos retóricos ou literários dos discursos de Isócrates. Partindo do *Antídose*, propusemos a análise das reflexões *metadiscursivas* ali presentes, buscando, na medida do possível, examinar no *corpus* isocrático de que maneira muitas dessas reflexões também reaparecem de forma muito semelhante. As interpretações aqui expostas intentaram advertir o leitor e o estudioso de Isócrates para questões muito particulares no tocante ao modo como o autor reflete a respeito de sua própria prática discursiva, ao mesmo tempo em que também revela idiosincrasias muito acentuadas na maneira de pensar e de compor seu *λόγος*.

Seja para definir o gênero do discurso *Antídose*, discutir os estilos de composição empregados, descrever as modalidades discursivas adotadas, defender-se de seu acusador, ou tecer um encômio que enalteça suas próprias virtudes oratórias, Isócrates não se vale de uma terminologia propriamente técnica ou teórica ao longo de sua composição. Segundo a investigação de boa parte do vocabulário de que o autor se serve, observamos que sua intenção não é a de estabelecer postulados ou definições absolutas que versem sobre a práxis discursiva de maneira geral, mas sim a de salientar questões relativas ao discurso que lhe concerne. No entanto, podemos de algum modo

inferir de suas reflexões *metadiscursivas* uma espécie de “doutrina oratória” em Isócrates, a qual oferece valiosos conceitos e já nos anuncia boa parte dos futuros postulados de uma longa tradição retórica posterior, seja em obras tratadísticas que versem a respeito de teorias propriamente ditas dessa disciplina, seja em futuros discursos de outros célebres autores da Antiguidade.

ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΑΝΤΙΑΔΟΣΕΩΣ

ΛΟΓΟΣ XV

Antídose

(ou Sobre a Troca de Bens)

Tradução

Argumento de Fócio

O discurso intitulado *Sobre a Troca de Bens* parece ser do gênero judiciário e configura-se como uma apologia frente às acusações feitas por Lisímaco contra Isócrates. Este tinha oitenta e dois anos de idade quando o compôs, sendo o mais longo de sua obra. Trata-se de um discurso misto e mais variegado do que os demais. O autor apresenta também alguns fragmentos de outros discursos de sua própria autoria, a partir dos quais demonstra que não corrompe os jovens, mas que oferece serviços à cidade.

Primeiro Proêmio – As justificativas para a composição do discurso e advertências ao leitor (1-13)

1. Se o discurso que está prestes a ser lido fosse semelhante aos que se praticam em âmbito judiciário ou epidítico²⁰⁹, presumo que eu não faria qualquer preâmbulo a seu respeito. Porém, por causa de sua novidade e diversidade, é necessário neste momento prefaciá-lo pelos motivos pelos quais escolhi escrever um discurso tão diferente dos demais; pois, se eu não esclarecesse tais motivos, ele poderia parecer talvez atípico à maioria dos homens. 2. Sei que alguns sofistas difamam sobre minha ocupação, e dizem que se trata de prática logográfica. Eles fazem algo semelhante a alguém que ousasse chamar Fídias, o escultor da estátua de Atena, de “fabricante de bonecas”, ou que dissesse que Zêuxis e Parrásio possuem a mesma técnica dos que pintam em tabuinhas. Eu, todavia, nunca me defendi da mesquinhez desses homens, 3. acreditando que suas tolices não têm poder algum, e deixando evidente a todos que escolhi falar e escrever não sobre assuntos privados, mas em nome de assuntos de tamanha magnitude que nenhum outro intentaria, exceto os que têm sido meus discípulos ou aqueles que desejam imitá-los.

4. Ora, eu pensava que, até a velhice, seria considerado um homem idôneo por todas as pessoas, em razão de tal escolha e do afastamento de cargos públicos. Porém, uma vez que já estou próximo do fim da vida, e que há contra mim um processo de troca de bens por causa de uma trierarquia, soube que alguns deles, em razão de tal litígio, não me apoiaram como eu esperava. Uns estão muito equivocados quanto a minha profissão e propensos a se deixarem persuadir pelos que dizem algo indecoroso; outros, ainda que conheçam exatamente aquilo a que me dedico, invejam-me, sentem por mim o mesmo que sentem pelos sofistas, e se comprazem com aqueles que têm uma falsa impressão a meu respeito. 5. E esses homens evidenciaram assim suas inclinações: visto que meu opositor proferiu apenas injustiças no momento em que me acusava, caluniou o poder de meus discursos e fez alarde quanto à minha riqueza e ao número de meus discípulos, eles consideraram que caberia a mim o desígnio da liturgia. De fato,

²⁰⁹ Isócrates já anuncia nas primeiras linhas a idiossincrasia de sua obra: o *Antidose* não é um discurso com finalidade judiciária, nem um discurso com finalidade epidítica, em sentido *lato*, i.e., demonstrativa. Em outras palavras, trata-se de um discurso deslocado desses contextos, mas que, ao mesmo tempo, misturará um pouco de cada um deles. Para essa discussão, ver Capítulo 1.

nós pagamos esse imposto como convém aos que não se importam em demasia com tais obrigações, nem são de modo algum desregrados, nem negligentes com seu dinheiro. **6.** Ao perceber, como eu disse, que havia mais gente do que eu pensava com uma opinião equivocada a meu respeito, refleti sobre como eu poderia evidenciar a eles e a nossos descendentes meu modo de ser, a vida que levo e a educação à qual me dedico, e sobre como eu não toleraria não ser julgado a esse respeito, nem subordinado àqueles que estão acostumados a me difamar, como agora sucede. **7.** Então, após analisar a situação, descobri que de nenhuma outra maneira eu realizaria isso, a menos que um discurso fosse escrito como uma imagem de meu pensamento e de minhas vivências. Através dele, pois, eu esperava tornar conhecido o maior número possível de coisas a meu respeito, além de deixar esse memorial como um legado, muito mais belo do que as estátuas de bronze²¹⁰. **8.** Portanto, eu via que, se eu intentasse tecer um elogio de mim mesmo, não seria capaz de reunir tudo que escolhi expor do início ao fim, nem que poderia falar sobre isso de maneira agradável e sem provocar inveja. Por outro lado, se eu compreendesse que se tratava de uma querela na qual eu corria perigo, que o acusador cujos problemas me causava era um sicofanta, que este se servia de calúnias no processo de troca de bens, ao passo que eu teceria meus argumentos no esquema de uma defesa, vi que, assim, poderia discorrer da melhor maneira possível sobre tudo que desejo.

9. Depois de refletir sobre tais questões, escrevi este discurso, não em pleno florescer de minha vida, mas aos oitenta e dois anos de idade. Por esse motivo, é necessário ter condescendência se ele parecer ser mais fraco do que os outros que outrora publiquei, pois a obra não é fácil nem simplória, porém muito laboriosa. **10.** Dos meus escritos, há alguns que são apropriados para serem proferidos no tribunal, e outros que não se conjugam em querelas desse tipo, mas que falam com liberdade sobre filosofia e evidenciam seu poder. Há também outro escrito que seria útil aos jovens que, ao ouvirem-no, procuram por meus ensinamentos e minha educação. Ademais, muitos dos meus antigos escritos encontram-se inseridos no presente discurso, e essa mescla não é insensata nem inoportuna, mas conveniente ao assunto atual. **11.** Então, olhar de uma só vez um discurso tão extenso, reunir e conjugar tantas modalidades discursivas tão diversas entre si, adaptar o que vem em seguida àquilo que fora dito anteriormente, e fazer tudo convergir entre si não era um trabalho deveras pequeno. Todavia, apesar de

²¹⁰ Cf. essa tópica em Horácio, Ode 3.30 (v.1 – “Exegi monumentum aere perennius”).

velho, não renunciei antes de concluí-lo, proferindo-o com muita sinceridade. Por fim, quanto às outras características do discurso, será a opinião dos ouvintes a julgá-las. **12.** Aos que vão examinar este discurso, é necessário estarem atentos, antes de tudo, ao fato de que ele é escrito como um discurso misto e aberto a todos os temas, e, então, concentrarem-se mais no que será dito do que em minhas antigas palavras. Além disso, é necessário também que não procurem lê-lo todo do início ao fim de uma só vez, mas num ritmo que não aflija os presentes. Se vós seguides esses conselhos, podereis verificar melhor se é justo o que digo a meu respeito.

13. O que era necessário prefaciá-lo, portanto, está dito. Lede agora esta defesa que simula um discurso escrito para um litígio: ela pretende evidenciar a verdade a meu respeito e fazer com que os ignorantes a conheçam e os invejosos padeçam ainda mais por essa doença: eu não poderia dar-lhes castigo maior!

Segundo proêmio – As dificuldades do gênero judiciário e a in experiência de Isócrates no ambiente forense. Críticas aos erísticos. (14-29)

14. Acredito que os mais perversos dentre todos os homens, merecedores da maior punição, são aqueles que ousam acusar os demais de atos dos quais eles próprios são culpados. Foi o que fez Lisímaco. Em seus escritos, este indivíduo acabou proferindo um discurso mais a respeito de meus escritos do que sobre qualquer outra coisa, agindo semelhante a alguém que aparece portando objetos divinos enquanto acusa outrem de ser um ladrão de templos. **15.** Eu teria consideração por Lisímaco caso ele de fato me julgasse habilidoso, como ele vos disse, pois jamais intentaria me causar problemas. No entanto, este sujeito diz que eu posso tornar fortes os argumentos fracos, embora tenha me subestimado de tal forma que espera facilmente me vencer proferindo mentiras, enquanto eu digo a verdade. **16.** Tudo me ocorreu da pior maneira possível: enquanto os demais fazem cessar as calúnias por intermédio de discursos, Lisímaco caluniou, sobretudo, meus próprios discursos, para que, se eu parecer falar com competência, revele-me culpado por causa de minha habilidade há pouco mencionada; e para que, se eu falar com menos competência do que ele vos fez esperar, vós acrediteis que minhas ações sejam ainda piores.

17. Peço-vos, portanto, que não confieis totalmente nem desconfieis das palavras desse homem sem que antes ouçais também as minhas até o fim, tendo em mente que não haveria necessidade de se conceder aos réus uma oportunidade de defesa se fosse possível sentenciar com justiça a partir exclusivamente dos discursos do acusador. Nesse caso, todavia, nenhum dos presentes poderia saber se Lisímaco fez a acusação de maneira correta ou não. Ainda que ele utilize argumentos verdadeiros, para os juízes não é fácil saber julgar a partir das palavras do primeiro orador, mas seria satisfatório que eles pudessem compreender o que é justo a partir dos discursos de ambas as partes. **18.** Não me admiro com os que dedicam mais tempo às acusações de homens mendazes do que às próprias defesas, nem com aqueles que dizem ser a calúnia o maior dos males. O que haveria de mais funesto do que ela, capaz de fazer com que os mentirosos se tornem homens de boa reputação, que inocentes pareçam culpados, e juízes, traidores de seus juramentos? A calúnia esconde totalmente a verdade, incutindo nos ouvintes uma

falsa opinião, e pode fazer com que cidadãos sejam condenados à morte injustamente. **19.** Deveis prestar atenção nessas coisas para que elas não vos ocorram, e para que não sejais vistos incorrendo nos mesmos erros que reprovaríeis nos demais. Creio que vós sabeis que a cidade muitas vezes já se arrependeu de tal forma com acusações feitas em instantes de cólera e sem nenhuma prova, que, não muito tempo depois, desejou condenar esses indivíduos mendazes, ao mesmo tempo em que teria visto prazerosamente os caluniados em uma melhor situação do que antes. **20.** É preciso que vós vos lembreis disso de modo a não acreditardes precipitadamente nos discursos dos acusadores, nem ouvirdes os acusados com vaia e indisposição. Pois é lamentável que sejamos os mais misericordiosos nos demais assuntos e os mais amáveis dentre todos os gregos, mas nos mostremos contrariando essa boa fama no âmbito judiciário. **21.** Em outros lugares, quando julgam um homem por um crime capital, uma parte dos votos é reservada aos acusados; entre vós, todavia, os que correm perigo não estão em condição de igualdade com os sicofantas: ainda que jureis a cada ano ouvir imparcialmente os acusadores e os acusados, **22.** vós agis de modo tão tendencioso a ponto de aceitar o que quer que digam os acusadores, e muitas vezes não tolerais ouvir a voz dos que tentam refutá-los. Além disso, vós considereis que são inabitáveis as cidades onde alguns cidadãos são condenados à morte sem julgamento, porém ignoram que fazem a mesma coisa os que não demonstram benevolência imparcial às duas partes litigantes. **23.** E o mais terrível de tudo é o seguinte: quando alguém está em perigo, acusa seus caluniadores, porém, quando o mesmo se encontra na condição de julgar outrem naquela circunstância, não segue o mesmo raciocínio.

Além disso, é necessário que homens inteligentes sejam juízes para os demais, assim como eles certamente considerariam digno que outros também o fossem para eles próprios, compreendendo que, por causa da ousadia dos sicofantas, não fica evidente quem estará em perigo e será forçado a falar, como eu agora estou fazendo, perante os que estão prestes a emitir um voto a meu respeito. **24.** Não é correto acreditar que viver comedidamente garantirá uma vida sem medo em nossa cidade; pois os que preferem descuidar de seus próprios assuntos e tramar contra os assuntos alheios estão juntos dos cidadãos prudentes, e trazem em juízo perante vós aqueles que praticam algum mal. No entanto, recebem mais dinheiro dos que são claramente culpados quando exibem seu poder contra homens realmente inocentes. **25.** Refletindo a esse respeito, Lisímaco me colocou nesta situação de perigo, acreditando que o litígio contra mim o faria ganhar

dinheiro de outras pessoas, supondo que, se me superasse nos argumentos – eu que, segundo ele, sou professor de outros homens –, seu poder pareceria a todos invencível. **26.** Ele espera fazer isso com facilidade, pois vê que vós aceitais as acusações e as calúnias muito rapidamente, e que eu, por outro lado, não poderia me defender delas como seria condizente à minha reputação, em virtude de minha velhice e de minha inexperiência em litígios dessa natureza. **27.** Pois vivi meus tempos passados de modo tal que nunca ninguém me acusou de violência nem de injustiça, quer durante a oligarquia, quer durante a democracia, e é evidente que jamais houve árbitro ou juiz que tenha se ocupado de meus assuntos: eu sabia como não prejudicar os demais, e, uma vez acusado, como não me vingar no tribunal; pelo contrário, sabia como solucionar as diferenças com os amigos de meus acusadores. **28.** Desses casos, não tirei proveito algum, mas, ainda que eu tenha vivido até esta idade de maneira irrepreensível, sou colocado na mesma situação de perigo que eu estaria caso tivesse cometido injustiças contra todos os homens.

Não estou tão preocupado com o tamanho da pena, porém, se vós quiserdes ouvir com benevolência, estou muito esperançoso de que aqueles que estão equivocados quanto a minha ocupação, assim como os que estão persuadidos pelos que querem me difamar, mudarão rapidamente de opinião acerca disso. Por outro lado, aqueles que me consideram ser o tipo de pessoa que de fato sou, manterão a mesma consideração com uma convicção ainda maior.

29. A fim de não vos perturbar demasiadamente com um longo preâmbulo, concludo-o, tentando, a partir de agora, instruir-vos a respeito da matéria que votareis.

[*ao escrivão*] Lê-me, pois, a acusação.

γραφή

(*A acusação é lida.*)

Acerca da acusação de Lisímaco – A γραφή (30-50)

30. Pois bem, segundo essa acusação, o delator intenta me caluniar: ele diz que eu corrompo os mais jovens por ensiná-los a discursar e a levar vantagem nos litígios injustamente. Além disso, no restante de suas palavras, Lisímaco me faz parecer semelhante a alguém que jamais esteve entre os que circulam pelos tribunais ou entre os que se dedicam à filosofia. Ele diz, pois, que não somente cidadãos ordinários foram meus alunos, mas também oradores, generais, reis e tiranos, e que ganhei muitíssimo dinheiro deles e ainda hoje continuo a ganhar. **31.** Desse modo ele fez a acusação, acreditando que, por fazer alarde sobre mim, minha riqueza e o número de meus alunos, incitará inveja em todos os ouvintes, e que, por causa de minha atividade nos tribunais, levar-vos-á ao ódio e à aversão. Quando são tomados por tais sentimentos, os juízes impõem as piores dificuldades aos litigantes.

Portanto, creio poder facilmente evidenciar que Lisímaco diz mais do que lhe convém e que mente em absoluto. **32.** Peço-vos que não presteis atenção nos discursos que ouvistes anteriormente proferidos por quem quer me difamar e caluniar, não deis crédito aos que falam sem prova e sem discernimento, nem aceiteis as opiniões inculcadas por eles em vós injustamente. Ao contrário, peço-vos que me considereis ser o tipo de pessoa que me revelarei a partir da atual acusação e desta defesa, pois, se assim formardes vossa opinião, parecereis julgar bem e conforme a lei, enquanto eu serei totalmente absolvido.

33. Acredito que o atual perigo corrido por mim é a maior revelação de que nenhum cidadão foi prejudicado, nem por minha habilidade discursiva, nem por meus escritos. Pois, se algum deles tivesse sido injustiçado, ainda que até então estivesse em silêncio, não perderia a presente oportunidade de vir até aqui para me acusar ou testemunhar contra mim. De fato, uma vez que alguém, que jamais ouviu de mim nem mesmo uma trivialidade, me impôs um litígio de tamanha magnitude, creio que as supostas vítimas de injustiças certamente tentariam me condenar. **34.** Ora, realmente não é verossímil nem possível que, se eu injurie muitos homens, as vítimas que caíram em desgraças por minha causa estejam em silêncio e não se atrevam a me recriminar, sendo assim mais brandas para com os perigos que corro do que seriam aqueles que

jamais prejudiquei, já que lhes é lícito revelar as injustiças que sofreram a fim de se vingarem de mim da maneira mais cruel. **35.** Entretanto, nem no passado nem agora, não haveria ninguém a me recriminar por nada disso. Assim, se eu fosse complacente com meu acusador e assumisse que sou o mais habilidoso dentre todos os homens – um escritor de tamanha importância que jamais houve outro apto a compor discursos que vos afligem – seria muito mais justo que eu fosse considerado antes um homem idôneo do que ser penalizado. **36.** Com efeito, qualquer um culparia o acaso por nascer melhor do que outros quanto a discursos ou ações; contudo, todos enalteceriam com justiça meu modo de utilizar minha habilidade natural com beleza e mesura.

Porém, mesmo que eu diga tais coisas a meu respeito, nem assim me revelarei um compositor de discursos dessa natureza. **37.** Compreendereis isso a partir de minhas atividades, as quais permitirão conhecerdes melhor a verdade do que junto a meus caluniadores. Pois sei que ninguém desconhece que todos os homens costumam passar seu tempo no lugar onde escolhem ganhar a vida. **38.** Assim, vós poderíeis ver que quem vive de vossos contratos privados e da prática que lhe concerne, praticamente vive nos tribunais, ao passo que ninguém jamais me viu nem nos conselhos jurídicos, nem nas investigações de um processo, nem nos tribunais, nem perante os juízes. Pelo contrário, mantenho-me de tal modo afastado de todos esses assuntos como nenhum outro cidadão. **39.** Além disso, vós descobriríeis que esses homens podem enriquecer somente às vossas custas, pois, se navegassem para qualquer outro lugar, sentiriam falta de seu meio de vida. Quanto a meus lucros, por outro lado, os quais Lisímaco exagerou, todos eles advieram apenas de estrangeiros. Ademais, relacionam-se com esses indivíduos tanto aqueles que estão em má situação como os que querem causar problemas a outras pessoas, ao passo que comigo reúnem-se os maiores estudiosos dentre os gregos. **40.** Ouvistes também o acusador dizendo que eu ganhei muitos presentes importantes de Níocles, o rei de Salamina. Em verdade, quem de vós crê que Níocles tenha me dado tais presentes para que aprendesse a discursar no tribunal, se, na condição de déspota, ele próprio julgava os litígios entre os demais homens? Desse modo, a partir das coisas que o próprio Lisímaco disse, é fácil inferir que eu estou longe de assuntos que concernem ao âmbito privado. **41.** De fato, também é evidente a todos que há inúmeros homens que preparam discursos para litigantes nos tribunais. Todavia, ainda que sejam tantos, nenhum deles jamais parecerá merecedor de discípulos. Quanto a mim, como diz meu acusador, tenho mais discípulos do que todos os que se dedicam à

filosofia. Portanto, como seria sensato acreditar que se dedicam às mesmas práticas homens que se diferem tanto uns dos outros em seus modos de vida?

42. Embora haja muitas diferenças a serem ditas entre a minha vida e a dos indivíduos envolvidos nos tribunais, acredito que vós poderíeis rapidamente mudar de opinião se alguém vos demonstrasse que não há discípulos meus que se dedicam a essa atividade mencionada por Lisímaco, e que não sou eloquente nos discursos relativos a questões privadas. **43.** Pois creio que, uma vez refutada a primeira acusação, vós procurareis assumir uma nova opinião e desejareis ouvir a respeito de outros modelos discursivos a que me dediquei a ponto de obter tamanha reputação. Se me será útil revelar a verdade, não sei, pois é difícil pressupor vosso pensamento. De todo modo, falar-vos-ei com absoluta sinceridade. **44.** Com efeito, eu me sentiria envergonhado perante meus discípulos se, após ter dito muitas vezes que eu esperaria que todos os cidadãos conhecessem a vida que vivo e os discursos que profiro, eu agora não os revelasse a vós, mas, ao contrário, os escondesse. Prestai atenção, portanto, para que ouçais a verdade.

45. Antes de tudo, portanto, é necessário que vós compreendais que os tipos de discursos não são menos numerosos do que os de poemas metrificados. De fato, os que investigam as linhagens dos semideuses dedicaram-se exaustivamente à vida deles; outros estudaram acerca dos poetas; alguns, ainda, quiseram reunir em discursos as empresas bélicas; e outros, por fim, os chamados *antilógicos*, dedicaram-se à discussão mediante perguntas e respostas. **46.** Não seria tarefa pequena se alguém intentasse enumerar todas as modalidades discursivas. Então, convém a mim discorrer acerca daquela que me concerne, abdicando das demais. De fato, há alguns autores que, embora não sejam ignorantes nos tipos de discursos há pouco mencionados, preferiram escrever não sobre assuntos particulares, mas discursos pan-helênicos, voltados ao interesse da pólis, e panegíricos. Todos diriam que tais discursos são mais semelhantes às composições musicadas e ritmadas do que àquilo que é proferido no tribunal. **47.** Com efeito, eles apresentam os fatos por meio de um estilo de composição mais poético e mais rebuscado, procuram utilizar argumentos mais solenes e mais originais, e, ainda, organizam todo o discurso com outras figuras mais ilustres e mais numerosas. Todos se comprazem em ouvir-lhes não menos do que aos poetas, e muitos querem inclusive se tornar seus discípulos, considerando que os autores proeminentes nesses discursos são muito melhores e mais sábios, e podem ser mais úteis do que quem discursa

eloquentemente no tribunal. **48.** Pois as pessoas sabem que estes se tornaram experientes no âmbito judiciário por causa de seu espírito de intriga, ao passo que aqueles deram poder aos discursos referidos por mim há pouco por intermédio da filosofia. Os que são reconhecidamente experientes em litígios são suportáveis apenas no dia em que discutem no tribunal, enquanto os outros são sempre estimados e reputados como indivíduos idôneos em todas as reuniões públicas. **49.** Além disso, os primeiros, quando são vistos duas ou três vezes nos tribunais, são odiados e caluniados, ao passo que os segundos, quanto mais pessoas se reunirem e quanto maior for a sua frequência, tanto mais são admirados. Por fim: os primeiros, hábeis no tribunal, estão longe de saber compor discursos políticos, enquanto os segundos, se quisessem, poderiam rapidamente aprender também os discursos judiciários. **50.** Levando em conta tais considerações, e acreditando que esta escolha é muito melhor, as pessoas querem tomar parte nesta educação, da qual não fui excluído, mas, ao contrário, recebi uma reputação muito gloriosa. Acerca, portanto, de meu poder, de minha filosofia, ou de minha ocupação – como quiserdes chamar –, vós acabastes de ouvir toda a verdade.

Defesa e justificativa da *paideia* isocrática (51-166)

Citações de excertos dos discursos *Panegírico*, *Sobre a Paz* e *Para Nicocles* e comentários (51-83)

51. Quero propor a mim uma regra mais rígida do que para os demais e proferir um discurso mais ousado do que conviria à minha idade. Pois, se me utilizo de discursos perniciosos, não somente não sou digno de conquistar vossa condescendência, mas também de receber a maior pena, caso tais discursos sejam como os de qualquer outro cidadão. Desse modo, eu não faria uma promessa tão ousada se não estivesse prestes a vos apresentá-los e a tornar fácil sua avaliação. **52.** Pois assim sucede: eu acredito que a mais bela e mais justa defesa é a que evidencia aos juízes, da melhor forma possível, os fatos a respeito dos quais emitirão seus votos, e que não engana seus pensamentos, nem os faz hesitar em relação aos que dizem a verdade. **53.** Ora, se eu realmente estivesse me defendendo de ter cometido crimes, não seria capaz de fazer-vos vê-los, mas teríeis forçosamente de imaginá-los a partir de minhas palavras, a fim de, na medida do possível, tomardes uma decisão sobre o ocorrido. No entanto, uma vez que sou acusado com relação a discursos, creio que desse modo vos revelarei melhor a verdade²¹¹. **54.** Apresentar-vos-ei, portanto, tais discursos por mim escritos e proferidos, de modo que emitireis vossos votos não por suposições, mas por saber com clareza de que natureza eles são. Eu não poderia proferi-los todos por completo, pois o tempo que me foi outorgado é curto. Todavia, como se fossem frutas, tentarei oferecer-vos uma amostra de cada um. Após ouvirem um pequeno excerto, pois, tomareis conhecimento facilmente de meu caráter e compreenderéis o poder de todos eles. **55.** Peço aos que já leram muitas vezes os discursos a serem agora proferidos que não esperem de mim novos argumentos, nem que me considerem fastidioso por pronunciar discursos já divulgados entre vós há muito tempo. Pois, se eu os proferisse fazendo uma exibição, com razão eu seria culpado disso. No entanto, sendo agora julgado e correndo perigo,

²¹¹ A oposição feita aqui por Isócrates se estabelece entre os sintagmas *περὶ πράξεις* e *περὶ τοὺς λόγους*. Essa dicotomia aparece configurada como (i) “ações”, que só poderiam ser reconfiguradas a partir de um discurso de defesa, *versus* (ii) “discursos”, que funcionarão como “testemunhas de defesa”, prova concreta em sua refutação.

sou forçado a utilizá-los desse modo. **56.** Com efeito, eu seria o mais ridículo de todos os homens se, após meu acusador me caluniar dizendo que componho discursos tais que prejudicam a cidade e corrompem os mais jovens, eu tecesse uma defesa de outra maneira, visto que me é possível desfazer a calúnia proferida contra mim apresentando justamente esses discursos.

Por essa razão, portanto, mereço vossa condescendência para comigo, além de vossa aliança. Aos demais²¹², intentarei realizar a leitura sem demora, ainda que eu prefacie uma pequena parte desses discursos, a fim de que acompanhem os dizeres com mais facilidade. **57.** O primeiro discurso a vos ser apresentado foi escrito naquele tempo em que os lacedemônios comandavam os gregos, enquanto nós estávamos humilhados. Ele exorta os gregos a uma expedição militar contra os bárbaros e contesta a hegemonia dos lacedemônios. **58.** Uma vez proposto esse tema, demonstro que nossa cidade foi a responsável por todas as benfeitorias ocorridas aos gregos. Após concluir o argumento sobre tais benefícios, e ávido por mostrar com maior clareza a hegemonia de nossa cidade, intento, a partir dali, ensinar que convém à cidade ser honrada muito mais por causa dos perigos enfrentados na guerra do que por quaisquer outros benefícios. **59.** Presumia, em suma, que eu mesmo poderia expor essas coisas. Todavia, a velhice agora me impede e me faz renunciar. Portanto, para que eu não fique completamente exaurido, uma vez que ainda há muita coisa a ser dita, [*ao escrevão*] lê para os senhores, começando a partir do parágrafo assinalado, o que é dito a respeito da hegemonia ateniense.

Um excerto do discurso Panegírico é lido: (51-99).

60. Assim, quanto à hegemonia, é fácil compreender, a partir do que foi dito, que ela pertenceria com justiça à nossa cidade. E refleti vós mesmos se eu pareço corromper os mais jovens com meus discursos, não os impelindo à virtude e ao enfrentamento de perigos em nome de nossa cidade, ou se, com justiça, mereço uma punição por causa de minhas palavras, e não receber de vós a maior gratidão. **61.** Ora, eu fiz elogios a nossa cidade, a nossos antepassados e aos perigos enfrentados naquele tempo de modo tal que

²¹² i.e., aos que nunca leram ou não estão habituados aos discursos isocráticos.

aqueles que escreveram anteriormente sobre o mesmo tema destruíram todos os seus discursos, envergonhados pelo que haviam dito, e os que agora são reputados como hábeis oradores não ousam mais falar a respeito desses assuntos, menosprezando seu próprio poder discursivo.

62. Não obstante, posto que as coisas são assim, aparecerão alguns incapazes de elaborar ou dizer algo digno de menção, mas capazes de censurar e maldizer os escritos alheios. Eles dirão que tais discursos foram proferidos “graciosamente” (pois eles se recusarão a dizer “bem proferidos”). No entanto, os discursos que delatam os erros atuais e aconselham a respeito do que é preciso fazer são muito mais úteis e melhores do que os que louvam os feitos de outrora e relatam as antigas façanhas. **63.** Portanto, para que eles não tenham de dizer tais coisas, abstenho-me de defender o que foi dito, e tentarei vos expor um excerto de outro discurso, de proporção parecida ao que foi citado há pouco, no qual mostrarei que tive muito cuidado com todas essas questões. O início do texto versa sobre a paz com os quiotas, os ródios e os bizantinos. **64.** Em seguida, após mostrar que era vantajoso à cidade pôr fim à guerra, critico nossa soberania ilegítima perante os gregos e nossa talassocracia, revelando que essa dominação em nada se difere das monarquias, quer em suas práticas, quer em seus incidentes. Relembro também o que, por causa dessa dominação, sucedeu a Atenas, aos lacedemônios e a todas as outras cidades. **65.** E, depois de discorrer sobre tais assuntos, lamentar os infortúnios da Grécia, e advertir a cidade de que era preciso não ficarmos indiferentes a essa situação, exorto-a, por fim, à justiça, repreendendo-a por seus erros e deliberando sobre seu futuro.

[*ao escrevão*] Lê, pois, aos senhores, tomando o texto a partir do ponto em que eu discorro sobre tais questões.

66. Dois excertos do discurso Sobre a Paz são lidos: (25-56 e 132-145).

67. Pois bem, acabastes de ouvir dois discursos. Quero, então, expor um pequeno excerto de um terceiro, para que vos fique ainda mais evidente que todos os meus discursos têm por finalidade a virtude e a justiça. Este que será lido foi endereçado ao cipriota Nícocles, que era rei naquela época, aconselhando-o sobre como ele deveria

governar seus cidadãos. E ele não foi composto da mesma maneira como aqueles lidos há pouco. **68.** Pois, nos anteriores, o que é dito concorda e está sempre conectado rigorosamente ao que fora dito anteriormente, ao passo que neste sucede o contrário: ao separar distintamente cada parte da anterior, e compô-las como os chamados “resumos”, tento enunciar brevemente cada um dos meus conselhos. **69.** Compus sobre esse tema por considerar que, a partir do meu conselho, eu ajudaria muito no projeto de Níocles, e evidenciaria rapidamente meu próprio modo de pensar. Por esse mesmo motivo, também agora escolhi apresentar-vos este discurso, não porque ele seja escrito de uma maneira superior aos demais, mas porque, por meio dele, eu elucidarei absolutamente o modo de pensar através do qual estou habituado a me envolver tanto com as pessoas comuns quanto com os soberanos. **70.** Ficará evidente, pois, que falei para Níocles como homem livre e à altura de nossa cidade, sem lisonjear sua riqueza e seu poder, porém ajudando seus súditos e lhes preparando, tanto quanto eu era capaz, o regime político mais brando possível. E visto que eu, ao falar com um rei, tecia meus argumentos em nome de seu povo, sem dúvida poderia encorajar decisivamente os cidadãos que vivem em um regime democrático a cuidar de seu povo. **71.** Em suma, no proêmio e nos primeiros parágrafos, critico as monarquias que, embora devam cultivar sua inteligência mais do que em outros sistemas, recebem uma educação pior do que as pessoas comuns. E, depois de discorrer sobre tais assuntos, aconselho Níocles a não ser negligente nem pensar que recebera a realeza do mesmo modo como alguém recebe um sacerdócio, mas a descurar dos prazeres a fim de agir com sensatez nos assuntos públicos. **72.** Intento também persuadi-lo de que é preciso considerar terrível quando vir que os piores governam os melhores e que os néscios comandam os mais inteligentes, dizendo que, quanto mais vigorosamente ele depreciar a ignorância dos outros, tanto mais ele cultivará a sua própria inteligência. Portanto, começando de onde parei, [*ao escrever*] lê aos senhores a parte restante deste discurso.

73. Um excerto do discurso Para Níocles é lido: (14-39).

74. Pois bem, sejam-nos suficientes os discursos lidos, visto que são tão extensos! Pois, de fato, eu não me absteria de citar pequenos excertos de meus antigos escritos, mas os proferiria se algo me parecesse ser conveniente à oportunidade

presente. Ora, seria insólito se, após ver os demais utilizando meus discursos, somente eu me abstinêsse das coisas que outrora dissera, principalmente agora, quando, perante vós, me propus a utilizar não apenas pequenos excertos, mas partes completas. Agirei desse modo, portanto, uma vez que me encontro nesta situação.

75. Antes de tais discursos serem lidos, eu dissera que, se me utilizo de discursos perniciosos, seria merecedor não somente de vossa punição, mas também da maior pena, caso tais discursos fossem como os de qualquer outro cidadão. Portanto, se alguns de vós tivessem tomado o que fora dito como jactância excessiva e exagerada, com justiça não teríeis mais a mesma opinião a meu respeito, pois creio que cumпри minha promessa e que os discursos lidos são realmente daquele tipo que eu propusera no início. **76.** Não obstante, quero fazer-vos uma breve defesa de cada um, e evidenciar ainda mais que naquele momento eu havia dito a verdade sobre eles, e que agora também a digo. Em primeiro lugar, que tipo de discurso poderia ser mais piedoso ou mais justo do que aquele que louva nossos ancestrais à altura de sua virtude e de seus feitos? **77.** Em segundo lugar, que discurso seria mais cívico e mais adequado à cidade do que aquele que mostra que, a partir de outros benefícios e dos perigos enfrentados na guerra, a hegemonia pertence mais a nós do que aos lacedemônios? E, por fim, que discurso se ocuparia com assuntos mais belos e mais magnânimos do que aquele que exorta os gregos a uma expedição militar contra os bárbaros e lhes aconselha a união pan-helênica? **78.** No primeiro discurso, portanto, abordo tais assuntos, e, nos seguintes, outros menos importantes, porém não inúteis nem menos proveitosos à cidade. Sabereis, portanto, do poder desses discursos se os comparardes a outros bem renomados e considerados vantajosos.

79. Creio, de fato, que todos concordariam que as leis são as responsáveis pelos maiores e mais numerosos benefícios para a vida humana. Todavia, a necessidade delas, por sua natureza, somente é útil ao que concerne à cidade e aos contratos privados estabelecidos entre nós. Por outro lado, se vós acreditásseis em meus discursos, poderíeis governar bem toda a Grécia com justiça e segundo os interesses de Atenas. **80.** É necessário que homens inteligentes se debrucem em ambas as coisas, mas que privilegiem dentre elas a mais importante e mais estimável; em seguida, que reconheçam que inúmeros outros gregos e bárbaros foram capazes de instituir leis, mas não muitos seriam capazes de falar à altura dos interesses de nossa cidade e da Grécia. **81.** Por esse motivo, é deveras necessário que aqueles que empreendem o trabalho de

criar tais discursos sejam mais apreciados do que os homens que redigem e instituem as leis, uma vez que esses trabalhos são realmente mais raros, mais difíceis de serem compostos, e necessitam de uma alma mais sensata, sobretudo, é claro, nos tempos hodiernos. **82.** De fato, quando a espécie humana começou a surgir e a se reunir em cidades, era natural que a procura por leis e discursos fosse relativamente equânime. Entretanto, posto que agora já chegamos a um ponto em que os discursos já proferidos e as leis já estabelecidas são inumeráveis, e que as leis mais antigas e os discursos mais recentes são louvados, ambos, portanto, não são mais tarefa para uma mesma inteligência. **83.** Ora, para os que hoje preferem instituir leis, já há uma grande parte delas estabelecida – pois não é preciso procurar por outras, porém simplesmente tentar reunir as bem reputadas alhures, coisa que qualquer um faria facilmente se quisesse. No entanto, para aqueles que se ocupam com discursos, tem ocorrido o contrário, visto que os assuntos, em sua maioria, já foram antes tratados. Pois, se disserem as mesmas coisas já ditas por outros anteriormente, parecerão imprudentes e estúpidos, ao passo que, se procurarem por coisas novas, irão descobri-las laboriosamente. Por isso dizem que convém louvar ambos, porém muito mais aqueles aptos a executar aquilo que é mais difícil.

Defesa da *paideia* isocrática I: a formação de seus discípulos (84-100)

84. Pois bem, certamente eu sou mais verdadeiro e mais útil do que aqueles que pretendem inculcar temperança e justiça nas pessoas. Pois eles as exortam a uma virtude e inteligência desconhecida pelos demais e somente debatida entre eles próprios, ao passo que eu, a uma virtude reconhecida por todos. **85.** Para esses homens é suficiente caso consigam, pela reputação de seus nomes, atrair alguns alunos para o seu convívio, enquanto eu jamais serei visto exortando qualquer cidadão a me seguir; ao contrário, tento persuadir toda a cidade a empreender ações por meio das quais os cidadãos se tornarão felizes e libertarão os outros gregos dos males presentes. **86.** Ora, uma vez que alguém se empenha em exortar todos os cidadãos a governar os gregos em prol do melhor e do mais justo, como seria verossímil que esse homem corrompa seus alunos? Além disso, quem, sendo capaz de tecer discursos desse tipo, intentaria compor discursos perniciosos, acerca de ações perniciosas, sobretudo quando deles já atingiu os mesmos objetivos que eu já alcancei?

87. Após meus discursos terem sido escritos e publicados, obtive de muitos homens uma boa reputação e adquiri muitos discípulos, dentre os quais nenhum teria permanecido comigo se não tivesse encontrado em mim o tipo de pessoa que justamente esperava. E, agora, considerando que já tive tantos discípulos, alguns dos quais conviveram comigo três ou quatro anos, nenhum deles será visto fazendo crítica alguma contra mim. **88.** Pelo contrário; ao final, quando já estavam prestes a navegar de volta para seus pais e amigos, haviam apreciado tanto o nosso convívio que a despedida era feita com saudade e lágrimas. Portanto, deveis acreditar em quem conhece bem os meus discursos e o meu modo de ser, ou em quem nada sabe a meu respeito e se esforça em me acusar falsamente? **89.** Este homem chegou a tamanha maldade e ousadia que me acusou de ensinar discursos por meio dos quais os alunos levarão vantagem injustamente, embora não tenha demonstrado nada disso. Ademais, prosseguiu dizendo do início ao fim o quão terrível é corromper homens tão jovens, como se alguém lhe tivesse contestado esse ponto, ou como se ele precisasse revelar o que todos reconhecem, ao invés de simplesmente explicar por que razão estou agora envolvido nesse processo. **90.** Ora, se alguém, após levar uma outra pessoa a juízo como um traficante de escravos, ladrão ou saqueador, não mostrasse que o indivíduo cometera tais

crimes, mas somente relatasse o quão terrível é cada um deles, tal acusador pareceria estúpido e insano, acreditando que vós não percebeis que ele se utilizara desse tipo de argumentação. **91.** Eu, no entanto, considero que mesmo os mais ignorantes também sabem que, para que as acusações sejam críveis e muito poderosas, é preciso que elas sejam não as utilizadas contra os inocentes, porém aquelas que somente podem ser proferidas contra os culpados. Todavia, meu acusador, negligenciando tais coisas, acabou por proferir argumentos impertinentes à acusação. **92.** Pois ele deveria ter apresentado os discursos com os quais corrompo meus alunos, e nomeado os discípulos que se tornaram piores em razão de seu convívio comigo. No entanto, ele acabou não fazendo nada disso, e, ao abandonar o modelo mais justo das acusações, tentou vos enganar. Eu, pelo contrário, farei minha defesa a partir de argumentos justos e convenientes.

93. Pouco antes, li-vos meus discursos, mas agora mostrarei os indivíduos com os quais tenho relação desde a juventude até a velhice, e apresentarei, como testemunhas de minhas palavras, aqueles que dentre vós são meus coetâneos. No princípio, começaram a me frequentar Eunomo, Lisístides e Calipo; depois, Onétor, Ânticles, Filônides, Filomelo, e Carmantides. **94.** Nossa cidade premiou todos esses homens com coroas douradas, não porque cobiçavam bens alheios, mas porque eram nobres homens e gastaram muitos de seus bens particulares em benefício dela. Definais minha relação com eles como quiserdes! Pois em relação à situação presente tudo estará a meu favor. **95.** Se fordes da opinião de que fui conselheiro e professor desses homens, com justiça teríeis mais gratidão por mim do que por aqueles que, devido à sua virtude, são alimentados no *prítaneu*. De fato, cada um deles revelou apenas a si próprio como um homem nobre e bom, ao passo que eu revelei todo aquele grande número de homens que vos listei há pouco. **96.** Mesmo se eu não fosse responsável pelas ações deles, e se mantivesse com eles relações somente de companheirismo e amizade, acredito que esta defesa já seria suficiente contra a acusação que recai sobre mim. Pois, se eu fosse simpatizante daqueles agraciados com presentes pela sua virtude – não tenho a mesma opinião que a deste sicofanta – como seria verossímil ser eu reconhecido por corromper meus alunos? **97.** Ora, eu seria o mais desafortunado de todos se, enquanto os outros homens possuem uma reputação melhor ou pior por causa de seus costumes e de suas companhias, somente eu não obtivesse a mesma apreciação. Ao contrário, embora eu tenha convivido com homens desse tipo e me revelado como alguém irrepreensível até a

minha idade atual, ainda assim eu pareceria ser semelhante àqueles que são caluniados por causa de seus costumes e de outras companhias. E eu gostaria de saber pelo que eu teria passado se algum dos meus alunos fosse o mesmo tipo de pessoa que meu acusador é, pois, mesmo odiando todas as pessoas dessa laia e, particularmente, sendo odiado por este homem, estou exposto a esse perigo.

98. Com efeito, nem mesmo o seguinte argumento poderia com justiça me prejudicar: alguns de meus maiores inimigos talvez ousariam proferir que convivi com aqueles homens há pouco mencionados tão somente para ser visto dialogando com eles, mas que tive também, por outro lado, muitos outros alunos criadores de intriga, os quais vos estou ocultando. Tenho, pois, um argumento que refutará e dissolverá todas essas difamações. **99.** Ora, caso alguns de meus alunos tenham se tornado homens nobres para a cidade, para os amigos, e para a própria família, é digno que vós os elogieis, e que não tenhais para comigo gratidão alguma em nome deles. Todavia, caso tenham se tornado homens vis por cuja natureza são capazes de denunciar, acusar, e desejar bens alheios, é digno que eu receba uma punição. **100.** Por certo, que declaração poderia ser mais irrepreensível e mais humilde do que essa, que não reivindica reconhecimento por seus alunos nobres e bons, mas que quer se submeter a uma punição em nome deles caso tenham se tornado vis? Este argumento não é proferido em vão, porém cedo meu lugar ao acusador ou a quem mais quiser caso alguém tenha algo semelhante para dizer, não porque deixariam de prazerosamente dar um falso testemunho, mas porque seriam prontamente desmascarados perante vós; seriam, portanto, eles a serem punidos, e não eu.

Defesa da *paideia* isocrática II: “Elogio a Timóteo” (101-139)

101. Pois bem, não sei como eu poderia mostrar de maneira mais clara por que estou sendo acusado e por que não corrompo meus alunos. Meu acusador lembrou a amizade que havia entre mim e Timóteo, tentando nos difamar. Ele não se envergonhou de proferir calúnias e argumentos completamente insolentes acerca de um homem já falecido e responsável por muitas benfeitorias para nossa cidade. **102.** E eu pensava que, mesmo se fosse cabalmente comprovado que cometi injustiças, seria conveniente que eu fosse salvo por causa de minha amizade com ele. No entanto, uma vez que Lisímaco intenta me prejudicar com os mesmos argumentos que justamente me auxiliariam, é necessário discorrer a esse respeito. Não mencionei Timóteo no mesmo momento em que meus outros alunos foram citados porque suas atuações foram bem diferentes. **103.** O acusador não ousou proferir nenhuma infâmia sobre esses alunos; por outro lado, empenhou-se mais na acusação contra Timóteo do que no processo que movera contra mim. Meus outros discípulos se ocuparam de assuntos menores, embora tenham se dedicado a cada um dos cargos a eles delegados, a ponto de alcançarem a honra há pouco mencionada. Timóteo, todavia, liderou muitas ações grandiosas durante muito tempo. Foi por esse motivo que não foi conveniente argumentar em seu favor no mesmo momento em que eu argumentava em favor de meus demais alunos, mas era necessário separá-los e arranjá-los dessa maneira. **104.** É preciso ter em mente que o discurso em defesa de Timóteo não está alheio às questões atuais, nem que estou falando de um assunto impertinente ao processo. Pois convém a cidadãos ordinários que, de sua parte, sentem-se após discorrerem em defesa de suas ações, ou, do contrário, parecerão inconvenientes, ao passo que, àqueles que são reconhecidos como conselheiros e professores, é necessário que façam uma defesa em nome de seus alunos do mesmo modo como fariam em seu próprio nome, sobretudo quando alguém é julgado por esse mesmo motivo, como justamente agora me sucede. **105.** De fato, para outra pessoa, seria suficiente dizer que não é justo compartilhar da mesma responsabilidade de Timóteo se ele não foi correto em algum de seus atos. Pois ninguém lhe deu uma parte dos presentes nem das honras designadas a Timóteo, nem mesmo nenhum dos rétores considerou conveniente louvá-lo por ter sido seu conselheiro. Justo, então, seria ou comungar de seus bens, ou não partilhar de seus infortúnios. **106.** Eu, no

entanto, envergonhar-me-ia de proferir tais argumentos, e declaro agora o mesmo que também declarei com relação a meus demais alunos: se Timóteo foi um homem ruim e cometeu muitos erros contra a vós, considero conveniente compartilhar da mesma punição, e sofrer do mesmo modo como aqueles que comentem injustiças. Todavia, se for demonstrado que ele foi um nobre cidadão, além de um general tão qualificado como nenhum outro dentre os que conhecemos, creio que deveis elogiá-lo e ter gratidão por ele, enquanto, com relação a este processo, que decidais o que vos parecer justo segundo minhas ações.

107. O que tenho a dizer mais resumidamente a respeito de Timóteo e, sobretudo, de suas mais grandiosas ações é que ele conquistou tantas cidades por meio de sua força quantas nenhum outro general jamais conseguira antes fazer, nem desta cidade nem do restante da Grécia. Além disso, quando algumas dessas cidades já haviam sido tomadas, todo o território agregado a elas foi obrigado a se submeter à Atenas, tamanho era o poderio de cada uma. **108.** Quem, pois, não sabe que Cócira jaz no melhor e mais estratégico lugar dentre as cidades vizinhas ao Peloponeso, além de Samos dentre as localizadas na Jônia, Sesto e Critotas no Helesponto, bem como Potideia e Toronas na Trácia? Uma vez subjugadas todas essas cidades, Timóteo as concedeu a vós, sem grandes gastos, nem ultrajando nossos aliados já existentes, nem vos obrigando a pagar muitos impostos. **109.** Ademais, apesar de Atenas ter lhe dado apenas treze *talentos* e cinquenta *trirremes* para sua expedição marítima no Peloponeso, ele ainda assim tomou Cócira, cidade que detinha uma frota de oitenta *trirremes*. Ao mesmo tempo, venceu os lacedemônios em batalha naval, além de obrigá-los a selar um acordo de paz, o qual gerou uma mudança tão grande para Atenas e Esparta **110.** que desde aquele dia a celebramos todos os anos com sacrifícios, uma vez que nenhum outro acordo de paz fora antes tão vantajoso para nossa cidade. E, desde aquele tempo, jamais um lacedemônio foi visto fazendo uma expedição marítima nas proximidades do cabo de Meleia, nem transpassando o Istmo por terra com um exército, e qualquer um poderia supor que esse fato foi a razão pela qual se sucedeu o revés lacedemônio em Leuctra. **111.** Após essas ações, Timóteo realizou uma expedição militar contra Samos, a qual Péricles, possuidor de enorme reputação em virtude de sua sabedoria, justiça e temperança, já havia vencido em batalha ao preço de duzentas naus e mil *talentos*. E, sem receber nem mais nem menos tributos de vós ou dos aliados, com oito mil *peltastas* e trinta *trirremes* ele a tomou em dez meses, além de remunerar todos os seus homens

com o espólio da guerra. **112.** Ora, caso qualquer outro indivíduo tenha realizado um feito semelhante, concordo estar aqui sendo estúpido, porque intento louvar com distinção um homem que não conseguiu fazer nada de mais extraordinário do que os demais. Após partir de Samos, tomou Sesto e Critotas, e fez com que vós prestásseis atenção no Queroneso, região até então negligenciada. **113.** Por fim, Potideia, para a qual nossa cidade já havia despendido anteriormente dois mil e quatrocentos *talentos*, Timóteo a tomou gastando de suas próprias finanças e graças aos tributos recebidos da Trácia. Além do mais, também venceu em batalha todos os habitantes da região da Calcídia. Enfim, para não ter que falar de cada uma das cidades conquistadas, basta dizer que ele vos fez senhores de vinte e quatro delas, despendendo menos daquilo que nossos pais haviam gastado no cerco contra Melos.

114. Assim como foi fácil enumerar suas façanhas, do mesmo modo gostaria de poder mostrar brevemente as circunstâncias em que cada uma delas foi realizada, a condição em que a cidade se encontrava, e o poder de nossos inimigos. Pois, assim, as boas ações de Timóteo vos pareceriam muito maiores, e ele mais estimável. Agora, todavia, renunciarei a tais assuntos em virtude de sua extensão. **115.** Acredito que ouviríeis com prazer as razões pelas quais alguns dos homens bem reputados junto a vós e renomados por sua destreza bélica jamais foram capazes de tomar nem mesmo uma vila. Timóteo, ao contrário, apesar de não ter possuído uma compleição física robusta, nem passado a vida em acampamentos militares espalhados pelo mundo, sendo simplesmente mais um cidadão entre vós, realizou empresas deveras grandiosas. Esse argumento é ofensivo de certa forma; todavia, não é inútil expô-lo. **116.** Ora, ele foi superior aos demais porque não tinha o mesmo raciocínio que vós no tocante às atividades dos gregos e dos aliados e ao cuidado com essas questões diplomáticas. Pois vós votais em generais com os físicos mais robustos e que já estiveram muitas vezes em exércitos mercenários, a fim de que eles, por essas razões, satisfaçam algumas de nossas necessidades. Timóteo, por outro lado, tinha à disposição homens desse tipo, operando como comandantes de tropas e líderes de infantarias; alguns se tornaram dignos de referência e úteis à cidade em virtude da campanha militar empreendida a seu lado. **117.** Além disso, ele era habilidoso naquilo que um nobre general deve saber. Que habilidades são essas e que poder elas possuem? Ora, a respeito disso, é preciso que se fale não de maneira simples, mas que se explique com clareza. Em primeiro lugar, é necessário ser capaz de saber contra quem se deve guerrear e com quem se deve fazer

alianças. Esse é, pois, o princípio da estratégia, e, se alguém se equivocar nesse quesito, a guerra será inevitavelmente desvantajosa, penosa e inútil. **118.** De fato, no tocante a esse tipo de conduta, nunca houve alguém assim, nem mesmo alguém que se assemelhasse a ele. E é fácil saber disso a partir de seus feitos. Pois, não obstante Timóteo tenha empreendido a maioria das guerras sem o auxílio de nossa cidade, ele triunfou em todas elas, e pareceu a todos os gregos tê-las realizado com justiça. Portanto, a respeito de boas decisões, quem poderia oferecer uma demonstração maior e mais clara do que essa? **119.** Em segundo lugar, o que convém a um nobre general? É preciso reunir um exército apropriado à guerra em questão, organizá-lo, e utilizá-lo favoravelmente. Suas próprias ações demonstraram como Timóteo realmente sabia utilizá-lo com destreza. Ele também foi superior a todos em como prepará-lo magnificamente e à altura de nossa cidade, e nenhum dos inimigos, inclusive, ousaria dizer o contrário. **120.** Ademais, também é preciso que um nobre general suporte as carências e privações de um exército, e, imediatamente, encontre recursos abundantes. Quem dentre seus companheiros de exército não julgaria que Timóteo foi superior em ambas as habilidades? Pois eles bem sabem que, desde o início das guerras, ele estava exposto a extremas dificuldades por não receber nada de nossa cidade, porém era capaz de reverter essa situação de modo a vencer a guerra e pagar a seus soldados a recompensa total. **121.** Desse modo, uma vez que essa conduta é grandiosa e tão imprescindível, qualquer um o elogiaria com justiça, ainda mais pelos resultados obtidos. Pois ele via que vós tínheis consideração somente pelos homens que sobrepujavam e amedrontavam as outras cidades, e por aqueles que sempre geravam novas revoltas nos exércitos aliados. Timóteo, por sua vez, não seguia vosso raciocínio: ele não queria alcançar uma boa reputação se tivesse que, contudo, prejudicar nossa cidade; ao contrário, ele filosofava e atuava de modo a nenhuma das cidades gregas temê-lo, mas a todas terem confiança nele, exceto aquelas que agem injustamente. **122.** Pois ele sabia que homens medrosos odeiam quem os faz se sentirem assim, e que nossa cidade se tornou a maior e a mais venturosa em virtude de nossa amizade para com as demais; entretanto, por causa de nosso ódio, ela por pouco não acabou caindo em desgraças extremas. Considerando isso, Timóteo submetia os inimigos com o poder de nossa cidade, ao passo que, com seu caráter, cativava a benevolência de outros, acreditando ser este estratagema melhor e mais nobre do que tomar muitas cidades e vencê-las, na maioria das vezes, em batalha. **123.** De tal modo ele se preocupava para que ninguém tivesse qualquer suspeita de alguma trama sua, que, quando estava prestes

a navegar para uma cidade devedora de impostos, enviava alguém com antecedência até os governantes do local, a fim de, quando fosse visto subitamente na região portuária, não lhes gerar tumulto e alvoroço. **124.** E, se acaso ele ancorasse em alguma região, não permitia que seus soldados pilhassem, roubassem ou devastassem as casas, mas tinha tanto cuidado quanto os donos dessas propriedades para que nada do tipo acontecesse. Com isso, pois, Timóteo não tinha o propósito de adquirir ele mesmo uma boa reputação junto a seus soldados, mas de que nossa cidade a adquirisse junto aos gregos. **125.** Ademais, administrava as cidades conquistadas em guerra com tanta gentileza e respeito a suas leis como nenhum outro fizera com as aliadas, acreditando que, se assim se mostrasse aos subjugados em batalha, estaria dando a maior prova de que jamais ousaria causar dano algum contra os demais homens. **126.** Portanto, graças a sua reputação advinda dessas atitudes, muitas das cidades que tinham antipatia por vós recebiam-no de portas abertas, onde ele não causava nenhum alvoroço, mas aceitava o governo vigente ao chegar e assim o deixava ao sair. **127.** Eis, então, o resumo de tudo isso: outrora, muitas catástrofes eram frequentes entre os gregos; todavia, sob o comando de Timóteo, ninguém soube da existência de insurreições, nem de mudanças em constituições, nem de decapitações e exílios, nem mesmo de nenhum mal irreversível. Pelo contrário, naquele tempo, desgraças desse tipo cessaram de modo tal que ele foi o único em nossa memória a apresentar nossa cidade como irrepreensível perante os gregos. **128.** Deve-se, de fato, considerar um general nobre e excelente não alguém como Lisandro, que, em um lance de sorte, alcançou a glória apenas porque nenhum outro calhou de realizá-lo, mas sim aquele que, em muitas e variegadas adversidades, passou a vida agindo sempre corretamente e com inteligência, como é o caso de Timóteo.

129. Creio que muitos de vós estejam estarecidos com meus dizeres e considerem que o elogio a este homem é uma acusação contra nossa cidade, se Atenas o julgou por traição, mesmo tendo ele tomado muitas cidades e não perdido nenhuma. E, ainda por cima, apesar de Timóteo ter prestado contas, Ificrates ter assumido a responsabilidade por seus atos, e Menesteu pelos assuntos pecuniários, nossa cidade acabou absolvendo a ambos, mas impôs a Timóteo tantas multas quantas jamais impusera a nenhum outro predecessor seu. **130.** Apesar disso, eis que desejo também proferir um discurso em defesa de nossa cidade. Se vós examinais os fatos, prestando atenção apenas no que é justo, é impossível que não pareça a todos ter sido terrível e

cruel a forma como Timóteo foi tratado. Todavia, se analisardes os fatos por meio da ignorância que todos nós homens temos, da inveja que nos é inerente, e do alvoroço e da confusão em que vivemos, descobrireis que nenhuma dessas coisas aconteceu de maneira irracional nem alheia à natureza humana, mas que Timóteo contribuiu em parte para que não fosse compreendido adequadamente com relação a seus atos. **131.** Aquele homem não odiava o povo, nem era misantropo, nem soberbo, nem possuía nenhum dos males desse gênero. Porém, em virtude da altivez decorrida de sua condição de estrategista, que não harmoniza com as necessidades cotidianas, pareceu a todos ter sido ele culpado pelo que foi relatado anteriormente, pois era tão inapto no zelo para com os homens quanto era hábil no cuidado para com os assuntos públicos. **132.** De fato, ele ouviu de mim muitas vezes palavras como estas: os políticos que querem agradar devem escolher as ações melhores e mais úteis, e os discursos mais verdadeiros e mais justos. Todavia, devem cuidar e observar para que se apresentem perante todos de maneira graciosa e gentil, tanto nos discursos como nas ações, pois aqueles que negligenciam tais atitudes parecem mais odiosos e mais insuportáveis a seus concidadãos. **133.** “Tu vês que a natureza de muitas pessoas tende aos prazeres, e que por isso elas gostam mais daqueles cujo vínculo lhes compraz do que aqueles que praticam boas ações, e mais de quem os engana com alegria e gentileza do que aqueles que os servem com gravidade e dignidade. Não tens prestado atenção em nada disso, mas, visto que te preocupas idoneamente com os assuntos estrangeiros, crês também que os cidadãos daqui estarão contentes contigo. **134.** No entanto, não é assim que acontece, mas é comum ocorrer o contrário. Pois, se agradares a tais homens, eles não julgarão tudo o que fizeres segundo a veracidade dos fatos, mas serão da opinião que for conveniente a ti. Eles desdenharão de teus erros e farão teus sucessos atingirem os céus, pois a benevolência faz com que todos assim se comportem. **135.** Tu buscas de toda maneira adquirir a benevolência de outras cidades para com a nossa, acreditando que esse é o maior dos benefícios, mas tu mesmo não percebes a necessidade de assegurar que nossa cidade seja benevolente para contigo. Embora tenhas sido o responsável por grande parte de nossos benefícios, tu te mostras pior do que aqueles que não realizaram nada digno de menção. **136.** Naturalmente! Esses homens zelam pelos oradores e pelos indivíduos capazes de inventar histórias em reuniões privadas fingindo saber de tudo, enquanto tu não somente desdenhas desses homens, como também lutas contra os que, dentre eles, são sempre os mais poderosos. Desse modo, quantas pessoas acreditas terem caído em desgraças, e quantas terem perdido seus direitos cívicos por causa das

palavras mentirosas de tais homens? E quantos antepassados nossos caíram no anonimato, ainda que tenham sido muito mais louváveis e mais valorosos do que aqueles que foram cantados em poesia e representados em tragédias? **137.** Alguns, creio, encontraram poetas e prosadores; outros, todavia, não tiveram quem os hineasse. Portanto, se confias em mim e és inteligente, não depreciarás esses homens em quem o povo está acostumado a acreditar, não somente com relação a cada cidadão em particular, mas também com relação a todos os assuntos públicos; ao contrário, cuidarás e zelarás por eles, a fim de que conquistes uma boa reputação por ambos os motivos: por causa de tuas ações e por causa dos discursos deles.”

138. Quando ouvia essas palavras, Timóteo dizia que eu estava certo, mas que ele não era capaz de mudar sua natureza. Era um homem nobre, bom e digno de Atenas e da Grécia, mas, de fato, não podia se adaptar a indivíduos dessa laia, os quais odeiam aqueles que, por natureza, lhes são superiores. Por conseguinte, os rétores se esforçaram em forjar muitas acusações falsas contra a sua pessoa, ao passo que o povo aceitou o que foi dito por eles. **139.** Se eu tivesse oportunidade, teria prazer em defendê-lo dessas acusações. Pois creio que vós, após me ouvirdes, odiaríeis os que induziram nossa cidade à cólera contra Timóteo e aqueles que ousaram dizer algo vil a seu respeito. Todavia, deixarei agora esse tópico, e retornarei aos argumentos relativos a mim e à presente situação.

Retorno à própria defesa: a admoestação de um discípulo em *oratio obliqua* (140-153)

140. Não sei como tratarei do que me resta a dizer, e o que mencionarei em primeiro lugar e em segundo, pois já não sou mais capaz de falar sistematicamente. Talvez seja então necessário discorrer sobre essas coisas do modo como cada uma ocasionalmente vier a aparecer. Não vos ocultarei o que eu considerava necessário evidenciar e que agora me vem à mente, embora outra pessoa tenha me aconselhado a não as dizer. **141.** Quando Lisímaco apresentou sua acusação, eu analisava a questão como se cada um de vós a tivesse feito, examinava cuidadosamente minha vida e minhas ações, e me debruçava na maior parte do tempo sobre as que eu pensava serem convenientes para que eu fosse elogiado. Todavia, após me ouvir, um de meus queridos discípulos ousou proferir contra mim o discurso mais infeliz de todos, dizendo que minhas palavras eram por certo dignas de reconhecimento, mas que ele mesmo, contudo, temia que elas realmente fossem aborrecer em demasia grande parte de meus ouvintes.

142. Ele dizia: “Ora, alguns homens se tornam tão selvagens e hostis por causa da inveja e da falta de recursos que combatem não a pobreza, mas os bons feitos, e odeiam não somente os homens mais idôneos, mas também as ações mais virtuosas. Além dessas infâmias, também se juntam a homens injustos e têm condescendência para com eles, e destroem, quando podem, os indivíduos que invejam. **143.** E fazem isso não porque são ignorantes nas questões acerca das quais concederão seus votos, mas porque têm a esperança de serem injustos sem serem descobertos, pois creem que, ao salvar seus pares, ajudarão a si próprios. Por isso te adverti, para que, uma vez precavido, conduzas melhor a situação e utilizes contra eles argumentos mais cautelosos. Ora, que opinião então podemos esperar que homens dessa laia tenham quando expores tua vida e tuas ações que em nada são semelhantes às deles, mas que são, em verdade, tais como intentas me descrever? **144.** Pois tu revelas que os discursos escritos por ti são dignos não de censura, mas de absoluta gratidão; que, dentre teus discípulos, uns não cometeram erros nem injustiças, e outros, em razão de sua virtude, foram coroados pela cidade; que tua vida cotidiana tem sido tão bem regrada e parcimoniosa que não conheço nenhum outro cidadão que seja assim; e, ainda, que jamais movera uma ação

contra alguém nem fora acusado de nada, exceto agora em um processo de troca de bens; por fim, que jamais fora aliado de outras pessoas em litígio, tampouco testemunha, nem fizera absolutamente nada que todos os cidadãos fazem. **145.** Além dessa postura tão nobre e particular, tu também dizes ter renunciado às magistraturas, aos benefícios decorrentes delas, e a todas as outras atividades políticas, e que tu mesmo não somente estiveste dentre os mil e duzentos cidadãos contribuintes e liturgos, como também, juntamente com teu filho, já foste três vezes trierarca e serviste à cidade em outras funções públicas de maneira mais dispendiosa e grandiosa do que prescrevem as leis. **146.** Não compreendes que, ao ouvirem tais coisas, aqueles indivíduos habituados a fazer justamente o contrário do que foi dito há pouco se irritarão e considerarão que tu argumentas que a vida deles não é respeitável? De fato, mesmo se eles percebessem tua dedicação com esforço e sofrimento aos serviços públicos e a outras funções administrativas, não se importariam com isso da mesma maneira. Eles hoje pensam que tuas aquisições, advindas de estrangeiros, são muito maiores do que aquilo que realmente te foi dado, **147.** e acreditam que vives com mais conforto não somente em comparação com os outros cidadãos, mas também com aqueles que estão voltados à filosofia e à mesma ocupação a que te dedicas. Pois veem que a maioria desses homens – exceto aqueles que têm predileção pelo teu tipo de vida e modo de ser – compõem discursos para serem proferidos tanto nas assembleias populares como nas reuniões privadas, entram em contenda uns contra os outros, fazem promessas exageradas, discutem, insultam, e não abdicam de suas perversidades. **148.** Causam, todavia, problemas para eles próprios quando permitem que alguns ouvintes riem de seus dizeres, que outros os elogiem, que na maior parte das vezes os odeiem, e que se disponham contra eles como quiserem. No teu caso, porém, eles percebem que não compactuas com nenhuma dessas condutas, porém vives diferentemente dos sofistas, dos cidadãos comuns, dos que possuem muitas riquezas e dos que carecem de recursos. **149.** Por isso, indivíduos dotados de raciocínio e inteligência poderiam, talvez, querer te imitar, porém, quanto àqueles que agem de maneira inferior e estão acostumados a se aborrecer mais com a idoneidade dos outros do que com seus próprios infortúnios, só poderão ser inflexíveis e intransigentes. Portanto, uma vez que eles assim se comportarão, foca no que debes dizer e no que debes deixar de lado!”

150. E eu, tanto no momento em que ele proferia tais palavras como agora, acredito que os homens mais perversos de todos e também os mais infelizes me ouviriam penosamente, se digo que sirvo a nossa cidade como liturgo e faço aquilo que é prescrito pelas leis, mas que, por outro lado, não quero ser sorteado para as magistraturas, nem receber os benefícios concedidos por nossa cidade aos demais cidadãos, nem ser acusado, nem processar. **151.** Pois não adotei essa postura por dinheiro, nem por soberbia, nem por menosprezar quem não vive do mesmo modo como eu. Em verdade, fiz essa escolha porque gosto de paz e tranquilidade, e, sobretudo, porque vejo que homens desse tipo possuem boa reputação perante vós e perante outros homens; considero, pois, que esta vida é mais prazerosa que a daqueles que se dedicam a muitos afazeres, e, além disso, mais conveniente para as atividades às quais me propus desde o início. **152.** Por essas razões, então, escolhi este modo de vida. Abstive-me das provisões oferecidas por nossa cidade, acreditando que, sendo capaz de me manter com meus próprios recursos, seria terrível que eu me tornasse um empecilho para algum cidadão carente dessas provisões para viver, e que alguém ficasse privado de suas necessidades em razão de minha presença. Por esses motivos, eu era merecedor antes de elogio do que de calúnia. **153.** Mas, agora, não sei deveras o que eu poderia fazer para cativar homens desse tipo. Pois, se eu sempre cuidei para que não fosse injusto, nem causasse incômodo, nem aborressece – ainda que justamente por esses motivos eu aborreça algumas pessoas –, o que eu poderia fazer para agradá-los? Ou, então, o que me resta senão me considerar desafortunado, e homens dessa laia, ignorantes e inflexíveis junto a seus concidadãos?

A legitimidade da fortuna de Isócrates (154-166)

154. Portanto, perante homens que pensam tão diferente dos demais e que são mais intransigentes com os que não praticam o mal do que com homens injustos, é estupidez empenhar-se em uma apologia. Pois é evidente que, quanto mais alguém demonstrar sua idoneidade, mais ineficaz será sua luta contra esses indivíduos. No entanto, perante os demais, é necessário falar sobre a calúnia de Lisímaco, segundo o qual adquiri vasta fortuna, a fim de que seu argumento não vos convença e não me imponha maiores e mais numerosos serviços públicos do que eu poderia suportar. **155.** De maneira geral, descobrir-se-á que nenhum dos famosos sofistas juntou muito dinheiro; em verdade, uns passaram a vida com pouco, enquanto outros, comedidamente. Aquele que mais ganhou dinheiro dos que recordamos foi Górgias de Leontine. Este homem residiu durante certo tempo na Tessália, na época em que os cidadãos de lá eram os mais venturosos dentre os gregos. Viveu por muito tempo e dedicou sua vida a ganhar dinheiro. **156.** Por nunca ter tido residência fixa em nenhuma cidade, jamais teve gastos com assuntos públicos, nem foi obrigado a pagar tributos. Ademais, nunca se casou nem teve filhos, mas ficou isento desse encargo, o mais duradouro e dispendioso de todos. Todavia, ainda que tenha estado à frente dos demais por ter ganhado mais dinheiro, deixou após sua morte somente mil *estateras*. **157.** Então, no que concerne à fortuna alheia, não se deve dar crédito sem motivo aos acusadores, nem considerar que o lucro dos sofistas é igual ao dos atores; ao contrário, deve-se comparar os que praticam as mesmas artes uns com os outros, e considerar que aqueles de detêm habilidade semelhante em cada uma delas terão também fortunas aproximadas. **158.** Portanto, se me equiparardes a quem possui o maior lucro de todos e me colocardes em seu nível, não parecereis de modo algum fazer conjecturas levianas sobre o caso, mas perceberéis que eu não administrei mal os assuntos da cidade nem os meus próprios, e que vivi com menos do que gastei com meus serviços públicos. De fato, é justo elogiar quem é mais parcimonioso com as despesas particulares do que com as públicas.

159. Reflito agora, na metade de meu discurso, no quanto a cidade se transformou, e em que os políticos hodiernos têm um modo de pensar bem diferente daqueles de outrora sobre essas questões. Ora, quando eu era menino, consideravam que ser rico era tão seguro e venerável, que faltou pouco para que todos fingissem possuir uma fortuna maior do que aquela que efetivamente tinham, pois desejavam partilhar dessa fama. **160.** Hoje, por outro lado, quando alguém precisa se salvar²¹³, deve preparar e revisar uma apologia contra sua própria riqueza, como se isso fosse a maior de todas as injustiças, visto que revelar-se como um cidadão próspero é considerado mais abominável do que cometer injustiças às claras. De fato, esses últimos obtiveram redenção ou foram insignificadamente punidos, ao passo que aqueles pereceram, sem exceção. Nós poderíamos certamente encontrar mais homens que se arruinaram por causa de seus bens do que aqueles que pagaram por seus erros. **161.** E por que é preciso falar dos assuntos públicos? Ora, eu mesmo fui muito mal sucedido em minhas questões por causa dessa transformação. Pois, quando comecei a recuperar meus bens particulares, após eu e minha família termos perdido todas as nossas posses durante a guerra contra os lacedemônios, com as quais meu pai pôde oferecer serviços úteis à cidade e ao mesmo tempo conceder-me uma educação tão esmerada que eu fui naquela época mais notável e mais conhecido entre meus coetâneos e colegas de estudo do que agora entre meus concidadãos; **162.** pois bem, foi nesse momento, como dizia, que comecei a reunir alguns discípulos. Eu pensava que, se pudesse adquirir e economizar mais dinheiro do que aqueles que se arriscam na vida de educador, teria renome em duas coisas: ser proeminente em filosofia e viver mais comedidamente do que os demais. Sucedeu-me o contrário, todavia. **163.** De fato, se eu tivesse me tornado alguém sem valor e não tivesse economizado nada, ninguém me causaria problemas, e, se eu fosse incontestavelmente um homem injusto, viveria com tranquilidade, ao menos em relação aos sicofantas. No entanto, ao invés do renome que eu esperava, surgiram à minha volta contendias, perigos, invejas e calúnias. **164.** Atualmente, a cidade se compraz de tal maneira oprimindo e humilhando homens idôneos, e dando permissão a homens malevolentes para que falem e façam o que bem quiserem, que Lisímaco, o qual escolheu viver como sicofanta e sempre fazer mal a algum cidadão, subiu aqui perante vós a fim de me acusar. Eu, por outro lado, que jamais prejudiquei sequer um cidadão, mas que me mantive afastado dos assuntos deste lugar e obtive lucros junto a

²¹³ I.e., de uma acusação como a de Lisímaco.

estrangeiros que acreditavam estarem bem ao meu lado, corro um perigo de tal grandeza como se eu tivesse cometido atrocidades. **165.** Aliás, convém a homens inteligentes suplicar aos deuses para que a maioria dos cidadãos possua essa habilidade por meio da qual ganhariam dinheiro dos demais, assim como eu faço em nossa cidade. Dos muitos acontecimentos esdrúxulos ocorridos à minha volta, o mais drástico seria se aqueles que me deram dinheiro tivessem tamanha gratidão por mim a ponto de ainda hoje me acompanharem, enquanto vós, ao contrário, para quem despendi minha fortuna, desejasseis me impor uma pena. **166.** E ainda mais drástico é o seguinte: nossos ancestrais honraram de tal modo o poeta Píndaro por causa de uma única palavra, quando este nomeou Atenas como “sustentáculo da Grécia”²¹⁴, que o fez próximo e lhe concedeu uma gratificação de dez mil *dracmas*. Quanto a mim, por outro lado, apesar de ter feito encômios muito mais numerosos e mais solenes a nossa cidade e a nossos ancestrais, não foi possível nem mesmo passar o restante de meu tempo de vida em tranquilidade.

²¹⁴ Isócrates aqui se refere a um ditirambo de Píndaro dedicado a Atenas, preservado em seu *Fr. 76 Snell*:

“ὦ τὰι λιπαραὶ καὶ ἰστέφανοι καὶ ἀοίδιμοι,
Ἑλλάδος ἔρεισμα, κ' λεινὰ Ἀθᾶναι, δαιμόνιον πτολίεθ' ῥον.”
“Ó, tenaz, coroada de violetas, digna de cantos,
Sustentáculo da Grécia, Atenas gloriosa, cidade divina.”

περὶ τὴν τῶν λόγων παιδείαν – Apresentação da *paideia* de Isócrates e seu distanciamento dos sofistas erísticos (167-290)

A *paideia* isocrática e o valor da cultura intelectual (167-214)

167. Sobre estas e as demais acusações, creio que a defesa que acabo de proferir seja suficiente. Todavia, não hesitarei em explicar-vos detalhadamente a verdade sobre como agora me sinto perante o atual perigo que corro, nem sobre como me senti anteriormente com relação a isso. Pois eu tinha muitas esperanças de me defender satisfatoriamente em nome de meus assuntos particulares. **168.** De fato, eu tinha confiança em meu passado e em meus atos, e acreditava possuir numerosos argumentos justos para defendê-los. No entanto, ao ver que não somente não toleravam minha educação através dos discursos aqueles que estão acostumados a serem intransigentes com tudo, mas que também muitos outros cidadãos estavam indispostos para com ela, eu temia que minhas particularidades fossem negligenciadas, e que fosse vítima de alguma maledicência em virtude de minha famosa calúnia contra os sofistas. **169.** Passado algum tempo, quando me pus a raciocinar e a examinar o que eu poderia fazer naquelas circunstâncias, parei de temer e de me afligir, não irrefletidamente, mas levando em consideração probabilidades e me encorajando. **170.** Pois eu sabia, por um lado, que aqueles homens idôneos dentre vós para os quais tecerei meus argumentos, não se atêm a opiniões que se estabelecem injustamente, mas seguem as verdadeiras e são persuadidos por quem profere argumentos justos. E acreditava, por outro lado, que demonstraria, por meio de numerosos argumentos, que a filosofia fora injustamente caluniada, e que ela deveria ser muito mais amada do que odiada. E ainda hoje, de fato, mantenho o mesmo pensamento.

171. Não é de se admirar que uma nobre atividade profissional seja ignorada e desconhecida, nem que alguns estejam enganados a seu respeito. Por certo, descobriríamos que assim nos encontramos com relação a nós mesmos e a outros inumeráveis assuntos. Pois, embora nossa cidade seja, hoje e no passado, a responsável por muitas benfeitorias para os cidadãos e para os demais gregos, e repleta de muitos

prazeres, ela se encontra na pior dificuldade já enfrentada. **172.** De fato, por causa de seu tamanho e do número de habitantes, não é possível observá-la de uma só vez e em detalhes. A fim de que suportasse cada um de seus homens e de seus assuntos, ela desmoronou como água torrencial, e atribuiu a alguns uma reputação contrária àquela que mereciam. E foi justamente isso que também sucedeu a tal modelo educacional. **173.** Considerando isso, não deveis depreciar qualquer assunto sem que antes ele seja debatido, nem, na condição de juízes, agir do mesmo modo como quando em assuntos privados, mas, ao contrário, examinar em detalhes cada coisa e buscar a verdade, não vos esquecendo dos juramentos e das leis conforme as quais vos reunistes para julgar. Este discurso e o processo no qual me encontro não são motivados por questões banais, mas por razões de muita gravidade. Pois estais prestes a emitir um voto não somente a mim, mas também à minha atividade profissional, para a qual muitos de nossos jovens estão voltados. **174.** Creio que vós sabeis que os mais velhos transmitem os assuntos políticos de nossa cidade aos jovens que os sucedem. Como tal ciclo sempre se repete, é necessário que os mais jovens sejam educados de modo a manter nossa cidade ativa politicamente. Desse modo, devemos impedir que sicofantas se tornem responsáveis por um assunto de tamanha magnitude, perdoar quem lhes dá dinheiro, e proibir quem lhes paga de fazer o que quiserem. **175.** Se a filosofia tem tal poder a ponto de corromper os mais jovens, é necessário não só repreender quem acusa um sicofanta, como também expulsar todos os que se dedicam a ela. Se, ao contrário, a filosofia, por sua natureza, auxilia a tornar melhores e mais dignos seus discípulos, é preciso deter aqueles que a caluniam, retirar os direitos civis dos sicofantas, e aconselhar os mais jovens para que dediquem mais de seu tempo a ela do que a outras atividades.

176. Se de fato meu destino era ser acusado, eu gostaria muito de estar na plenitude de minhas forças para enfrentar este perigo. Assim, não estaria desencorajado, mas seria mais capaz de me defender de meu acusador e de assegurar minha filosofia. **177.** Ademais, eu aceitaria – direi a verdade, ainda que a expressão seja ridícula – que minha vida acabasse imediatamente após ter falado sobre o tema em questão de maneira apropriada, e vos persuadido a considerar a importância do estudo dos discursos tal como ele realmente é. Assim eu preferiria que acontecesse a viver um longo tempo vendo como esse estudo é agora tratado entre vós. **178.** Sei que falarei de modo muito inferior ao que desejo. Ainda assim, na medida de minhas forças, intentarei discorrer acerca da natureza e do poder que esse estudo possui, a respeito de como sua espécie é

semelhante às outras artes, que utilidade ele oferece a quem se dedica a ele, e que tipo de promessas eu faço. Creio, pois, que, quando vós conhecerdes a verdade, deliberareis e julgareis melhor a seu respeito. **179.** Se eu parecer proferir palavras muito diferentes daquelas a que estais habituados, peço que não vos aborreçais, mas tenhais condescendência, considerando que quem advoga a respeito de assuntos inusitados em comparação aos demais é obrigado a usar o mesmo tipo de argumentação incomum acerca deles. Se tolerardes meu modo de argumentação e minha franqueza, e me permitirdes usar o tempo que é outorgado à defesa, podereis votar conforme parecer justo e legal a cada um de vós.

180. Quero vos discorrer a respeito da educação através dos discursos, primeiramente do modo como fazem os genealogistas. Concorde-se que nossa natureza é composta de corpo e alma. Desses dois elementos, ninguém negaria que a alma é aquela que por natureza governa e é mais valorosa. É tarefa sua, pois, deliberar acerca de assuntos privados e públicos, e a do corpo, executar as decisões da alma. **181.** Assim sendo, quando alguns de nossos mais remotos ancestrais perceberam que muitas outras técnicas já haviam sido estabelecidas, mas que nenhuma de tal espécie havia sido instituída para o corpo e para a alma, criaram duas disciplinas e nos deixaram como legado: para o corpo, a educação física, da qual a ginástica faz parte; para a alma, a filosofia, a respeito da qual pretendo discorrer. **182.** Ambas são paralelamente correlatas e concordantes uma com a outra, por meio das quais quem as adquire torna a alma mais inteligente e o corpo mais útil, sem separar essas disciplinas uma da outra, mas utilizando-as conjuntamente em seus métodos, exercícios e demais cuidados. **183.** Quando recebem discípulos, os professores de educação física ensinam a seus alunos os movimentos que criaram em vista das competições, ao passo que os de filosofia expõem a seus discípulos todos os elementos empregados pelo discurso. **184.** Após torná-los experientes nessas coisas e examiná-los minuciosamente, repetem os exercícios com os alunos, acostumam-nos ao trabalho árduo e os forçam a sistematizar cada uma das lições aprendidas, a fim de que as retenham com mais solidez, e suas opiniões se tornem mais adaptadas às ocasiões. De fato, apreendê-las por meio de um saber teórico não é possível, visto que, em todas as circunstâncias, tais ocasiões escapam ao conhecimento exato. Todavia, aqueles que são mais atentos e conseguem observar o que sucederá, apreendem-nas com mais frequência. **185.** Cuidando de seus alunos e educando-os desse modo, ambas as classes de professores são capazes de conduzi-los até os tornarem

mais excelentes e mais fortes do que eles próprios, uns com relação à inteligência, outros, ao condicionamento físico. Todavia, nenhum dos dois possui aquele conhecimento por meio do qual poderiam formar quem eles quisessem como atletas ou oradores competentes. Ao contrário, eles poderiam contribuir em parte para isso, mas, de maneira geral, tais habilidades surgem apenas em quem se destaca por seu talento natural e dedicação.

186. Esse é, portanto, um aspecto geral da filosofia. Todavia, creio que vós compreendereis ainda melhor o seu poder se eu vos expuser as promessas feitas por mim para aqueles que desejam estudar comigo. **187.** Digo-lhes que quem pretende ser proeminente seja nos discursos, nas ações, ou nas demais atividades, deve, antes de tudo, ser bem-dotado por natureza para realizar aquilo para o qual foram designados; em seguida, ser educado e adquirir o conhecimento de cada assunto; por fim, dedicar-se e exercitar o uso e a experiência prática daquilo que foi aprendido. Sob essas condições, pois, alcança-se a perfeição em todas as atividades, destacando-se em muito dos demais. **188.** Cada um deles, mestres e aprendizes, tem uma responsabilidade em particular: aos aprendizes, cabe trazerem consigo o pré-requisito de seu talento natural; aos mestres, por sua vez, serem capazes de educar discípulos de tal envergadura. O que há em comum entre ambos, porém, é o exercício da experiência prática. Mestres, pois, devem orientar atentamente seus aprendizes; estes, por sua vez, seguir com rigidez as orientações. **189.** Isso vale para todas as artes. Todavia, se alguém, ignorando as demais, me perguntasse qual desses pré-requisitos é o mais eficaz na educação através dos discursos, eu responderia que o talento natural é insuperável e se destaca muito mais do que os outros. Pois quem possui a alma assim dotada é capaz de inventar, aprender, trabalhar e memorizar; a voz e a dicção são tão claras que, não somente pelas palavras, mas também pela boa disposição delas, é capaz de persuadir os ouvintes; **190.** além de ser ousado, não como sinal de falta de vergonha, mas porque prepara a alma com prudência para que tenha tanta confiança quando discursa perante todos os seus concidadãos quanto quando raciocina consigo próprio – quem não sabe que, ainda que tal sujeito não receba uma educação esmerada, mas geral e comum a todos, poderia ser um orador de tamanha envergadura que não sei se já houve alguém assim entre os gregos? **191.** Sabemos, aliás, que aqueles que não possuem talento natural, mas demonstram excelência em experiência e dedicação, superam não somente a si próprios como também aqueles que são naturalmente talentosos mas negligenciaram demais seus

respectivos talentos. Por conseguinte, cada um desses fatores poderia tornar um sujeito habilidoso em discursos e em ações, porém ambos, quando estão presentes na mesma pessoa, produzem um homem insuperável pelos demais. **192.** Isso é, portanto, aquilo que penso sobre talento natural e experiência prática. Sobre a educação, todavia, não posso repetir o mesmo argumento: seu poder não é igual nem mesmo semelhante aos anteriores. Pois, se alguém ouvisse até o fim todas as lições sobre os discursos e as examinasse com maior rigor do que os demais, poderia, quiçá, tornar-se um compositor de discursos mais elegante do que a maioria, mas, se fosse colocado diante de multidão, e lhe faltasse somente uma coisa, a ousadia, não seria capaz de proferir nem mesmo uma única palavra.

193. Que ninguém pense que, perante vós, eu esteja diminuindo minhas promessas, mas que, quando falo com aqueles que querem se tornar meus discípulos, rogo para mim todo o poder de meus ensinamentos. A fim de evitar acusações dessa sorte, quando comecei nessa profissão, escrevi e publiquei um discurso no qual deixo clara minha crítica aos que fazem promessas exageradas e, de minha parte, exponho minhas ideias. **194.** Deixarei de lado as acusações contra os demais, pois é além da conta para a presente ocasião. Todavia, tentarei reportar-vos o que eu declarava sobre minhas próprias ideias. Começo do seguinte ponto:

Um excerto do discurso Contra os Sofistas é lido: (14-18).

195. O estilo de composição desse excerto é mais refinado do que o referido anteriormente, mas sua intenção é evidenciar as mesmas coisas. Essa deveria ser para vós a maior prova de minha idoneidade: se quando eu era mais jovem não fui visto fazendo alarde nem promessas exageradas, tampouco agora falaria com demérito da filosofia, depois de velho e de já ter desfrutado de minha profissão. Ao contrário, utilizei as mesmas palavras, tanto quando eu estava em plena flor da idade, como agora que estou afastado dela; tanto no tempo em que eu estava confiante, como neste momento em que corro perigo; tanto diante dos que queriam se tornar meus discípulos, como perante aqueles que estão prestes a emitir um voto a meu respeito. De sorte que

não sei como alguém poderia se mostrar mais sincero e mais justo a respeito de sua própria filosofia do que eu.

196. Deixai essa passagem, portanto, adicionada àquilo que eu disse antes. Não ignoro, todavia, que absolutamente nada do que já disse é suficiente para libertar o pensamento daqueles que permanecem indispostos comigo. Ao contrário, são necessários ainda discursos de toda sorte para que eles adotem outra opinião contrária àquela que agora sustentam. **197.** Não posso deixar de ensinar e de falar até que uma das duas coisas aconteça: até que eu os faça mudar de opinião ou até que eu prove a falsidade das difamações e acusações usadas contra mim.

Estas são de dois tipos. Alguns deles dizem que a atividade sofisticada é charlatanice e enganação, pois nunca foi inventado nenhum tipo de educação por meio da qual alguém seria capaz de se tornar mais habilidoso em discursos ou mais sensato em ações, mas aqueles que detêm essas virtudes se destacam dos demais por seu talento natural. **198.** Outros concordam que indivíduos dedicados a essa prática são mais habilidosos, mas se corrompem e se tornam piores, pois, quando adquirem esse poder, tramam contra os assuntos alheios. Tenho muita esperança de evidenciar a todos que nenhum dos dois grupos diz algo de sensato e verdadeiro.

199. Em primeiro lugar, considerai que aqueles que dizem que esse tipo de educação é charlatanice são eles próprios estúpidos por completo. Pois a ridicularizam dizendo que ela não serve para nada, mas é apenas fraude e enganação. No entanto, esperam que os alunos cheguem até mim e já se tornem imediatamente melhores do que eram antes; **200.** que, em poucos dias de estudo, pareçam mais sábios e mais hábeis nos discursos do que quem os supera em idade e experiência; que, após passarem apenas um ano comigo, tornem-se todos nobres oradores já formados; que os preguiçosos não sejam piores do que aqueles que querem trabalhar; e que os desprovidos de talento natural sejam tão bons quanto aqueles que possuem espíritos vigorosos. **201.** Eles exigem tais condições sem que tenham me ouvido fazendo promessas dessa sorte, ou mesmo visto tais coisas acontecerem nas demais artes e modelos educacionais. Ao contrário, adquirimos o conhecimento com dificuldade, e não é igual o modo como colocamos em prática aquilo que aprendemos: de todas as escolas, apenas dois ou três se tornam grandes competidores, ao passo que os demais as concluem apenas como cidadãos comuns.

202. Portanto, como não considerar necessariamente insensatos aqueles que ousam exigir de uma arte – a qual eles negam existir – poderes que não existem nem mesmo nas demais artes reconhecidas e reclamam que uma arte desacreditada por eles deveria trazer maiores benefícios do que aquelas que possuem fama de serem bem acuradas. **203.** Pessoas inteligentes não devem fazer juízos desiguais a respeito de assuntos semelhantes, nem rechaçar uma educação que alcança os mesmos resultados que a maioria das demais artes. Pois quem dentre vós não sabe que muitos discípulos dos sofistas não foram enganados nem tratados do modo como esses homens afirmam? **204.** Ao contrário, alguns se formaram excelentes competidores, outros se tornaram educadores, mas muitos, apesar de terem optado por uma vida privada, nas reuniões públicas tornaram-se mais amáveis do que antes eram, além de se mostrarem conselheiros e juízes de discursos mais acurados do que a maioria. Assim sendo, como é possível menosprezar uma disciplina dessa sorte, capaz de prover tais qualidades a quem dela se serve?

205. Além disso, todos concordariam que, em todas as artes e ofícios manuais, consideramos os mais hábeis aqueles que ensinam seus discípulos a trabalhar da maneira mais semelhante possível uns com os outros. Ficará evidente, pois, que isso também sucede no caso da filosofia. **206.** Pois, contanto que tenham um mestre honesto e inteligente, todos os discípulos se tornariam de tal modo semelhantes entre si, uma vez obtido o poder dos discursos, que pareceria a todos terem partilhado da mesma educação. Do mesmo modo, é claro, quando não tiveram os mesmos hábitos nem seguiram a mesma orientação técnica, não haveria como alcançarem essa mesma semelhança. **207.** Além disso, vós mesmos poderíeis citar muitos de vossos colegas de escola, que, quando meninos, pareciam ser os mais ignorantes dentre seus coetâneos, mas que, depois de velhos, superaram enormemente, no pensar e no discursar, aqueles mesmos que os haviam deixado para trás durante a infância. Por esse aspecto, sobretudo, qualquer um poderia compreender o quanto o exercício prático é eficaz. Pois é evidente que todos utilizaram o mesmo intelecto desde o início quando nasceram, mas, depois de adultos, superaram seus contemporâneos e transformaram sua capacidade intelectual, porque, enquanto uns vivem ociosa e desregradamente, outros se dedicam à reflexão de assuntos importantes e de si mesmos. **208.** Uma vez que alguns se tornam melhores em virtude de seus próprios esforços, como não poderiam superar ainda muito mais os outros e a si próprios, desde que tenham tido um tutor mais velho e

experiente em muitos assuntos importantes, seja naquilo que lhes foi transmitido, seja no que tenham descoberto por si mesmos?

209. Não apenas por essas razões, mas também por muitas outras, todos naturalmente ficariam consternados com a ignorância daqueles que ousam menosprezar a filosofia tão irrefletidamente. Em primeiro lugar, não obstante saibam que todas as práticas e artes são adquiridas por meio de treino e dedicação ao trabalho, acreditam que tais meios não possuem eficácia alguma para o desenvolvimento da capacidade intelectual. **210.** Em segundo lugar, ainda que eles concordem que não poderia haver um corpo tão defeituoso que não conseguisse melhorar por meio da ginástica e do esforço físico, consideram que as almas, superiores aos corpos por sua condição natural, não poderiam se tornar mais diligentes quando adquirem a educação e o cuidado que lhes é devido. **211.** Ademais, embora vejam que, no que concerne a cavalos, cães e à maioria dos animais, certos indivíduos possuem técnicas por meio das quais tornam uns mais corajosos, outros mais dóceis, e alguns mais inteligentes, no tocante à natureza humana acreditam, todavia, que nenhuma espécie de educação já tenha sido criada, a qual seria capaz de desenvolver nos homens algumas dessas mesmas qualidades que são desenvolvidas inclusive nos animais. **212.** Ao contrário, eles condenam todos nós a tamanho infortúnio, de modo que, apesar de concordarem que cada um dos seres se torna melhor e mais útil em virtude de nossa inteligência, ousam dizer que apenas nós, dotados de tal inteligência por meio da qual damos maior valor a todas as coisas, não seríamos capazes de ajudar uns aos outros com relação à excelência. **213.** Porém, o mais terrível de tudo isso é o seguinte: mesmo vendo que, com o passar dos anos, os leões se comportam mais docilmente perante seus domadores nos espetáculos do que alguns homens perante seus benfeitores, e que os ursos dão piruetas, lutam e imitam nossas destrezas, **214.** eles não conseguem compreender, a partir desses exemplos, tamanho poder que a educação e o treino possuem, nem que ambas poderiam ser úteis a nossa natureza com muito mais facilidade do que à dos animais. Por conseguinte, não sei com o que é mais cabido se consternar: com a docilidade inculcada na ferocidade dos animais, ou com a selvageria inculcada nas almas dos homens dessa laia.

Crítica aos sofistas e sicofantas (215-242)

215. Seria possível falar mais sobre esse tópico, porém, se eu discorrer demasiadamente a respeito daquilo que a maioria concorda, temo dar a impressão de não saber o que dizer a respeito do que está em disputa neste litígio. Concluo esse assunto, portanto, e me volto agora para aqueles que, embora não menosprezem a filosofia, acusam-na muito severamente e transferem as mazelas dos que professam ser sofistas, mas que na verdade praticam outra coisa, para os que de modo algum se dedicam à atividade deles. **216.** Não teço meus argumentos em favor dos que pretendem poder educar, mas em defesa dos que, com justiça, merecem tal reputação. Creio que demonstrarei com clareza que meus acusadores realmente estão enganados, se quiserdes ouvir minhas palavras até o fim.

217. Em primeiro lugar, é preciso delimitar quais são os objetivos e os interesses daqueles que ousam praticar injustiças, pois, se bem os definirmos, compreenderéis melhor se as acusações proferidas contra mim são verdadeiras ou falsas. Eu, pois, asseguro que todo mundo faz tudo ou por prazer, ou por vantagem, ou por honra, porque, fora isso, não vejo nenhum outro desejo intrínseco aos seres humanos. **218.** Se as coisas de fato são assim, resta então averiguar qual desses desejos obtemos ao corromper os mais jovens. Acaso nos daria prazer ver ou ficar sabendo que nossos discípulos são vis e que assim são reputados por nossos concidadãos? Quem é assim tão insensível que não sofreria ao ser envolvido em uma calúnia desse gênero? **219.** Ao contrário, certamente não seríamos admirados nem obteríamos uma grande honra se formássemos alunos dessa sorte, mas seríamos muito mais menosprezados e odiados do que aqueles que são culpados por outras vilezas. Ademais, nem mesmo se fizéssemos vista grossa para tal depreciação, não ganharíamos muito dinheiro conduzindo a educação desse modo. **220.** Suponho que, sem dúvida, todos saibam que a maior e mais bela recompensa para um sofista é a de que alguns de seus discípulos se tornem belos, bons, sensatos e bem reputados entre os cidadãos. Pois discípulos assim estimulam em muitos homens o desejo de partilhar da educação, ao passo que discípulos vis afastam-na dos que antes acreditavam estar junto dela. Por conseguinte, quem ignoraria o melhor quando a diferença é grande entre as duas coisas?

221. Talvez alguém, então, se atreveria a responder que muitos homens, por incontinência, contrariam os seus raciocínios, e, negligenciando o que lhes é benéfico, se entregam aos prazeres. De minha parte, sou da opinião de que muitos outros, incluindo os pretensos sofistas, têm essa natureza. **222.** Entretanto, nenhum deles é incontinente o bastante para aceitar que inclusive seus discípulos sejam assim, pois não poderia compartilhar dos prazeres derivados da incontinência²¹⁵ deles, e ainda por cima tomaria para si a maior parte da fama causada por sua vileza. Logo, quem eles corromperiam, e discípulos com que disposição eles conseguiriam? É válido, pois, discorrer também sobre esse ponto. **223.** Acaso aqueles que já são vis e perversos? E quem intentaria aprender de outra pessoa aquilo que já sabe por sua própria natureza? Ou, do contrário, discípulos idôneos e desejosos de bons costumes? Ora, ninguém desse gênero ousaria conversar com quem fala ou pratica alguma perversidade. **224.** Então, eu gostaria de indagar àqueles que nutrem hostilidade contra mim qual a opinião deles a respeito dos que navegam da Sicília, do Ponto, e de outros lugares até aqui, a fim de serem educados por mim. Acaso eles acreditam que os alunos fazem essa viagem para cá porque lá carecem de homens vis? Ora, em qualquer lugar se poderia encontrar em grande abundância indivíduos que querem se associar aos vis e aos criminosos. [Mas²¹⁶ não é justo que, por culpa dos incontinentes e dos vis, sejam também caluniados os que fazem bom uso da filosofia, pois, não é porque alguns dos cidadãos são sicofantas e às vezes malfeitores, como meu acusador, que convém pensar que todos os outros também sejam assim, mas é preciso julgar cada um separadamente. Por isso mesmo vos li meus discursos e elenquei meus alunos, querendo mostrar o quão diferentes somos uns dos outros. Descobrireis, pois, que nós não temos nada em comum com eles, nem nas condutas, nem nas palavras, nem nos exercícios, nem nas promessas. Aliás, nem sequer os estudantes de cada um buscam pelo mesmo objetivo: enquanto eles querem partilhar da fanfarronice, nós, da educação. Além disso, poderíeis ver que eles, com razão, são odiados em todas as cidades gregas, porque causam problemas e procuram por indivíduos a quem possam enganar, ao passo que, de todos os lugares, há aqueles que navegam em busca de mestres mais verdadeiros e mais sérios. Então, eu gostaria de indagar a Lisímaco que opinião ele tem a respeito dos que navegam da Sicília, do Ponto, e de outros lugares até aqui, a fim de serem educados por mim. Acaso ele acredita que os alunos fazem essa viagem para cá porque lá carecem de homens vis? Ora, em qualquer lugar se poderia encontrar em grande abundância indivíduos que querem se associar aos vis e aos criminosos.] **225.** Ou vão pagar caro para se tornarem malfeitores e sicofantas? Ora, antes de tudo, quem pensa assim

²¹⁵ (ἀκρασίαν). ἀκρόασιν no manuscrito seguido por Mandilaras e Mathieu.

²¹⁶ Este fragmento em fonte reduzida nos é transmitido apenas pelo manuscrito *Laurentianus* LXXXVII (*Biblioteca Laurenziana*, Florença). Trata-se de uma interpolação tardia de algum copista ou de uma revisão posterior do próprio Isócrates ou de seus discípulos. Cf. MATHIEU, Georges, 1942, p. 157-8; MIRHADY, David & TOO, Yun Lee, 2000, p. 246; HERMIDA, Juan Manuel, 1982, p. 360.

preferiria muito antes tomar os bens alheios a dar aos outros parte de seus próprios. Além do mais, que indivíduos despenderiam dinheiro em nome da vileza, se é possível ser assim quando quiserem, sem que precisem gastar nada? Pois ações desse tipo não precisam ser aprendidas, mas tão somente executadas. **226.** Pelo contrário! Se eles navegam, pagam caro e fazem de tudo, é porque acreditam que se tornarão melhores e que os educadores daqui são muito mais inteligentes do que os de sua própria terra. Todos os cidadãos atenienses deveriam se encher de orgulho e apreciar muitíssimo os responsáveis por angariar tal fama para nossa cidade. **227.** Todavia, alguns são tão ignorantes que, mesmo sabendo que os estrangeiros que aqui chegam e os supervisores de sua educação não praticam mal algum; que, ao contrário, são os menos envolvidos com a política da cidade e os mais serenos; que, por outro lado, somente se ocupam de si mesmos e fazem reuniões apenas entre si; **228.** que, ademais, vivem diariamente da forma mais simples e decorosa possível; que desejam não os discursos proferidos nos casos privados nem os que prejudicam certas pessoas, mas aqueles que têm boa reputação perante todos os homens; ainda assim, ousam do mesmo modo difamá-los e dizer que praticam esse exercício a fim de triunfar nos litígios contra o que seja justo. **229.** Portanto, quem, ao cultivar a injustiça e o vício, quereria viver com mais temperança do que os demais? E os que se engajam nessas práticas já viram alguma vez alguém adiando e economizando suas perversidades, ao invés de imediatamente fazer uso de sua própria natureza?

230. À parte essas questões, se a habilidade em discursar faz com que se trame contra assuntos alheios, absolutamente todos os indivíduos aptos a discursar são criadores de intriga e sicofantas, pois é natural que a mesma causa produza o mesmo efeito em todos. **231.** Ora, vós descobrireis que, dentre os homens públicos da atualidade e os recém-falecidos, os que têm o maior zelo pelos discursos são os maiores dentre os que subiram à tribuna. Inclusive, dentre os antigos, os mais nobres e mais famosos oradores foram os responsáveis pelos maiores benefícios já realizados a nossa cidade, a começar por Sólon. **232.** Uma vez eleito como líder do povo, ele então instituiu leis, regulamentou as práticas políticas, e organizou o governo de Atenas, de modo que ainda hoje é admirada a constituição por ele estabelecida. Depois, Clístenes, após ter sido banido da cidade pelos tiranos, e persuadir os Anficiões por meio do discurso a lhe emprestarem o dinheiro depositado ao deus, reconduziu o povo ao poder, depôs os tiranos, e estabeleceu a democracia, responsável pelas maiores benfeitorias aos

gregos. **233.** Em seguida, Temístocles, que fora general na guerra contra os persas e aconselhou nossos ancestrais a abandonar a cidade – quem seria capaz de persuadi-los disso, não fosse por ser muito proeminente em discursos? Ele, todavia, resolveu os problemas de tal modo que, após poucos dias exilados, os atenienses tornaram-se senhores dos gregos por muito tempo. **234.** Por fim, Péricles, nobre líder popular e exímio orador, adornou a cidade com tantos templos, monumentos e tantas outras obras de arte que, mesmo ainda hoje, quem aqui chega pensa que é digno que ela governe não somente os gregos, mas também todos os outros povos. Ademais, depositou na Acrópole nada menos do que dez mil *talentos*. **235.** Ora, dentre esses homens que realizaram empresas de tamanha magnitude, nenhum negligenciou os discursos; ao contrário, aplicaram-se tanto a eles mais do que a outras atividades, a ponto de Sólon ter sido nomeado como um dos Sete Sofistas²¹⁷ e obtido este título que hoje é desonrado e criticado entre vós; de Péricles ter sido aluno de dois sofistas, Anaxágoras de Clazômenas e Damão, considerado o maior sábio dentre os cidadãos daquele tempo. **236.** Assim, como alguém vos poderia demonstrar com mais clareza que não é o poder dos discursos que faz com que os homens se tornem perversos? Porém, aqueles que possuem uma natureza tal qual a de meu acusador, passam a vida, creio, se servindo tanto de discursos como de ações vis.

237. Posso indicar também os lugares onde, se quiserdes, é possível ver os nomes dos criadores de intriga e os réus que merecem as acusações impostas por esses homens aos sofistas. Eles se encontram precisamente nas tábuas expostas pelos magistrados: sicofantas e aqueles que cometem crimes contra a cidade, naquela dos Tesmotetas; delinquentes comuns e seus mentores, na dos Onze; e os que comentem crimes privados e aqueles que intentam processos injustos, naquela dos Quarenta. **238.** Nessas listas, vós poderíeis encontrar o nome de Lisímaco e os de seus amigos inscritos muitas vezes, ao passo que o meu e os daqueles que se dedicam a minha atividade não encontrareis em nenhuma delas. Ao contrário, organizamo-nos em torno de nossos

²¹⁷ σοφιστής. “Sete Sábios” é a tradução consagrada para esse grupo de indivíduos (cuja lista jamais foi fixa por parte dos historiadores antigos ao longo dos séculos). Embora a acepção do termo varie em diferentes contextos da prosa ática, em Isócrates, assim como em Platão, seu sentido é muitas vezes pejorativo, pois, em ambos os autores, encontramos críticas aos sofistas de seu tempo no tocante a questões morais. No entanto, como é o caso dessa passagem, o autor se serve do termo em sua acepção mais básica, i.e., “sábio”, para se referir a antigos mestres ou filósofos pré-socráticos. Para uma visão histórica da polissemia do termo, ver KERFERD, George, 1981, p. 4-14.

afazerem, de modo que não precisamos dos litígios que sucedem entre vós. **239.** De fato, aqueles que não se dedicam a essas atividades, nem vivem intemperantemente, nem se ocupam de nenhuma outra prática vergonhosa, como não seria conveniente elogiá-los mais do que levá-los a juízo? Pois é evidente que ensinamos aos alunos uma sorte de valores tais quais nós mesmos praticamos.

240. E, agora, baseados no que estou prestes a dizer, compreenderéis ainda mais claramente que estou longe de corromper os mais jovens. Pois, se eu fizesse algo desse gênero, não seria Lisímaco nem qualquer outro de sua laia a tomar as dores, mas vós veríeis os pais de meus alunos e seus familiares irritados, acusando-me, e buscando me punir. **241.** Todavia, eles trazem seus filhos, pagam e se comprazem quando os veem passar o dia comigo, ao passo que os sicofantas me caluniam e me causam problemas. Quem, além desses, gostaria de ver que muitos cidadãos foram corrompidos e se tornaram vis? Pois sabem que eles próprios têm poder sobre homens assim, ao passo que, quando caem nas mãos de homens nobres e inteligentes, são arruinados. **242.** De modo que faz sentido eles buscarem abolir todas as atividades desse gênero, que tornarão, acreditam eles, os cidadãos melhores e mais intolerantes às suas vilezas e falsas acusações. A vós, porém, convém fazer o contrário disso, e considerar que elas são as mais nobres das ocupações, combatidas por eles mais do que tudo, como vedes.

O valor da “oratória” – Continuação da defesa de sua *paideia* e elogio ao *λόγος* (243-269)

243. Encontro-me em uma situação atípica. Falarei, pois, ainda que alguns digam que sou volúvel demais. Pouco antes, eu estava dizendo que muitos homens nobres, por terem uma falsa noção da filosofia, são muito severos contra ela. Mas creio que os argumentos proferidos até aqui sejam de tal modo claros e evidentes a todos, que ninguém me parece agora ignorar seu poder, nem me condenar por corromper os alunos, nem sofrer mais qualquer acusação que pouco antes eu lhes imputava. 244. Porém, se é necessário dizer a verdade e o que agora me veio à mente, considero que todos os meus invejosos almejam sapiência e nobre eloquência, não obstante as negligenciem, uns por indolência, outros por não terem apreço a seus próprios talentos naturais, e outros por uma série de razões diversas, que são inúmeras. 245. Já os que treinam bastante e querem alcançar aquilo que eles próprios desejam, irritam-se, invejam, ficam com a alma agitada e sofrem de modo semelhante aos apaixonados: que outra denominação mais apropriada a eles do que essa? 246. Eles celebram e invejam os que conseguem fazer bom uso da palavra, porém censuram os mais jovens aspirantes a essa honra. Não há nenhum deles que não suplicaria aos deuses para ter o dom da palavra; antes de tudo, para si próprio; se não, ao menos para seus filhos e parentes. 247. Todavia, quando alguém tenta alcançar, por meio do esforço e da filosofia, aquilo que eles próprios querem adquirir como dádiva divina, estes dizem que aqueles não estão agindo corretamente; em alguns momentos, fingem rir deles como se fossem tolos e ignorantes, mas, quando convém, mudam de postura, dizendo que aqueles são capazes de fazer discursos para levar vantagem. 248. Quando algum perigo sobrevém à cidade, recorrem aos melhores conselheiros que tratam desses problemas, e fazem o que tais indivíduos recomendarem. No entanto, com relação aos que trabalham para prepará-los, a fim de que sejam úteis à cidade em momentos como esses, julgam que devem difamá-los. Eles criticam a ignorância dos tebanos e dos outros inimigos, porém não cessam de injuriar os que tentam escapar dessa doença a todo custo. 249. E isso não é somente um sinal de perturbação mental como também de pouco caso para com os deuses: eles de fato consideram que a Persuasão é uma deusa, e veem que a cidade lhe faz sacrifícios a cada ano; entretanto, dizem que quem quer partilhar de seu poder está corrompido, como se

desejasse uma perversidade. **250.** E o mais terrível de tudo é o seguinte: apesar de julgarem que a alma é superior ao corpo, mesmo sabendo disso, acolhem com mais gosto os cultores da ginástica do que os da filosofia. Então, como não seria ilógico louvar mais os que cuidam do mais simples do que aqueles que se dedicam ao mais elevado, ainda mais quando todos sabem que, por meio do vigor físico, nossa cidade jamais realizou nenhuma de suas memoráveis façanhas, ao passo que, por meio do intelecto humano, tornou-se a maior e a mais venturosa das cidades gregas?

251. Alguém mais jovem do que eu e despreocupado com a atual circunstância seria capaz de reunir muito mais contradições desses indivíduos. Por exemplo, sobre esses mesmos tópicos se poderia dizer o seguinte: se alguém, herdeiro de muito dinheiro de seus ancestrais, não servisse à cidade, mas ultrajasse os cidadãos e desonrasse meninos e mulheres, haveria quem ousasse culpar os responsáveis pela riqueza ao invés de reivindicar a punição dos próprios delinquentes? **252.** E se alguém, versado na arte bélica, não usasse seus conhecimentos contra os inimigos, mas se revoltasse e aniquilasse muitos cidadãos, ou mesmo se alguém, da melhor maneira educado no pugilato e no pancrácio, negligenciasse as competições desportivas e esmurrasse quem quer que encontrasse pelo caminho, quem não louvaria seus professores²¹⁸ e condenaria à morte os que fazem mau uso daquilo que aprenderam?

253. Nesse sentido, devemos seguir o mesmo raciocínio com relação à arte dos discursos bem como com relação às demais, e não opinar contrariamente a respeito de coisas semelhantes, nem nos mostrarmos hostis contra tal qualidade que, dentre todas as existentes na natureza humana, é a responsável pelos maiores benefícios. Nas nossas demais qualidades, como eu já disse anteriormente, em nada nos diferimos dos outros animais, mas, inclusive, somos inferiores à maioria deles em rapidez, força e nos demais recursos. **254.** Todavia, em virtude de nossa habilidade em nos persuadirmos mutuamente e manifestarmos um ao outro aquilo que queremos, não somente nos libertamos da vida selvagem, como também nos reunimos, fundamos cidades, instituímos leis, inventamos artes, e, de maneira geral, o discurso é aquele que auxiliou no estabelecimento de todas as nossas criações. **255.** Ele delimitou os contornos legais a respeito do justo e do injusto, do belo e do vergonhoso, dos quais, se não tivessem sido separados, não nos seria possível vivermos em sociedade. Com ele, censuramos os maus

²¹⁸ Certa contradição com os §§ 99 e 106, quando Isócrates se sujeitara a ser punido caso algum de seus discípulos tenha se corrompido e feito mau uso da educação oratória por ele ensinada.

e louvamos os bons. Por meio dele, educamos os ignorantes e testamos os inteligentes, porque falar bem é para nós o maior sinal de inteligência, e o discurso verdadeiro, legítimo e justo é imagem de uma alma nobre e confiável. **256.** Com ele, disputamos acerca das querelas e investigamos acerca do desconhecido, pois as provas, por meio das quais persuadimos os demais quando discursamos, são as mesmas das quais nos servimos quando refletimos. Chamamos de “retóricos” aqueles capazes de falar em público, e consideramos bons conselheiros todos os que debatem os problemas consigo mesmos da melhor maneira. **257.** Por fim, se é preciso falar resumidamente de seu poder, descobriremos que nenhum dos feitos prudentes é realizado sem o discurso; ao contrário, ele é o guia de todas as ações e pensamentos, utilizado, sobretudo, pelos mais inteligentes. Sem refletir nada a esse respeito, Lisímaco ousou acusar quem deseja algo de tamanha envergadura, responsável por enormes e numerosos benefícios importantes.

258. Ora, por que devemos nos admirar com isso, visto que alguns dos que se ocupam da erística difamam os discursos públicos e úteis, assim como os mais inferiores dos homens? Eles não ignoram seu poder, nem que rapidamente poderiam eles próprios tirar proveito de quem se serve desses discursos, porém esperam que, se os caluniarem, tornarão mais estimáveis os seus próprios. **259.** Eu seria capaz, talvez, de falar com muito mais agudeza do que eles o fazem a meu respeito, porém creio que não devo me rebaixar ao nível dos corrompidos pela inveja, nem vituperar os que não são vis com seus alunos, embora sejam menos capazes de serem bons do que outros. Todavia, falarei um pouco sobre esses indivíduos, sobretudo porque o fizeram a meu respeito, e também para que vós, sabendo com mais clareza de seu poder, possais assim considerar cada um de nós como merecemos; **260.** além disso, para que eu possa evidenciar que, não obstante eu me dedique aos discursos cívicos, apreciados por eles como fomentadores de ódio, sou muito mais gentil do que esses indivíduos. Pois eles sempre dizem algo perverso a meu respeito, enquanto eu jamais diria algo semelhante; ao contrário, direi apenas verdades a respeito deles. **261.** Acredito que os príncipes em discussões erísticas e os que se dedicam à astronomia, à geometria e a disciplinas do gênero não prejudicam, mas beneficiam seus alunos menos do que prometem, porém mais do que pensam os outros. **262.** A maioria dos homens, de fato, considera que tais disciplinas são charlatanice e futilidade; que não são úteis nem para os assuntos públicos nem para os privados; que seus aprendizes não as retêm na memória por muito tempo, porque não os acompanham ao longo da vida nem os auxiliam em suas ações,

estando completamente apartadas de nossas necessidades. **263.** Eu, por outro lado, nem sou dessa opinião, nem estou longe dela: parece-me que os que consideram tal educação inútil para a vida prática estão corretos, e que aqueles que a louvam dizem a verdade. Se acabo de proferir um argumento contraditório em si mesmo é porque tais disciplinas possuem uma natureza diversa daquelas que nos são ensinadas. **264.** Pois as outras disciplinas, por sua natureza, nos auxiliam quando adquirimos seu conhecimento, enquanto essas não poderiam beneficiar nem mesmo quem nelas se aprofunda, exceto aqueles que escolhem viver estudando-as, sendo úteis apenas no momento em que as estamos aprendendo. **265.** Com efeito, quando nos dedicamos com esmero e precisão à astronomia e à geometria, somos obrigados a nos aplicarmos em tópicos de difícil aprendizado, e, além disso, condicionados a trabalhar continuamente com aquilo que nos é dito e demonstrado, sem deixarmos nosso pensamento divagar. Uma vez nelas treinados e aguçados, podemos receber e compreender com mais facilidade e rapidez os tópicos mais avançados e mais importantes. **266.** Portanto, creio que não devemos dar a alcunha de “filosofia” àquilo que, atualmente, não nos auxilia nem a falar nem a agir, mas chamo tal ocupação de “exercício para a alma” e “preparação para a filosofia”. Ainda que mais viril do que aquela que os meninos praticam nas escolas, ambas, em sua maior parte, são muito semelhantes. **267.** Pois mesmo os meninos quando se dedicam com empenho à gramática, à música, e ao restante da educação, não obtém ainda progresso algum no que se refere ao aperfeiçoamento do discursar ou do deliberar, embora se tornem mais bem preparados para aprender as matérias mais importantes e mais avançadas. **268.** Eu aconselharia os mais jovens a se dedicarem a tais matérias por certo tempo, mas que não permitam que seu talento natural seja dissecado por elas nem fique enalhado nas teorias dos antigos sofistas: um deles disse que o número dos seres é infinito; Empédocles, que são quatro, com o ódio e o amor operando entre eles; Íon, não mais do que três; Alcmeon, somente dois; Parmênides e Melisso, um; e Górgias, absolutamente nenhum²¹⁹. **269.** Acredito que teorias bizarras desse gênero são semelhantes às taumaturgias, que não servem para nada e formam grandes grupos de ignorantes. Quem quer fazer algo proveitoso deve abolir completamente de seus estudos as teorias vãs e as ações que não contribuem em nada para a vida.

²¹⁹ Respectivamente, as teorias ontológicas dos chamados pré-socráticos: Anaxágoras de Clazômenas (500 – 428 a.C.); Empédocles de Agrigento (490 – 430 a.C.); Íon de Quios (490 – 420 a.C.); Alcmeon de Crotona (510 – ? a.C.); Parmênides de Eleia (530 – 460 a.C.) e Melisso de Samos (470 a.C. – ? a.C.); e Górgias de Leontine (485 – 380 a.C.).

A φιλοσοφία de Isócrates: a apropriação do termo para a definição de sua *paideia* (270-290)

270. Sobre esses tópicos, é suficiente para mim, por ora, o que acabo de proferir e aconselhar. No que concerne à “sabedoria” e à “filosofia”, por sua vez, não seria conveniente que aqueles que litigam no tribunal acerca de outras questões falem a respeito desses termos (pois eles são alheios a todos os debates judiciários). Porém, uma vez que estou sendo julgado por causa deles, e que afirmo não ser “filosofia” aquela que é assim denominada por alguns, convém a mim defini-la e vos apresentar aquela que é a genuína filosofia. **271.** Minha opinião a esse respeito é muito simples. Uma vez que não é possível à natureza humana adquirir o conhecimento por meio do qual saberíamos o que se deve fazer ou dizer, só me resta considerar sábios, por um lado, aqueles homens que são capazes de, através de opiniões, descobrir na maior parte dos casos aquilo que é melhor, e filósofos, por outro lado, aqueles que se ocupam com aquilo por meio do que adquirirão tal tipo de inteligência o mais rápido possível. **272.** Preciso dizer quais são as diretrizes desse poder, embora eu hesite em dizê-las. Pois elas são tão pungentes, insólitas e muito alheias à mentalidade dos demais que temo que vós, ao começardes a ouvi-las, espalheis algazarra e gritaria pelo tribunal. Todavia, a despeito desse receio, intentarei discorrer sobre o assunto, pois me envergonho se a alguns pareço temer trair a verdade em razão de minha velhice e do pouco tempo de vida que me resta. **273.** Peço-vos que não me prejudiqueis como um louco que, em situação de perigo, escolheria proferir argumentos contrários a vossa opinião, como se não estivesse ciente de que eles são consequência do que eu antes dissera, e não acreditasse que tenho provas verídicas e claras sustentadas por esses argumentos. **274.** Acredito que, nem no passado nem agora, jamais houve qualquer espécie de arte capaz de infundir temperança e justiça em quem carece de propensão natural para a virtude²²⁰, e que aqueles que fazem promessas a esse respeito antes renunciarão e desistirão de proferir tolices **275.** até que uma educação desse gênero seja inventada. Todavia, mesmo eles poderiam se tornar melhores e mais valorosos se tivessem a ambição de falar bem, fossem tomados pelo desejo de poder persuadir os ouvintes, e aspirassem por superioridade, não como ela é entendida pelos ignorantes, mas em seu sentido mais verdadeiro. **276.** Que assim são as coisas por

²²⁰ Palavras muito semelhantes ao que o autor afirma no *Contra os Sofistas* 21.

natureza, creio que rapidamente poderei demonstrar. Em primeiro lugar, o indivíduo que se propõe a proferir ou escrever discursos dignos de louvor e de honra não pode se valer de proposições injustas, mesquinhas, ou relativas a questões privadas, mas elevadas, nobres, dedicadas ao bem da humanidade e relativas ao interesse público. Se não encontrar proposições dessa sorte, não realizará nada do que pretende. **277.** Em segundo lugar, entre os fatos referentes à proposição, selecionará os mais apropriados e os mais úteis. Aquele que está habituado a observar e a examinar fatos desse gênero possuirá tal capacidade não somente para o discurso que está compondo como também para as demais atividades, de modo que refletir e ao mesmo tempo falar bem estarão presentes lado a lado naqueles que se dedicam aos discursos de maneira filosófica e ambiciosa. **278.** Ademais, quem deseja persuadir as pessoas não descuidará de sua virtude, mas prestará atenção, sobretudo, para que conquiste a reputação de ser o mais idôneo perante seus concidadãos. Pois quem não sabe que os discursos são considerados mais verídicos quando proferidos antes por homens estimados do que por gente desacreditada, e que a vida de uma pessoa garante provas mais eficazes do que aquelas advindas do próprio discurso²²¹? De modo que, quanto mais avidamente um homem desejar persuadir os ouvintes, mais se esforçará em ser nobre, bom e bem reputado perante os cidadãos. **279.** E que nenhum de vós pense que, enquanto todos os demais sabem que cativar os juízes possui muito peso para fins persuasivos, somente os que estudam a filosofia ignoram o poder da simpatia. Em verdade, eles sabem disso com muito mais precisão do que os outros. **280.** Além disso, sabem também que as probabilidades, as provas, e todas as formas de persuasão servem somente nos momentos em que cada uma delas é eventualmente proferida²²², ao passo que a reputação de ser nobre e bom não apenas torna o discurso mais crível, como também mais honrosas as ações dos que detém uma reputação desse nível. Os mais sensatos devem buscar isso com mais afincado do que todas as outras coisas.

281. Volto agora à questão da “superioridade”²²³, o tópico mais difícil dos que mencionei. Se alguém pressupõe que é superior quem rouba, engana, ou pratica algum mal, não está sabendo corretamente. Pois ninguém, em toda a sua vida, é pior do que

²²¹ Cf. Aristóteles, *Retórica*, 1356a10.

²²² *Ibidem*.

²²³ *πλεονεξία*. O termo geralmente possui uma conotação pejorativa (“arrogância”, “presunção”, “ganância”), sobretudo em contextos de crítica política (cf. Heródoto, 7.149; Tucídides, 3.82; Aristóteles, *Refutações Sofísticas*, 175a19). Todavia, sua acepção nesse contexto é colocada por Isócrates de maneira positiva, conforme ele o definirá em seguida.

gente dessa laia, nem se encontra tão privado de recursos, nem vive tão vergonhosamente, nem, em suma, é tão miserável. **282.** Devemos pensar, por outro lado, que são agora e serão superiores aqueles que são considerados os mais pios perante os deuses, e os mais zelosos no cuidado para com eles, assim como os mais nobres para com os homens, seja em sua vida pública ou privada, além de detentores das mais elevadas reputações.

283. Essa é a verdade, e é importante que falemos dessa maneira a esse respeito, visto que agora muitas coisas estão de tal modo desordenadas e confusas em nossa cidade que alguns não usam mais as palavras em sua acepção natural, mas transferem suas nuances das ações mais grandiosas para as práticas mais vis. **284.** Chamam de “gênios” os fanfarrões e os indivíduos capazes de zombar e parodiar, quando na verdade esse termo deveria ser próprio daqueles que possuem as melhores disposições naturais para a virtude. Consideram “superiores” os que se dedicam aos maus costumes e às más ações, ainda que com isso conquistem pouco e adquiram uma má reputação; ao contrário, são superiores os mais piedosos e os mais justos para o bem, e não para o mal. **285.** Dizem ser “filósofos” os que negligenciam as necessidades humanas e se deleitam com as teorias bizarras dos antigos sofistas, porém rejeitam essa definição para os que estudam e se aplicam a conhecimentos a partir dos quais administrarão bem a sua própria casa e os interesses comuns da cidade, em função dos quais devemos justamente nos esforçar, estudar, e praticar por completo. Desses conhecimentos, já há muito tempo vós afastastes os mais jovens, pois aceitais os argumentos dos que caluniam esse tipo de educação. **286.** De fato, tendes feito com que os mais idôneos deles passem sua juventude indolentes, bebendo, festejando e jogando, descuidando de se instruírem a fim de se tornarem melhores, ao passo que aqueles que possuem uma natureza inferior passam os dias em desregramentos de tal sorte que nenhum escravo idôneo jamais ousaria fazê-lo. **287.** Alguns deles refrescam o vinho nas Nove Fontes, outros bebem nas tavernas, outros jogam dados nas casas de aposta, e muitos passam seu tempo nas escolas de flautistas. E nenhum dos que dizem se preocupar com os jovens jamais trouxe a juízo perante vós aqueles que os incitam a se comportarem assim, mas atormentam a mim, que mereceria gratidão precisamente por isto, pois afasto meus alunos de práticas desse gênero. **288.** A raça dos sicofantas é de tal modo nociva que, por um lado, está longe de repreender os que gastam vinte ou trinta *minas* com mulheres que consumirão completamente o restante de seus patrimônios; na verdade, eles também

desfrutam da prodigalidade desses libertinos. Por outro lado, dizem que se corrompem aqueles que investem, qualquer que seja a quantia, em sua própria educação. Quem poderia fazer uma acusação mais injusta do que essa contra meus discípulos? **289.** Trata-se de indivíduos que, embora em pleno auge de sua juventude, renunciaram aos prazeres, os quais a maioria de seus coetâneos deseja mais do que tudo; que, podendo ser indolentes sem gastar, preferiram investir seu dinheiro no trabalho; que, recém-saídos da infância, compreenderam coisas que muitos dos mais velhos não sabem, **290.** como, por exemplo, que quem conduz sua juventude com retidão e dignidade e inicia bem sua vida deve cuidar antes de si próprio do que de seus bens; que não deve se apressar nem buscar governar os outros antes que encontre um mestre que supervisione seu intelecto; ademais, que não deve se deleitar nem se vangloriar tanto por outros benefícios senão por aqueles incutidos em suas almas por intermédio da educação. Portanto, como não devemos louvar mais do que vituperar aqueles que seguem esse raciocínio, além de considerá-los melhores e mais sensatos que seus coetâneos?

Peroração (291-323)

Exortação aos atenienses para que mantenham a glória da cidade baseada na prática oratória. Elogio à oratória ateniense. (291-309)

291. Fico consternado com o fato de felicitarem homens eloquentes por natureza, como se o acaso lhes houvesse dado uma bela e nobre qualidade, mas de censurarem os que querem se tornar assim, como se desejassem uma educação injusta e vil. Ora, que nobre qualidade natural é vil ou vergonhosa se alcançada por meio da dedicação? Não encontraremos nenhuma assim; ao contrário, ao menos nas demais áreas, louvamos os indivíduos capazes de adquirir uma nobre qualidade por meio de seu próprio amor ao trabalho mais do que aqueles que as legam de seus ancestrais. **292.** Naturalmente! Pois, em todas as demais atividades, e principalmente na relativa aos discursos, convém celebrar não a boa fortuna, mas o empenho. Quem tem por dom e por sorte a habilidade de falar não persegue o melhor, mas está acostumado a utilizar as palavras ao acaso, enquanto aqueles que adquirem tal poder por meio da filosofia e do raciocínio, por não dizerem nada irrefletidamente, erram menos em suas ações. **293.** Por isso, convém a todos, e especialmente a vós, querer que muitos se tornem habilidosos em discursar por meio da educação. Pois vós próprios sois proeminentes e diferenciados dos demais, não pela aplicação à guerra, nem por governar da melhor forma, muito menos por preservar as leis legadas de vossos ancestrais, mas pelas qualidades que tornam a natureza humana superior à dos outros animais, assim como a raça helênica superior à dos bárbaros, **294.** uma vez que recebestes uma educação intelectual e discursiva melhor do que a dos demais. Por conseguinte, nada de mais terrível poderia acontecer se declarásseis pelo voto que estão corrompidos os discípulos que querem se destacar de seus coetâneos pelas qualidades em que vós próprios vos destacais dos outros, e se envolvêsseis em alguma desgraça aqueles que se servem de tal educação, da qual vos tornastes líderes.

295. Não podeis esquecer que nossa cidade é considerada como aquela que se tornou a professora de todos os indivíduos aptos a discursar e educar. Naturalmente! Pois veem que ela concedeu os maiores prêmios aos detentores de tal poder; que ofereceu os maiores e mais variegados exercícios aos que escolheram competir e quiseram treinar tal tipo de atividade; **296.** e, ainda, que daqui todos adquiriram a experiência prática que, acima de tudo, os capacita para discursar. Ademais, consideram que o caráter genérico e equilibrado de nosso dialeto, além de nossa versatilidade mental e de nosso amor pelas palavras, contribuíram em parte não pouco significativa para nossa educação discursiva. Por isso, não sem razão supõem que os indivíduos hábeis em discursar sejam todos discípulos de Atenas. **297.** Prestai atenção, portanto, para que não seja absolutamente ridículo condenar tal reputação possuída por vós perante os gregos muito mais do que eu perante vós. Pois não fareis nada além de evidentemente sentenciar a vós mesmos uma pena injusta, **298.** agindo semelhante aos lacedemônios, caso intentassem punir quem cultiva as artes bélicas, ou aos tessálios, caso achassem justo condenar quem pratica equitação. Em nome disso, é preciso tomar cuidado para que não cometais tamanho erro contra vós próprios, e não torneis os discursos dos que acusam a cidade mais fidedignos do que aqueles dos que a louvam. **299.** Creio que não ignorais que certos gregos são hostis a vós, ao passo que outros vos amam tanto que depositam em vós suas esperanças de salvação. Estes dizem que “cidade” é somente esta, enquanto as outras são apenas vilarejos, e que seria justo nomeá-la como “capital da Grécia”, em razão de sua grandeza, de sua abundância em recursos que daqui abastecem as demais, e, sobretudo, da índole de seus habitantes. **300.** Pois dizem que não há povo mais gentil, nem mais sociável, nem com o qual se poderia passar toda a vida de maneira mais fraterna. E usam hipérboles tão desmedidas que não hesitam em afirmar que com mais prazer prefeririam serem punidos por um homem ateniense a serem bem-tratados pela truculência dos demais. Os outros, ao contrário, ridicularizam tais enaltecimentos, relatando detalhadamente as crueldades e maldades dos sicofantas, e acusando toda a cidade de ser insociável e hostil. **301.** É dever de juízes inteligentes condenar à morte os responsáveis por discursos dessa sorte, porque causam uma enorme vergonha à cidade, e honrar, em contrapartida, os que contribuem em certa medida com louvores a ela, mais do que os atletas vencedores em certames coronários, **302.** visto que obtiveram para a cidade uma reputação muito maior do que estes, além de muito mais apropriada. Com efeito, em competições desportivas, nós temos muitos rivais, porém, em educação, absolutamente todos reconheceriam nossa

primazia. Quem é capaz de raciocinar, ainda que pouco, deve demonstrar reverência aos que se distinguem por façanhas em razão das quais nossa cidade é celebrada, mas não invejá-los, nem julgá-los de modo contrário aos demais gregos. **303.** Jamais vos preocupastes com isso; ao contrário, haveis vos enganado com vosso interesse a tal ponto que sois mais benevolentes com quem fala mal a vosso respeito do que com aqueles que vos louvam, e pensais que os responsáveis pela cidade ser odiada por muitos são mais democratas do que os que fizeram com que ela seja enaltecida por todos que com ela já se relacionaram.

304. Portanto, se sois sensatos, cessareis tal confusão, e não sereis como agora sois, uns hostis, e outros indiferentes para com a filosofia, mas aceitareis que o cuidado com a alma é a mais nobre e a mais séria das atividades, e exortareis os mais jovens, que possuem meios de vida suficientes e podem dispor de tempo livre, a tal tipo de educação e exercício. **305.** Ademais, tereis a mais alta estima, por um lado, junto àqueles que querem trabalhar arduamente e preparar a si próprios para prestar serviços à cidade; por outro, odiareis e considerareis traidores da cidade e da reputação de seus ancestrais aqueles que vivem de modo desprezível e não pensam em outra coisa senão gozar suas heranças com extravagância. Pois, se eles se derem conta de que vós assim nutris tais sentimentos por cada um deles, os mais jovens desprezarão, ainda que com dificuldade, sua indolência, e quererão prestar atenção em si mesmos e na filosofia. **306.** Recordai-vos da nobreza e da magnificência das façanhas empreendidas por nossa cidade e por nossos ancestrais, rememorai-vos delas e examinai que sorte de homem era, sua origem, e o modo como foi educado aquele que depôs os tiranos, reconduziu o povo ao poder e estabeleceu a democracia; que sorte de homem era aquele que venceu os bárbaros na batalha de Maratona e adquiriu para nossa cidade a reputação advinda dessa empresa; **307.** quem foi aquele que lhe sucedeu, libertou os gregos e conduziu nossos ancestrais à hegemonia e soberania que obtiveram, e, ainda, que percebeu as condições naturais do Pireu e construiu uma muralha em torno da cidade, a despeito dos lacedemônios; quem, por fim, foi aquele que encheu a acrópole de prata e de ouro e fez as casas particulares se tornarem repletas de muita prosperidade e riqueza. **308.** Portanto, se revisardes detalhadamente a trajetória de cada um desses homens, descobrireis que eles não realizaram tais feitos vivendo como sicofantas, nem com negligência, nem agindo semelhante à maioria; ao contrário, foram diferenciados e proeminentes não somente por sua origem nobre e reputação, mas também pelo

intelecto e eloquência, tendo se tornado os responsáveis por todas as benfeitorias. **309.** Se refletirdes sobre esses exemplos, é oportuno, por um lado, que examineis o caso de acordo com os interesses do povo, para que eles assegurem a justiça em processos relativos a assuntos privados e tenham parte nos demais assuntos públicos; por outro lado, que ameis, honreis e cuideis dos que são proeminentes tanto por natureza quanto por dedicação, bem como daqueles que desejam se tornar como tais homens, sabendo que comandar belas e grandiosas façanhas, ser capaz de salvar as cidades dos perigos, e resguardar a democracia são tarefas possíveis apenas para indivíduos dessa sorte, mas não para os sicofantas.

Críticas finais aos sicofantas e piedade aos deuses (310-323)

310. Embora muitos argumentos me venham à mente, não sei como dispô-los. Pois me parece que cada um dos meus pensamentos, se expresso separadamente, parecerá conveniente; todavia, se proferidos todos agora, seria muito tedioso para mim e para os ouvintes. E temo que aquilo que já foi dito tenha causado uma sensação desse tipo, em razão de sua dimensão. **311.** De fato, todos nós somos tão insaciáveis para os discursos que, em princípio, louvamos o comedimento e dizemos que não há nada tão precioso. No entanto, quando acreditamos que temos algo a dizer, descuramos de respeitar as proporções, e, adicionando sempre mais um pouco, nos lançamos a excessos extremos. Tanto é verdade, que eu, mesmo dizendo e sabendo disso, quero ainda vos falar.

312. Irrito-me ao ver que a prática de um sicofanta tem mais poder do que a filosofia, porque a primeira acusa, ao passo que a segunda é acusada. Que homem antigo poderia supor que isso aconteceria, sobretudo entre vós, que estimais a sabedoria mais do que os outros? **313.** Sem dúvida, não foi assim entre nossos ancestrais; ao contrário, eles admiravam os famosos sofistas, invejavam seus alunos, enquanto consideravam os sicofantas como responsáveis pelas maiores desgraças. E a maior prova disso é a seguinte: julgavam digno que Sólon, o primeiro dentre os cidadãos a receber a alcunha de “sofista”, fosse o líder de nossa cidade, ao mesmo tempo em que instituíram leis mais severas para os sicofantas do que para os demais malfeitores. **314.** De fato, para os crimes mais graves, fizeram com que o julgamento fosse realizado em apenas um tribunal, porém, contra os sicofantas, acusações se davam perante os Tesmotetas, denúncias perante o Conselho e processos perante a Assembleia, porque acreditavam que quem se serve de tal atividade transgride todas as perversidades. Pois os demais ao menos tentam esconder seus delitos, **315.** ao passo que os sicofantas exibem a todos sua brutalidade, misantropia e litigiosidade. Os antigos assim pensavam a respeito desses indivíduos, enquanto vós estais tão longe de puni-los a ponto de utilizá-los como acusadores e legisladores dos demais. Portanto, convém odiá-los mais agora do que naquele tempo. **316.** Pois antes eles prejudicavam seus concidadãos somente em assuntos ordinários e em âmbito interno à cidade. Todavia, quando Atenas cresceu e passou a comandar a Grécia, nossos pais, por terem mais confiança do que

convinha, passaram a invejar a soberania dos homens nobres e bons que haviam engrandecido nossa cidade, porém, ao mesmo tempo, tiveram afeição por homens vis e cheios de insolência. **317.** Eles acreditavam que esses indivíduos, com sua ousadia e litigiosidade, seriam razoáveis para proteger a democracia, mas, em razão da inferioridade de sua origem, não se vangloriariam nem desejariam outra constituição. Como consequência dessa mudança, que calamidades não se abateram sobre nossa cidade? Que grandes males os homens dessa natureza não desencadearam por causa tanto de suas palavras quanto de suas ações? **318.** Jamais deixaram de censurar os cidadãos mais afamados e sobretudo capazes de beneficiar a cidade por serem oligarcas e simpáticos à Lacedemônia, até que os obrigassem a se tornar justamente o que eram acusados de ser? Ao injuriarem nossos aliados, acusando-os falsamente, e espoliando as riquezas dos melhores, não os incitaram assim a se revoltarem contra nós e a desejarem a amizade e a aliança com os lacedemônios? **319.** Por essas razões entramos em guerra, vimos muitos cidadãos serem mortos, alguns capturados pelos inimigos, outros privados de subsistência; ademais, a democracia duas vezes destruída, as muralhas da pátria derrubadas, e, o pior de tudo, nossa cidade correndo o risco de ser escravizada e a acrópole ocupada pelos inimigos.

320. Embora eu esteja encolerizado, em razão do calor do momento, percebo que a água da clepsidra está se esgotando e que acabei caindo em argumentos e acusações que durariam o dia todo. Portanto, passo por cima de uma infinidade de desgraças causadas pelos sicofantas, abstenho-me de dizer uma série de fatos a respeito de suas falsas acusações. Todavia, ainda recordarei de umas poucas coisas antes de concluir o meu discurso.

321. Vejo que os demais, quando correm perigo e estão por concluir a sua apologia, suplicam, imploram e fazem subir aqui seus filhos, seus amigos. Eu, ao contrário, creio que tais expedientes não convenham para gente de minha idade, e, além de pensar assim, me envergonharia se fosse salvo por outra coisa senão pelos discursos que escrevi e que há pouco proferi. Pois sei que me servi deles com justiça e piedade, em reverência a nossa cidade, a nossos ancestrais, e, sobretudo, aos deuses, de modo que, se estes zelam pelos assuntos humanos, creio que não se esquecerão de minha atual situação. **322.** Por isso, não temo o que me possa acontecer de vossa parte; ao contrário, sinto-me encorajado e tenho muitas esperanças de que o fim de minha vida chegará

quando me for oportuno. Sinal disso é que assim vivi, do passado até o dia de hoje, como convém a homens pios e caros aos deuses.

323. Convicto, portanto, de que esta é a minha maneira de pensar, e considerando que aquilo que vós julgeis me será bom e proveitoso, votai da maneira como cada um de vós se contentar e desejar!

Bibliografia

BARONE, Mario. *Sull'Aoristo Nel ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΑΝΤΙΔΟΣΕΩΣ di Isocrate: Con una Introduzione Intorno al Significato Fondamentale dell'Aoristo Greco*. Roma: Tipografia della Accademia dei Licei, 1907.

BARROIS, Théophile. *Ouvres completes d'Isocrate. Tome I e II*. Lexington: Elibron Classics Replica, 2009. Edition Facsimile of the edition published in 1781.

BEEKES, Robert. *Etymological Dictionary of Greek*. Leiden: Brill, 2009.

BENOIT, William. Isocrates and Aristotle on Rhetoric. *Rhetoric Society Quarterly*. Vol. 20, No. 3, 1990.

_____. Isocrates and Plato on Rhetoric and Rhetorical Education. *Rhetoric Society Quarterly*, Vol. 21, No. 1, 1991.

BENSELER, Gustav Eduard. *Isokrates' Werke*. Leipzig, 1854.

BERTACCHI, André Rodrigues. *O Panegírico, de Isócrates: Tradução e Comentário*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2014.

BIESECKER, Susan. Rhetoric, Possibility, and Women's Status in Ancient Athens: Gorgias' and Isocrates' Encomiums of Helen. *Rhetoric Society Quarterly*, Vol. 22, No. 1, 1992.

BLASS, Friedrich. *Die attische Beredsamkeit*. Leipzig: Teubner, 1887 (2nd ed.).

BLOOM, Allan David. *The Political Philosophy of Isocrates*. Tese de Doutorado, University of Chicago, IL, USA, 1955.

BONNER, Robert J. "The Legal Settings of Isocrates' *Antidosis*". *Classical Philology*, Vol. 15, No. 2, 1920.

BONS, J. A. E.. ΑΜΦΙΒΟΛΙΑ: Isocrates and Written Composition, *Mnemosyne*, Fourth Series, Vol. 46, Fasc. 2, 1993.

CAMPBELL, David. *Sappho and Alcaeus. Greek Lyric, Volume I: Sappho and Alcaeus. Loeb Classical Library 142.* Cambridge: Harvard University Press, 1982.

CASTRO, Inês Ornellas & BARBOSA, Manuel. *Górgias: Testemunhos e Fragmentos.* Lisboa: Edições Colibri, 1993.

CHALKOKONDYLES, Demetrios. *Isocratis Opera Omnia.* Milão, 1493.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque : Histoire des mots.* Paris: Klincksieck, 1999.

CHRIST, Mathew. Liturgy Avoidance and Antidosis in Classical Athens. *American Philological Association*, Vol. 120, 1990.

COLE, Thomas. *The origins of Rhetoric in Ancient Greece.* Baltimore & London: The John Hopkins University Press, 1991.

COLLINS II, James Henderson. *Exhortations to Philosophy: The Protreptics of Plato, Isocrates, and Aristotle.* New York: Oxford University Press, 2015.

COOPER, John M. *Knowledge, nature and the Good: Essays on the Ancient Philosophy.* Oxford: Princeton University Press, 2004.

COPE, Edward & SANDYS, John. *Aristotle, Rhetoric I, II & III.* New York: Cambridge University Press, 1877.

DINSDALE, Joshua. *The orations and Epistles of Isocrates (revised by the Rev. Mr. Young).* London: T.Waller, 1752.

DRERUP, Engelbert. *Isocratis. Opera Omnia.* Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1906.

FALCÓ, José Manuel Colubi. *Demóstenes, Discursos Privados II.* Madrid: Editorial Gredos, 1983.

FERNÁNDEZ, Paula Lorente. *L'aspect verbal em Grec Ancien: Le Choix des thème verbaux chez Isocrate.* Louvain-La-Neuve: Peeters, 2003.

FLACELIÈRE, Robert. *Isocrate – cinq discours.* Paris: Presses Universitaires de France, 1961.

FORD, Laura Christian. *The Sophistic Trichotomy of Natural Hability, Practice and Knowledge in the Educational Philosophy of Isocrates*. Tese de Doutorado, Princeton University, NJ, USA, 1984.

FORSTER, Edward. *Isocrates, Cyprians Orations: Evagoras, Ad Nicoclem, Nicocles aut Cyprii*. Oxford: Clarendon Press, 1912.

FOWLER, Harold North. *Plutarch: Moralia, Volume X. The Classical Loeb Library*. Harvard: Harvard University Press, 1936.

GAINES, Robert N.. Isocrates, Ep. 6.8. *Hermes*, 118. Bd., H. 2, 1990.

GRIMALDI, William. *Aristotle, Rhetoric I: A Commentary*. New York: Fordham University Press, 1980.

GUSMANO, Tomassetti. *Isocrate: Encomio di Elena*. Roma: Angelo Signorelli Editore, 1960.

HALLIWELL, Stephen. Philosophical Rhetoric or Rhetorical Philosophy? In: Schildgen, Brenda Deen. *The Canon Rhetoric*. Detroit: Wayne State University Press, 1997.

HASKINS, Ekaterina. "Mimesis" between Poetics and Rhetoric: Performance Culture and Civic Education in Plato, Isocrates, and Aristotle. *Rhetoric Society Quarterly*, Vol. 30, No. 3, 2000.

HAVET, Ernest. *Introduction au Discours D'Isocrate Sur L'Antidosis*. Paris: Imprimerie Impériale, 1863.

HEILBRUNN, Gunther. Isocrates on Rhetoric and Power, *Hermes*, Vol. 103, No. 2, 1975.

_____. The Composition of Isocrates' Helen. *American Philological Association*, Vol. 107, 1977.

HERMIDA, Juan Manuel. *Isócrates, Discursos*. Madrid: Editorial Biblioteca Gredos, 1982.

HICKS, R. D. *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.

HOOK, LaRue Van. *Isocrates, vol. III*. The Loeb Classical Library, Harvard: Harvard University Press, 1945.

HORNBLOWER, Simon & SPAWFORTH, Anthony. *The Oxford Classical Dictionary*. New York: Oxford University Press, 1996.

HOWLAND, R. L. The Attack on Isocrates in the Phaedrus, *The Classical Quarterly*, Vol. 31, No. 3/4, 1937.

HUBBELL, Harry Mortimer. *The Influence of Isocrates on Cicero, Dionysius and Aristides*. New Haven: Yale University Press, 1913. (Reprint from the collections of the University of Michigan Library).

_____. Isocrates and the Epicureans. *Classical Philology*, Vol. 11, No. 4, 1916.

HUDSON-WILLIAMS H.. Isocrates and Recitations. *The Classical Quarterly*, Vol. 43, No. 1/2, 1949.

_____. Thucydides, Isocrates, and the Rhetorical Method of Composition. *The Classical Quarterly*, Vol. 42, No. 3/4, 1948.

IGLÉSIAS, Maura. *Platão: Eutidemo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Loyola, 2011.

JAEGER, Werner. *Paideia: A Formação do Homem Grego*. Trad. De Arthur M. Pereira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.

JEBB, Sir Richard Claverhouse. *Selections from the Attic Orators from Antiphon to Isaeus*. London: Macmillan and CO., Limited, 1899.

JOHNSON, R. Isocrates' Methods of Teaching. *The American Journal of Philology*, Vol. 80, No. 1, 1959.

_____. A Note on the Number of Isocrates' Pupils, *The American Journal of Philology*, Vol. 78, No. 3, 1957.

JOHNSTONE, Christopher Lyle. *Listening to the Logos: speech and the coming of wisdom in ancient Greece*. Columbia: University of South Carolina Press, 2009.

KENNEDY, George A. *A new History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

_____. *Rhetorical Questions*. *The Review of Politics* 57, p. 729-32, 1995.

_____. *Aristotle On Rhetoric: A Theory of Civic Discourse*. New York: Oxford University Press, 1991.

_____. *The Art of Persuasion in Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 1963.

_____. "Isocrates' Encomium of Helen: A Panhellenic Document", *American Philological Association*, Vol. 89, 1958.

KERFERD, G. B. *The Sophistic Movement*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela de. *Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates: tradução, notas e estudo introdutório*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2011.

LIDDELL & SCOTT. *Greek-English Lexicon*. 9ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LOMBARD, Jean. *Isocrate*. Paris: Éditions Klincksieck, 1990.

LOPES, Daniel Rossi Nunes. *Platão: Górgias*. São Paulo: Ed. Perspectiva: Fapesp, 2011.

LORAUX, Nicole. *The Invention of Athens: The Funeral Oration in the Classical City*. Harvard University Press, 1986.

MAHAFFY, J. P. *A History of Classical Greek Literature*. Honolulu, Hawaii: University of the Pacific Press, 2003.

MANDILARAS, B. G. (ed.) *Isocrates. Opera Omnia*. Bibliotheca Teubneriana. 3 volumes. Munich & Leipzig: Teubner, 2003.

MARTIN, Albert. *Le Manuscrit d'Isocrate, Urbinas CXI de la Vaticane*. Paris: Ernest Thorin, 1881.

MARZI, Mario. *Opere di Isocrate*. Turim: Unione Tipografico – Editrice Torinese, 1991.

MATHIEU, Georges. *Les Idées Politiques d'Isocrate*. Paris: Les Belles Lettres, 1925.

MATHIEU, Georges & BRÉMOND, A., *Isocrate: Discours*. Paris: Les Belles Lettres, (vol. I, 1929; vol. II, 1938; vol. III, 1942; vol. IV, 1962).

MIRHADY, David C. & TOO, Yun Lee (Vol. I) & PAPILLON, Terry L. (Vol II). *Isocrates: The Oratory of Classical Greece. Michael Gagarin Series Editor*. Austin: University of Texas Press, 2000.

MURPHY, James Jerome & KATULA, Richard A. & HILL, Forbes I. & OCHS, Donovan J. *A synoptic history of classical rhetoric*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

NESERIUS, Philip George. Isocrates' Political and Social Ideas. *International Journal of Ethics*, Vol. 43, No. 3, 1933.

NICOLAI, Roberto. *Studi su Isocrate: La comunicazione letteraria nel IV sec. a.C. e i nuovi generi della prosa*. Roma: Edizione Quazar, 2004.

_____. *La fortuna del modello educativo di Isocrate. Da Cicerone alla tarda antichità*. Roma: Edizione Quazar, 2009.

NORLIN, George. *Isocrates, vol. I (1928) & II (1929)*, The Loeb Classical Library, Harvard: Harvard University Press.

NUNES, Carlos Alberto. *Platão: Fedro*. Belém, Ed. UFPA, 2011.

OBER, Josiah. *Political Dissent in Democratic Athens: Intellectual Critics of Popular Rule*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

_____. *Mass and Elite in Democratic Athens: Rhetoric, Ideology, and the Power of the People*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. *Isócrates: A Filosofia na Penumbra*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2000.

_____. *Isócrates Agonistés: O Aluno Ideal e o Mestre Perfeito*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2005.

PAPILLON, Terry. Mixed Unities in the “Antidosis” of Isocrates, *Rhetoric Society Quarterly*, Vol. 27, nº 4, 1997.

_____. Isocrates on Gorgias and Helen: The Unity of Helen. *The Classical Journal*, Vol. 91, No. 4, 1996.

_____. Isocrates’ techne and Rhetorical Pedagogy. *Rhetoric Society Quarterly*, Vol. 25, 1995.

PERLMAN, S.. Isocrates' "Philippus": A Reinterpretation *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Bd. 6, H. 3, 1957.

PERNOT, Laurent. *Rhetoric in Antiquity*. Translated by W. E. Higgins. Washington D. C.: The Catholic University of America Press, 2005.

_____. *Epidictic Rhetoric: Questioning the Stakes of Ancient Prise*. Austin: University of Texas Press, 2015.

POULAKOS, John. *Sophistical Rhetoric in Classical Greece*. Columbia: University of South Carolina Press, 1995.

_____. Argument, Practicality, and Eloquence in Isocrates’ “Helen”, *Rhetorica*, Vol. 4, Nº 1, (Winter, 1986), pp. 1-19.

POULAKOS, Takis. *Speaking for the Polis. Isocrates' Rhetorical Education*. Columbia: University of South Carolina Press, 1997.

_____. *Rethinking the History of Rhetoric*. Boulder: Westview Press, 1993.

_____ & DEPEW, David. *Isocrates and Civic Education*. Austin: University of Texas Press, 2004.

RACE, William. *Olympian Odes. Pythian Odes*. Loeb Classical Library 56. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.

_____. *Panathenaicus* 74-90: The Rhetoric of Isocrates' Digression on Agamemnon. *American Philological Association*, Vol. 108, 1978.

_____. Pindaric Encomium and Isocrates' Evagoras, *American Philological Association*, Vol. 117, 1987.

RAUBITSCHCK, A. E.. Two Notes on Isocrates. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, Vol. 72, 1941.

REGO, Júlio de Figueiredo Lopes. *Os Discursos Cipriotas: Para Demônio, Para Nicocles, Nicocles e Evágoras. Tradução, introdução e notas*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, 2011.

ROSS, Sir David W. *Aristotelis: Ars Rhetorica (Oxford Classical Texts)*. New York: Oxford University Press, 1959.

ROWE, Galen O. Two Responses by Isocrates to Demosthenes. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Vol. 51, No. 2, 2nd Qtr., 2002.

RUMMEL, Erika. Isocrates' Ideal of Rhetoric: Criteria of Evaluation, *The Classical Journal*, Vol. 75, No. 1, 1979.

SCHIAPPA, Edward. *The Beginnings of Rhetorical Theory in Classical Greece*. New Haven: Yale University Press, 1999.

_____. Isocrates' Philopatia and contemporary pragmatism. In: Mailloux, Steven. *Rhetoric, Sophistry, Pragmatism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. Did Plato Coin Rhetoriké? *American Journal of Philology*, 111, 1990.

SCHLATTER, Fredric W., Isocrates, against the Sophists, 16. *The American Journal of Philology*, Vol. 93, No. 4, 1972.

SMITH, C. F. Thucydides. *History of the Peloponnesian War, Volume I: Books 1-2*. Loeb Classical Library 108. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919.

SOUZA, Eudoro de. *Aristóteles: Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1951.

STANTON, G. R. Sophists and Philosophers: Problems of Classification, *The American Journal of Philology*, Vol. 94, No. 4, 1973.

SULLIVAN, Robert G. *Eidos/idea* in Isocrates. *P & R*, 34, 2001.

TIMMERMAN, David M. & SCHIAPPA, Edward. *Classical Greek Rhetorical Theory and the Disciplining of Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TOO, Yun Lee. *The Rhetoric of Identity in Isocrates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

_____. *A Commentary On Isocrates' Antidosis*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

USHER, Stephen. The Style of Isocrates, *Bulletin of the Institute of Classical Studies*, 20, 1973.

_____. *Dionysius of Halicarnassus: Critical Essays, Volume I*. The Loeb Classical Library. Harvard: Harvard University Press, 1974.

VAN HOOK, LaRue. *Isocrates, vol. III, The Loeb Classical Library*, Harvard: Harvard University Press, 1945.

_____. Alcidas versus Isocrates: The Spoken versus the Written Word, *The Classical Weekly*, Vol. 12, No. 12, 1919.

VICKERS, Brian. *In Defense of Rhetoric*. Oxford: Clarendon Press, 1998.

WAREH, Tarik. *The Theory and Practice of Life: Isocrates & The Philosophers*. Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies, Harvard University Press, 2012.

WERSDÖRFER, H. *Die φιλοσοφία des Isokrates im Spiegel ihrer Terminologie*. Leipzig, 1940.

WILCOX, S. "Isocrates Genera of Prose", *The American Journal of Philology*, 64, 1943.

_____. "Criticisms of Isocrates and His philosophy". *American Philological Association*, Vol. 74, 1943.

WILLIAMS, James Dale. *An Introduction to Classical Rhetoric: essential readings*. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.

WORTHINGTON, Ian. *A Companion to Greek Rhetoric*. Oxford: Wiley-Blackell, 2010.

WRIGHT, Wilmer C.. *Philostratus, Eunapius. Lives of the Sophists. Eunapius: Lives of the Philosophers and Sophists*. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1921.

ANEXO

ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΑΝΤΙΔΟΣΕΩΣ

Ἐπιπέσεις ἐκ τοῦ Φωτίου

ὁ δὲ περὶ τῆς ἀντιδόσεως ἐπιγραφόμενος λόγος δικανικός τις εἶναι δοκεῖ καὶ ἀπολογία ἔχων, ὣν Λυσίμαχος κακῶς εἶπειν Ἰσοκράτην. δύο δὲ καὶ ὀγδοήκοντα ἐτῶν ὄντι οὗτος αὐτοῦ μέγιστος ὢν τῶν ἄλλων ὁ λόγος συνετάγη. ἔστι δ' ὁ λόγος σύμμικτος καὶ ποικίλος μᾶλλον ἢ οἱ ἄλλοι. παρατίθεται δὲ καὶ τῶν ἄλλων αὐτοῦ λόγων περικοπὰς τινὰς, ἐξ ὧν οὐ φθείρειν τοὺς νέους ἀλλ' ὠφελεῖν τὸ κοινὸν ἐπιδείκνυσιν ἑαυτόν.

ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΑΝΤΙΔΟΣΕΩΣ

[1] Εἰ μὲν ὅμοιος ἦν ὁ λόγος ὁ μέλλων ἀναγνωσθήσεσθαι τοῖς ἢ πρὸς τοὺς ἀγῶνας ἢ πρὸς τὰς ἐπιδείξεις γιγνομένοις, οὐδὲν ἂν οἶμαι προδιαλεχθῆναι περὶ αὐτοῦ· νῦν δὲ διὰ τὴν καινότητα καὶ τὴν διαφορὰν ἀναγκαῖόν ἐστιν προειπεῖν τὰς αἰτίας δι' ἃς οὕτως ἀνόμοιον αὐτὸν ὄντα τοῖς ἄλλοις γράφειν προειλόμην· μὴ γὰρ τούτων δηλωθεισῶν πολλοῖς ἂν ἴσως ἄτοπος εἶναι δόξειεν. [2] Ἐγὼ γὰρ εἰδὼς ἐνίους τῶν σοφιστῶν βλασφημοῦντας περὶ τῆς ἐμῆς διατριβῆς καὶ λέγοντας ὡς ἔστιν περὶ δικογραφίαν, καὶ παραπλήσιον ποιοῦντας ὥσπερ ἂν εἴ τις Φειδίαν τὸν τὸ τῆς Ἀθηναῶς ἔδος ἐργασάμενον τολμῶη καλεῖν κοροπλάθον, ἢ Ζεῦξιν καὶ Παρράσιον τὴν αὐτὴν ἔχειν φαίη τέχνην τοῖς τὰ πινάκια γράφουσιν, ὅμως οὐδὲ πώποτε τὴν μικρολογία ταύτην ἡμυνάμην αὐτῶν, [3] ἠγούμενος τὰς μὲν ἐκείνων φλυαρίας οὐδεμίαν δύναμιν ἔχειν, αὐτὸς δὲ πᾶσι τοῦτο πεπονηκέναι φανερόν, ὅτι προήρημαι καὶ λέγειν καὶ γράφειν οὐ περὶ τῶν ἰδίων συμβολαίων, ἀλλ' ὑπὲρ τηλικούτων τὸ μέγεθος καὶ τοιούτων πραγμάτων, ὑπὲρ ὧν οὐδεὶς ἂν ἄλλος ἐπιχειρήσειεν πλὴν τῶν ἐμοὶ πεπλησιακότων ἢ τῶν τούτους μιμεῖσθαι βουλομένων.

[4] Μέχρι μὲν οὖν πόρρω τῆς ἡλικίας ὤμην καὶ διὰ τὴν προαίρεσιν ταύτην καὶ διὰ τὴν ἄλλην ἀπραγμοσύνην ἐπιεικῶς ἔχειν πρὸς ἅπαντας τοὺς ἰδιώτας· ἤδη δ' ὑπογυίου μοι τῆς τοῦ βίου τελευτῆς οὔσης, ἀντιδόσεως γενομένης περὶ τριηραρχίας καὶ περὶ ταύτης ἀγῶνος, ἔγνω καὶ τούτων τινὰς οὐχ οὕτω πρὸς με διακειμένους ὥσπερ ἠλπίζον, ἀλλὰ τοὺς μὲν πολὺ διεψευσμένους τῶν ἐμῶν ἐπιτηδευμάτων καὶ ῥέποντας ἐπὶ τὸ πείθεσθαι τοῖς ἀνεπιτήδειόν τι λέγουσιν, τοὺς δὲ σαφῶς μὲν εἰδότας περὶ ἃ τυγχάνω διατρίβων, φθονοῦντας δὲ καὶ ταῦτὸν πεπονθότας τοῖς σοφισταῖς καὶ χαίροντας ἐπὶ τοῖς ψευδῆ περί μου δόξαν ἔχουσιν. [5] Ἐδήλωσαν δ' οὕτω διακειμένοι· τοῦ γὰρ ἀντιδίκου περὶ μὲν ὧν ἡ κρίσις ἦν οὐδὲν λέγοντος δίκαιον, διαβάλλοντος δὲ τὴν τῶν λόγων τῶν ἐμῶν δύναμιν καὶ καταλαζονευσμένου περὶ τε τοῦ πλοῦτου καὶ τοῦ πλήθους τῶν μαθητῶν, ἔγνωσαν ἐμὴν εἶναι τὴν λειτουργίαν. Τὴν μὲν οὖν δαπάνην οὕτως ἠνέγκαμεν, ὥσπερ προσήκει τοὺς μῆτε λίαν ὑπὸ τῶν τοιούτων ἐκταραττομένους μῆτε παντάπασιν ἀσώτως μηδ' ὀλιγώρως πρὸς χρήματα διακειμένους.

[6] Ἦσθημένος δ' ὥσπερ εἶπον, πλείους ὄντας ὧν ὄμην τοὺς οὐκ ὀρθῶς περὶ μου γινώσκοντας, ἐνεθυμούμην πῶς ἂν δηλώσαιμι καὶ τούτοις καὶ τοῖς ἐπιγιγνομένοις καὶ τὸν τρόπον ὃν ἔχω, καὶ τὸν βίον ὃν ζῶ, καὶ τὴν παιδείαν περὶ ἣν διατρίβω, καὶ μὴ περιίδοιμι περὶ τῶν τοιούτων ἄκριτον ἑμαυτὸν ὄντα, μηδ' ἐπὶ τοῖς βλασφημεῖν εἰθισμένοις ὥσπερ νῦν γενόμενον· [7] σκοπούμενος οὖν εὕρισκον οὐδαμῶς ἂν ἄλλως τοῦτο διαπραξάμενος, πλὴν εἰ γραφεῖ λόγος ὥσπερ εἰκὼν τῆς ἐμῆς διανοίας καὶ τῶν ἄλλων τῶν [ἐμοῖ] βεβιωμένων· διὰ τούτου γὰρ ἤλπιζον καὶ τὰ περὶ ἐμὲ μάλιστα γνωσθήσεσθαι καὶ τὸν αὐτὸν τοῦτον μνημεῖόν μου καταλειφθήσεσθαι πολὺ κάλλιον τῶν χαλκῶν ἀναθημάτων. [8] Εἰ μὲν οὖν ἐπαινεῖν ἑμαυτὸν ἐπιχειροῖην, ἐώρων οὔτε περιλαβεῖν ἅπαντα περὶ ὧν διελθεῖν προηρούμην οἷός τε γενησόμενος, οὔτ' ἐπιχαρίτως οὐδ' ἀνεπιφθόνως εἰπεῖν περὶ αὐτῶν δυνησόμενος· εἰ δ' ὑποθείμην ἀγῶνα μὲν καὶ κίνδυνόν τινα περὶ ἐμὲ γινόμενον, συκοφάντην δ' ὄντα τὸν γεγραμμένον καὶ τὸν πράγματά μοι παρέχοντα, κάκεῖνον μὲν ταῖς διαβολαῖς χρώμενον ταῖς ἐπὶ τῆς ἀντιδόσεως ῥηθείσαις, ἑμαυτὸν δ' ἐν ἀπολογίᾳ σχήματι τοὺς λόγους ποιούμενον, οὕτως ἂν ἐκγενέσθαι μοι μάλιστα διαλεχθῆναι περὶ ἀπάντων ὧν τυγχάνω βουλόμενος.

[9] Ταῦτα δὲ διανοηθεὶς ἔγραφον τὸν λόγον τοῦτον, οὐκ ἀκμάζων, ἀλλ' ἔτη γεγονῶς δύο καὶ ὀγδοήκοντα. Διόπερ χρὴ συγγνώμην ἔχειν, ἣν μαλακώτερος ὧν φαίνεται τῶν παρ' ἐμοῦ πρότερον ἐκδεδομένων. Καὶ γὰρ οὐδὲ ῥάδιος ἦν οὐδ' ἀπλοῦς, ἀλλὰ πολλὴν ἔχων πραγματείαν. [10] Ἔστιν γὰρ τῶν γεγραμμένων ἔνια μὲν ἐν δικαστηρίῳ πρέποντα ῥηθῆναι, τὰ δὲ πρὸς μὲν τοὺς τοιούτους ἀγῶνας οὐχ ἀρμόττοντα, περὶ δὲ φιλοσοφίας πεπαρησιασμένα καὶ δεδηλωκότα τὴν δύναμιν αὐτῆς· ἔστιν δέ τι καὶ τοιοῦτον, ὃ τῶν νεωτέρων τοῖς ἐπὶ τὰ μαθήματα καὶ τὴν παιδείαν ὀρμῶσιν ἀκούσασιν ἂν συνενέγκοι, πολλὰ δὲ καὶ τῶν ὑπ' ἐμοῦ πάλαι γεγραμμένων ἐγκαταμειγμένα τοῖς νῦν λεγομένοις, οὐκ ἀλόγως οὐδ' ἀκαίρως, ἀλλὰ προσηκόντως τοῖς ὑποκειμένοις. [11] Τοσοῦτον οὖν μῆκος λόγου συνιδεῖν καὶ τοσαύτας ἰδέας καὶ τοσοῦτον ἀλλήλων ἀφεστῶσας συναρμόσαι καὶ συναγαγεῖν καὶ τὰς ἐπιφερομένας οἰκειῶσαι ταῖς προειρημέναις καὶ πάσας ποιῆσαι σφίσιν αὐταῖς ὁμολογουμένας οὐ πάνυ μικρὸν ἦν ἔργον. Ὅμως δ' οὐκ ἀπέστην, καίπερ τηλικούτος ὧν, πρὶν αὐτὸν ἀπετέλεσα, μετὰ πολλῆς μὲν ἀληθείας εἰρημένον, τὰ δ' ἄλλα τοιοῦτον οἷός ἂν εἶναι δόξῃ τοῖς ἀκροωμένοις.

[12] Χρῆ δὲ τοὺς διεξιόντας αὐτὸν πρῶτον μὲν ὡς ὄντος μικτοῦ τοῦ λόγου καὶ πρὸς ἀπάσας τὰς ὑποθέσεις ταύτας γεγραμμένου ποιεῖσθαι τὴν ἀκρόασιν, ἔπειτα προσέχειν τὸν νοῦν ἔτι μᾶλλον τοῖς λέγεσθαι μέλλουσιν ἢ τοῖς ἤδη προειρημένοις, πρὸς δὲ τούτοις μὴ ζητεῖν εὐθὺς ἐπελθόντας ὅλον αὐτὸν διελθεῖν, ἀλλὰ τοσοῦτον μέρος ὅσον μὴ λυπήσει τοὺς παρόντας. Ἦν γὰρ ἐμμείνητε τούτοις, μᾶλλον δυνήσεσθε κατιδεῖν εἴ τι τυγχάνομεν λέγοντες ἄξιον ἡμῶν αὐτῶν.

[13] Ἄ μὲν οὖν ἀναγκαῖον ἦν προειπεῖν, ταῦτ' ἐστίν· ἤδη δ' ἀναγιγνώσκετε τὴν ἀπολογίαὶν τὴν προσποιουμένην μὲν περὶ κρίσεως γεγράφαί, βουλομένην δὲ περὶ ἐμοῦ δηλῶσαι τὴν ἀλήθειαν, καὶ τοὺς μὲν ἀγνοοῦντας εἰδέναι ποιῆσαι, τοὺς δὲ φθονοῦντας ἔτι μᾶλλον ὑπὸ τῆς νόσου ταύτης λυπεῖσθαι· μείζω γὰρ δίκην οὐκ ἂν δυναίμην λαβεῖν παρ' αὐτῶν.

[14] Πάντων ἡγοῦμαι πονηροτάτους εἶναι καὶ μεγίστης ζημίας ἀξίους, οἷτινες οἷς αὐτοὶ τυγχάνουσιν ὄντες ἔνοχοι, ταῦτα τῶν ἄλλων τολμῶσι κατηγορεῖν, ὅπερ Λυσίμαχος πεποίηκεν. Οὗτος γὰρ αὐτὸς συγγεγραμμένα λέγων περὶ τῶν ἐμῶν συγγραμμάτων πλείω πεποιήται λόγον ἢ περὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων, ὅμοιον ἐργαζόμενος ὥσπερ ἂν εἶ τις ἱεροσυλίας ἕτερον διώκων αὐτὸς τὰ τῶν θεῶν ἐν τοῖν χεροῖν ἔχων φανείη. [15] Πρὸ πολλοῦ δ' ἂν ἐποιησάμην οὕτως αὐτὸν νομίζειν εἶναί με δεινὸν ὥσπερ ἐν ὑμῖν εἶρηκεν· οὐ γὰρ ἂν ποτέ μοι πράγματα παρέχειν ἐπεχείρησεν. Νῦν δὲ λέγει μὲν ὡς ἐγὼ τοὺς ἥττους λόγους κρείττους δύναμαι ποιεῖν, τοσοῦτον δὲ μου καταπεφρόνηκεν ὥστ' αὐτὸς ψευδόμενος ἐμοῦ τάληθῆ λέγοντος ἐλπίζει ῥαδίως ἐπικρατήσκειν. [16] Οὕτω δὲ μοι δυσκόλως ἅπαντα συμβέβηκεν ὥσθ' οἱ μὲν ἄλλοι τοῖς λόγοις διαλύονται τὰς διαβολὰς, ἐμοῦ δὲ Λυσίμαχος αὐτοὺς τοὺς λόγους μάλιστα διαβέβληκεν ἴν', ἣν μὲν ἱκανῶς δόξω λέγειν, ἔνοχος ὢν φανῶ τοῖς ὑπὸ τούτου περὶ τῆς δεινότητος τῆς ἐμῆς προειρημένοις, ἣν δ' ἐνδεέστερον τύχῳ διαλεχθεὶς ὢν οὗτος ὑμᾶς προσδοκᾶν πεποίηκεν, τὰς πράξεις ἡγήσησθέ μου χείρους εἶναι.

[17] Δέομαι οὖν ὑμῶν μήτε πιστεύειν πῶ μήτ' ἀπιστεῖν τοῖς εἰρημένοις, πρὶν ἂν διὰ τέλους ἀκούσητε καὶ τὰ παρ' ἡμῶν, ἐνθυμουμένους ὅτι μηδὲν ἂν ἔδει δίδοσθαι τοῖς φεύγουσιν ἀπολογίαν εἶπερ οἷόν τ' ἦν ἐκ τῶν τοῦ διώκοντος λόγων ἐψηφίσθαι τὰ δίκαια. Νῦν δ' εἰ μὲν εὖ τυγχάνει κατηγορηκῶς ἢ κακῶς, οὐδεὶς ἂν τῶν παρόντων ἀγνοήσειεν· εἰ δ' ἀληθέσι κέχρηται τοῖς λόγοις, οὐκέτι τοῦτο τοῖς κρίνουσι γνῶναι ῥαδίον ἐξ ὧν ὁ πρότερος εἶρηκεν, ἀλλ' ἀγαπητὸν ἦν ἐξ ἀμφοτέρων τῶν λόγων ἐκλαβεῖν δυνηθῶσιν τὸ δίκαιον. [18] Οὐ θαυμάζω δὲ τῶν πλείω χρόνον διατριβόντων ἐπὶ ταῖς τῶν ἐξαπατώντων κατηγορίαις ἢ ταῖς ὑπὲρ αὐτῶν ἀπολογίαις, οὐδὲ τῶν λεγόντων ὡς ἔστι μέγιστον κακὸν διαβολή· τί γὰρ ἂν γένοιτο ταύτης κακουργότερον, ἢ ποιῆ τοὺς μὲν ψευδομένους εὐδοκιμεῖν, τοὺς δὲ μηδὲν ἡμαρτηκότας δοκεῖν ἀδικεῖν, τοὺς δὲ δικάζοντας ἐπιорκεῖν, ὅλως δὲ τὴν μὲν ἀλήθειαν ἀφανίζει, ψευδῆ δὲ δόξαν παραστήσασα τοῖς ἀκούουσιν ὃν ἂν τύχη τῶν πολιτῶν ἀδίκως ἀπόλλυσιν;

[19] Ἄ φυλακτέον ἐστίν, ὅπως μηδὲν ὑμῖν συμβήσεται τοιοῦτον, μηδ' ἂ τοῖς ἄλλοις ἂν ἐπιτιμήσετε, τούτοις αὐτοὶ φανήσεσθε περιπίπτοντες. Οἶμαι δ' ὑμᾶς οὐκ ἀγνοεῖν ὅτι τῆ πόλει πολλάκις οὕτως ἤδη μετεμέλησεν τῶν κρίσεων τῶν μετ' ὀργῆς καὶ μὴ μετ' ἐλέγχου γενομένων ὥστ' οὐ πολὺν χρόνον διαλιποῦσα παρὰ μὲν τῶν ἐξαπατησάντων δίκην λαβεῖν ἐπεθύμησεν, τοὺς δὲ διαβληθέντας ἠδέως ἂν εἶδεν ἄμεινον ἢ πρότερον πράττοντας. [20] ἼΩν χρῆ μεμνημένους μὴ προπετῶς πιστεύειν τοῖς τῶν κατηγορῶν λόγοις, μηδὲ μετὰ θορύβου καὶ χαλεπότητος ἀκροᾶσθαι τῶν ἀπολογουμένων. Καὶ γὰρ αἰσχρὸν ἐπὶ μὲν τῶν ἄλλων πραγμάτων ἐλεημονεστάτους ὁμολογεῖσθαι καὶ πραοτάτους ἀπάντων εἶναι τῶν Ἑλλήνων, ἐπὶ δὲ τοῖς ἀγῶσι τοῖς ἐνθάδε γιγνομένοις τάναντία τῆ δόξῃ ταύτῃ φαίνεσθαι πράττοντας· [21] καὶ παρ' ἐτέροις μὲν, ἐπειδὴν περὶ ψυχῆς ἀνθρώπου δικάζωσιν, μέρος τι τῶν ψήφων ὑποβάλλεσθαι τοῖς φεύγουσιν, παρ' ὑμῖν δὲ μηδὲ τῶν ἴσων τυγχάνειν τοὺς κινδυνεύοντας τοῖς συκοφαντοῦσιν, ἀλλ' ὁμύναι μὲν καθ' ἕκαστον τὸν ἐνιαυτὸν ἢ μὴν ὁμοίως ἀκροάσεσθαι τῶν κατηγορούντων καὶ τῶν ἀπολογουμένων, [22] τοσοῦτον δὲ τὸ μεταξὺ ποιεῖν ὥστε τῶν μὲν αἰτιωμένων ὅ τι ἂν λέγωσιν ἀποδέχεσθαι, τῶν δὲ τούτους ἐξελέγχειν πειρωμένων ἐνίοτε μηδὲ τὴν φωνὴν ἀκούοντας ἀνέχεσθαι, καὶ νομίζειν μὲν ἀοικήτους εἶναι ταύτας τῶν πόλεων ἐν αἷς ἄκριτοὶ τινες ἀπόλλυνται τῶν πολιτῶν, ἀγνοεῖν δ' ὅτι τοῦτο ποιοῦσιν οἱ μὴ κοινὴν τὴν εὐνοίαν τοῖς ἀγωνιζομένοις παρέχοντες. [23] Ὅ δὲ πάντων δεινότατον, ὅταν τις αὐτὸς μὲν κινδυνεύων κατηγορῇ τῶν διαβαλλόντων, ἐτέρῳ δὲ δικάζων μὴ τὴν αὐτὴν ἔχη γνώμην περὶ αὐτῶν.

Καίτοι χρῆ τοὺς νοῦν ἔχοντας τοιοῦτους εἶναι κριτὰς τοῖς ἄλλοις, οἷον περ ἂν αὐτοὶ τυγχάνειν ἀξιώσειαν, λογιζομένους ὅτι διὰ τοὺς συκοφαντεῖν τολμῶντας ἄδηλον ὅστις εἰς κίνδυνον καταστάς ἀναγκασθήσεται λέγειν ἄπερ ἐγὼ νῦν πρὸς τοὺς μέλλοντας περὶ αὐτοῦ τὴν ψῆφον διοίσειν. [24] Οὐ γὰρ δὴ τῷ γε κοσμίως ζῆν ἄξιον πιστεύειν ὡς ἀδεῶς ἐξέσται τὴν πόλιν οἰκεῖν· οἱ γὰρ προηρημένοι τῶν μὲν ἰδίων ἀμελεῖν, τοῖς δ' ἀλλοτρίοις ἐπιβουλεύειν, οὐ τῶν μὲν σωφρόνως πολιτευομένων ἀπέχονται, τοὺς δὲ κακόν τι δρῶντας εἰς ὑμᾶς εἰσάγουσιν, ἀλλ' ἐν τοῖς μηδὲν ἀδικοῦσιν ἐπιδειξάμενοι τὰς αὐτῶν δυνάμεις παρὰ τῶν φανερῶς ἐξημαρτηκόντων πλέον λαμβάνουσιν ἀργύριον.

[25] Ἄπερ Λυσίμαχος διανοηθεὶς εἰς τουτονὶ τὸν κίνδυνόν με κατέστησεν, ἡγούμενος τὸν ἀγῶνα τὸν πρὸς ἐμὲ παρ' ἐτέρων αὐτῷ χρηματισμὸν ποιήσιν, καὶ προσδοκῶν, ἦν ἐμοῦ περιγένηται τοῖς λόγοις, ὃν φησι διδάσκαλον εἶναι τῶν ἄλλων, ἀνυπόστατον τὴν αὐτοῦ δύναμιν ἅπασιν εἶναι δόξειν. [26] Ἐλπίζει δὲ ῥαδίως τοῦτο ποιήσιν· ὁρᾷ γὰρ ὑμᾶς μὲν λίαν ταχέως ἀποδεχομένους τὰς αἰτίας καὶ τὰς διαβολὰς, ἐμὲ δ' ὑπὲρ αὐτῶν οὐ δυνησόμενον ἀξίως τῆς δόξης ἀπολογήσασθαι καὶ διὰ τὸ γῆρας καὶ διὰ τὴν ἀπειρίαν τῶν τοιούτων ἀγώνων. [27] Οὕτω γὰρ βεβίωκα τὸν παρελθόντα χρόνον ὥστε μηδένα μοι πώποτε μῆτ' ἐν ὀλιγαρχίᾳ μῆτ' ἐν δημοκρατίᾳ μῆθ' ὕβριν μῆτ' ἀδικίαν ἐγκαλέσαι, μῆδ' εἶναι μῆτε διαιτητὴν μῆτε δικαστὴν ὅστις περὶ τῶν ἐμοὶ πεπραγμένων φανήσεται γεγενημένος· ἠπιστάμην γὰρ αὐτὸς μὲν εἰς τοὺς ἄλλους μηδὲν ἐξαμαρτάνειν, ἀδικούμενος δὲ μὴ μετὰ δικαστηρίου ποιεῖσθαι τὰς τιμωρίας, ἀλλ' ἐν τοῖς φίλοις τοῖς ἐκείνων διαλύεσθαι περὶ τῶν ἀμφισβητουμένων. [28] Ὡν οὐδὲν μοι πλέον γέγονεν, ἀλλ' ἀνεγκλητὴ μέχρι ταυτησὶ τῆς ἡλικίας βεβιωκῶς εἰς τὸν αὐτὸν καθέστηκα κίνδυνον εἰς ὃνπερ ἂν εἰ πάντας ἐτύγχανον ἠδικηκῶς.

Οὐ μὴν παντάπασιν ἀθυμῶ διὰ τὸ μέγεθος τοῦ τιμήματος, ἀλλ' ἄνπερ ἐθελήσητε μετ' εὐνοίας ἀκροάσασθαι, πολλὰς ἐλπίδας ἔχω τοὺς μὲν διεψευσμένους τῶν ἐμῶν ἐπιτηδευμάτων καὶ πεπεισμένους ὑπὸ τῶν βουλομένων βλασφημεῖν ταχέως μεταπεισθήσεσθαι περὶ αὐτῶν, τοὺς δὲ τοιοῦτον εἶναί με νομίζοντας οἷόσπερ εἰμὶ, βεβαιότερον ἔτι ταύτην ἔξειν τὴν διάνοιαν.

[29] Ἴνα δὲ μὴ λίαν ἐνοχλῶ πολλὰ πρὸ τοῦ πράγματος λέγων, ἀφέμενος τούτων, περὶ ὧν οἴσετε τὴν ψῆφον, ἤδη πειράσομαι διδάσκειν ὑμᾶς.

Καί μοι τὴν γραφὴν ἀνάγνωθι.

Γραφή.

[30] Ἐκ μὲν τοίνυν τῆς γραφῆς πειρᾶται με διαβάλλειν ὁ κατηγορὸς, ὡς διαφθείρω τοὺς νεωτέρους λέγειν διδάσκων καὶ παρὰ τὸ δίκαιον ἐν τοῖς ἀγῶσι πλεονεκτεῖν, ἐκ δὲ τῶν ἄλλων λόγων ποιεῖ με τηλικούτον ὅσος οὐδεὶς πώποτε γέγονεν οὔτε τῶν περὶ τὰ δικαστήρια καλινδουμένων οὔτε τῶν περὶ τὴν φιλοσοφίαν διατριψάντων· οὐ γὰρ μόνον ιδιώτας φησὶ μου γεγενῆσθαι μαθητάς, ἀλλὰ καὶ ῥήτορας καὶ στρατηγούς καὶ βασιλέας καὶ τυράννους, καὶ χρήματα παρ' αὐτῶν παμπληθῆ τὰ μὲν εἰληφέναι, τὰ δ' ἔτι καὶ νῦν λαμβάνειν. [31] Τοῦτον δὲ τὸν τρόπον πεποιήται τὴν κατηγορίαν, ἡγούμενος ἐκ μὲν ὧν καταλαζονεύεται περὶ μου καὶ τοῦ πλούτου καὶ τοῦ πλήθους τῶν μαθητῶν φθόνον ἅπασι τοῖς ἀκούουσιν ἐμποιῆσειν, ἐκ δὲ τῆς περὶ τὰ δικαστήρια πραγματείας εἰς ὀργὴν καὶ μῖσος ὑμᾶς καταστήσειν· ἅπερ ὅταν πάθωσιν οἱ κρίνοντες, χαλεπώτατοι τοῖς ἀγωνιζομένοις εἰσίν.

Ὡς οὖν τὰ μὲν μείζω τοῦ προσήκοντος εἴρηκεν, τὰ δ' ὅλως ψεύδεται, ῥαδίως οἶμαι φανερόν ποιήσειν. [32] Ἀξιῶ δ' ὑμᾶς τοῖς μὲν λόγοις οἷς πρότερον ἀκηκόατε περὶ μου τῶν βλασφημεῖν καὶ διαβάλλειν βουλομένων μὴ προσέχειν τὸν νοῦν, μηδὲ πιστεύειν τοῖς μήτε μετ' ἐλέγχου μήτε μετὰ κρίσεως εἰρημένοις, μηδὲ ταῖς δόξαις χρῆσθαι ταῖς ἀδίκως ὑπ' ἐκείνων ὑμῖν ἐγγεγενημέναις, ἀλλ' ὁποῖός τις ἂν ἐκ τῆς κατηγορίας τῆς νῦν καὶ τῆς ἀπολογίας φαίνωμαι, τοιοῦτον εἶναί με νομίζειν· οὕτω γὰρ γινώσκοντες αὐτοὶ τε δόξετε καλῶς κρίνειν καὶ νομίμως, ἐγὼ τε τεύζομαι πάντων τῶν δικαίων.

[33] Ὅτι μὲν οὖν οὐδεὶς οὔθ' ὑπὸ τῆς δεινότητος τῆς ἐμῆς οὔθ' ὑπὸ τῶν συγγραμμάτων βέβλαπται τῶν πολιτῶν, τὸν ἐνεστῶτα κίνδυνον ἡγοῦμαι μέγιστον εἶναι τεκμήριον. Εἰ γὰρ τις ἦν ἡδικομένος, εἰ καὶ τὸν ἄλλον χρόνον ἡσυχίαν εἶχεν, οὐκ ἂν ἡμέλησε τοῦ καιροῦ τοῦ παρόντος, ἀλλ' ἦλθεν ἂν ἤτοι κατηγορήσων ἢ καταμαρτυρήσων. Ὅπου γὰρ ὁ μὴδ' ἀκηκῶς μηδὲν πώποτε φλαῦρον εἰς ἀγῶνά με τηλικουτονὶ κατέστησεν, ἢ που σφόδρ' ἂν οἱ κακῶς πεπονθότες ἐπειρῶντ' ἂν δίκην παρ' ἐμοῦ λαμβάνειν. [34] Οὐ γὰρ δὴ τοῦτό γ' ἐστὶν οὔτ' εἰκὸς οὔτε δυνατόν, ἐμὲ μὲν περὶ πολλοὺς ἡμαρτηκέναι, τοὺς δὲ ταῖς συμφοραῖς δι' ἐμὲ περιπεπωκότας ἡσυχίαν ἔχειν καὶ μὴ τολμᾶν ἐγκαλεῖν, ἀλλὰ πραστέρους ἐν τοῖς ἐμοῖς εἶναι κινδύνοις τῶν μηδὲν ἡδικομένων, ἐξὸν αὐτοῖς δηλώσασιν ἃ πεπόνθασιν τὴν μεγίστην παρ' ἐμοῦ λαβεῖν τιμωρίαν.

[35] Ἀλλὰ γὰρ οὔτε πρότερον οὔτε νῦν οὐδεὶς μοι φανήσεται τοιοῦτον οὐδὲν ἐγκαλέσας. Ὡστ' εἰ συγχωρήσαιμι τῷ κατηγορῶ καὶ προσομολογήσαιμι πάντων ἀνθρώπων εἶναι δεινότατος καὶ συγγραφεὺς τῶν λόγων τῶν λυπούντων ὑμᾶς τοιοῦτος οἷος οὐδεὶς ἄλλος γέγονεν, πολὺ ἂν δικαιότερον ἐπιεικῆς εἶναι δοκοίην ἢ ζημιωθεῖην.

[36] Τοῦ μὲν γὰρ γενέσθαι προέχοντα τῶν ἄλλων ἢ περὶ τοὺς λόγους ἢ περὶ τὰς πράξεις εἰκότως ἂν τις τὴν τύχην αἰτιάσαιτο, τοῦ δὲ καλῶς καὶ μετρίως κεχρῆσθαι τῇ φύσει δικαίως ἂν ἅπαντες τὸν τρόπον τὸν ἐμὸν ἐπαινέσειαν.

Οὐ μὴν οὐδ' εἰ ταῦτ' ἔχων περὶ ἐμαυτοῦ λέγειν, οὐδ' οὕτω φανήσομαι περὶ τοὺς λόγους τοὺς τοιοῦτους γεγενημένος. [37] Γνώσεσθε δ' ἐκ τῶν ἐπιτηδευμάτων τῶν ἐμῶν, ἐξ ὧν περ οἷόν τ' ἐστὶν εἰδέναι τὴν ἀλήθειαν πολὺ μᾶλλον ἢ παρὰ τῶν διαβαλλόντων. Οἶμαι γὰρ οὐδένα τοῦτ' ἀγνοεῖν, ὅτι πάντες ἄνθρωποι περὶ τὸν τόπον τοῦτον εἰώθασιν διατρίβειν ὅθεν ἂν προέλωνται τὸν βίον πορίζεσθαι. [38] Τοὺς μὲν τοίνυν ἀπὸ τῶν συμβολαίων τῶν ὑμετέρων ζῶντας καὶ τῆς περὶ ταῦτα πραγματείας ἴδοιτ' ἂν μόνον οὐκ ἐν τοῖς δικαστηρίοις οἰκοῦντας, ἐμὲ δ' οὐδεὶς πώποθ' ἐώρακεν οὔτ' ἐν τοῖς συνεδρίοις οὔτε περὶ τὰς ἀνακρίσεις οὔτ' ἐπὶ τοῖς δικαστηρίοις οὔτε πρὸς τοῖς διαιτηταῖς, ἀλλ' οὕτως ἀπέχομαι τούτων ἀπάντων ὡς οὐδεὶς ἄλλος τῶν πολιτῶν. [39] Ἐπειτ' ἐκείνους μὲν ἂν εὔροιτε παρ' ὑμῖν μόνοις χρηματίζεσθαι δυναμένους, εἰ δ' ἄλλοσέ ποι πλευσειαν, ἐνδεεῖς ἂν ὄντας τῶν καθ' ἡμέραν, ἐμοὶ δὲ τὰς εὐπορίας, περὶ ὧν οὗτος μειζώνας εἴρηκεν, ἐξῶθεν ἀπάσας γεγενημένας· ἐτι δὲ τοῖς μὲν πλησιάζοντας ἢ τοὺς ἐν κακοῖς αὐτοὺς ὄντας ἢ τοὺς ἑτέροις πράγματα παρέχειν βουλομένους, ἐμοὶ δὲ τοὺς πλείστην σχολὴν τῶν Ἑλλήνων ἄγοντας. [40] Ἦκούσατε δὲ καὶ τοῦ κατηγοροῦ λέγοντος ὅτι παρὰ Νικοκλέους τοῦ Σαλαμινίων βασιλέως πολλὰς ἔλαβον καὶ μεγάλας δωρεάς. Καίτοι τίνοι πιστὸν ὑμῶν ἐστὶν ὡς Νικοκλῆς ἔδωκέ μοι ταύτας ἵνα δίκας μανθάνη λέγειν, ὅς καὶ τοῖς ἄλλοις περὶ τῶν ἀμφισβητουμένων ὥσπερ δεσπότης ἐδίκαζεν; Ὡστ' ἐξ ὧν αὐτὸς οὗτος εἴρηκεν, ῥάδιον καταμαθεῖν ὅτι πόρρω τῶν πραγματειῶν εἶμι τῶν περὶ τὰ συμβόλαια γιγνομένων. [41] Ἀλλὰ μὴν κάκεῖνο πᾶσι φανερόν ἐστιν, ὅτι παμπληθεῖς εἰσιν οἱ παρασκευάζοντες τοὺς λόγους τοῖς ἐν τοῖς δικαστηρίοις ἀγωνιζομένοις. Τούτων μὲν τοίνυν τοσοῦτων ὄντων οὐδεὶς πώποτε φανήσεται μαθητῶν ἠξιωμένος, ἐγὼ δὲ πλείους εἰληφώς, ὡς φησιν ὁ κατήγορος, ἢ σύμπαντες οἱ περὶ τὴν φιλοσοφίαν [διατρίβοντες]. Καίτοι πῶς εἰκὸς τοὺς τοσοῦτον τοῖς ἐπιτηδεύμασιν ἀλλήλων ἀφεστῶτας περὶ τὰς αὐτὰς πράξεις ἠγεῖσθαι διατρίβειν;

[42] Ἐχων δὲ πολλὰς εἰπεῖν διαφορὰς περὶ τοῦ βίου τοῦ τ' ἐμοῦ καὶ τῶν περὶ τὰς δίκας, ἐκείνως ὑμᾶς ἠγοῦμαι τάχιστ' ἂν ἀφέσθαι τῆς δόξης ταύτης, εἴ τις ὑμῖν ἐπιδείξειεν μὴ τούτων τῶν πραγμάτων μαθητὰς μου γιγνομένους ὧν ὁ κατήγορος εἴρηκεν, μηδὲ περὶ τοὺς λόγους ὄντα με δεινὸν τοὺς περὶ τῶν ἰδίων συμβολαίων. [43] Οἶμαι γὰρ ὑμᾶς, ἐξελεγχομένης τῆς αἰτίας ἧς εἶχον πρότερον, ζητεῖν ἕτεραν μεταλαβεῖν διάνοιαν, καὶ ποθεῖν ἀκοῦσαι περὶ ποίους ἄλλους λόγους γεγενημένους τηλικαύτην δόξαν ἔλαβον. Εἰ μὲν οὖν μοι συνοίσει κατειπόντι τὴν ἀλήθειαν, οὐκ οἶδα· χαλεπὸν γὰρ στοχάζεσθαι τῆς ὑμετέρας διανοίας· οὐ μὴν ἀλλὰ παρρησιάσομαί γε πρὸς ὑμᾶς. [44] Καὶ γὰρ ἂν αἰσχυρθεῖν τοὺς πλησιάσαντας, εἰ, πολλάκις εἰρηκῶς ὅτι δεξαίμην ἂν ἅπαντας εἰδέναί τοὺς πολίτας καὶ τὸν βίον ὃν ζῶ καὶ τοὺς λόγους οὓς λέγω, νῦν μὴ δηλοῖν ὑμῖν αὐτοὺς, ἀλλ' ἀποκρυπτόμενος φανεῖν. Ὡς οὖν ἀκουσόμενοι τὴν ἀλήθειαν, οὕτω προσέχετε τὸν νοῦν.

[45] Πρῶτον μὲν οὖν ἐκεῖνο δεῖ μαθεῖν ὑμᾶς, ὅτι τρόποι τῶν λόγων εἰσὶν οὐκ ἐλάττους ἢ τῶν μετὰ μέτρου ποιημάτων. Οἱ μὲν γὰρ τὰ γένη τὰ τῶν ἡμιθέων ἀναζητοῦντες τὸν βίον τὸν αὐτῶν κατέτριψαν, οἱ δὲ περὶ τοὺς ποιητὰς ἐφιλοσόφησαν, ἕτεροι δὲ τὰς πράξεις τὰς ἐν τοῖς πολέμοις συναγαγεῖν ἐβουλήθησαν, ἄλλοι δὲ τινες περὶ τὰς ἐρωτήσεις καὶ τὰς ἀποκρίσεις γεγόνασιν, οὓς ἀντιλογικοὺς καλοῦσιν. [46] Εἴη δ' ἂν οὐ μικρὸν ἔργον εἰ πάσας τις τὰς ιδέας τὰς τῶν λόγων ἐξαριθμεῖν ἐπιχειρήσειεν· ἧς δ' οὖν ἐμοὶ προσήκει, ταύτης μνησθεὶς ἐάσω τὰς ἄλλας. Εἰσὶν γὰρ τινες οἱ τῶν μὲν προειρημένων οὐκ ἀπείρως ἔχουσιν, γράφειν δὲ προήρηνται λόγους, οὐ περὶ τῶν ὑμετέρων συμβολαίων, ἀλλ' Ἑλληνικοὺς καὶ πολιτικοὺς καὶ πανηγυρικοὺς, οὓς ἅπαντες ἂν φήσειαν ὁμοιοτέρους εἶναι τοῖς μετὰ μουσικῆς καὶ ῥυθμῶν πεπονημένοις ἢ τοῖς ἐν δικαστηρίῳ λεγομένοις. [47] Καὶ γὰρ τῇ λέξει ποιητικώτερα καὶ ποικιλώτερα τὰς πράξεις δηλοῦσιν, καὶ τοῖς ἐνθυμήμασιν ὀγκωδεστέροις καὶ καινότεροις χρῆσθαι ζητοῦσιν, ἔτι δὲ ταῖς ἄλλαις ιδέαις ἐπιφανεστέραις καὶ πλείοσιν ὅλον τὸν λόγον διοικοῦσιν. Ὡς ἅπαντες μὲν ἀκούοντες χαίρουσιν οὐδὲν ἧττον ἢ τῶν ἐν τοῖς μέτροις πεπονημένων, πολλοὶ δὲ καὶ μαθηταὶ γίνεσθαι βούλονται, νομίζοντες τοὺς ἐν τούτοις πρωτεύοντας πολὺ σοφωτέρους καὶ βελτίους καὶ μᾶλλον ὠφελεῖν δυναμένους εἶναι τῶν τὰς δίκας εὖ λεγόντων.

[48] Συνίσασι γὰρ τοὺς μὲν διὰ πολυπραγμοσύνην ἐμπείρους τῶν ἀγῶνων γεγενημένους, τοὺς δ' ἐκ φιλοσοφίας ἐκείνων τῶν λόγων ὧν ἄρτι προεῖπον τὴν δύναμιν εἰληφότες, καὶ τοὺς μὲν δικανικοὺς δοκοῦντας εἶναι ταύτην τὴν ἡμέραν μόνην ἀνεκτοὺς ὄντας ἐν ἧπερ ἂν ἀγωνιζόμενοι τυγχάνωσιν, τοὺς δ' ἐν ἀπάσαις ταῖς ὁμίλιας καὶ παρὰ πάντα τὸν χρόνον ἐντίμους ὄντας καὶ δόξης ἐπιεικοῦς τυγχάνοντας· [49] ἔτι δὲ τοὺς μὲν, ἦν ὀφθῶσιν δις ἢ τρίς ἐπὶ τῶν δικαστηρίων, μισουμένους καὶ διαβαλλομένους, τοὺς δ' ὅσῳ περ ἂν πλείοσι καὶ πλεονάκις συγγίγνωνται, τοσοῦτῳ μᾶλλον θαυματούμενους· πρὸς δὲ τούτοις τοὺς μὲν περὶ τὰς δίκας δεινοὺς πόρρω τῶν λόγων ἐκείνων ὄντας, τοὺς δ' εἰ βουληθεῖεν ταχέως ἂν ἐλεῖν καὶ τούτους δυνηθέντας. [50] Ταῦτα λογιζόμενοι καὶ πολὺ κρείττω νομίζοντες εἶναι τὴν αἴρεσιν, βούλονται μετασχεῖν τῆς παιδείας ταύτης, ἧς οὐδ' ἂν ἐγὼ φανείην ἀπεληλαμένος, ἀλλὰ πολλῶν χαριστέραν δόξαν εἰληφώς. Περὶ μὲν οὖν τῆς ἐμῆς εἴτε βούλεσθε καλεῖν δυνάμεως εἴτε φιλοσοφίας εἴτε διατριβῆς, ἀκηκόατε πᾶσαν τὴν ἀλήθειαν.

[51] Βούλομαι δὲ περὶ ἑμαυτοῦ καὶ νόμον θεῖναι χαλεπώτερον ἢ περὶ τῶν ἄλλων καὶ λόγον εἶπεῖν θρασύτερον ἢ κατὰ τὴν ἐμὴν ἡλικίαν· ἀξιῶ γὰρ οὐ μόνον, εἰ βλαβεροῖς χρῶμαι τοῖς λόγοις, μηδεμιᾶς συγγνώμης τυγχάνειν παρ' ὑμῶν, ἀλλ' εἰ μὴ τοιούτοις οἷοις οὐδεὶς ἄλλος, τὴν μεγίστην ὑποσχεῖν τιμωρίαν. Οὐχ οὕτω δ' ἂν τολμηρὰν ἐποιησάμην τὴν ὑπόσχεσιν, εἰ μὴ καὶ δείξειν ἡμελλον ὑμῖν καὶ ῥαδίαν ποιήσειν τὴν διάγνωσιν αὐτῶν. [52] Ἔχει γὰρ οὕτως· ἐγὼ καλλίστην ἡγοῦμαι καὶ δικαιοτάτην εἶναι τὴν τοιαύτην ἀπολογία, ἥτις εἰδέναι ποιεῖ τοὺς δικάζοντας ὡς δυνατόν μάλιστα, περὶ ᾧ τὴν ψῆφον οἴσουσιν, καὶ μὴ πλανᾶσθαι τῇ διανοίᾳ μηδ' ἀμφιγνοεῖν τοὺς τάληθῆ λέγοντας. [53] Εἰ μὲν τοίνυν ἡγωνιζόμεν ὡς περὶ πράξεις τινὰς ἡμαρτηκῶς, οὐκ ἂν οἴός τ' ἦν ἰδεῖν ὑμῖν αὐτὰς παρασχεῖν, ἀλλ' ἀναγκαίως εἶχεν εἰκάζοντας ὑμᾶς ἐκ τῶν εἰρημένων διαγιγνώσκειν ὅπως ἐτύχετε περὶ τῶν πεπραγμένων· ἐπειδὴ δὲ περὶ τοὺς λόγους ἔχω τὴν αἰτίαν, οἶμαι μᾶλλον ὑμῖν ἐμφανεῖν τὴν ἀλήθειαν. [54] Αὐτοὺς γὰρ ὑμῖν δείξω τοὺς εἰρημένους ὑπ' ἐμοῦ καὶ γεγραμμένους, ὥστ' οὐ δοξάσαντες, ἀλλὰ σαφῶς εἰδότες ὁποῖοί τινές εἰσιν, τὴν ψῆφον οἴσετε περὶ αὐτῶν. Ἄπαντας μὲν οὖν διὰ τέλος εἶπεῖν οὐκ ἂν δυναίμην· ὁ γὰρ χρόνος ὁ δεδομένος ἡμῖν ὀλίγος ἐστίν· ὥσπερ δὲ τῶν καρπῶν, ἐξενεγκεῖν ἐκάστου δείγμα πειράσομαι. Μικρὸν γὰρ μέρος ἀκούσαντες ῥαδίως τό τ' ἐμὸν ἦθος γνωριεῖτε καὶ τῶν λόγων τὴν δύναμιν ἀπάντων μαθήσεσθε. [55] Δέομαι δὲ τῶν πολλάκις ἀνεγνωκότων τὰ μέλλοντα ῥηθήσεσθαι μὴ ζητεῖν ἐν τῷ παρόντι παρ' ἐμοῦ καινοὺς λόγους, μηδ' ὀχληρὸν με νομίζειν ὅτι λέγω τοὺς πάλαι παρ' ὑμῖν διατεθρυλημένους. Εἰ μὲν γὰρ ἐπίδειξιν ποιούμενος ἔλεγον αὐτοὺς, εἰκότως ἂν εἶχον τὴν αἰτίαν ταύτην· νῦν δὲ κρινόμενος καὶ κινδυνεύων ἀναγκάζομαι χρῆσθαι τοῦτον τὸν τρόπον αὐτοῖς.

[56] Καὶ γὰρ ἂν πάντων εἶην καταγελαστότατος, εἰ τοῦ κατηγοροῦ διαβάλλοντος ὅτι τοιούτους γράφω λόγους οἱ καὶ τὴν πόλιν βλάπτουσιν καὶ τοὺς νεωτέρους διαφθείρουσιν, δι' ἐτέρων ποιόμην τὴν ἀπολογία, ἐξὸν αὐτοὺς δείξαντι τούτους ἀπολύσασθαι τὴν διαβολὴν τὴν λεγομένην περὶ ἡμῶν.

Ἐμᾶς μὲν οὖν ἀξιῶ μοι διὰ ταῦτα συγγνώμην ἔχειν καὶ συναγωνιστὰς γίνεσθαι, τοῖς δ' ἄλλοις ἤδη περαίνειν ἐπιχειρήσω, μικρὸν ἔτι προειπὼν, ἵνα ῥᾶον ἐπακολουθῶσι τοῖς λεγομένοις. [57] Ὁ μὲν γὰρ λόγος ὁ μέλλων πρῶτος ὑμῖν δειχθήσεσθαι κατ' ἐκείνους ἐγράφη τοὺς χρόνους, ὅτε Λακεδαιμόνιοι μὲν ἦρχον τῶν Ἑλλήνων, ἡμεῖς δὲ ταπεινῶς ἐπράττομεν. Ἔστιν δὲ τοὺς μὲν Ἑλληνας παρακαλῶν ἐπὶ τὴν τῶν βαρβάρων στρατείαν, Λακεδαιμονίοις δὲ περὶ τῆς ἡγεμονίας ἀμφισβητῶν. [58] Τοιαύτην δὲ τὴν ὑπόθεσιν ποιησάμενος ἀποφαίνω τὴν πόλιν ἀπάντων τῶν ὑπαρχόντων τοῖς Ἑλλησιν ἀγαθῶν αἰτίαν γεγενημένην. Αφορισάμενος δὲ τὸν λόγον τὸν περὶ τῶν τοιούτων εὐεργεσιῶν καὶ βουλόμενος τὴν ἡγεμονίαν ἔτι σαφέστερον ἀποφαίνειν ὡς ἔστιν τῆς πόλεως, ἐνθένδε ποθὲν ἐπιχειρῶ διδάσκειν περὶ τούτων, ὡς τῇ πόλει τιμᾶσθαι προσήκει πολὺ μᾶλλον ἐκ τῶν περὶ τὸν πόλεμον κινδύνων ἢ τῶν ἄλλων εὐεργεσιῶν. [59] Ὡμην μὲν οὖν αὐτὸς δυνήσεσθαι διελθεῖν περὶ αὐτῶν· νῦν δὲ με τὸ γῆρας ἐμποδίζει καὶ ποιεῖ προαπαγορεύειν. Ἴν' οὖν μὴ παντάπασιν ἐκλυθῶ πολλῶν ἔτι μοι λεκτέων ὄντων, ἀρξάμενος ἀπὸ τῆς παραγραφῆς ἀνάγνωθι τὰ περὶ τῆς ἡγεμονίας αὐτοῖς.

Ἐκ τοῦ Παναγυρικοῦ.

[60] Περὶ μὲν οὖν τῆς ἡγεμονίας, ὡς δικαίως ἂν εἶη τῆς πόλεως, ῥάδιον ἐκ τῶν εἰρημένων καταμαθεῖν. Ἐνθυμήθητε δὲ πρὸς ὑμᾶς αὐτοὺς, εἰ δοκῶ τοῖς λόγοις διαφθεῖρειν τοὺς νεωτέρους, ἀλλὰ μὴ προτρέπειν ἐπ' ἀρετὴν καὶ τοὺς ὑπὲρ τῆς πόλεως κινδύνους, ἢ δικαίως ἂν δοῦναι δίκην ὑπὲρ τῶν εἰρημένων, ἀλλ' οὐκ ἂν χάριν κομίσασθαι παρ' ὑμῶν τὴν μεγίστην,

[61] ὅς οὕτως ἐγκεκωμιάκα τὴν πόλιν καὶ τοὺς προγόνους καὶ τοὺς κινδύνους τοὺς ἐν ἐκείνοις τοῖς χρόνοις γεγενημένους ὥστε τοὺς τε πρότερον γράψαντας περὶ τὴν ὑπόθεσιν ταύτην ἅπαντας ἠφανικέναι τοὺς λόγους, αἰσχυνομένους ὑπὲρ τῶν εἰρημένων αὐτοῖς, τοὺς τε νῦν δοκοῦντας εἶναι δεινούς μὴ τολμᾶν ἔτι λέγειν περὶ τούτων, ἀλλὰ καταμέμφεσθαι τὴν δύναμιν τὴν σφετέραν αὐτῶν.

[62] Ἄλλ' ὅμως, τούτων οὕτως ἐχόντων, φανήσονται τινες τῶν εὐρεῖν μὲν οὐδὲν οὐδ' εἰπεῖν ἄξιον λόγου δυναμένων, ἐπιτιμᾶν δὲ καὶ βασκαίνειν τὰ τῶν ἄλλων μεμελετηκότων, οἱ χαριέντως μὲν εἰρηῆσθαι ταῦτα φήσουσιν, - τὸ γὰρ εὖ φθονήσουσιν εἰπεῖν, - πολὺ μέντοι χρησιμωτέρους εἶναι τῶν λόγων καὶ κρείττους τοὺς ἐπιπλήττοντας τοῖς νῦν ἀμαρτανομένοις ἢ τοὺς τὰ πεπραγμένα πρότερον ἐπαινοῦντας, καὶ τοὺς περὶ ὧν δεῖ πράττειν συμβουλευοντας ἢ τοὺς τὰ παλαιὰ τῶν ἔργων διεξιόντας. [63] Ἴν' οὖν μηδὲ ταῦτ' ἔχουσιν εἰπεῖν, ἀφέμενος τοῦ βοηθεῖν τοῖς εἰρημένοις πειράσομαι μέρος ἑτέρου λόγου τοσοῦτον ὅσον περ ἄρτι διελθεῖν ὑμῖν, ἐν ᾧ φανήσομαι περὶ τούτων ἀπάντων πολλὴν ἐπιμέλειαν πεποιημένος. Ἔστιν δὲ τὰ μὲν ἐν ἀρχῇ λεγόμενα περὶ τῆς εἰρήνης τῆς πρὸς Χίους καὶ Ῥοδίουσιν καὶ Βυζαντίους, [64] ἐπιδείξας δ' ὡς συμφέρει τῇ πόλει διαλύσασθαι τὸν πόλεμον, κατηγορῶ τῆς δυναστείας τῆς ἐν τοῖς Ἑλλησιν καὶ τῆς ἀρχῆς τῆς κατὰ θάλατταν, ἀποφαίνων αὐτὴν οὐδὲν διαφέρουσαν οὔτε ταῖς πράξεσιν οὔτε τοῖς πάθεσι τῶν μοναρχιῶν· ἀναμιμνήσκω δὲ καὶ τὰ συμβάντα δι' αὐτὴν τῇ πόλει καὶ Λακεδαιμονίοις καὶ τοῖς ἄλλοις ἅπασιν. [65] Διαλεχθεὶς δὲ περὶ τούτων καὶ τὰς τῆς Ἑλλάδος συμφορὰς ὀδυράμενος καὶ τῇ πόλει παραινέσας ὡς χρὴ μὴ περιορᾶν αὐτὴν οὕτω πράττουσαν, ἐπὶ τελευτῆς ἐπὶ τε τὴν δικαιοσύνην παρακαλῶ καὶ τοῖς ἀμαρτανομένοις ἐπιπλήττω καὶ περὶ τῶν μελλόντων συμβουλεύω.

Λαβὼν οὖν ἀρχὴν ταύτην ὅθεν διαλέγομαι περὶ αὐτῶν, ἀνάγνωθι καὶ τοῦτο τὸ μέρος αὐτοῖς,

[66] Ἐκ τοῦ Περὶ εἰρήνης.

[67] Δυσὸν μὲν τοίνυν λόγοις ἀκηκόατε· βούλομαι δὲ καὶ τοῦ τρίτου μικρὰ διελθεῖν, ἵν' ὑμῖν ἔτι μᾶλλον γένηται καταφανὲς ὅτι πάντες οἱ λόγοι πρὸς ἀρετὴν καὶ δικαιοσύνην συντείνουσιν. Ἔστιν δ' ὁ μέλλων δειχθήσεσθαι Νικοκλεῖ τῷ Κυπρίῳ, τῷ κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον βασιλεῖ, συμβουλευόντων ὡς δεῖ τῶν πολιτῶν ἄρχειν· οὐχ ὁμοίως δὲ γέγραπται τοῖς ἀνεγνωσμένοις.

[68] Οὗτοι μὲν γὰρ τὸ λεγόμενον ὁμολογούμενον ἀεὶ τῷ προειρημένῳ καὶ συγκεκλειμένον ἔχουσιν, ἐν δὲ τούτῳ τὸναντίον· ἀπολύσας γὰρ ἀπὸ τοῦ προτέρου καὶ χωρὶς ὥσπερ τὰ καλούμενα κεφάλαια ποιήσας πειρῶμαι διὰ βραχέων ἕκαστον ὧν συμβουλεύω φράζω. [69] Τούτου δ' ἕνεκα ταύτην ἐποιησάμην τὴν ὑπόθεσιν, ἠγούμενος ἐκ τοῦ παραινεῖν τὴν τε διάνοιαν τὴν ἐκείνου μάλιστα' ὠφελήσῃ καὶ τὸν τρόπον τὸν ἑαυτοῦ τάχιστα δηλώσειν. Διὰ τὴν αὐτὴν δὲ ταύτην πρόφασιν καὶ νῦν αὐτὸν ὑμῖν δεῖξαι προειλόμην, οὐχ ὡς ἄριστα τῶν λοιπῶν γεγραμμένον, ἀλλ' ὡς ἐκ τούτου μάλιστα φανερὸς γενησόμενος ὃν τρόπον εἶθισμαι καὶ τοῖς ἰδιώταις καὶ τοῖς δυνάσταις πλησιάζω. [70] φανήσομαι γὰρ πρὸς αὐτὸν ἐλευθέρως καὶ τῆς πόλεως ἀξίως διειλεγμένος, καὶ οὐ τὸν ἐκείνου πλοῦτον οὐδὲ τὴν δύναμιν θεραπεύων, ἀλλὰ τοῖς ἀρχομένοις ἐπαμύνων καὶ παρασκευάζων καθ' ὅσον ἠδυνάμην τὴν πολιτείαν αὐτοῖς ὡς οἷόν τε πραοτάτην. Ὅπου δὲ βασιλεῖ διαλεγόμενος ὑπὲρ τοῦ δήμου τοὺς λόγους ἐποιούμην, ἤκου τοῖς ἐν δημοκρατία πολιτευομένοις σφόδρ' ἂν παρακελευσαίμην τὸ πλῆθος θεραπεύειν. [71] Ἐν μὲν οὖν τῷ προοιμίῳ καὶ τοῖς πρώτοις λεγομένοις ἐπιτιμῶταῖς μοναρχίαις ὅτι δέον αὐτοὺς τὴν φρόνησιν ἀσκεῖν μᾶλλον τῶν ἄλλων, οἱ δὲ χεῖρον παιδεύονται τῶν ἰδιωτῶν. Διαλεχθεὶς δὲ περὶ τούτων παραινῶ τῷ Νικοκλεῖ μὴ ῥαθυμεῖν μηδ' ὥσπερ ἱερωσύνην εἰληφότα τὴν βασιλείαν, οὕτω τὴν γνώμην ἔχειν, ἀλλὰ τῶν ἠδονῶν ἀμελήσαντα προσέχειν τὸν νοῦν τοῖς πράγμασιν. [72] Ἐπιχειρῶ δὲ καὶ τοῦτο πείθειν αὐτὸν, ὡς χρῆ δεινὸν νομίζειν ὅταν ὀρᾷ τοὺς [μὲν] χεῖρους τῶν βελτιόνων ἄρχοντας καὶ τοὺς ἀνοητοτέρους τοῖς φρονιμωτέροις προστάττοντας, λέγων ὡς ὅσῳ περ ἂν ἐρρωμενέστερον τὴν τῶν ἄλλων ἄνοιαν ἀτιμάσῃ, τοσούτῳ μᾶλλον τὴν αὐτοῦ διάνοιαν ἀσκήσει. Ποιησάμενος οὖν ἀρχὴν ἦν ἐγὼ τελευτήν, ἀνάγνωθι καὶ τούτου τοῦ λόγου τὸ λοιπὸν μέρος αὐτοῖς.

[73] Ἐκ τοῦ Πρὸς Νικοκλέα.

[74] Τῶν μὲν τοίνυν λόγων ἄλις ἡμῖν ἔστω τῶν ἀναγιγνωσκομένων καὶ τηλικούτο μῆκος ἐχόντων· ἐπεὶ μικροῦ γε μέρους τῶν πάλαι γεγραμμένων οὐκ ἂν ἀποσχοίμην, ἀλλ' εἴποιμ' ἂν, εἴ τί μοι δόξειε πρέπον εἶναι τῷ παρόντι καιρῷ·

καὶ γὰρ ἂν ἄτοπος εἶην εἰ τοὺς ἄλλους ὁρῶν τοῖς ἐμοῖς χρωμένους ἐγὼ μόνος ἀπεχοίμην τῶν ὑπ' ἐμοῦ πρότερον εἰρημένων, ἄλλως τε καὶ νῦν ὅτ' οὐ μόνον μικροῖς μέρεσιν, ἀλλ' ὅλοις εἶδεις προειλόμην χρῆσθαι πρὸς ὑμᾶς. Ταῦτα μὲν οὖν, ὅπως ἂν ἡμῖν συμπίπτῃ, ποιήσομεν.

[75] Εἶπον δέ που πρὶν ἀναγινώσκεσθαι τούτους, ὡς ἄξιος εἶην οὐ μόνον, εἰ βλαβεροῖς χρῶμαι τοῖς λόγοις, δοῦναι δίκην ὑμῖν, ἀλλ' εἰ μὴ τοιούτοις οἷοις οὐδεὶς ἄλλος, τῆς μεγίστης τυχεῖν τιμωρίας. Εἴ τινες οὖν ὑμῶν ὑπέλαβον τότε λίαν ἀλαζονικὸν εἶναι καὶ μέγα τὸ ῥηθὲν, οὐκ ἂν δικαίως ἔτι τὴν γνώμην ταύτην ἔχοιεν· οἶμαι γὰρ ἀποδεδωκέναι τὴν ὑπόσχεσιν καὶ τοιούτους εἶναι τοὺς λόγους τοὺς ἀναγνωσθέντας οἷους περ ἐξ ἀρχῆς ὑπεθέμην. [76] Βούλομαι δ' ὑμῖν διὰ βραχέων ἀπολογήσασθαι περὶ ἐκάστου καὶ ποιῆσαι μᾶλλον ἔτι καταφανές, ὡς ἀληθῆ καὶ τότε προεῖπον καὶ νῦν λέγω περὶ αὐτῶν. Καὶ πρῶτον μὲν ποῖος γένοιτ' ἂν λόγος ὀσιώτερος ἢ δικαιότερος τοῦ τοὺς προγόνους ἐγκωμιάζοντος ἀξίως τῆς ἀρετῆς τῆς ἐκείνων καὶ τῶν ἔργων τῶν πεπραγμένων αὐτοῖς; [77] Ἔπειτα τίς ἂν πολιτικώτερος καὶ μᾶλλον πρέπων τῇ πόλει τοῦ τὴν ἡγεμονίαν ἀποφαίνοντος ἔκ τε τῶν ἄλλων εὐεργεσιῶν καὶ τῶν κινδύνων ἡμετέραν οὔσαν μᾶλλον ἢ Λακεδαιμονίων; Ἔτι δὲ τίς ἂν περὶ καλλιόνων καὶ μειζόνων πραγμάτων τοῦ τοὺς Ἕλληνας ἐπὶ τε τὴν τῶν βαρβάρων στρατείαν παρακαλοῦντος καὶ περὶ τῆς πρὸς ἀλλήλους ὁμονοίας συμβουλευόντος; [78] Ἐν μὲν τοίνυν τῷ πρώτῳ λόγῳ περὶ τούτων τυγχάνω διειλεγμένος, ἐν δὲ τοῖς ὑστέροις περὶ ἐλαττόνων μὲν ἢ τηλικούτων, οὐ μὴν περὶ ἀχρηστοτέρων οὐδ' ἦττον τῇ πόλει συμφερόντων. Γνώσεσθε δὲ τὴν δύναμιν αὐτῶν, ἣν παραβάλλητε πρὸς ἕτερα τῶν εὐδοκιμούντων καὶ τῶν ὠφελίμων εἶναι δοκούντων.

[79] Οἶμαι δὴ πάντας ἂν ὁμολογήσαι τοὺς νόμους πλείστων καὶ μεγίστων ἀγαθῶν αἰτίους εἶναι τῷ βίῳ τῷ τῶν ἀνθρώπων· ἀλλ' ἢ μὲν τούτων χρῆσις τοῦτ' ὠφελεῖν μόνον πέφυκεν, τὰ κατὰ τὴν πόλιν καὶ τὰ συμβόλαια τὰ γινόμενα πρὸς ἡμᾶς αὐτούς· εἰ δὲ τοῖς λόγοις πείθοισθε τοῖς ἐμοῖς, ὅλην τὴν Ἑλλάδα καλῶς ἂν διοικοῖτε καὶ δικαίως καὶ τῇ πόλει συμφερόντως. [80] Χρὴ δὲ τοὺς νοῦν ἔχοντας περὶ ἀμφοτέρα μὲν ταῦτα σπουδάζειν, αὐτοῖν δὲ τούτοις τὸ μείζον καὶ τὸ πλείονος ἄξιον προτιμᾶν, ἔπειτα κάκεῖνο γινώσκειν, ὅτι νόμους μὲν θεῖναι μυρῖοι καὶ τῶν ἄλλων Ἑλλήνων καὶ τῶν βαρβάρων ἱκανοὶ γεγόνασιν, εἰπεῖν δὲ περὶ τῶν συμφερόντων ἀξίως τῆς πόλεως καὶ τῆς Ἑλλάδος οὐκ ἂν πολλοὶ δυνηθεῖεν.

[81] Ἵν ἔνεκα τοὺς ἔργον ποιουμένους τοὺς τοιούτους λόγους εὐρίσκειν τοσοῦτω χρῆ
περὶ πλείονος ποιεῖσθαι τῶν τοὺς νόμους τιθέντων καὶ γραφόντων, ὅσῳ πέρ εἰσι
σπανιώτεροι καὶ χαλεπώτεροι καὶ ψυχῆς φρονιμωτέρας δεόμενοι τυγχάνουσιν, ἄλλως τε
δὴ καὶ νῦν. [82] Ὅτε μὲν γὰρ ἤρχετο τὸ γένος τὸ τῶν ἀνθρώπων γίγνεσθαι καὶ
συνοικίζεσθαι κατὰ πόλεις, εἰκὸς παραπλησίαν εἶναι τὴν ζήτησιν αὐτῶν· ἐπειδὴ δ'
ἐνταῦθα προεληλύθαμεν ὥστε καὶ τοὺς λόγους τοὺς εἰρημένους καὶ τοὺς νόμους τοὺς
κειμένους ἀναριθμήτους εἶναι, καὶ τῶν μὲν νόμων ἐπαινεῖσθαι τοὺς ἀρχαιοτάτους, τῶν
δὲ λόγων τοὺς καινοτάτους, οὐκέτι τῆς αὐτῆς διανοίας ἔργον ἐστὶν, [83] ἀλλὰ τοῖς μὲν
τοὺς νόμους τιθέναι προαιρουμένοις προὔργου γέγονεν τὸ πλῆθος τῶν κειμένων, -
οὐδὲν γὰρ αὐτοὺς δεῖ ζητεῖν ἑτέρους, ἀλλὰ τοὺς παρὰ τοῖς ἄλλοις εὐδοκιμοῦντας
πειραθῆναι συναγαγεῖν, ὃ ραδίως ὅστις ἂν οὖν βουλευθεὶς ποιήσειεν, - τοῖς δὲ περὶ τοὺς
λόγους πραγματευομένοις διὰ τὸ προκατελιθῆναι τὰ πλεῖστα τὸναντίον συμβέβηκεν·
λέγοντες μὲν γὰρ ταῦτα τοῖς πρότερον εἰρημένοις ἀναισχυντεῖν καὶ ληρεῖν δόξουσιν,
καινὰ δὲ ζητοῦντες ἐπιπόνως εὐρήσουσιν. Διόπερ ἔφασκον ἀμφοτέροις μὲν ἐπαινεῖσθαι
προσῆκειν, πολὺ δὲ μᾶλλον τοῖς τὸ χαλεπώτερον ἐξεργάζεσθαι δυναμένοις.

[84] Ἀλλὰ μὴν καὶ τῶν ἐπὶ τὴν σωφροσύνην καὶ τὴν δικαιοσύνην προσποιουμένων προτρέπειν ἡμεῖς ἂν ἀληθέστεροι καὶ χρησιμώτεροι φανεῖμεν ὄντες. Οἱ μὲν γὰρ παρακαλοῦσιν ἐπὶ τὴν ἀρετὴν καὶ τὴν φρόνησιν τὴν ὑπὸ τῶν ἄλλων μὲν ἀγνοουμένην, ὑπ' αὐτῶν δὲ τούτων ἀντιλεγομένην, ἐγὼ δ' ἐπὶ τὴν ὑπὸ πάντων ὁμολογουμένην· [85] κἀκείνοις μὲν ἀπόχρη τοσοῦτον, ἣν ἐπαγαγέσθαι τινὰς τῆ δόξῃ τῶν ὀνομάτων δυνηθῶσιν εἰς τὴν αὐτῶν ὀμιλίαν, ἐγὼ δὲ τῶν μὲν ἰδιωτῶν οὐδένα πώποτε φανήσομαι παρακαλέσας ἐπ' ἐμαυτὸν, τὴν δὲ πόλιν ὅλην πειρῶμαι πείθειν τοιούτοις πράγμασιν ἐπιχειρεῖν, ἐξ ὧν αὐτοὶ τ' εὐδαιμονήσουσιν καὶ τοὺς ἄλλους Ἕλληνας τῶν παρόντων κακῶν ἀπαλλάξουσιν. [86] Καίτοι τὸν πάντας τοὺς πολίτας προτρέπειν προθυμούμενον πρὸς τὸ βέλτιον καὶ δικαιότερον προστῆναι τῶν Ἑλλήνων, πῶς εἰκὸς τοῦτον τοὺς συνόντας διαφθείρειν; Τίς δὲ τοιούτους λόγους εὐρίσκειν δυνάμενος πονηροὺς ἂν καὶ περὶ πονηρῶν πραγμάτων ζητεῖν ἐπιχειρήσειεν, ἄλλως τε καὶ διαπεπραγμένος ἀπ' αὐτῶν ἅπερ ἐγώ;

[87] Τούτων γὰρ γραφέντων καὶ διαδοθέντων καὶ δόξαν ἔσχον παρὰ πολλοῖς καὶ μαθητὰς πολλοὺς ἔλαβον, ὧν οὐδεὶς ἂν παρέμεινεν, εἰ μὴ τοιοῦτον ὄντα με κατέλαβον οἷόν περ προσεδόκησαν· νῦν δὲ τοσοῦτων γεγενημένων, καὶ τῶν μὲν ἔτη τρία, τῶν δὲ τέτταρα συνδιαιτηθέντων, οὐδεὶς οὐδὲν φανήσεται τῶν παρ' ἐμοὶ μεμψάμενος, [88] ἀλλ' ἐπὶ τελευτῆς, ὅτ' ἤδη μέλλοιεν ἀποπλεῖν ὡς τοὺς γονέας καὶ τοὺς φίλους τοὺς αὐτῶν, οὕτως ἠγάπων τὴν διατριβὴν ὥστε μετὰ πόθου καὶ δακρύων ποιεῖσθαι τὴν ἀπαλλαγὴν. Καίτοι πότερα χρὴ πιστεύειν ὑμᾶς τοῖς σαφῶς ἐπισταμένοις καὶ τοὺς λόγους καὶ τὸν τρόπον τὸν ἐμόν, ἢ τῷ μηδὲν μὲν εἰδότε τῶν ἐμῶν, προηρημένῳ δὲ συκοφαντεῖν; [89] Ὅς εἰς τοσοῦτον πονηρίας καὶ τόλμης ἐλήλυθεν ὥστε γραψάμενος ὡς λόγους διδάσκω δι' ὧν πλεονεκτήσουσιν παρὰ τὸ δίκαιον, ἀπόδειξιν μὲν οὐδεμίαν τούτων ἤνεγκεν, λέγων δὲ διατετέλεκεν ὡς δεινὸν ἐστὶν διαφθείρεσθαι τοὺς τηλικούτους, ὥσπερ ἀντιλέγοντός τινος περὶ τούτων, ἢ τοῦτο δέον αὐτὸν ἀποφαίνειν ὃ πάντες ὁμολογοῦσιν, ἀλλ' οὐκ ἐκεῖνο μόνον διδάσκειν ὡς ἐγὼ τυγχάνω ταῦτα διαπραττόμενος.

[90] Καὶ εἰ μὲν τις τοῦτον ἀπαγαγὼν ἀνδραποδιστὴν καὶ κλέπτην καὶ λωποδύτην μηδὲν μὲν αὐτὸν ἀποφαίνοι τούτων εἰργασμένον, διεξίει δ' ὡς δεινὸν ἕκαστόν ἐστιν τῶν κακουργημάτων, ληρεῖν ἂν φαίη καὶ μαίνεσθαι τὸν κατήγορον, αὐτὸς δὲ τοιούτοις λόγοις κεχρημένος οἶεται λανθάνειν ὑμᾶς. [91] Ἐγὼ δ' ἠγοῦμαι τοῦτό γε καὶ τοὺς ἀμαθεστάτους γινώσκειν, ὅτι δεῖ πιστὰς εἶναι καὶ μέγα δυναμένας τῶν κατηγοριῶν, οὐχ αἷς ἕξεστι χρήσασθαι καὶ περὶ τῶν μηδὲν ἠδίκηκότων, ἀλλ' ἄς οὐχ οἷόν τ' εἰπεῖν ἀλλ' ἢ κατὰ τῶν ἡμαρτηκότων ὧν οὗτος ὀλιγορήσας οὐδὲν προσήκοντα τῇ γραφῇ λόγους εἶρηκεν. [92] Ἦδει γὰρ αὐτὸν καὶ τοὺς λόγους δεικνύειν τοὺς ἐμοὺς οἷς διαφθείρω τοὺς συνόντας, καὶ τοὺς μαθητὰς φράζειν τοὺς χεῖρους διὰ τὴν συνουσίαν τὴν ἐμὴν γεγενημένους· νῦν δὲ τούτων μὲν οὐδέτερον πεποίηκεν, παραλιπὼν δὲ τὴν δικαιοτάτην τῶν κατηγοριῶν ἐξαπατᾶν ὑμᾶς ἐπεχείρησεν. Ἐγὼ δ' ἐξ αὐτῶν τούτων ἐξ ὧν περ προσήκει καὶ δίκαιόν ἐστιν, ποιήσομαι τὴν ἀπολογία.

[93] Καὶ τοὺς μὲν λόγους ὀλίγω πρότερον ἀνέγνωμεν ὑμῖν, τοὺς δὲ κεχρημένους ἐκ μεираκίων μοι μέχρι γήρωσ δηλώσω, καὶ μάρτυρας ὑμῶν αὐτῶν παρέξομαι περὶ ὧν ἂν λέγω, τοὺς κατὰ τὴν ἡλικίαν τὴν ἐμὴν γεγενημένους. Ἦρξαντο μὲν οὖν ἐν πρώτοις Εὐνομός μοι καὶ Λυσιθείδης καὶ Κάλλιππος πλησιάζειν, μετὰ δὲ τούτους Ὀνήτωρ, Ἀντικλῆς, Φιλωνίδης, Φιλόμηλος, Χαρμαντίδης. [94] Τούτους ἅπαντας ἢ πόλις χρυσοῖς στεφάνοις ἐστεφάνωσεν, οὐχ ὡς τῶν ἀλλοτρίων ἐφιεμένους, ἀλλ' ὡς ἄνδρας ἀγαθοὺς ὄντας καὶ πολλὰ τῶν ἰδίων εἰς τὴν πόλιν ἀνηλωκότας. Πρὸς οὓς ὅπως βούλεσθε θέτε με διακεῖσθαι· πρὸς γὰρ τὸ παρὸν πανταχῶς ἕξει μοι καλῶς. [95] Ἦν τε γὰρ ὑπολάβητε σύμβουλον εἶναί με καὶ διδάσκαλον τούτων, δικαίως ἂν ἔχοιτέ μοι πλείω χάριν ἢ τοῖς δι' ἀρετὴν ἐν πρυτανείῳ σιτουμένοις· τούτων μὲν γὰρ ἕκαστος αὐτὸν μόνον παρέσχε καλὸν καγαθόν, ἐγὼ δὲ τοσούτους τὸ πλῆθος ὅσους ὀλίγω πρότερον διήλθον ὑμῖν. [96] Εἴ τε τῶν μὲν πεπραγμένων ἐκείνοις μηδὲν συναίτιος ἐγενόμην, ὡς ἐταίροις δὲ καὶ φίλοις αὐτοῖς ἐχρώμην, ἱκανὴν ὑπὲρ ὧν φεύγω τὴν γραφὴν ἠγοῦμαι ταύτην εἶναι τὴν ἀπολογία· εἰ γὰρ τοῖς μὲν δι' ἀρετὴν δωρεὰς εἰληφόσιν ἤρεσκον, τῷ δὲ συκοφάντῃ μὴ τὴν αὐτὴν ἔχω γνώμην, πῶς ἂν εἰκότως γνωσθεῖν τοὺς συνόντας διαφθεῖρειν; [97] Ἦ πάντων γ' ἂν εἶην δυστυχεστάτος, εἰ τῶν ἄλλων ἀνθρώπων ἐκ τε τῶν ἐπιτηδευμάτων καὶ τῶν συνουσιῶν τῶν μὲν χεῖρω, τῶν δὲ βελτίω δόξαν λαμβανόντων ἐγὼ μόνος μὴ τύχοιμι τῆς δοκιμασίας ταύτης, ἀλλὰ τοιούτοις μὲν ἀνδράσιν συμβεβιωκῶς, ἀνέγκλητον δ' ἐμαυτὸν μέχρι ταυτησὶ τῆς ἡλικίας παρεσχικῶς, ὅμοιος εἶναι δόξαιμι τοῖς ἐκ τε τῶν ἐπιτηδευμάτων καὶ τῶν ἄλλων συνουσιῶν διαβεβλημένοις.

Ἡδέως δ' ἂν εἰδείην τί ποτ' ἂν ἔπαθον, εἴ τις μοι τοιοῦτος ἦν συγγεγεννημένος οἷός πέρ ἐστίν ὁ κατήγορος, ὃς μισῶν ἅπαντας τοὺς τοιούτους καὶ μισούμενος εἰς τουτοῖσι καθέστηκα τὸν κίνδυνον.

[98] Καὶ μὴν οὐδ' ἐκεῖνος ὁ λόγος δικαίως ἂν με βλάψειεν, ὃν ἴσως ἂν τινες τολμήσειαν εἰπεῖν τῶν παντάπασι πρὸς με δυσκόλως διακειμένων, ὡς τούτοις μὲν οἷς εἶρηκα τοσοῦτον μόνον ἐχρώμην ὅσον ὀφθῆναι διαλεγόμενος, ἕτεροι δέ τινές μοι πολλοὶ καὶ πολυπράγμονες μαθηταὶ γέγονασιν, οὓς ἀποκρύπτομαι πρὸς ὑμᾶς. Ἔχω γὰρ λόγον ὃς ἐξελέγξει καὶ διαλύσει πάσας τὰς τοιάσδε βλασφημίας. [99] Ἄξιῶ γὰρ, εἰ μὲν τινες τῶν ἐμοὶ συγγεγεννημένων ἄνδρες ἀγαθοὶ γέγονασιν περὶ τὴν πόλιν καὶ τοὺς φίλους καὶ τὸν ἴδιον οἶκον, ἐκείνους ὑμᾶς ἐπαινεῖν, ἐμοὶ δὲ μηδεμίαν ὑπὲρ τούτων χάριν ἔχειν, εἰ δὲ πονηροὶ καὶ τοιοῦτοι τὰς φύσεις οἷοι φαίνεσθαι καὶ γράφεσθαι καὶ τῶν ἀλλοτρίων ἐπιθυμεῖν, παρ' ἐμοῦ δίκην λαμβάνειν. [100] Καίτοι τίς ἂν πρόκλησις γένοιτο ταύτης ἀνεπιφθονωτέρας καὶ ταπεινωτέρας τῆς τῶν μὲν καλῶν καγαθῶν οὐκ ἀμφισβητούσης, εἰ δὲ τινες πονηροὶ γέγονασιν, ὑπὲρ τούτων δίκην ὑποσχεῖν ἐθελούσης; Καὶ ταῦτ' οὐ λόγος μάτην εἰρημένος ἐστίν, ἀλλὰ παραχωρῶ καὶ τῷ κατηγόρῳ καὶ τῷ βουλομένῳ τῶν ἄλλων, εἴ τις ἔχει τινὰ φράσαι τοιοῦτον, οὐχ ὡς οὐχ ἠδέως ἂν τινῶν μου καταψευσομένων, ἀλλ' ὡς εὐθὺς φανερῶν ἐσομένων ὑμῖν καὶ τῆς ζημίας ἐκείνοις, ἀλλ' οὐκ ἐμοὶ γενησομένης.

[101] Περὶ μὲν οὖν ὧν φεύγω τὴν γραφὴν καὶ τοῦ μὴ διαφθεῖρειν τοὺς συνόντας, οὐκ οἶδ' ὅπως ἂν σαφέστερον ἐπιδειξάι δυνηθείην. Ἐμνήσθη δὲ καὶ τῆς πρὸς Τιμόθεόν μοι φιλίας γεγενημένης καὶ διαβάλλειν ἡμᾶς ἀμφοτέρους ἐπεχείρησεν, καὶ οὐκ ἠσχύνθη περὶ ἀνδρὸς τετελευτηκότος καὶ πολλῶν ἀγαθῶν αἰτίου τῇ πόλει βλασφήμους καὶ λίαν ἀσελγεῖς λόγους εἰπών. [102] Ἐγὼ δ' ὦμην μὲν, εἰ καὶ φανερῶς ἐξηλεγχόμην ἀδικῶν, διὰ τὴν πρὸς ἐκεῖνον φιλίαν σφύζεσθαι μοι προσήκειν· ἐπειδὴ δὲ Λυσίμαχος καὶ τοῖς τοιούτοις ἐπιχειρεῖ με βλάπτειν ἐξ ὧν δικαίως ἂν ὠφελοίμην, ἀναγκαίως ἔχει διαλεχθῆναι περὶ αὐτῶν. Διὰ τοῦτο δ' οὐχ ἅμα περὶ τούτου καὶ τῶν ἄλλων ἐπιτηδείων ἐποησάμην τὴν μνειάν, ὅτι πολὺ τὰ πράγματα διέφερον αὐτῶν. [103] Περὶ μὲν γὰρ ἐκείνων οὐδὲν φλαῦρον εἰπεῖν ὁ κατήγορος ἐτόλμησεν, περὶ δὲ τὴν Τιμοθέου κατηγορίαν μᾶλλον ἐσπούδασεν ἢ περὶ ὧν ἀπήνεγκε τὴν γραφὴν· ἔπειθ' οἱ μὲν ὀλίγων ἐπεστάτησαν, τῶν δ' ἐκάστῳ προσταχθέντων οὕτως ἐπεμελήθησαν ὥστε τυχεῖν τῆς τιμῆς τῆς ὀλίγῳ πρότερον ὑπ' ἐμοῦ λεχθείσης, ὁ δὲ πολλῶν καὶ μεγάλων πραγμάτων καὶ πολὺν χρόνον κατέστη κύριος. Ὡστ' οὐκ ἂν ἤρμοσεν ἅμα περὶ τούτου καὶ τῶν ἄλλων χρήσασθαι τοῖς λόγοις, ἀλλ' ἀναγκαίως εἶχεν οὕτω διελέσθαι καὶ διατάξασθαι περὶ αὐτῶν. [104] Χρὴ δὲ τὸν ὑπὲρ ἐκείνου λόγον οὐκ ἀλλότριον εἶναι νομίζειν τοῖς ἐνεστῶσιν πράγμασιν οὐδ' ἐμὲ λέγειν ἔξω τῆς γραφῆς· τοῖς μὲν γὰρ ιδιώταις ὑπὲρ ὧν ἕκαστος ἔπραξεν προσήκει διαλεχθεῖσιν καταβαίνειν ἢ δοκεῖν περιεργάζεσθαι, τοῖς δ' ὑπολαμβανομένοις συμβούλοις εἶναι καὶ διδασκάλοις ὁμοίως ὑπὲρ τῶν συγγεγενημένων ὥσπερ ὑπὲρ αὐτῶν ἀναγκαῖον ποιεῖσθαι τὴν ἀπολογία, ἄλλως τ' ἦν καὶ τύχη τις διὰ τὴν αἰτίαν ταύτην κρινόμενος· ὅπερ ἐμοὶ συμβέβηκεν. [105] Ἐτέρῳ μὲν οὖν ἀπέχρησεν ἂν τοῦτ' εἰπεῖν ὡς οὐ δίκαιός ἐστιν μετέχειν εἴ τι Τιμόθεος πράττων μὴ κατάρθωσεν· οὐδὲ γὰρ τῶν δωρεῶν οὐδὲ τῶν τιμῶν οὐδεὶς αὐτῷ μετέδωκεν τῶν ἐκείνῳ ψηφισθεισῶν, ἀλλ' οὐδ' ἐπαινέσαι τῶν ῥητόρων οὐδεὶς ἠξίωσεν ὡς σύμβουλον γεγενημένον· εἶναι δὲ δίκαιον ἢ καὶ τῶν ἀγαθῶν κοινωνεῖν ἢ μηδὲ τῶν ἀτυχιῶν ἀπολαύειν.

[106] Ἐγὼ δὲ ταῦτα μὲν αἰσχυρθεῖν ἂν εἰπεῖν, τὴν αὐτὴν δὲ ποιῶμαι πρόκλησιν ἥνπερ καὶ περὶ τῶν ἄλλων· ἀξιῶ γὰρ, εἰ μὲν κακὸς ἀνὴρ γέγονεν Τιμόθεος καὶ πολλὰ περὶ ὑμᾶς ἐξήμαρτεν, μετέχειν καὶ δίκην δίδοναι καὶ πάσχειν ὅμοια τοῖς ἀδικοῦσιν· ἦν δ' ἐπιδειχθῆ καὶ πολίτης ὢν ἀγαθὸς καὶ στρατηγὸς τοιοῦτος οἷος οὐδεὶς ἄλλος ὢν ἡμεῖς ἴσμεν, ἐκεῖνον μὲν οἶμαι δεῖν ὑμᾶς ἐπαινεῖν καὶ χάριν ἔχειν αὐτῷ, περὶ δὲ ταυτησὶ τῆς γραφῆς ἐκ τῶν ἐμοὶ πεπραγμένων, ὅ τι ἂν ὑμῖν δίκαιον εἶναι δοκῆ, τοῦτο γινώσκειν.

[107] Ἀθροώτατον μὲν οὖν τοῦτ' εἰπεῖν ἔχω περὶ Τιμοθέου καὶ μάλιστα καθ' ἀπάντων, ὅτι τοσαύτας ἤρηκεν πόλεις κατὰ κράτος ὅσας οὐδεὶς πώποτε τῶν ἐστρατηγηκότων οὔτε τῶν ἐκ ταύτης τῆς πόλεως οὔτε τῶν ἐκ τῆς ἄλλης Ἑλλάδος, καὶ τούτων ἐνίας ὢν ληφθεισῶν ἅπας ὁ τόπος ὁ περιέχων οἰκεῖος ἠναγκάσθη τῇ πόλει γενέσθαι· τηλικαύτην ἐκάστη δύναμιν εἶχεν. [108] Τίς γὰρ οὐκ οἶδεν Κόρκυραν μὲν ἐν ἐπικαιροτάτῳ καὶ κάλλιστα κειμένην τῶν περὶ Πελοπόννησον, Σάμον δὲ τῶν ἐν Ἰωνίᾳ, Σηστόν δὲ καὶ Κριθώτην τῶν ἐν Ἑλλησπόντῳ, Ποτεΐδαιαν δὲ καὶ Τορώνην τῶν ἐπὶ Θράκης; Ἄς ἐκεῖνος ἀπάσας κτησάμενος παρέδωκεν ὑμῖν, οὐ δαπάναις μεγάλαις, οὐδὲ τοὺς ὑπάρχοντας συμμάχους λυμηνάμενος, οὐδὲ πολλὰς ὑμᾶς εἰσφορὰς ἀναγκάσας εἰσενεγκεῖν, [109] ἀλλ' εἰς μὲν τὸν περίπλου τὸν περὶ Πελοπόννησον τρία καὶ δέκα μόνον τάλαντα δούσης αὐτῷ τῆς πόλεως καὶ τριήρεις πενήκοντα Κόρκυραν εἶλεν, πόλιν ὀγδοήκοντα τριήρεις κεκτημένην, καὶ περὶ τὸν αὐτὸν χρόνον Λακεδαιμονίου ἐνίκησεν ναυμαχῶν, καὶ ταύτην ἠνάγκασεν αὐτοὺς συνθέσθαι τὴν εἰρήνην, ἣ τοσαύτην μεταβολὴν ἑκατέρᾳ τῶν πόλεων ἐποίησεν, [110] ὥσθ' ἡμᾶς μὲν ἀπ' ἐκείνης τῆς ἡμέρας θύειν αὐτῇ καθ' ἕκαστον ἐνιαυτὸν ὡς οὐδεμιᾶς ἄλλης οὕτω τῇ πόλει συνενεγκούσης, Λακεδαιμονίων δὲ μετ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον μηδ' ὑφ' ἐνὸς ἐωρᾶσθαι μήτε ναυτικὸν ἐντὸς Μαλέας περιπλέον μήτε πεζὸν στρατόπεδον δι' Ἴσθμοῦ πορευόμενον, ὅπερ αὐτοῖς τῆς περὶ Λεῦκτρα συμφορᾶς εὔροι τις ἂν αἴτιον γεγενημένον. [111] Μετὰ δὲ ταύτας τὰς πράξεις ἐπὶ Σάμον στρατεύσας, ἦν Περικλῆς ὁ μεγίστην ἐπὶ σοφία καὶ δικαιοσύνη καὶ σωφροσύνη δόξαν εἰληφώς ἀπὸ διακοσίων [νεῶν] καὶ χιλίων ταλάντων κατεπολέμησε, ταύτην οὔτε πλέον οὔτ' ἔλαττον παρ' ὑμῶν λαβὼν οὔτε παρὰ τῶν συμμάχων ἐκλέξας, ἐν δέκα μηνσὶν ἐξεπολιόρκησεν ὀκτακισχιλίους πελτασταῖς καὶ τριήρεσι τριάκοντα, καὶ τούτοις ἅπασιν ἐκ τῆς πολεμίας τὸν μισθὸν ἀπέδωκεν.

[112] Καίτοι τοιοῦτον ἔργον ἂν τις ἄλλος φανῆ πεποιηκῶς, ὁμολογῶ ληρεῖν, ὅτι διαφερόντως ἐπαινεῖν ἐπιχειρῶ τὸν οὐδὲν περιττότερον τῶν ἄλλων διαπεπραγμένον. Ἐντεῦθεν τοίνυν ἀναπλεύσας Σηστὸν καὶ Κριθώτην ἔλαβεν, καὶ τὸν ἄλλον χρόνον ἀμελουμένης Χερρονήσου προσέχειν ὑμᾶς αὐτῇ τὸν νοῦν ἐποίησεν. [113] Τὸ δὲ τελευταῖον Ποτειδαίαν εἰς ἣν ἡ πόλις τετρακόσια καὶ δισχίλια τάλαντα τὸ πρότερον ἀνήλωσεν, ταύτην εἶλεν ἀπὸ τῶν χρημάτων ὧν αὐτὸς ἐπόρισεν καὶ τῶν συντάξεων τῶν ἀπὸ Θράκης· καὶ προσέτι Χαλκιδέας ἅπαντας κατεπολέμησεν. Εἰ δὲ δεῖ μὴ καθ' ἕκαστον, ἀλλὰ διὰ βραχέων εἰπεῖν, τετάρων καὶ εἴκοσι πόλεων κυρίου ὑμᾶς ἐποίησεν, ἐλάττω δαπανήσας ὧν οἱ πατέρες ἡμῶν εἰς τὴν Μηλίων πολιορκίαν ἀνήλωσαν.

[114] Ἡβουλόμην δ' ἂν, ὥσπερ ἐξαριθμῆσαι τὰς πράξεις ῥόδιον γέγονεν, οὕτως οἷόν τ' εἶναι συντόμως δηλῶσαι τοὺς καιροὺς ἐν οἷς ἕκαστα τούτων ἐπράχθη, καὶ τὰ τῆς πόλεως ὡς εἶχεν, καὶ τὴν τῶν πολεμίων δύναμιν. Πολὺ γὰρ ἂν ὑμῖν αἶ τ' εὐεργεσία μείζους κάκεινος πλείονος ἄξιος ἔδοξεν εἶναι. Νῦν δὲ ταῦτα μὲν ἐάσω διὰ τὸ πλῆθος. [115] Ἡγοῦμαι δ' ὑμᾶς ἠδέως ἂν ἀκοῦσαι διὰ τί ποτε τῶν μὲν εὐδοκιμούντων ἀνδρῶν παρ' ὑμῖν καὶ πολεμικῶν εἶναι δοκούντων οὐδὲ κώμην ἔνιοι λαβεῖν ἠδυνήθησαν, Τιμόθεος δ' οὔτε τὴν τοῦ σώματος φύσιν ἔχων ἐρρωμένην οὔτ' ἐν τοῖς στρατοπέδοις τοῖς πλανωμένοις κατατετριμμένος, ἀλλὰ μεθ' ὑμῶν πολιτευόμενος τηλικαῦτα διεπράξατο τὸ μέγεθος. Ἔστιν δ' ὁ λόγος ὁ περὶ τούτων φιλαπεχθήμων μὲν, ῥηθῆναι δ' οὐκ ἀσύμφορος. [116] Ἐκεῖνος γὰρ τούτῳ τῶν ἄλλων διήνεγκεν, ὅτι περὶ τῶν Ἑλληνικῶν καὶ συμμαχικῶν πραγμάτων καὶ τῆς ἐπιμελείας τῆς τούτων οὐ τὴν αὐτὴν ὑμῖν γνώμην εἶχεν. Ὑμεῖς μὲν γὰρ χειροτονεῖτε στρατηγούς τοὺς εὐρωστοτάτους τοῖς σώμασιν καὶ πολλάκις ἐν τοῖς ξενικοῖς στρατεύμασιν γεγεννημένους, ὡς διὰ τούτων διαπραξόμενοι τι τῶν δεόντων· ὁ δὲ τοῖς μὲν τοιούτοις λοχαγοῖς ἐχρήτο καὶ ταξιάρχους, ὧν ἔνιοι διὰ τὴν μετ' ἐκείνου στρατείαν ἄξιοι λόγου καὶ χρήσιμοι τῇ πόλει γεγόνασιν. [117] αὐτὸς δὲ περὶ ταῦτα δεινὸς ἦν περὶ ἅπερ χρὴ φρόνιμον εἶναι τὸν στρατηγὸν τὸν ἀγαθόν. Ἔστιν δὲ ταῦτα τίνα δύναμιν ἔχοντα; Δεῖ γὰρ οὐχ ἀπλῶς εἰπεῖν, ἀλλὰ σαφῶς φράσαι περὶ αὐτῶν. Πρῶτον μὲν δύνασθαι γινῶναι πρὸς τίνας πολεμητέον καὶ τίνας συμμάχους ποιητέον·

ἀρχὴ γὰρ αὕτη στρατηγίας ἐστίν, ἧς ἦν διαμάρτη τις, ἀνάγκη τὸν πόλεμον ἀσύμφορον καὶ χαλεπὸν καὶ περιέργον εἶναι. [118] Περὶ τοίνυν τὴν τοιαύτην προαίρεσιν οὐ μόνον οὐδείς τοιοῦτος γέγονεν, ἀλλ' οὐδὲ παραπλήσιος. Ῥάδιον δ' ἐξ αὐτῶν τῶν ἔργων γνῶναι· πλείστους γὰρ πολέμους ἄνευ τῆς πόλεως ἀνελόμενος ἅπαντας τούτους κατώρθωσεν καὶ δικαίως ἅπασι τοῖς Ἑλλησιν ἔδοξεν αὐτοὺς ποιήσασθαι. Καίτοι τοῦ καλῶς βουλευσασθαι τίς ἂν ἀπόδειξιν ἔχοι σαφεστέραν καὶ μείζω ταύτης παρασχέσθαι; [119] Δεύτερον τί προσήκει τὸν στρατηγὸν τὸν ἀγαθόν; Στρατόπεδον συναγαγεῖν ἀρμόττον τῷ πολέμῳ τῷ παρόντι, καὶ τοῦτο συντάξαι καὶ χρήσασθαι συμφερόντως. Ὡς μὲν τοίνυν ἠπίστατο χρῆσθαι καλῶς, αἱ πράξεις αὐταὶ δεδηλώκασιν· ὡς δὲ καὶ πρὸς τὸ παρασκευάσασθαι μεγαλοπρεπῶς καὶ τῆς πόλεως ἀξίως ἀπάντων διήνεγκεν, οὐδὲ τῶν ἐχθρῶν οὐδείς ἂν ἄλλως εἰπεῖν τολμήσειεν. [120] Ἔτι τοίνυν πρὸς τούτοις ἀπορίας ἐνεγκεῖν στρατοπέδου καὶ πενίας, καὶ πάλιν εὐπορίας εὐρεῖν, τίς οὐκ ἂν τῶν συνεστρατευμένων πρὸς ἀμφοτέρα ταῦτα διαφέρειν ἐκεῖνον προκρίνειεν; Σύνισασι γὰρ αὐτῷ κατὰ μὲν ἀρχὰς τῶν πολέμων διὰ τὸ μηδὲν παρὰ τῆς πόλεως λαμβάνειν εἰς τὰς ἐσχάτας ἐνδείας καθιστάμενον, ἐκ δὲ τούτων εἰς τοῦτο τὰ πράγματα περιστάναι δυνάμενον ὥστε καὶ τῷ πολέμῳ περιγίγνεσθαι καὶ τοῖς στρατιώταις ἐντελεῖς ἀποδιδόναι τοὺς μισθοὺς. [121] Οὕτω τοίνυν τούτων μεγάλων ὄντων καὶ σφόδρα κατεπειγόντων, ἐπὶ τοῖς ἐχομένοις δικαίως ἂν τις αὐτὸν ἔτι μᾶλλον ἐπαινέσειεν. Ὅρων γὰρ ὑμᾶς τούτους μόνους ἄνδρας νομίζοντας τοὺς ἀπειλοῦντας καὶ τοὺς ἐκφοβοῦντας τὰς ἄλλας πόλεις καὶ τοὺς αἰεὶ τι νεωτερίζοντας ἐν τοῖς συμμάχοις, οὐκ ἐπηκολούθησεν ταῖς ὑμετέραις γνώμαις, οὐδ' ἠβουλήθη βλάπτων τὴν πόλιν εὐδοκιμεῖν, ἀλλὰ τοῦτ' ἐφιλοσόφει καὶ τοῦτ' ἔπραττεν ὅπως μηδεμία τῶν πόλεων αὐτὸν φοβήσεται τῶν Ἑλληνίδων, ἀλλὰ πᾶσαι θαρρήσουσι πλὴν τῶν ἀδικουσῶν. [122] Ἠπίστατο γὰρ τοὺς τε δεδιότας ὅτι μισοῦσι δι' οὓς ἂν τοῦτο πεπονθότες τυγχάνωσιν, τὴν τε πόλιν διὰ μὲν τὴν φιλίαν τὴν τῶν ἄλλων εὐδαιμονεστάτην καὶ μεγίστην γενομένην, διὰ δὲ τὸ μῖσος μικρὸν ἀπολιποῦσαν τοῦ μὴ ταῖς ἐσχάταις συμφοραῖς περιπεσεῖν. Ὡν ἐνθυμούμενος τῇ μὲν δυνάμει τῇ τῆς πόλεως τοὺς πολεμίους κατεστρέφετο, τῷ δ' ἤθει τῷ ἑαυτοῦ τὴν εὐνοίαν τὴν τῶν ἄλλων προσήγετο, νομίζων τοῦτο στρατήγημα μείζον εἶναι καὶ κάλλιον ἢ πολλὰς πόλεις ἐλεῖν καὶ πολλάκις νικῆσαι μαχόμενος.

[123] Οὕτω δ' ἐσπούδαζεν περὶ τὸ μηδεμίαν τῶν πόλεων μηδὲ μικρὰν ὑποψίαν περὶ αὐτοῦ λαβεῖν ὡς ἐπιβουλεύοντος, ὥσθ' ὁπότε μέλλοι τινὰ παραπλεῖν τῶν μὴ τὰς συντάξεις διδουσῶν, πέμψας προηγόρευε τοῖς ἄρχουσιν, ἵνα μὴ πρὸ τῶν λιμένων ἐξαίφνης ὀφθῆις εἰς θόρυβον καὶ ταραχὴν αὐτοὺς καταστήσειεν. [124] Εἰ δὲ τύχοι καθορμισθεὶς πρὸς τὴν χώραν, οὐκ ἂν ἐφῆκε τοῖς στρατιώταις ἀρπάζειν καὶ κλέπτειν καὶ πορθεῖν τὰς οἰκίας, ἀλλὰ τοσαύτην εἶχεν ἐπιμέλειαν ὑπὲρ τοῦ μηδὲν γίνεσθαι τοιοῦτον ὅσῃν περὶ οἱ δεσπότες τῶν κτημάτων· οὐ γὰρ τούτῳ προσεῖχε τὸν νοῦν, ὅπως ἐκ τῶν τοιούτων αὐτὸς εὐδοκίμησει παρὰ τοῖς στρατιώταις, ἀλλ' ὅπως ἡ πόλις παρὰ τοῖς Ἕλλησιν. [125] Πρὸς δὲ τούτοις τὰς δοριαλώτους τῶν πόλεων οὕτω πράως διώκει καὶ νομίμως, ὡς οὐδεὶς ἄλλος τὰς συμμαχίδας, ἡγούμενος, εἰ τοιοῦτος ὢν φαίνοιτο περὶ τοὺς πολεμήσαντας, τὴν μεγίστην πίστιν ἔσεσθαι δεδωκῶς ὡς οὐδέποτε ἂν περὶ γε τοὺς ἄλλους ἐξαμαρτεῖν τολμήσειεν. [126] Τοιγάρτοι διὰ τὴν δόξαν τὴν ἐκ τούτων γινομένην πολλαὶ τῶν πόλεων τῶν πρὸς ὑμᾶς δυσκόλως ἔχουσῶν ἀναπεπταμέναις αὐτὸν ἐδέχοντο ταῖς πύλαις· ἐν αἷς ἐκεῖνος οὐδεμίαν ταραχὴν ἐποίησεν, ἀλλ' ὥσπερ οἰκουμένας αὐτὰς εἰσιὼν κατέλαβεν, οὕτως ἐξιὼν κατέλειπεν. [127] Κεφάλαιον δὲ πάντων τούτων· εἰθισμένων γὰρ τὸν ἄλλον χρόνον πολλῶν γίνεσθαι καὶ δεινῶν ἐν τοῖς Ἕλλησιν, ἐπὶ τῆς ἐκείνου στρατηγίας οὐδεὶς ἂν οὔτ' ἀναστάσεις εὖροι γεγενημένας οὔτε πολιτειῶν μεταβολὰς οὔτε σφαγὰς καὶ φυγὰς οὔτ' ἄλλ' οὐδὲν τῶν κακῶν τῶν ἀνηκέστων, ἀλλ' οὕτως αἰ τοιαῦτα συμφοραὶ κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον ἐλώφησαν ὥστε μόνος ὢν ἡμεῖς μνημονεύομεν ἀνέγκλητον τὴν πόλιν τοῖς Ἕλλησιν παρέσχεν. [128] Καίτοι χρὴ στρατηγὸν ἀγαθὸν καὶ ἄριστον νομίζειν, οὐκ εἴ τις μὲν τύχη τηλικουτὸν τι κατώρθωσεν ὥσπερ Λύσανδρος, ὃ μηδενὶ τῶν ἄλλων διαπράξασθαι συμβέβηκεν, ἀλλ' ὅστις ἐπὶ πολλῶν καὶ παντοδαπῶν καὶ δυσκόλων πραγμάτων ὀρθῶς ἀεὶ πράττων καὶ νοῦν ἔχοντος διατετέλεκεν, ὅπερ Τιμοθέῳ συμβέβηκεν.

[129] Οἶμαι δ' ὑμῶν τοὺς πολλοὺς θαυμάζειν τὰ λεγόμενα καὶ νομίζειν τὸν ἔπαινον τὸν ἐκείνου κατηγορίαν εἶναι τῆς πόλεως, εἰ τοσαύτας μὲν πόλεις ἐλόντα, μηδεμίαν δ' ἀπολέσαντα περὶ προδοσίας ἔκρινεν, καὶ πάλιν εἰ διδόντος εὐθύνας αὐτοῦ καὶ τὰς μὲν πράξεις Ἰφικράτους ἀναδεχομένου, τὸν δ' ὑπὲρ τῶν χρημάτων λόγον Μενεσθέως, τούτους μὲν ἀπέλυσεν, Τιμόθεον δὲ τοσούτοις ἐζημίωσε χρήμασιν ὅσοις οὐδένα πώποτε τῶν προγεγενημένων. [130] Ἔχει δ' οὕτως· βούλομαι γὰρ καὶ τὸν ὑπὲρ τῆς πόλεως λόγον εἰπεῖν. Εἰ μὲν ὑμεῖς πρὸς αὐτὸ τὸ δίκαιον ἀποβλέποντες σκέψεσθε περὶ τούτων, οὐκ ἔστιν ὅπως οὐ δεινὰ καὶ σχέτλια πᾶσιν εἶναι δόξει τὰ πεπραγμένα περὶ Τιμόθεον·

ἦν δ' ἀναλογίσησθε τὴν ἄγνοιαν ὅσῃν ἔχομεν πάντες ἄνθρωποι, καὶ τοὺς φθόνους τοὺς ἐγγιγνομένους ἡμῖν, ἔτι δὲ τὰς ταραχὰς καὶ τὴν τύρβην ἐν ἧ ζῶμεν, οὐδὲν τούτων ἀλόγως οὐδ' ἔξω τῆς ἀνθρωπίνης φύσεως εὐρεθήσεται γεγενημένον, ἀλλὰ καὶ Τιμόθεος μέρος τι συμβεβλημένος τοῦ μὴ κατὰ τρόπον γνωσθῆναι περὶ αὐτῶν. [131] Ἐκεῖνος γὰρ οὔτε μισόδημος ὢν οὔτε μισάνθρωπος οὔθ' ὑπερήφανος οὔτ' ἄλλ' οὐδὲν ἔχων τῶν τοιούτων κακῶν, διὰ τὴν μεγαλοφροσύνην τὴν τῆ στρατηγία μὲν συμφέρουσαν, πρὸς δὲ τὰς χρείας τῶν ἀεὶ προσπιπτόντων οὐχ ἀρμόττουσαν, ἅπασιν ἔδοξεν ἔνοχος εἶναι τοῖς προειρημένοις· οὔτω γὰρ ἀφυῆς ἦν πρὸς τὴν τῶν ἀνθρώπων θεραπείαν ὥσπερ δεινὸς περὶ τὴν τῶν πραγμάτων ἐπιμέλειαν. [132] Καίτοι πολλάκις καὶ παρ' ἐμοῦ τοιούτους λόγους ἤκουσεν, ὡς χρὴ τοὺς πολιτευομένους καὶ βουλομένους ἀρέσκειν προαιρεῖσθαι μὲν τῶν τε πράξεων τὰς ὠφελιμοτάτας καὶ βελτίστας καὶ τῶν λόγων τοὺς ἀληθεστάτους καὶ δικαιοτάτους, οὐ μὴν ἀλλὰ κάκεῖνο παρατηρεῖν καὶ σκοπεῖν, ὅπως ἐπιχαρίτως καὶ φιλανθρώπως ἅπαντα φανήσονται καὶ λέγοντες καὶ πράττοντες· ὡς οἱ τούτων ὀλιγοροῦντες ἐπαχθέστεροι καὶ βαρύτεροι δοκοῦσιν εἶναι τοῖς συμπολιτευομένοις. [133] Ὅρᾳς δὲ τὴν φύσιν τὴν τῶν πολλῶν ὡς διάκειται πρὸς τὰς ἡδονὰς, καὶ διότι μᾶλλον φιλοῦσιν τοὺς πρὸς χάριν ὀμιλοῦντας ἢ τοὺς εὖ ποιοῦντας, καὶ τοὺς μετὰ φαιδρότητος καὶ φιλανθρωπίας φενακίζοντας ἢ τοὺς μετ' ὄγκου καὶ σεμνότητος ὠφελοῦντας. ἼΩν οὐδὲν σοὶ μεμέληκεν, ἀλλ' ἦν ἐπιεικῶς τῶν ἔξω πραγμάτων ἐπιμεληθῆς, οἶε σοὶ καὶ τοὺς ἐνθάδε πολιτευομένους καλῶς ἔξειν. [134] Τὸ δ' οὐχ οὔτως, ἀλλὰ τούναντίον φιλεῖ συμβαίνειν. Ἦν γὰρ τούτοις ἀρέσκῃς, ἅπαν ὃ τι ἂν πράξης οὐ πρὸς τὴν ἀλήθειαν κρινοῦσιν, ἀλλὰ πρὸς τὸ σοὶ συμφέρον ὑπολήψονται, καὶ τὰ μὲν ἀμαρτανόμενα παρόψονται, τὸ δὲ κατορθωθὲν οὐρανόμηκες ποιήσουσιν· ἢ γὰρ εὐνοια πάντα οὔτω διατίθησιν. [135] Ἦν σὺ τῇ μὲν πόλει παρὰ τῶν ἄλλων ἐκ παντὸς τρόπου κτήσασθαι ζητεῖς, ἡγούμενος μέγιστον εἶναι τῶν ἀγαθῶν, αὐτὸς δὲ σαυτῷ παρὰ τῆς πόλεως οὐκ οἶε δεῖν τὴν αὐτὴν ταύτην παρασκευάζειν, ἀλλὰ πλείστων ἀγαθῶν αἴτιος γεγενημένος χειρὸν διάκεισαι τῶν οὐδὲν ἄξιον λόγου διαπεπραγμένων. [136] Εἰκότως· οἱ μὲν γὰρ τοὺς ῥήτορας καὶ τοὺς ἐν τοῖς ἰδίοις συλλόγοις λογοποιεῖν δυναμένους καὶ πάντα προσποιουμένους εἰδέναι θεραπεύουσιν, σὺ δ' οὐ μόνον ἀμελεῖς, ἀλλὰ καὶ πολεμεῖς τοῖς μέγιστον ἀεὶ δυναμένοις αὐτῶν. Καίτοι πόσους οἶε διὰ τὰς τούτων ψευδολογίας τοὺς μὲν συμφοραῖς περιπετωκένας, τοὺς δ' ἀτίμους εἶναι,

πόσους δὲ τῶν προγεγενημένων ἀνωνύμους εἶναι, πολὺ σπουδαιότερους καὶ πλείονος ἀξίους γεγενημένους τῶν ἀδομένων καὶ τραγωδουμένων; [137] Ἄλλ' οἱ μὲν, οἶμαι, ποιητῶν ἔτυχον καὶ λογοποιῶν, οἱ δ' οὐκ ἔσχον τοὺς ὑμνήσοντας. Ἦν οὖν ἐμοὶ πείθῃ καὶ νοῦν ἔχῃς, οὐ καταφρονήσεις τῶν ἀνδρῶν τούτων οἷς τὸ πλῆθος εἴθισται πιστεύειν οὐ μόνον περὶ ἑνὸς ἐκάστου τῶν πολιτῶν, ἀλλὰ καὶ περὶ ὅλων τῶν πραγμάτων, ἀλλ' ἐπιμέλειάν τινα ποιήσει καὶ θεραπείαν αὐτῶν, ἵν' εὐδοκιμήσῃς δι' ἀμφοτέρα, καὶ διὰ τὰς σαυτοῦ πράξεις καὶ διὰ τοὺς τούτων λόγους."

[138] Ταῦτα δ' ἀκούων ὀρθῶς μὲν ἔφασκέν με λέγειν, οὐ μὴν οἷός τ' ἦν τὴν φύσιν μεταβαλεῖν, ἀλλ' ἦν καλὸς μὲν κάγαθός ἀνὴρ καὶ τῆς πόλεως καὶ τῆς Ἑλλάδος ἄξιός, οὐ μὴν σύμμετρός γε τοῖς τοιούτοις τῶν ἀνθρώπων, ὅσοι τοῖς ὑπὲρ αὐτοῦ πεφυκόσιν ἀχθόμενοι τυγχάνουσιν. Τοιγαροῦν οἱ μὲν ῥήτορες ἔργον εἶχον αἰτίας περὶ αὐτοῦ πολλὰς καὶ ψευδεῖς πλάττειν, τὸ δὲ πλῆθος ἀποδέχεσθαι τὰς ὑπὸ τούτων λεγομένας. [139] Περὶ ὧν ἡδέως ἂν ἀπελογησάμην, εἰ καιρὸν εἶχον· οἶμαι γὰρ ἂν ὑμᾶς ἀκούσαντας μισῆσαι τοὺς τε προαγαγόντας τὴν πόλιν ἐπὶ τὴν ὀργὴν τὴν πρὸς ἐκεῖνον καὶ τοὺς φλαυρὸν τι περὶ αὐτοῦ λέγειν τολμῶντας. Νῦν δὲ ταῦτα μὲν ἐάσω, περὶ ἑμαυτοῦ δὲ καὶ τῶν ἐνεστώτων πραγμάτων πάλιν ποιήσομαι τοὺς λόγους.

[140] Ἀπορῶ δ' ὅ τι χρήσωμαι τοῖς ὑπολοίποις καὶ τίνος πρώτου μνησθῶ καὶ ποίου δευτέρου· τὸ γὰρ ἐφεξῆς με λέγειν διαπέφευγεν. Ἴσως μὲν οὖν ἀναγκαῖόν ἐστιν, ὡς ἂν ἕκαστον τύχη προσπεσόν, οὕτως εἰπεῖν περὶ αὐτῶν· ἃ δ' οὖν μοι νῦν ἐπελήλυθεν καὶ περὶ ὧν ἐγὼ μὲν ἐνόμιζον εἶναι δηλωτέον, ἄλλος δὲ τίς μοι συνεβούλευεν μὴ λέγειν, οὐκ ἀποκρύψομαι πρὸς ὑμᾶς. [141] Ἐπειδὴ γὰρ ἀπήνεγκε τὴν γραφὴν, ἐσκόπουν περὶ αὐτῶν τούτων ὥσπερ ἂν ὑμῶν ἕκαστος, καὶ τόν τε βίον τὸν ἐμαυτοῦ καὶ τὰς πράξεις ἐξήταζον καὶ πλεῖστον χρόνον περὶ τὰς τοιαύτας διέτριβον, ἐφ' αἷς ὄμην ἐπαινεῖσθαι με προσήκειν. Ἀκροώμενος δὲ τις τῶν ἐπιτηδείων ἐτόλμησεν εἰπεῖν πρὸς με λόγον πάντων σχετλιώτατον, ὡς ἄξια μὲν εἶη τὰ λεγόμενα φιλοτιμίας, οὐ μὴν ἄλλ' αὐτός γε δεδιέναι ταῦτα μάλιστα μὴ πολλοὺς λυπήσῃ τῶν ἀκουόντων.

[142] "Οὕτω γὰρ, ἔφη, τινὲς ὑπὸ τοῦ φθόνου καὶ τῶν ἀποριῶν ἐξηγρίωνται καὶ δυσμενῶς ἔχουσιν ὥστ' οὐ ταῖς πονηρίαις, ἀλλὰ ταῖς εὐπραγίαις πολεμοῦσιν, καὶ μισοῦσιν οὐ μόνον τῶν ἀνθρώπων τοὺς ἐπιεικεστάτους, ἀλλὰ καὶ τῶν ἐπιτηδευμάτων τὰ βέλτιστα, καὶ πρὸς τοῖς ἄλλοις κακοῖς τοῖς μὲν ἀδικοῦσιν συναγωνίζονται καὶ συγγνώμην ἔχουσιν, οἷς δ' ἂν φθονήσωσιν ἀπολλύουσιν ἢ περ δυνηθῶσιν. [143] Ταῦτα δὲ δρῶσιν οὐκ ἀγνοοῦντες περὶ ὧν τὴν ψῆφον οἴσουσιν, ἀλλ' ἀδικήσιν μὲν ἐλπίζοντες, ὀφθήσεσθαι δ' οὐ προσδοκῶντες, σφάζοντες οὖν τοὺς ὁμοίους σφίσιν αὐτοῖς βοηθεῖν νομίζουσιν. Τούτου δ' ἕνεκά σοι ταῦτα διηλθον, ἵνα προειδῶς ἄμεινον προσφέρῃ καὶ τοῖς λόγοις ἀσφαλεστέροις χρῆ πρὸς αὐτούς· ἐπεὶ νῦν γε τίνα χρῆ προσδοκᾶν γνώμην ἔξῃν τοὺς τοιοῦτους ὅταν τόν τε βίον τὸν σαυτοῦ καὶ τὰς πράξεις διεξίης μηδὲ κατὰ μικρὸν ὁμοίας οὔσας ταῖς τούτων, ἀλλ' οἷας περ πρὸς ἐμὲ λέγειν ἐπιχειρεῖς; [144] Ἀποφαίνεις γὰρ τοὺς τε λόγους οὖς γέγραφας, οὐ μέμψεως, ἀλλὰ χάριτος τῆς μεγίστης ἀξίους ὄντας, τῶν τε πεπλησιακότων σοι τοὺς μὲν οὐδὲν ἠδικηκότας οὐδ' ἡμαρτηκότας, τοὺς δὲ δι' ἀρετὴν ὑπὸ τῆς πόλεως ἐστεφανωμένους, τὰ τε καθ' ἡμέραν οὕτω κοσμίως καὶ τεταγμένως βεβιωκότα σαυτὸν ὡς οὐκ οἶδ' εἴ τις ἄλλος τῶν πολιτῶν,

ἔτι δὲ μήτε δεδικασμένον μηδενὶ μήτε πεφευγότα πλὴν περὶ ἀντιδόσεως μήθ' ἑτέροις συνηγωνισμένον μήτε μεμαρτυρηκότα μήτ' ἄλλο πεποηκότα μηδὲν ἐν οἷς ἅπαντες [οἱ] πολιτευόμενοι τυγχάνουσιν. [145] Πρὸς δὲ τούτοις οὕτως ἰδίους οὔσιν καὶ περιττοῖς κάκεῖνο λέγεις, ὡς τῶν μὲν ἀρχῶν καὶ τῶν ὠφελειῶν τῶν ἐντεῦθεν γιγνομένων καὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων τῶν κοινῶν ἐξέστηκας, εἰς δὲ τοὺς διακοσίους καὶ χιλίους τοὺς εἰσφέροντας καὶ λειτουργοῦντας οὐ μόνον αὐτὸν παρέχεις, ἀλλὰ καὶ τὸν υἱὸν, καὶ τρεῖς μὲν ἤδη τετρηραρχήκατε, τὰς δ' ἄλλας λειτουργίας πολυτελέστερον λειτουργήκατε καὶ κάλλιον ὧν οἱ νόμοι προστάπτουσιν. [146] Ταῦτ' ἀκούοντας τοὺς τὰναντία πᾶσι τοῖς προειρημένοις ἐπιτετηδευκότας οὐκ οἶει βαρέως οἴσιν καὶ νομιεῖν ἐλέγχεσθαι τὸν βίον τὸν αὐτῶν οὐ σπουδαῖον ὄντα; Καὶ γὰρ εἰ μὲν μετὰ πόνου καὶ ταλαιπωρίας ἠσθάνοντό σε ποριζόμενον εἰς τε τὰς λειτουργίας καὶ περὶ τὴν ἄλλην διοίκησιν, οὐκ ἂν ὁμοίως ἔμελεν αὐτοῖς· νῦν δὲ τὰ τε παρὰ τῶν ξένων σοι γιγνόμενα πολὺ πλείω νομίζουσιν εἶναι τῶν διδομένων, [147] αὐτόν τε σὲ ῥαθυμότερον ἡγοῦνται ζῆν οὐ μόνον τῶν ἄλλων, ἀλλὰ καὶ τῶν περὶ τὴν φιλοσοφίαν καὶ τὴν αὐτὴν σοι πραγματείαν ὄντων. Ὅρῳσι γὰρ ἐκείνων μὲν τοὺς πλείστους πλὴν τῶν τὸν σὸν βίον καὶ τὸν τρόπον ἡγαπηκότων ἐν τε ταῖς πανηγύρεσιν καὶ τοῖς ἰδίους συλλόγοις ἐπιδείξεις ποιουμένους, διαγωνιζομένους πρὸς ἀλλήλους, καθ' ὑπερβολὴν ὑπισχνουμένους, ἐρίζοντας, λοιδορουμένους, οὐδὲν ἀπολείποντας κακῶν, [148] ἀλλὰ σφίσι μὲν αὐτοῖς πράγματα παρέχοντας, τοῖς δ' ἀκροωμένοις ἐξουσίαν παραδιδόντας τοῖς μὲν καταγελάσαι τῶν λεγομένων, ἐνίοις δ' ἐπαινέσαι, τοῖς δὲ πλείστοις μισῆσαι, τοῖς δ' ὅπως ἕκαστοι βούλονται διατεθῆναι πρὸς αὐτούς· σὲ δ' οὐδενὸς μετέχοντα τούτων, ἀλλ' ἀνομοίως ζῶντα καὶ τοῖς σοφισταῖς καὶ τοῖς ἰδιώταις καὶ τοῖς πολλὰ κεκτημένοις καὶ τοῖς ἀπόρως διακειμένοις. [149] Ἐφ' οἷς οἱ μὲν λογίζεσθαι δυνάμενοι καὶ νοῦν ἔχοντες ἴσως ἂν σε ζηλώσειαν, οἱ δὲ καταδεέστερον πράττοντες καὶ λυπεῖσθαι μᾶλλον εἰωθότες ἐπὶ ταῖς τῶν ἄλλων ἐπιεικείαις ἢ ταῖς αὐτῶν ἀτυχίαις οὐκ ἔστιν ὅπως οὐ δυσκολανοῦσιν καὶ χαλεπῶς οἴσουσιν. Ὡς οὖν οὕτως αὐτῶν διατεθησομένων σκόπει τί σοι λεκτέον τούτων καὶ τί παραλειπτέον ἐστίν."

[150] Ἐγὼ δὲ κἀκεῖνου τότε ταῦτα λέγοντος καὶ νῦν ἡγοῦμαι πάντων ἀνθρώπων ἀτοπωτάτους εἶναι καὶ σχετλιωτάτους, οἵτινες βαρέως ἂν ἀκούοιεν εἰ λειτουργοῦντα μὲν ἑμαυτὸν τῇ πόλει παρέχω καὶ ποιοῦντα τὸ προσταττόμενον, μηδὲν δὲ δέομαι μήτε κληροῦσθαι τῶν ἀρχῶν μήτε λαμβάνειν ἃ τοῖς ἄλλοις ἢ πόλις δίδωσιν, μήτ' αὖ φεύγειν δίκας μήτε διώκειν. [151] Ταῦτα γὰρ συνεταξάμην οὐ διὰ πλοῦτον οὐδὲ δι' ὑπερηφανίαν οὐδὲ καταφρονῶν τῶν μὴ τὸν αὐτὸν τρόπον ἔμοι ζώντων, ἀλλὰ τὴν μὲν ἡσυχίαν καὶ τὴν ἀπραγμοσύνην ἀγαπῶν, μάλιστα δ' ὄρων τοὺς τοιοῦτους καὶ παρ' ὑμῖν καὶ παρὰ τοῖς ἄλλοις εὐδοκιμοῦντας, ἔπειτα τὸν βίον ἡδίω νομίσας εἶναι τοῦτον ἢ τὸν τῶν πολλὰ πραττόντων, ἔτι δὲ ταῖς διατριβαῖς ταῖς ἑμαῖς πρεπωδέστερον αἷς ἐξ ἀρχῆς κατεστησάμην. [152] Τούτων μὲν ἔνεκα τοῦτον τὸν τρόπον ζῆν προειλόμην· τῶν δὲ λημμάτων τῶν παρὰ τῆς πόλεως ἀπεσχόμην, δεινὸν ἡγησάμενος εἰ δυνάμενος ἐκ τῶν ἰδίων τρέφειν ἑμαυτὸν ἐμποδῶν τῷ γενήσομαι τῶν ἐντεῦθεν ζῆν ἠναγκασμένων [λαβεῖν τὸ διδόμενον ὑπὸ τῆς πόλεως], καὶ διὰ τὴν ἐμὴν παρουσίαν ἐνδεής τις γενήσεται τῶν ἀναγκαίων. Ὑπὲρ ὧν ἐπαίνου τυγχάνειν ἄξιός ἦν μᾶλλον ἢ διαβολῆς. [153] Νῦν δ' εἰς πολλὴν ἀπορίαν καθέστηκα τί δρῶν ἀρέσαι δυνηθεῖν ἂν τοῖς τοιούτοις. Εἰ γὰρ ἅπαντα τὸν χρόνον ἔργον ποιοῦμενος ὅπως μηδένα μήτ' ἀδικήσω μήτ' ἐνοχλήσω μήτε λυπήσω, δι' αὐτὰ ταῦτα λυπῶ τινὰς, τί ποιῶν ἂν χαριζοίμην; Ἡ τί λοιπόν ἐστιν πλὴν ἐμὲ μὲν ἀτυχῆ, τοὺς δὲ τοιοῦτους ἀμαθεῖς δοκεῖν εἶναι καὶ δυσκόλους τοῖς συμπολιτευομένοις;

[154] Πρὸς μὲν οὖν τοὺς μηδὲν τῶν αὐτῶν τοῖς ἄλλοις γινώσκοντας, ἀλλὰ χαλεπωτέρους ὄντας τοῖς μὴ κακῶς πράττουσιν ἢ τοῖς ἀδικοῦσιν μωρόν ἐστὶν ἀπολογία ζητεῖν· ὅσῳ γὰρ ἂν τις ἐπεικέστερον αὐτὸν ἐπιδείξῃ, δῆλον ὅτι τοσοῦτω χειρόν ἀγωνιεῖται παρ' αὐτοῖς· πρὸς δὲ τοὺς ἄλλους, περὶ ὧν Λυσίμαχος διέβαλεν, ὡς παμπληθῆ κεκτήμεθα τὴν οὐσίαν, ἀναγκαῖόν ἐστιν εἰπεῖν, ἵνα μὴ πιστευθεῖς ὁ λόγος εἰς μείζους καὶ πλείους ἡμᾶς ἐμβάλη λειτουργίας ὧν ὑπενεγκεῖν ἂν δυνηθεῖμεν. [155] Ὅλως μὲν οὖν οὐδεὶς εὐρεθήσεται τῶν καλουμένων σοφιστῶν πολλὰ χρήματα συλλεξάμενος, ἀλλ' οἱ μὲν ἐν ὀλίγοις, οἱ δ' ἐν πάνυ μετρίοις τὸν βίον διαγαγόντες· ὁ δὲ πλεῖστα κτησάμενος ὧν ἡμεῖς μνημονεύομεν, Γοργίας ὁ Λεοντῖνος, οὗτος διατρίψας μὲν περὶ Θετταλίαν, ὅτ' εὐδαιμονέστατοι τῶν Ἑλλήνων ἦσαν, πλεῖστον δὲ χρόνον καὶ βιοῦς καὶ περὶ τὸν χρηματισμὸν τοῦτον γενόμενος, [156] πόλιν δ' οὐδεμίαν καταπαγίως οἰκήσας οὐδὲ περὶ τὰ κοινὰ δαπανηθεὶς οὐδ' εἰσφορὰν εἰσενεγκεῖν ἀναγκασθεὶς, ἔτι δὲ πρὸς τούτοις οὔτε γυναῖκα γήμας οὔτε παῖδας ποιησάμενος, ἀλλ' ἀτελής γενόμενος καὶ ταύτης τῆς λειτουργίας τῆς ἐνδεδεχεστάτης καὶ πολυτελεστάτης, τοσοῦτον προλαβὼν πρὸς τὸ πλείω κτήσασθαι τῶν ἄλλων, χιλίους μόνους στατήρας κατέλιπεν. [157] Καίτοι χρὴ περὶ τῆς οὐσίας τῆς ἀλλήλων μὴ τοῖς αἰτιωμένοις εἰκῆ πιστεύειν, μηδὲ τὰς ἐργασίας ἴσας νομίζειν τὰς τε τῶν σοφιστῶν καὶ τὰς τῶν ὑποκριτῶν, ἀλλὰ τοὺς ἐν ταῖς αὐταῖς τέχναις ὄντας πρὸς ἀλλήλους κρίνειν καὶ τοὺς ὁμοίαν ἐν ἐκάστη «τὴν» δύναμιν λαβόντας παραπλησίαν καὶ τὴν οὐσίαν ἔχειν νομίζειν. [158] Ἦν οὖν ἐξισώσητέ με τῷ πλεῖστον ἐργασαμένῳ καὶ θῆτε πρὸς ἐκεῖνον, οὔθ' ὑμεῖς παντάπασιν ἀσκέπτως εικάζειν δόξετε περὶ τῶν τοιούτων, οὔθ' ἡμεῖς εὐρεθεῖμεν ἂν οὔτε τὰ περὶ τὴν πόλιν οὔτε τὰ περὶ ἡμᾶς αὐτοὺς κακῶς διφκηκότες, ἀλλ' ἀπ' ἐλαπτόνων ζῶντες ὧν εἰς τὰς λειτουργίας ἀνηλώκαμεν. Καίτοι τοὺς εὐτελεστέρους ἐν τοῖς ἰδίοις ἢ τοῖς κοινοῖς ὄντας δίκαιόν ἐστιν ἐπαινεῖν.

[159] Ἐνθυμοῦμαι δὲ μεταξύ λέγων ὅσον τὰ τῆς πόλεως μεταπέπτωκεν, καὶ τὰς διανοίας ὡς οὐδὲν ὁμοίας περὶ τῶν πραγμάτων οἱ νῦν τοῖς πρότερον πολιτευομένοις ἔχουσιν. Ὅτε μὲν γὰρ ἐγὼ παῖς ἦν, οὕτως ἐνομίζετο τὸ πλουτεῖν ἀσφαλὲς εἶναι καὶ σεμνὸν ὥστ' ὀλίγου δεῖν πάντες προσεποιούντο πλείω κεκτηῖσθαι τὴν οὐσίαν ἣς ἔχοντες ἐτύγχανον, βουλόμενοι μετασχεῖν τῆς δόξης ταύτης· [160] νῦν δ' ὑπὲρ τοῦ μὴ πλουτεῖν ὥσπερ τῶν μεγίστων ἀδικημάτων ἀπολογίαν δεῖ παρασκευάζεσθαι καὶ σκοπεῖν, εἰ μέλλει τις σωθῆσεσθαι. Πολὺ γὰρ δεινότερον καθέστηκεν τὸ δοκεῖν εὐπορεῖν ἢ τὸ φανερῶς ἀδικεῖν· οἱ μὲν γὰρ ἢ συγγνώμης ἔτυχον ἢ μικροῖς ἐζημιώθησαν, οἱ δ' ἄρδην ἀπόλλυνται, καὶ πλείους ἂν εὖροιμεν τοὺς ἐκ τῶν ὄντων ἐκπεπτωκότας ἢ τοὺς δίκην ὑπὲρ τῶν ἀμαρτημάτων δεδωκότας. [161] Καὶ τί δεῖ λέγειν περὶ τῶν κοινῶν; Αὐτὸς γὰρ οὐ μικρὸν διήμαρτον διὰ ταύτην τὴν μεταβολὴν τῶν ἑαυτοῦ πραγμάτων. Ὅτε γὰρ ἐπαμύνειν ἠρχόμην τοῖς ἰδίους ἀπολομένων ἐν τῷ πολέμῳ τῷ πρὸς Λακεδαιμονίου ἀπάντων τῶν ὑπαρχόντων ἡμῖν, ἀφ' ὧν ὁ πατὴρ ἅμα τῇ τε πόλει χρήσιμον αὐτὸν παρεῖχεν ἡμᾶς θ' οὕτως ἐπιμελῶς ἐπαίδευσεν ὥστ' ἐπιφανέστερον εἶναί με τότε καὶ γνωριμώτερον ἐν τοῖς ἡλικιώταις καὶ συμπαιδευομένοις ἢ νῦν ἐν τοῖς συμπολιτευομένοις, [162] ὅτε δ' οὖν, ὥσπερ εἶπον, ἠρχόμην πλησιάζειν τισὶν, ὧμην, εἰ δυνηθεῖν πλείω κτήσασθαι καὶ περιποιήσασθαι τῶν ἐπὶ τὸν αὐτὸν βίον ὀρμησάντων, ἀμφοτέρα δόξειν, καὶ περὶ τὴν φιλοσοφίαν διαφέρειν καὶ κοσμιώτερον βεβιωκέναι τῶν ἄλλων· ἐμοὶ δὲ τούναντίον ἀποβέβηκεν. [163] Εἰ μὲν γὰρ μήτ' ἄξιός μιν ἐγένετο μήτε περιεποιησάμην μηδὲν, οὐδεὶς ἂν μοι πράγματα παρεῖχεν, ἀλλὰ φανερῶς ἀδικῶν ἀσφαλῶς ἂν ἔζων ἕνεκά γε τῶν συκοφαντῶν· νῦν δ' ἀντὶ τῆς δόξης ἣς προσεδόκων ἀγῶνες περὶ με καὶ κίνδυνοι καὶ φθόνοι καὶ διαβολαὶ γέγονασιν. [164] Οὕτω γὰρ ἡ πόλις ἐν τῷ παρόντι χαίρει τοὺς μὲν ἐπιεικεῖς πιέζουσα καὶ ταπεινοὺς ποιοῦσα, τοῖς δὲ πονηροῖς ἐξουσίαν διδοῦσα καὶ λέγειν καὶ ποιεῖν ὅ τι ἂν βουληθῶσιν, ὥστε Λυσίμαχος μὲν ὁ προηρημένος ζῆν ἐκ τοῦ συκοφαντεῖν καὶ κακῶς ἀεὶ τινα ποιεῖν τῶν πολιτῶν κατηγορήσων ἡμῶν ἀναβέβηκεν, ἐγὼ δ' ὅς οὐδὲ περὶ ἓνα πάποτ' ἐξήμαρτον, ἀλλὰ τῶν μὲν ἐνθένδε λημμάτων ἀπεσχόμην, παρὰ ξένων δὲ καὶ νομιζόντων εὖ πάσχειν ἐπορισάμην τὰς ὠφελείας, ὡς δεινὰ ποιῶν εἰς τηλικουτονὶ καθέστηκα κίνδυνον.

[165] Καίτοι προσῆκε τοὺς εὖ φρονοῦντας εὐχεσθαι τοῖς θεοῖς ὡς πλείστοις τῶν πολιτῶν παραγενέσθαι τὴν δύναμιν ταύτην, δι' ἣν ἔμελλον παρ' ἐτέρων λαμβάνοντες χρησίμους αὐτοὺς ὥσπερ ἐγὼ τῇ πόλει παρέξειν. Πολλῆς δ' ἀλογίας περί με γεγενημένης πάντων ἂν συμβαίῃ δεινότατον, εἰ οἱ μὲν δεδωκότες μοι χρήματα τοσαύτην ἔχοιεν χάριν ὥστ' ἔτι καὶ νῦν με θεραπεύειν, ὑμεῖς δ' εἰς οὖς ἀνήλωκα τὰμαυτοῦ, δίκην ἐπιθυμήσατε παρ' ἐμοῦ λαβεῖν. [166] Ἔτι δὲ δεινότερον, εἰ Πίνδαρον μὲν τὸν ποιητὴν οἱ πρὸ ἡμῶν γεγονότες ὑπὲρ ἑνὸς μόνου ῥήματος, ὅτι τὴν πόλιν ἔρεισμα τῆς Ἑλλάδος ὠνόμασεν, οὕτως ἐτίμησαν ὥστε καὶ πρόξενον ποιήσασθαι καὶ δωρεὰν μυρίας αὐτῷ δοῦναι δραχμᾶς, ἐμοὶ δὲ πολὺ πλείω καὶ κάλλιον ἐγκεκωμιακῶτι καὶ τὴν πόλιν καὶ τοὺς προγόνους μηδ' ἀσφαλῶς ἐγγένοιτο καταβιῶναι τὸν ἐπίλοιπον χρόνον.

[167] Περὶ μὲν οὖν τούτων καὶ τῶν ἄλλων τῶν κατηγορηθέντων ἱκανὴν εἶναι νομίζω τὴν εἰρημένην ἀπολογία. Οὐκ ὀκνήσω δὲ πρὸς ὑμᾶς, οὔθ' ὡς ἔχω νῦν πρὸς τὸν ἐνεστῶτα κίνδυνον, κατειπεῖν τὴν ἀλήθειαν, οὔθ' ὡς τὸ πρῶτον διετέθην πρὸς αὐτόν. Ἐγὼ γὰρ ὑπὲρ μὲν τῶν ἰδίων πολλὰς ἐλπίδας εἶχον καλῶς ἀγωνιεῖσθαι. [168] καὶ γὰρ τοῖς βεβιωμένοις καὶ τοῖς πεπραγμένοις ἐπίστευον, καὶ πολλοὺς λόγους καὶ δικαίους ὄμην ἔχειν ὑπὲρ αὐτῶν· ὁρῶν δ' οὐ μόνον δυσκόλως διακειμένους περὶ τὴν τῶν λόγων παιδείαν τοὺς εἰθισμένους ἅπασι χαλεπαίνειν, ἀλλὰ καὶ τῶν ἄλλων πολιτῶν πολλοὺς τραχέως πρὸς αὐτὴν διακειμένους, ἐφοβούμην μὴ τὰ μὲν ἴδιά μου παραμεληθῆ, τῆς δὲ κοινῆς [καὶ τῆς] περὶ τοὺς σοφιστὰς διαβολῆς ἀπολαύσω τι φλαῦρον. [169] Ἐπειδὴ δὲ χρόνων ἐγγιγνομένων εἰσέπεσον εἰς τὸ λογίζεσθαι καὶ σκοπεῖν τί χρήσομαι τοῖς παροῦσιν, ἐπαυσάμην τοῦ δέους καὶ τῆς ταραχῆς ταύτης, οὐκ ἀλόγως ἀλλ' ἐκ τῶν εἰκότων ὑπολογισάμενος καὶ παραμυθησάμενος ἑμαυτόν· [170] τοὺς τε γὰρ ἐπεικεῖς ὑμῶν, πρὸς οὔσπερ ἐγὼ ποιήσομαι τοὺς λόγους, ἠπιστάμην οὐκ ἐμμένοντας ταῖς δόξαις ταῖς ἀδίκως ἐγγεγενημέναις, ἀλλ' ἐπακολουθοῦντας ταῖς ἀληθείαις καὶ μεταπειθομένους ὑπὸ τῶν λεγόντων τὰ δίκαια, τὴν τε φιλοσοφίαν ἐκ πολλῶν ἐνόμιζον ἐπιδείξειν ἀδίκως διαβεβλημένην, καὶ πολὺ ἂν δικαιοτέρως ἀγαπωμένην αὐτὴν ἢ μισουμένην. Ἔχω δὲ καὶ νῦν ἔτι ταύτην τὴν γνώμην.

[171] Οὐκ ἄξιον δὲ θαυμάζειν, εἴ τι τῶν καλῶν ἐπιτηδευμάτων ἠγνόηται καὶ διαλέληθεν, οὔδ' εἰ διεψευσμένοι τινὲς αὐτοῦ τυγχάνουσιν· καὶ γὰρ περὶ ἡμῶν αὐτῶν καὶ περὶ ἄλλων πραγμάτων ἀναριθμητῶν οὕτως ἔχοντες ἂν εὐρεθεῖμεν. Ἡ γὰρ πόλις ἡμῶν πολλῶν ἀγαθῶν αἰτία καὶ νῦν οὔσα καὶ πρότερον γεγενημένη καὶ τοῖς πολίταις καὶ τοῖς ἄλλοις Ἑλλήσι καὶ πολλῶν ἡδονῶν γέμουσα τοῦτ' ἔχει δυσκολώτατον·

[172] διὰ γὰρ τὸ μέγεθος καὶ τὸ πλῆθος τῶν ἐνοικούντων οὐκ εὐσύνοπτός ἐστιν οὐδ' ἀκριβής, ἀλλ' ὥσπερ χειμάρρους, ὅπως ἂν ἕκαστον ὑπολαβοῦσα τύχη καὶ τῶν ἀνθρώπων καὶ τῶν πραγμάτων, οὕτω κατήνεγκεν, καὶ δόξαν ἐνίοις τὴν ἐναντίαν τῆς προσηκούσης περιέθηκεν· ὅπερ καὶ τῇ παιδείᾳ ταύτῃ συμβέβηκεν. [173] Ἰὼν ἐνθυμουμένους χρῆ μηδενὸς πράγματος ἄνευ λόγου καταγιγνώσκειν, μηδ' ὁμοίως διακεῖσθαι δικάζοντας ὥσπερ ἐν ἰδίαις διατριβαῖς, ἀλλὰ διακριβοῦσθαι περὶ ἐκάστου καὶ τὴν ἀλήθειαν ζητεῖν, μεμνημένους τῶν ὄρκων καὶ τῶν νόμων καθ' οὓς συνελήλυθατε δικάσοντες. Ἔστιν δ' οὐ περὶ μικρῶν οὔθ' ὁ λόγος οὔθ' ἡ κρίσις ἐν ἧ καθέσταμεν, ἀλλὰ περὶ τῶν μεγίστων· οὐ γὰρ περὶ ἐμοῦ μέλλετε μόνον τὴν ψῆφον διοίσειν, ἀλλὰ καὶ περὶ ἐπιτηδεύματος, ᾧ πολλοὶ τῶν νεωτέρων προσέχουσι τὸν νοῦν. [174] Οἶμαι δ' ὑμᾶς οὐκ ἀγνοεῖν ὅτι τὰ πράγματα τῆς πόλεως τοῖς ἐπιγιγνομένοις καὶ τοῖς τηλικούτοις οἱ πρεσβύτεροι παραδιδόασιν. Τοιαύτης οὖν ἀεὶ τῆς περιόδου γιγνομένης ἀναγκαῖόν ἐστιν, ὅπως ἂν οἱ νεώτεροι παιδευθῶσιν, οὕτω τὴν πόλιν πράττουσαν διατελεῖν· ὥστ' οὐ ποιητέον τοὺς συκοφάντας κυρίους τηλικούτου πράγματος, οὐδὲ τοὺς μὲν μὴ δίδοντας τούτοις ἀργύριον τιμωρητέον, παρ' ὧν δ' ἂν λάβωσιν ἐατέον ποιεῖν ὅ τι ἂν βουλευθῶσιν, [175] ἀλλ' εἰ μὲν ἡ φιλοσοφία τοιαύτην ἔχει δύναμιν ὥστε διαφθεῖρειν τοὺς νεωτέρους, οὐ τοῦτον χρῆ μόνον κολάζειν ὃν ἂν γράψηταί τις τούτων, ἀλλὰ πάντας ἐκποδῶν ποιεῖσθαι τοὺς περὶ τὴν διατριβὴν ταύτην ὄντας· εἰ δὲ τοῦναντίον πέφυκεν ὥστ' ὠφελεῖν καὶ βελτίους ποιεῖν τοὺς πλησιάζοντας καὶ πλείονος ἀξίους, τοὺς μὲν διαβεβλημένους πρὸς αὐτὴν παυστέον, τοὺς δὲ συκοφάντας ἀτιμητέον, τοῖς δὲ νεωτέροις συμβουλευτέον ἐν ταύτῃ διατρίβειν μᾶλλον ἢ τοῖς ἄλλοις ἐπιτηδεύμασιν.

[176] Πρὸ πολλῶν δ' ἂν ἐποιησάμην, εἴπερ ἦν εἰμαρμένον μοι φεύγειν τὴν γραφὴν ταύτην, ἀκμάζοντί μοι προσπεσεῖν τὸν κίνδυνον· οὐ γὰρ ἂν ἠθύμουν, ἀλλὰ μᾶλλον οἷός τ' ἂν ἐγενόμην καὶ τὸν κατήγορον ἀμύνασθαι καὶ τῇ φιλοσοφίᾳ βοηθῆσαι· νῦν δὲ φοβοῦμαι μὴ διὰ ταύτην ὑπὲρ ἄλλων πραγμάτων ἐπιεικῶς εἰρηκῶς περὶ αὐτῆς ταύτης χειρὸν τύχῳ διαλεχθεὶς ἢ περὶ ὧν ἦττόν μοι σπουδάσαι προσῆκεν. [177] Καίτοι δεξαίμην ἂν, - εἰρήσεται γὰρ τάληθές, εἰ καὶ μωρὸς ὁ λόγος ἐστίν, - ἤδη τελευτῆσαι τὸν βίον, ἀξίως εἰπὼν τῆς ὑποθέσεως καὶ πείσας ὑμᾶς τοιαύτην εἶναι νομίζειν τὴν τῶν λόγων μελέτην οἷα πέρ ἐστίν, μᾶλλον ἢ ζῆν πολυπλασίῳ χρόνον, ἐφορῶν οὕτως αὐτὴν ὥσπερ νῦν παρ' ὑμῖν φερομένην. [178] Τῆς μὲν οὖν ἐπιθυμίας οἶδ' ὅτι πολὺ καταδεέστερον ἐροῦμεν· ὅμως δ' ὅπως ἂν δύνωμαι πειράσομαι διελθεῖν τὴν τε φύσιν αὐτῆς καὶ τὴν δύναμιν ἣν ἔχει, καὶ ποία τῶν ἄλλων τεχνῶν ὁμοιοειδής ἐστίν καὶ τί τοὺς

συνόντας ὠφελεῖ, καὶ ποίας τινὰς ἡμεῖς ποιούμεθα τὰς ὑποσχέσεις· οἶμαι γὰρ ὑμᾶς μαθόντας τὴν ἀλήθειαν ἄμεινον καὶ βουλευέσασθαι καὶ διαγνώσεσθαι περὶ αὐτῆς. [179] Ἄξιῳ δ' ὑμᾶς, ἦν ἄρα φαίνωμαι λόγους διεξιῶν πολὺ τῶν εἰθισμένων λέγεσθαι παρ' ὑμῖν ἐξηλλαγμένους, μὴ δυσχεραίνειν, ἀλλ' ἔχειν συγγνώμην, ἐνθυμουμένους ὅτι τοὺς περὶ πραγμάτων ἀνομοίων τοῖς ἄλλοις ἀγωνιζομένους ἀναγκαῖόν ἐστιν καὶ τοῖς λόγοις τοιούτοις χρῆσθαι περὶ αὐτῶν. Ὑπομείναντες οὖν τὸν τρόπον τῶν λεγομένων καὶ τὴν παρρησίαν καὶ τὸν χρόνον ἐάσαντες ἀναλῶσαί με τὸν δεδομένον ταῖς ἀπολογίαις, ὅπως ἂν ὑμῶν ἐκάστῳ δοκῇ δίκαιον εἶναι καὶ νόμιμον, οὕτω φέρετε τὴν ψῆφον.

[180] Βούλομαι δὲ περὶ τῆς τῶν λόγων παιδείας ὥσπερ οἱ γενεαλογοῦντες πρῶτον διελθεῖν πρὸς ὑμᾶς. Ὁμολογεῖται μὲν γὰρ τὴν φύσιν ἡμῶν ἕκ τε τοῦ σώματος συγκεῖσθαι καὶ τῆς ψυχῆς· αὐτοῖν δὲ τούτοις οὐδεὶς ἔστιν ὅστις οὐκ ἂν φήσειεν ἡγεμονικωτέραν πεφυκέναι τὴν ψυχὴν καὶ πλείονος ἀξίαν· τῆς μὲν γὰρ ἔργον εἶναι βουλευέσασθαι καὶ περὶ τῶν ἰδίων καὶ περὶ τῶν κοινῶν, τοῦ δὲ σώματος ὑπηρετῆσαι τοῖς ὑπὸ τῆς ψυχῆς γνωσθεῖσιν. [181] Οὕτω δὲ τούτων ἐχόντων, ὀρῶντές τινες τῶν πολὺ πρὸ ἡμῶν γεγονότων περὶ μὲν τῶν ἄλλων πολλὰς τέχνας συνεστηκυίας, περὶ δὲ τὸ σῶμα καὶ τὴν ψυχὴν οὐδὲν τοιοῦτον συντεταγμένον, εὐρόντες διττὰς ἐπιμελείας κατέλιπον ἡμῖν, περὶ μὲν τὰ σώματα τὴν παιδοτριβικὴν, ἣς ἡ γυμναστικὴ μέρος ἐστίν, περὶ δὲ τὰς ψυχὰς τὴν φιλοσοφίαν, περὶ ἧς ἐγὼ μέλλω ποιεῖσθαι τοὺς λόγους, [182] ἀντιστρόφους καὶ σύζυγας καὶ σφίσις αὐταῖς ὁμολογουμένας, δι' ὧν οἱ προεστῶτες αὐτῶν τὰς τε ψυχὰς φρονιμωτέρας καὶ τὰ σώματα χρησιμώτερα παρασκευάζουσιν, οὐ πολὺ διαστησάμενοι τὰς παιδείας ἀπ' ἀλλήλων, ἀλλὰ παραπλησίαις χρώμενοι καὶ ταῖς διδασκαλίαις καὶ ταῖς γυμνασίαις καὶ ταῖς ἄλλαις ἐπιμελείαις. [183] Ἐπειδὴν γὰρ λάβωσι μαθητὰς, οἱ μὲν παιδοτριβῆαι τὰ σχήματα τὰ πρὸς τὴν ἀγωνίαν εὐρημένα τοὺς φοιτῶντας διδάσκουσιν, οἱ δὲ περὶ τὴν φιλοσοφίαν ὄντες τὰς ιδέας ἀπάσας, αἷς ὁ λόγος τυγχάνει χρώμενος, διεξέρχονται τοῖς μαθηταῖς. [184] Ἐμπίρους δὲ τούτων ποιήσαντες καὶ διακριβώσαντες ἐν τούτοις πάλιν γυμνάζουσιν αὐτοὺς καὶ πονεῖν ἐθίζουσι καὶ συνείρειν καθ' ἐν ἑκάστον ὧν ἔμαθον ἀναγκάζουσιν, ἵνα ταῦτα βεβαιότερον κατάσχουσιν καὶ τῶν καιρῶν ἐγγυτέρω ταῖς δόξαις γένωνται. Τῷ μὲν γὰρ εἰδέναι περιλαβεῖν αὐτοὺς οὐχ οἷόν τ' ἐστίν· ἐπὶ γὰρ ἀπάντων τῶν πραγμάτων διαφεύγουσιν τὰς ἐπιστήμας· οἱ δὲ μάλιστα προσέχοντες τὸν νοῦν καὶ δυνάμενοι θεωρεῖν τὸ συμβαῖνον ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ πλειστάκις αὐτῶν τυγχάνουσιν. [185] Τοῦτον δὲ τὸν τρόπον ἐπιμελούμενοι καὶ παιδεύοντες μέχρι μὲν τοῦ γενέσθαι βελτίους αὐτοὺς αὐτῶν τοὺς μαθητὰς, καὶ σχεῖν ἄμεινον τοὺς μὲν τὰς διανοίας, τοὺς δὲ τὰς τῶν σωμάτων ἕξεις, ἀμφοτέρωθεν δύνανται προαγαγεῖν· ἐκείνην δὲ

τὴν ἐπιστήμην οὐδέτεροι τυγχάνουσιν ἔχοντες, δι' ἧς ἂν οἱ μὲν ἀθλητὰς οὖς βουλευθεῖεν, οἱ δὲ ῥήτορας ἱκανοὺς ποιήσαιεν, ἀλλὰ μέρος μὲν ἂν τι συμβάλειντο, τὸ δ' ὅλον αἰδυνάμεις αὐταὶ παραγίγνονται τοῖς καὶ τῇ φύσει καὶ ταῖς ἐπιμελείαις διενεγκοῦσιν.

[186] Ὁ μὲν οὖν τύπος τῆς φιλοσοφίας τοιοῦτός τις ἐστίν. Ἦγοῦμαι δ' ὑμᾶς μᾶλλον ἂν ἔτι καταμαθεῖν τὴν δύναμιν αὐτῆς, εἰ διέλθοιμι τὰς ὑποσχέσεις ἃς ποιούμεθα πρὸς τοὺς πλησιάζειν ἡμῖν βουλομένους. [187] Λέγομεν γὰρ ὡς δεῖ τοὺς μέλλοντας διοίσειν ἢ περὶ τοὺς λόγους ἢ περὶ τὰς πράξεις ἢ περὶ τὰς ἄλλας ἐργασίας πρῶτον μὲν πρὸς τοῦτο πεφυκέναι καλῶς, πρὸς ὅπερ ἂν προηρημένοι τυγχάνωσιν, ἔπειτα παιδευθῆναι καὶ λαβεῖν τὴν ἐπιστήμην, ἣτις ἂν ἢ περὶ ἐκάστου, τρίτον ἐντριβεῖς γενέσθαι καὶ γυμνασθῆναι περὶ τὴν χρεῖαν καὶ τὴν ἐμπειρίαν αὐτῶν· ἐκ τούτων γὰρ ἐν ἀπάσαις ταῖς ἐργασίαις τελείους γίνεσθαι καὶ πολὺ διαφέροντας τῶν ἄλλων. [188] Εἶναι δὲ τούτων προσῆκον ἑκατέρους, τοῖς τε διδάσκουσιν καὶ τοῖς μανθάνουσιν, ἴδιον μὲν τοῖς μὲν εἰσενέγκασθαι τὴν φύσιν οἷαν δεῖ, τοῖς δὲ δύνασθαι παιδεῦσαι τοὺς τοιούτους, κοινὸν δ' ἀμφοτέρων τὸ περὶ τὴν ἐμπειρίαν γυμνάσιον· δεῖν γὰρ τοὺς μὲν ἐπιμελῶς ἐπιστατῆσαι τοῖς παιδευομένοις, τοὺς δ' ἐγκρατῶς ἐμμεῖναι τοῖς προσταττομένοις. [189] Ταῦτα μὲν οὖν ἐστὶν ἃ κατὰ πασῶν λέγομεν τῶν τεχνῶν· εἰ δὲ δὴ τις ἀφέμενος τῶν ἄλλων ἔροίτο με, τί τούτων μεγίστην ἔχει δύναμιν πρὸς τὴν τῶν λόγων παιδείαν, ἀποκριναίμην ἂν ὅτι τὸ τῆς φύσεως ἀνυπέρβλητόν ἐστίν καὶ πολὺ πάντων διαφέρει· τὸν γὰρ ἔχοντα τὴν μὲν ψυχὴν εὐρεῖν καὶ μαθεῖν καὶ πονῆσαι καὶ μνημονεῦσαι δυναμένην, τὴν δὲ φωνὴν καὶ τὴν τοῦ στόματος σαφήνειαν τοιαύτην ὥστε μὴ μόνοις τοῖς λεγομένοις, ἀλλὰ καὶ ταῖς τούτων εὐαρμοστίαις συμπεῖθειν τοὺς ἀκούοντας, [190] ἔτι δὲ τὴν τόλμαν, μὴ τὴν ἀναισχυντίαν σημεῖον γιγνομένην, ἀλλὰ τὴν μετὰ σωφροσύνης οὕτω παρασκευάζουσιν τὴν ψυχὴν ὥστε μηδὲν ἤττον θαρρεῖν ἐν δὴ πᾶσιν τοῖς πολίταις τοὺς λόγους ποιούμενον ἢ πρὸς αὐτὸν διανοούμενον, τίς οὐκ οἶδεν ὅτι τυχῶν ὁ τοιοῦτος παιδείας, μὴ τῆς ἀπηκριβωμένης, ἀλλὰ τῆς ἐπιπολαίου καὶ πᾶσι κοινῆς, τοιοῦτος ἂν εἴη ῥήτωρ οἷος οὐκ οἶδ' εἴ τις τῶν Ἑλλήνων γέγονεν; [191] Καὶ μὲν δὴ κάκείνους ἴσμεν τοὺς καταδεεστέραν μὲν τούτων τὴν φύσιν ἔχοντας, ταῖς δ' ἐμπειρίαις καὶ ταῖς ἐπιμελείαις πρόεχοντας, ὅτι γίγνονται κρείττους οὐ μόνον αὐτῶν, ἀλλὰ καὶ τῶν εὖ μὲν πεφυκότων, λίαν δ' αὐτῶν κατημεληκότων·

ὥσθ' ἐκάτερόν τε τούτων δεινὸν ἂν καὶ λέγειν καὶ πράττειν ποιήσειεν, ἀμφοτέρὰ τε γεγόμενα περὶ τὸν αὐτὸν ἀνυπέρβλητον ἂν τοῖς ἄλλοις ἀποτελέσειεν. [192] Περὶ μὲν οὖν τῆς φύσεως καὶ τῆς ἐμπειρίας ταῦτα γινώσκω· περὶ δὲ τῆς παιδείας οὐκ ἔχω τοιοῦτον λόγον εἰπεῖν· οὔτε γὰρ ὁμοίαν οὔτε παραπλησίαν ἔχει τούτοις τὴν δύναμιν. Εἰ γὰρ τις διακούσειεν ἅπαντα τὰ περὶ τοὺς λόγους καὶ διακριβωθεῖη μᾶλλον τῶν ἄλλων, λόγων μὲν ποιητῆς τυχὸν ἂν χαριέστερος γένοιτο τῶν πολλῶν, εἰς ὄχλον δὲ καταστάς, τούτου μόνον ἀποστερηθεὶς, τοῦ τολμᾶν, οὐδ' ἂν φθέγξασθαι δυνηθεῖη.

[193] Καὶ μηδεὶς οἰέσθω με πρὸς μὲν ὑμᾶς συστέλλειν τὴν ὑπόσχεσιν, ἐπειδὴν δὲ διαλέγωμαι πρὸς τοὺς συνεῖναί μοι βουλομένους, ἅπασαν ὑπ' ἐμαυτῷ ποιεῖσθαι τὴν δύναμιν· φεύγων γὰρ τὰς τοιαύτας αἰτίας, ὅτ' ἠρχόμην περὶ ταύτην εἶναι τὴν πραγματείαν, λόγον διέδωκα γράψας, ἐν ᾧ φανήσομαι τοῖς τε μείζους ποιουμένοις τὰς ὑποσχέσεις ἐπιτιμῶν καὶ τὴν ἐμαυτοῦ γνώμην ἀποφαινόμενος. [194] Ἄ μὲν οὖν κατηγορῶ τῶν ἄλλων παραλείψω· καὶ γὰρ ἐστὶ πλείω τοῦ καιροῦ τοῦ παρόντος· ἃ δ' αὐτὸς ἀποφαίνομαι πειράσομαι διελεθεῖν ὑμῖν. Ἄρχομαι δ' ἐνθένδε ποθέν.

Ἐκ τοῦ Κατὰ τῶν σοφιστῶν.

[195] Ταῦτα κομψοτέρως μὲν πέφρασται τῶν ἔμπροσθεν εἰρημένων, βούλεται δὲ ταῦτὰ δηλοῦν ἐκείνοις. Ὁ χρὴ μέγιστον ὑμῖν γενέσθαι τεκμήριον τῆς ἐμῆς ἐπεικειίας· οὐ γὰρ, ὅτε μὲν ἦν νεώτερος, ἀλαζονευόμενος φαίνομαι καὶ μεγάλας τὰς ὑποσχέσεις ποιούμενος, ἐπειδὴ δ' ἀπολέλαυκα τοῦ πράγματος καὶ πρεσβύτερος γέγονα, τηνικαῦτα ταπεινὴν ποιῶν τὴν φιλοσοφίαν, ἀλλὰ τοῖς αὐτοῖς λόγοις χρώμενος ἀκμάζων καὶ παύόμενος αὐτῆς καὶ θαρρῶν καὶ κινδυνεύων καὶ πρὸς τοὺς βουλομένους πλησιάζειν καὶ πρὸς τοὺς μέλλοντας περὶ μου τὴν ψῆφον οἴσειν,

ὥστ' οὐκ οἶδ' ὅπως ἂν τις ἀληθέστερος ἢ δικαιότερος περὶ αὐτὴν ἐπιδειχθεῖη γεγενημένος.

[196] Ταῦτα μὲν οὖν ἐκείνοις προσκείσθω τοῖς πρότερον περὶ ἡμῶν εἰρημένοις. Οὐκ ἄγνωθ' ὅτι τοὺς δυσκόλως διακειμένους οὐδὲν πω τῶν εἰρημένων ἱκανόν ἐστιν ἀπαλλάξαι τῆς διανοίας ταύτης, ἀλλὰ πολλῶν ἔτι δέονται λόγων καὶ παντοδαπῶν εἰ μέλλουσιν ἐτέραν μεταλήψεσθαι δόξαν ἀνθ' ἧς νῦν τυγχάνουσιν ἔχοντες. [197] Δεῖ δὴ μηδ' ἡμᾶς προαπειπεῖν διδάσκοντας καὶ λέγοντας, ἐξ ὧν δυοῖν θάτερον, ἢ μεταστήσομεν τὰς γνώμας αὐτῶν ἢ τὰς βλασφημίας καὶ κατηγορίας, αἷς χρῶνται καθ' ἡμῶν, ἐξελέγξομεν ψευδεῖς οὔσας.

Εἰσὶν δὲ διτταί. Λέγουσιν γὰρ οἱ μὲν ὡς ἔστιν ἡ περὶ τοὺς σοφιστὰς διατριβὴ φλυαρία καὶ φενακισμός· οὐδεμία γὰρ εὔρηται παιδεία τοιαύτη, δι' ἧς γένοιτό τις ἂν ἢ περὶ τοὺς λόγους δεινότερος ἢ περὶ τὰς πράξεις φρονιμώτερος, ἀλλ' οἱ προέχοντες ἐν τούτοις τῇ φύσει τῶν ἄλλων διαφέρουσιν. [198] οἱ δὲ δεινότερους μὲν ὁμολογοῦσιν εἶναι τοὺς περὶ τὴν μελέτην ταύτην ὄντας, οὐ μὴν ἀλλὰ διαφθείρεσθαι καὶ γίγνεσθαι χεῖρους· ἐπειδὴν γὰρ λάβωσιν δύναμιν, τοῖς ἀλλοτρίοις ἐπιβουλεύειν. Ὡς οὖν οὐδὲν ὑγιὲς οὐδ' ἀληθὲς οὐδέτεροι τούτων λέγουσιν, πολλὰς ἐλπίδας ἔχω πᾶσι φανερόν ποιήσειν.

[199] Πρῶτον δ' ἐνθυμήθητε περὶ τῶν φλυαρίαν φασκόντων εἶναι τὴν παιδείαν, ὡς αὐτοὶ λίαν καταφανῶς ληροῦσιν. Διασύρουσι μὲν γὰρ αὐτὴν ὡς οὐδὲν ὠφελεῖν δυναμένην, ἀλλ' ἀπάτην καὶ φενακισμὸν οὔσαν, ἀξιοῦσι δὲ τοὺς συνόντας ἡμῖν εὐθύς μὲν προσελθόντας διαφέρειν αὐτοὺς αὐτῶν, [200] ὀλίγας δ' ἡμέρας συνδιατρίψαντας σοφωτέρους ἐν τοῖς λόγοις καὶ κρείττους φαίνεσθαι τῶν καὶ ταῖς ἡλικίαις καὶ ταῖς ἐμπειρίαις προεχόντων, ἐνιαυτὸν δὲ μόνον παραμείναντας ῥήτορας ἅπαντας ἀγαθοὺς εἶναι καὶ τελείους καὶ μηδὲν φαυλοτέρους τοὺς ἀμελεῖς τῶν πονεῖν ἐθελόντων μηδὲ τοὺς ἀφυεῖς τῶν τὰς ψυχὰς ἀνδρικὰς ἐχόντων. [201] Καὶ ταῦτα προστάττουσιν, οὔθ' ἡμῶν ἀκηκοότες τοιαύτας ποιουμένων τὰς ὑποσχέσεις οὔτ' ἐν ταῖς ἄλλαις τέχναις καὶ παιδείαις οὐδὲν ἑωρακότες τούτων συμβαῖνον, ἀλλὰ μόλις μὲν ἡμῖν τὰς ἐπιστήμας παραγινομένας, οὐχ ὁμοίως δ' ἀλλήλοις ὅ τι ἂν μάθωμεν ἐξεργαζομένους, ἀλλὰ δύο μὲν ἢ τρεῖς ἐξ ἀπάντων τῶν διδασκαλείων ἀγωνιστὰς γιγνομένους, τοὺς δ' ἄλλους ἐξ αὐτῶν ἰδιώτας ἀπαλλαττομένους.

[202] Καίτοι πῶς οὐκ ἄφρονας εἶναι χρή νομίζειν τοὺς τὰς δυνάμεις ἐν ταῖς ὁμολογουμέναις τῶν τεχνῶν οὐκ ἐνούσας, ταύτας ἀπαιτεῖν τολμῶντας παρὰ ταύτης ἢν οὐκ εἶναι φασιν, καὶ πλείους τὰς ὠφελείας ἀξιοῦντας γίνεσθαι παρὰ τῆς ἀπιστουμένης ὑφ' αὐτῶν ἢ παρὰ τῶν ἀκριβῶς εὐρησθαι δοκουσῶν; [203] Χρὴ δὲ τοὺς νοῦν ἔχοντας οὐκ ἀνωμάλως ποιεῖσθαι τὰς κρίσεις περὶ τῶν ὁμοίων πραγμάτων, οὐδ' ἀποδοκιμάζειν τὴν παιδείαν τὴν ταῦτ' αἰς πλείστα τῶν τεχνῶν ἀπεργαζομένην. Τίς γὰρ οὐκ οἶδεν ὑμῶν πολλοὺς τῶν ὑπὸ τοῖς σοφισταῖς γενομένων οὐ φενακισθέντας οὐδ' οὕτω διατεθέντας ὡς οὗτοι λέγουσιν, [204] ἀλλὰ τοὺς μὲν αὐτῶν ἱκανοὺς ἀγωνιστὰς ἀποτελεσθέντας, τοὺς δὲ παιδεύειν ἐτέρους δυνηθέντας, ὅσοι δ' αὐτῶν ἰδιωτεύειν ἐβουλήθησαν, ἐν τε ταῖς ὁμιλίαις χαριεστέρους ὄντας ἢ πρότερον ἦσαν, τῶν τε λόγων κριτὰς καὶ συμβούλους ἀκριβεστέρους τῶν πλείστων γεγενημένους; Ὡστε πῶς χρή τῆς τοιαύτης διατριβῆς καταφρονεῖν τῆς τοὺς κεκρημένους αὐτῇ τοιούτους παρασκευάζειν δυναμένης;

[205] Ἀλλὰ μὴν καὶ τόδε πάντες ἂν ὁμολογήσειαν, ὅτι τούτους τεχνικωτάτους εἶναι νομίζομεν ἐπὶ πασῶν τῶν τεχνῶν καὶ χειρουργιῶν, οἵτινες ἂν τοὺς μαθητὰς ὡς οἷόν θ' ὁμοιοτάτους ἐργάτας ἀλλήλοις ἀποδείξωσιν. Τῇ τοίνυν φιλοσοφίᾳ φανήσεται καὶ τοῦτο συμβεβηκός. [206] Ὅσοι γὰρ ἡγεμόνος ἔτυχον ἀληθινοῦ καὶ νοῦν ἔχοντος, εὐρεθεῖεν ἂν ἐν τοῖς λόγοις οὕτως ὁμοίαν τὴν δύναμιν ἔχοντες ὥστε πᾶσιν εἶναι φανερόν ὅτι τῆς αὐτῆς παιδείας μετεσχῆκασιν. Καίτοι μηδενὸς ἔθους αὐτοῖς ἐγγενομένου κοινοῦ μηδὲ διατριβῆς τεχνικῆς ὑπαρξάσης οὐκ ἔστιν ὅπως ἂν εἰς τὴν ὁμοιότητα ταύτην κατέστησαν. [207] Ἔτι τοίνυν ὑμῶν αὐτῶν οὐδεὶς ἔστιν ὅστις οὐκ ἂν εἰπεῖν ἔχοι πολλοὺς τῶν συμπαιδευθέντων, οἱ παῖδες μὲν ὄντες ἀμαθέστατοι τῶν ἡλικιωτῶν ἔδοξαν εἶναι, πρεσβύτεροι δὲ γενόμενοι πλέον διήνεγκαν πρὸς τὸ φρονεῖν καὶ λέγειν τῶν αὐτῶν τούτων ὧν παῖδες ὄντες ἀπελείφθησαν. Ὅθεν μάλιστα ἂν τις γνοιῇ τὴν ἐπιμέλειαν, ὅσην ἔχει δύναμιν· δηλον γὰρ ὅτι τότε μὲν ἅπαντες τοιαύταις ἐχρῶντο ταῖς διανοίαις οἷας περὶ ἐξ ἀρχῆς ἔφυσαν ἔχοντες, ἄνδρες δὲ γενόμενοι τούτων διήνεγκαν καὶ μετήλλαξαν τὴν φρόνησιν τῶν τοὺς μὲν ἐκκεχυμένως ζῆν καὶ ραθύμως, τοὺς δὲ τοῖς τε πράγμασιν καὶ σφίσις αὐτοῖς προσέχειν τὸν νοῦν. [208] Ὅπου δὲ καὶ διὰ τὰς αὐτῶν ἐπιμελείας γίνονται τινες βελτίους, πῶς οὐκ ἂν οὗτοι λαβόντες ἐπιστάτην καὶ πρεσβύτερον καὶ πολλῶν πραγμάτων ἔμπειρον, καὶ τὰ μὲν παρειληφότα, τὰ δ' αὐτὸν εὐρηκότα, πολὺ ἂν ἔτι πλέον καὶ σφῶν αὐτῶν καὶ τῶν ἄλλων διήνεγκαν;

[209] Οὐ μόνον δ' ἐκ τούτων, ἀλλὰ καὶ τῶν λοιπῶν εἰκότως ἂν ἅπαντες τὴν ἄγνοιαν θαυμάσειαν τῶν τολμώντων οὕτως εἰκῆ καταφρονεῖν τῆς φιλοσοφίας, πρῶτον μὲν εἰ πάσας τὰς πράξεις καὶ τὰς τέχνας εἰδότες ταῖς μελέταις καὶ ταῖς φιλοπονίαις ἀλίσκομένας πρὸς τὴν τῆς φρονήσεως ἄσκησιν ταῦτα μηδεμίαν ἡγοῦνται δύναμιν ἔχειν, [210] ἔπειτ' εἰ τῶν μὲν σωμάτων μηδὲν οὕτως ἂν φήσειαν εἶναι φαῦλον, ὃ τι γυμνασθὲν καὶ πονῆσαν οὐκ ἂν εἶη βέλτιον, τὰς δὲ ψυχὰς τὰς ἄμεινον πεφυκυίας τῶν σωμάτων μηδὲν ἂν νομίζουσιν γενέσθαι σπουδαιοτέρας παιδευθείσας καὶ τυχοῦσας τῆς προσηκούσης ἐπιμελείας, [211] ἔτι δ' εἰ περὶ τοὺς ἵππους καὶ τοὺς κύνες καὶ τὰ πλεῖστα τῶν ζώων ὀρῶντες τέχνας ἔχοντάς τινας, αἷς τὰ μὲν ἀνδρειότερα, τὰ δὲ πραότερα, τὰ δὲ φρονιμώτερα ποιοῦσιν, περὶ τὴν τῶν ἀνθρώπων φύσιν μηδεμίαν οἶονται τοιαύτην εὐρῆσθαι παιδείαν, ἥτις ἂν αὐτοὺς ἐπὶ τι τούτων ὄνπερ καὶ τὰ θηρία δυνηθεῖη προαγαγεῖν, [212] ἀλλὰ τοσαύτην ἀπάντων ἡμῶν ἀτυχίαν κατεγνώκασιν ὥσθ' ὁμολογήσειαν μὲν ἂν ταῖς ἡμετέραις διανοίαις ἕκαστον τῶν ὄντων βέλτιον γίνεσθαι καὶ χρησιμώτερον, αὐτοὺς δ' ἡμᾶς τοὺς ἔχοντας τὴν φρόνησιν ταύτην, ἧ πάντα πλείονος ἄξια ποιοῦμεν, τολμῶσιν λέγειν ὡς οὐδὲν ἂν ἀλλήλους πρὸς ἐπιείκειαν εὐεργετήσαιμεν. [213] Ὁ δὲ πάντων δεινότατον, ὅτι καθ' ἕκαστον τὸν ἐνιαυτὸν θεωροῦντες ἐν τοῖς θαύμασιν τοὺς μὲν λέοντας πραότερον διακειμένους πρὸς τοὺς θεραπεύοντας ἢ τῶν ἀνθρώπων ἔνιοι πρὸς τοὺς εὖ ποιοῦντας, τὰς δ' ἄρκτους καλινδουμένας καὶ παλαιούσας καὶ μιμουμένας τὰς ἡμετέρας ἐπιστήμας, [214] οὐδ' ἐκ τούτων δύνανται γινῶναι τὴν παιδείαν καὶ τὴν ἐπιμέλειαν, ὅσην ἔχει δύναμιν, οὐδ' ὅτι ταῦτα πολὺ ἂν θᾶττον τὴν ἡμετέραν φύσιν ἢ τὴν ἐκείνων ὠφελήσειεν· ὥστ' ἀπορῶ πότερον ἂν τις δικαιότερον θαυμάσειεν τὰς πραότητας τὰς τοῖς χαλεπωτάτοις τῶν θηρίων ἐγγιγνομένας ἢ τὰς ἀγριότητας τὰς ἐν ταῖς ψυχαῖς τῶν τοιούτων ἀνθρώπων ἐνούσας.

[215] Ἐχοι δ' ἂν τις πλείω περὶ τούτων εἰπεῖν· ἀλλὰ γὰρ ἦν πολλὰ λίαν λέγω περὶ τῶν παρὰ τοῖς πλείστοις ὁμολογουμένων, δέδοικα μὴ περὶ τῶν ἀμφισβητουμένων ἀπορεῖν δόξω. Πausάμενος οὖν τούτων ἐπ' ἐκείνους τρέψομαι τοὺς οὐ καταφρονοῦντας μὲν τῆς φιλοσοφίας, πολὺ δὲ πικρότερον κατηγοροῦντας αὐτῆς, καὶ μεταφέροντας τὰς πονηρίας τὰς τῶν φασκόντων μὲν εἶναι σοφιστῶν, ἄλλο δὲ τι πραττόντων ἐπὶ τοὺς οὐδὲν τῶν αὐτῶν ἐκείνοις ἐπιτηδεύοντας. [216] Ἐγὼ δ' οὐχ ὑπὲρ ἀπάντων τῶν προσποιουμένων δύνασθαι παιδεύειν ποιοῦμαι τοὺς λόγους, ἀλλ' ὑπὲρ τῶν δικαίως τὴν δόξαν ταύτην ἐχόντων. Οἶμαι δὲ σαφῶς ἐπιδείξειν τοὺς κατηγοροῦντας ἡμῶν πολὺ τῆς ἀληθείας διημαρτηκότας, ἥνπερ ἐθελήσητε διὰ τέλους ἀκοῦσαι τῶν λεγομένων.

[217] Πρῶτον μὲν οὖν ὀρίσασθαι δεῖ τίνων ὀρεγόμενοι καὶ τίνος τυχεῖν βουλόμενοι τολμῶσιν τινες ἀδικεῖν· ἦν γὰρ ταῦτα καλῶς περιλάβωμεν, ἄμεινον γνώσεσθε τὰς αἰτίας τὰς καθ' ἡμῶν λεγομένας, εἴτ' ἀληθεῖς εἰσιν εἴτε ψευδεῖς. Ἐγὼ μὲν οὖν ἡδονῆς ἢ κέρδους ἢ τιμῆς ἕνεκά φημι πάντας πάντα πράττειν· ἔξω γὰρ τούτων οὐδεμίαν ἐπιθυμίαν ὀρῶ τοῖς ἀνθρώποις ἐγγιγνομένην. [218] Εἰ δὲ ταῦθ' οὕτως ἔχει, λοιπὸν ἐστὶ σκέψασθαι τί τούτων ἂν ἡμῖν γίγνοιτο διαφθεῖρουσι τοὺς νεωτέρους. Πότερον ἂν ἡσθεῖμεν ὀρῶντες ἢ καὶ πυνθανόμενοι πονηροὺς αὐτοὺς ὄντας καὶ δοκοῦντας τοῖς συμπολιτευομένοις; Καὶ τίς οὕτως ἐστὶν ἀναίσθητος, ὅστις οὐκ ἂν ἀλγήσειεν τοιαύτης διαβολῆς περὶ αὐτὸν γιγνομένης; [219] Ἀλλὰ μὴν οὐδ' ἂν θαυμασθεῖμεν οὐδὲ τιμῆς μεγάλης τύχοιμεν τοιούτους τοὺς συνόντας ἀποπέμποντες, ἀλλὰ πολὺ ἂν μᾶλλον καταφρονηθεῖμεν καὶ μισηθεῖμεν τῶν ταῖς ἄλλαις πονηρίαις ἐνόχων ὄντων. Καὶ μὴν οὐδ' εἰ ταῦτα παρίδοιμεν, χρήματα πλεῖστ' ἂν λάβοιμεν οὕτω τῆς παιδείας προεστῶτες. [220] Οἶμαι γὰρ δήπου τοῦτό γε πάντας γινώσκειν, ὅτι σοφιστῆ μισθὸς κάλλιστός ἐστιν καὶ μέγιστος, ἦν τῶν μαθητῶν τινες καλοὶ κάγαθοὶ καὶ φρόνιμοι γένωνται καὶ παρὰ τοῖς πολίταις εὐδοκιμοῦντες· οἱ μὲν γὰρ τοιοῦτοι πολλοὺς μετασχεῖν τῆς παιδείας εἰς ἐπιθυμίαν καθιστᾶσιν, οἱ δὲ πονηροὶ καὶ τοὺς πρότερον συνεῖναι διανοομένους ἀποτρέπουσιν. Ὡστε τίς ἂν ἐν τούτοις τὸ κρεῖττον ἀγνοήσειεν, οὕτω μεγάλην τὴν διαφορὰν τῶν πραγμάτων ἐχόντων;

[221] Ἴσως οὖν ἂν τις πρὸς ταῦτα τολμήσειεν εἰπεῖν ὡς πολλοὶ τῶν ἀνθρώπων διὰ τὰς ἀκρασίας οὐκ ἐμμένουσι τοῖς λογισμοῖς, ἀλλ' ἀμελήσαντες τοῦ συμφέροντος ἐπὶ τὰς ἡδονὰς ὀρμῶσιν. Ἐγὼ δ' ὁμολογῶ καὶ τῶν ἄλλων πολλοὺς καὶ τῶν προσποιουμένων εἶναι σοφιστῶν ἔχειν τινὰς τὴν φύσιν ταύτην. [222] Ἀλλ' ὅμως οὐδὲ τῶν τοιούτων οὐδεὶς ἐστὶν οὕτως ἀκρατής, ὅστις ἂν δέξαιτο καὶ τοὺς μαθητὰς εἶναι τοιούτους· τῶν μὲν γὰρ ἡδονῶν τῶν διὰ τὴν ἀκρόασιν ἐκείνοις συμβαινουσῶν οὐκ ἂν δύναίτο μετασχεῖν, τῆς δὲ δόξης τῆς διὰ τὴν πονηρίαν γιγνομένης αὐτὸς ἂν τὸ πλεῖστον μέρος ἀπολαύσειεν. Ἐπειτα τίνας ἂν καὶ διαφθείραιεν καὶ τοὺς πῶς διακειμένους λάβοιεν ἂν μαθητὰς; Ἄξιον γὰρ καὶ ταῦτα διελεθῆναι. [223] Πότερον τοὺς ἤδη κακοήθεις ὄντας καὶ πονηροὺς; Καὶ τίς ἂν, ἃ παρὰ τῆς αὐτοῦ φύσεως ἐπίσταται, ταῦτα παρ' ἐτέρου μαθάνειν ἐπιχειρήσειεν; Ἀλλὰ τοὺς ἐπιεικεῖς καὶ χρηστῶν ἐπιτηδευμάτων ἐπιθυμοῦντας; Ἀλλ' οὐδ' ἂν εἷς τῶν τοιούτων τοῖς κακόν τι λέγουσιν ἢ πράττουσι διαλεχθῆναι τολμήσειεν. [224] Ἡδέως δ' ἂν κάκεῖνο πυθοίμην παρὰ τῶν χαλεπῶς ἐχόντων πρὸς ἡμᾶς, τίνα ποτὲ γνώμην ἔχουσι περὶ τῶν ἐκ Σικελίας καὶ τοῦ Πόντου καὶ τῶν ἄλλων τόπων δεῦρο πλεόντων [ὡς ἡμᾶς] ἵνα παιδευθῶσιν. Πότερον αὐτοὺς οἴονται σπανίζοντας ἐκεῖ πονηρῶν ἀνθρώπων ἐνθάδε ποιεῖσθαι τὴν πορείαν; Ἀλλὰ πανταχοῦ πολλὴν ἀφθονίαν εὔροι τις ἂν τῶν συμπονηρεύεσθαι καὶ συνεξαμαρτάνειν βουλομένων. [Ἀλλὰ γὰρ οὐ δίκαιον διὰ τοὺς ἀκρατεῖς καὶ πονηροὺς διαβάλλεσθαι καὶ τοὺς καλῶς τῇ φιλοσοφίᾳ χρωμένους· οὐδὲ γὰρ εἴ τινας τῶν πολιτῶν συκοφάνται καὶ κακοπράγμονες τυγχάνουσιν ὄντες ὡσπερ ὁ κατήγορος, προσήκει καὶ τοὺς ἄλλους ἅπαντας δοκεῖν εἶναι τοιούτους, ἀλλὰ δεῖ χωρὶς περὶ ἐκάστου διαγιγνώσκειν. Τούτου δ' ἕνεκα καὶ τοὺς λόγους ὑμῖν προανέγων καὶ τοὺς πλησιάσαντάς μοι διήλθον, «δηλῶσαι» βουλόμενος ὅσον διέσταμεν ἀλλήλων. Εὐρήσετε γὰρ οὐδὲν τῶν αὐτῶν ἡμᾶς οὔτ' ἐπιτηδεύοντας οὔτε λέγοντας οὔτ' ἀσκοῦντας οὔθ' ὑπισχνουμένους· ἀλλ' οὐδὲ τοὺς πλησιάζοντας τῶν αὐτῶν ἐκατέρους ἕνεκα συνόντας· ἀλλὰ τοὺς μὲν ἀλαζονείας, τοὺς δὲ παιδείας μετασχεῖν βουλομένους. Πρὸς δὲ τούτοις ἴδοιτ' ἂν τοὺς μὲν δικαίως ἂν μισηθέντας [ἐν] ἀπάσαις ταῖς Ἑλληνίσιν πόλεσιν ἐνοχλοῦντας καὶ ζητοῦντας οὔστινας ἐξαπατήσουσιν, ἐπὶ δὲ τοὺς ἀληθεστέρους καὶ σπουδαιοτέρους ἐξ ἀπάντων τῶν τόπων [πρὸς] αὐτοὺς πλέοντας. Περὶ ὧν ἂν ἡδέως Λυσιμάχου πυθοίμην, τίνα ποτὲ γνώμην εἶχε περὶ τῶν ἐκ Σικελίας καὶ τοῦ Πόντου καὶ τῶν ἄλλων τόπων δεῦρο πλεόντων ὡς ἡμᾶς ἵνα παιδευθῶσιν. Πότερον αὐτοὺς οἶεται σπανίζοντας ἐκεῖ πονηρῶν ἀνθρώπων ἐνθάδε ποιεῖσθαι τὴν πορείαν; Ἀλλὰ πανταχοῦ πολλὴν ἀφθονίαν εὔροι τις ἂν τῶν συμπονηρεύεσθαι καὶ συνεξαμαρτάνειν βουλομένων.] [225] Ἀλλ' ἵνα κακοπράγμονες καὶ συκοφάνται γένωνται, πολλὰ χρήματα τελέσαντες; Ἀλλὰ πρῶτον μὲν οἱ ταύτην ἔχοντες τὴν γνώμην πολὺ ἂν ἴδιον τὰ τῶν ἄλλων λάβοιεν ἢ δοῖεν ἐτέροις ὅτιοῦν τῶν σφετέρων αὐτῶν·

ἔτι δὲ τίνες ἂν ὑπὲρ πονηρίας ἀργύριον ἀναλώσειαν, ἐξὸν αὐτοῖς μηδὲν δαπανηθεῖσιν εἶναι τοιούτοις ὅποταν βουληθῶσιν; Οὐ γὰρ μαθεῖν, ἀλλ' ἐπιχειρῆσαι μόνον δεῖ τοῖς τοιούτοις τῶν ἔργων. [226] Ἀλλὰ δῆλον ὅτι καὶ πλέουσι καὶ χρήματα διδόασιν καὶ πάντα ποιοῦσιν νομίζοντες αὐτοὶ τε βελτίους γενήσεσθαι καὶ τοὺς ἐνθάδε παιδεύοντας πολὺ φρονιμωτέρους εἶναι τῶν παρὰ σφίσι αὐτοῖς· ἐφ' οἷς ἄξιον ἦν ἅπαντας τοὺς πολίτας φιλοτιμεῖσθαι καὶ περὶ πολλοῦ ποιεῖσθαι τοὺς αἰτίους τῆ πόλει τῆς δόξης ταύτης γενομένους. [227] Ἀλλὰ γὰρ οὕτω τινὲς ἀγνωμόνως ἔχουσιν ὥστ' εἰδότες καὶ τοὺς ξένους τοὺς ἀφικνουμένους καὶ τοὺς προεστῶτας τῆς παιδείας οὐδὲν κακὸν ἐπιτηδεύοντας, ἀλλ' ἀπραγμονεστάτους μὲν ὄντας τῶν ἐν τῆ πόλει καὶ πλείστην ἡσυχίαν ἄγοντας, προσέχοντας δὲ τὸν νοῦν σφίσι αὐτοῖς καὶ τὰς συνουσίας μετ' ἀλλήλων ποιουμένους, [228] ἔτι δὲ τὰ καθ' ἡμέραν εὐτελέστατα καὶ κοσμιώτατα ζῶντας, καὶ τῶν λόγων ἐπιθυμοῦντας, οὐ τῶν ἐπὶ τοῖς ἰδίους συμβολαίοις λεγομένων οὐδὲ τῶν λυπούντων τινὰς, ἀλλὰ τῶν παρὰ πᾶσιν ἀνθρώποις εὐδοκιοῦντων, ὅμως τολμῶσι βλασφημεῖν περὶ αὐτῶν καὶ λέγειν ὡς ταύτην ποιοῦνται τὴν μελέτην ἴν' ἐν τοῖς ἀγῶσιν παρὰ τὸ δίκαιον πλεονεκτῶσιν. [229] Καίτοι τίνες ἂν ἀδικίαν καὶ κακίαν ἀσκοῦντες σωφρονέστερον τῶν ἄλλων ζῆν ἐθελήσειαν; Τίνας δὲ πόποθ' ἐωράκασιν οἱ ταῦτα λέγοντες ἀναβαλλομένους καὶ θησαυριζομένους τὰς πονηρίας, ἀλλ' οὐκ εὐθὺς τῆ φύσει τῆ παρούση χρωμένους;

[230] Χωρὶς δὲ τούτων, εἴπερ ἢ περὶ τοὺς λόγους δεινότης ποιεῖ τοῖς ἀλλοτρίοις ἐπιβουλεύειν, προσῆκεν ἅπαντας τοὺς δυναμένους εἰπεῖν πολυπράγμονας καὶ συκοφάντας εἶναι· ταῦτό γὰρ αἴτιον ἐν ἅπασιν ταῦτόν πέφυκεν ἐνεργάζεσθαι. [231] Νῦν δ' εὐρήσετε καὶ τῶν ἐν τῷ παρόντι πολιτευομένων καὶ τῶν νεωστὶ τετελευτηκότων τοὺς πλείστην ἐπιμέλειαν τῶν λόγων ποιουμένους βελτίστους ὄντας τῶν ἐπὶ τὸ βῆμα παριόντων, ἔτι δὲ τῶν παλαιῶν τοὺς ἀρίστους ῥήτορας καὶ μεγίστην δόξαν λαβόντας πλείστων ἀγαθῶν αἰτίους τῆ πόλει γεγενημένους, ἀρξαμένους ἀπὸ Σόλωνος. [232] Ἐκεῖνός τε γὰρ προστάτης τοῦ δήμου καταστάς οὕτως ἐνομοθέτησεν καὶ τὰ πράγματα διέταξεν καὶ τὴν πόλιν κατεσκεύασεν ὥστ' ἔτι καὶ νῦν ἀγαπᾶσθαι τὴν διοίκησιν τὴν ὑπ' ἐκείνου συνταχθεῖσαν· μετὰ δὲ ταῦτα Κλεισθένης ἐκπεσὼν ἐκ τῆς πόλεως ὑπὸ τῶν τυράννων, λόγῳ πείσας τοὺς Ἀμφικτύονας δανεῖσαι τῶν τοῦ θεοῦ χρημάτων αὐτῷ, τόν τε δῆμον κατήγαγεν καὶ τοὺς τυράννους ἐξέβαλεν καὶ τὴν δημοκρατίαν ἐκείνην κατέστησεν τὴν αἰτίαν τοῖς Ἕλλησιν τῶν μεγίστων ἀγαθῶν γενομένην·

[233] ἐπὶ δὲ τούτῳ Θεμιστοκλῆς ἡγεμῶν ἐν τῷ πολέμῳ τῷ Περσικῷ γενόμενος, συμβουλεύσας τοῖς προγόνοις ἡμῶν ἐκλιπεῖν τὴν πόλιν, - ὁ τίς ἂν οἶός τ' ἐγένετο πείσαι μὴ πολὺ τῷ λόγῳ διενεγκῶν; - εἰς τοῦτ' αὐτῶν τὰ πράγματα προήγαγεν, ὥστ' ὀλίγας ἡμέρας ἀνάστατοι γενόμενοι πολὺν χρόνον δεσπότηαι τῶν Ἑλλήνων κατέστησαν· [234] τὸ δὲ τελευταῖον Περικλῆς καὶ δημαγωγὸς ὢν ἀγαθὸς καὶ ῥήτωρ ἄριστος οὕτως ἐκόσμησε τὴν πόλιν καὶ τοῖς ἱεροῖς καὶ τοῖς ἀναθήμασιν καὶ τοῖς ἄλλοις ἅπασιν ὥστ' ἔτι καὶ νῦν τοὺς εἰσαφικνουμένους εἰς αὐτὴν νομίζειν μὴ μόνον ἄρχειν ἀξίαν εἶναι τῶν Ἑλλήνων, ἀλλὰ καὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων, καὶ πρὸς τούτοις εἰς τὴν ἀκρόπολιν οὐκ ἐλάττω μυρίων ταλάντων ἀνήνεγκεν. [235] Καὶ τούτων τῶν ἀνδρῶν τῶν τηλικαῦτα διαπραξαμένων οὐδεὶς λόγων ἡμέλησεν, ἀλλὰ τοσοῦτῳ μᾶλλον τῶν ἄλλων προσέσχον αὐτοῖς τὸν νοῦν, ὥστε Σόλων μὲν τῶν ἑπτὰ σοφιστῶν ἐκλήθη καὶ ταύτην ἔσχε τὴν ἐπωνυμίαν τὴν νῦν ἀτιμαζομένην καὶ κρινομένην παρ' ὑμῖν, Περικλῆς δὲ δυοῖν ἐγένετο μαθητῆς, Ἀναξαγόρου τε τοῦ Κλαζομενίου καὶ Δάμωνος τοῦ κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον φρονιμωτάτου δόξαντος εἶναι τῶν πολιτῶν. [236] Ὡστ' ἐκ τίνων ἂν τις ὑμῖν σαφέστερον ἐπιδείξειεν, ὡς οὐχ αἰ δυνάμεις αἰ τῶν λόγων κακοπράγμονας τοὺς ἀνθρώπους ποιοῦσιν; Ἀλλ' οἱ τοιαύτην τὴν φύσιν ἔχοντες οἷαν περ ὁ κατήγορος, πονηροῖς, οἴμαι, καὶ τοῖς λόγοις καὶ τοῖς πράγμασιν χρώμενοι διατελοῦσιν.

[237] Ἐχω δὲ δεῖξαι καὶ τόπους, ἐν οἷς ἔξεστιν ἰδεῖν τοῖς βουλομένοις τοὺς πολυπράγμονας καὶ τοὺς ταῖς αἰτίαις ἐνόχους ὄντας, ἃς οὗτοι τοῖς σοφισταῖς ἐπιφέρουσιν. Ἐν γὰρ ταῖς σανίσιν ταῖς ὑπὸ τῶν ἀρχόντων ἐκτιθεμέναις ἀναγκαῖόν ἐστιν, ἐν μὲν ταῖς τῶν θεσμοθετῶν ἀμφοτέρους ἐνεῖναι, τοὺς τε τὴν πόλιν ἀδικοῦντας καὶ τοὺς συκοφαντοῦντας, ἐν δὲ ταῖς τῶν ἑνδεκα τοὺς τε κακουργοῦντας καὶ τοὺς τούτοις ἐφεστῶτας, ἐν δὲ ταῖς τῶν τετταράκοντα τοὺς τ' ἐν τοῖς ἰδίῳις πράγμασιν ἀδικοῦντας καὶ τοὺς μὴ δικαίως ἐγκαλοῦντας· [238] ἐν αἷς τοῦτον μὲν καὶ τοὺς τούτου φίλους εὔροισι' ἂν ἐν πολλαῖς ἐγγεγραμμένους, ἐμὲ δὲ καὶ τοὺς περὶ τὴν αὐτὴν ἐμοὶ διατριβὴν ὄντας οὐδ' ἐν μιᾷ τούτων ἐνόχους, ἀλλ' οὕτω τὰ περὶ ἡμᾶς αὐτοὺς διοικοῦντας ὥστε μηδὲν δεῖσθαι τῶν ἀγώνων τῶν παρ' ὑμῖν.

[239] Καίτοι τοὺς μήτ' ἐν ταῖς πραγματείαις ταύταις ὄντας μήτ' ἀκολάστως ζῶντας μήτε περὶ ἄλλην πρᾶξιν μηδεμίαν αἰσχρὰν γεγενημένους πῶς οὐκ ἐπαινῆσθαι προσήκει μᾶλλον ἢ κρίνεσθαι; Δῆλον γὰρ ὅτι τοιαῦτα τοὺς συνόντας παιδεύομεν οἷά περ αὐτοὶ τυγχάνομεν ἐπιτηδεύοντες.

[240] Ἔτι τοίνυν γνώσεσθε σαφέστερον ἐκ τῶν ῥηθήσεσθαι μελλόντων, ὡς πόρρω τοῦ διαφθεῖρειν τοὺς νεωτέρους ἐσμέν. Εἰ γάρ τι τοιοῦτον ἐποιῶμεν, οὐκ ἂν Λυσίμαχος ἦν ὁ λυπούμενος ὑπὲρ αὐτῶν οὐδ' ἄλλος οὐδεὶς τῶν τοιούτων, ἀλλὰ τοὺς πατέρας ἂν ἐωρᾶτε τῶν συνόντων ἡμῖν καὶ τοὺς οἰκείους ἀγανακτοῦντας καὶ γραφομένους καὶ δίκην ζητοῦντας παρ' ἡμῶν λαμβάνειν. [241] Νῦν δ' ἐκεῖνοι μὲν συνιστᾶσιν τοὺς παῖδας τοὺς αὐτῶν καὶ χρήματα διδόασιν, καὶ χαίρουσιν ὅπότεν ὀρῶσιν αὐτοὺς μεθ' ἡμῶν ἡμερεύοντας, οἱ δὲ συκοφάνται διαβάλλουσι καὶ πράγματα παρέχουσι ἡμῖν, ὧν τίνες ἂν ἥδιον ἴδοιεν πολλοὺς τῶν πολιτῶν διαφθειρομένους καὶ πονηροὺς γιγνομένους; Ἴσασι γὰρ σφᾶς αὐτοὺς ἐν μὲν τοῖς τοιούτοις δυναστεύοντας, ὑπὸ δὲ τῶν καλῶν κάγαθῶν καὶ νοῦν ἐχόντων ἀπολλυμένους ὅπότεν ληφθῶσιν. [242] Ὡσθ' οὗτοι μὲν σωφρονοῦσιν ἀναιρεῖν ζητοῦντες ἀπάσας τὰς τοιαύτας διατριβὰς, ἐν αἷς ἡγοῦνται βελτίους γενομένους χαλεπωτέρους ἔσεσθαι ταῖς αὐτῶν πονηρίαις καὶ συκοφαντίαις, ὑμᾶς δὲ προσήκει τάναντία τούτοις πράττειν καὶ ταῦτα νομίζειν εἶναι κάλλιστα τῶν ἐπιτηδευμάτων, οἷς ἂν τούτους ὀρᾶτε μάλιστα πολεμοῦντας.

[243] Ἄτοπον δέ τι τυγχάνω πεπονθώς· εἰρήσεται γάρ, εἰ καί τινες λίαν εὐμετάβολον εἶναι με φήσουσιν. Ὀλίγω μὲν γὰρ πρότερον ἔλεγον ὡς πολλοὶ τῶν καλῶν κάγαθῶν ἀνδρῶν διεψευσμένοι τῆς φιλοσοφίας τραχύτερον πρὸς αὐτὴν ἔχουσιν· νῦν δ' οὕτως ἐναργεῖς ὑπέειπα τοὺς λόγους εἶναι τοὺς εἰρημένους καὶ πᾶσι φανεροὺς ὥστ' οὐδεὶς ἀγνοεῖν μοι δοκεῖ τὴν δύναμιν αὐτῆς οὐδὲ καταγιγνώσκειν ἡμῶν ὡς διαφθείρομεν τοὺς μαθητὰς, οὐδὲ πεπονθέναι τοιοῦτον οὐδὲν οἶον αὐτοὺς ὀλίγω πρότερον ἠτιώμην· [244] ἀλλ' εἰ δεῖ τάληθές εἰπεῖν καὶ τὸ νῦν ἐν τῇ διανοίᾳ μοι παρεστηκός, ἠγοῦμαι πάντας τοὺς φιλοτίμως διακειμένους, ἐπιθυμητικῶς ἔχοντας τοῦ φρονεῖν εὖ καὶ λέγειν, αὐτοὺς μὲν ἀμελεῖν τούτων, τοὺς μὲν διὰ ῥαθυμίαν, τοὺς δὲ καταμεμφομένους τὴν φύσιν τὴν αὐτῶν, τοὺς δὲ δι' ἄλλας τινὰς προφάσεις, παμπληθεῖς δ' εἰσὶν, [245] πρὸς δὲ τοὺς πολλὴν ἐπιμέλειαν ποιουμένους καὶ τυχεῖν βουλομένους, ὧν εἰς ἐπιθυμίαν αὐτοὶ καθεστᾶσιν, δυσκόλως ἔχειν καὶ ζηλοτυπεῖν καὶ τὰς ψυχὰς τεταραγμένως διακεῖσθαι καὶ πεπονθέναι παραπλήσια τοῖς ἐρώσιν· τίνα γὰρ ἂν τις αὐτοῖς ἐπενεγκεῖν αἰτίαν ἔχοι πρεπωδεστέραν ταύτης; [246] Οἵτινες μακαρίζουσι μὲν καὶ ζηλοῦσι τοὺς καλῶς χρῆσθαι τῷ λόγῳ δυναμένους, ἐπιτιμῶσιν δὲ τῶν νεωτέρων τοῖς τυχεῖν ταύτης τῆς τιμῆς βουλομένοις. Καὶ τοῖς μὲν θεοῖς οὐδεὶς ἔστιν ὅστις οὐκ ἂν εὐξαιτο μάλιστα μὲν αὐτὸς δύνασθαι λέγειν, εἰ δὲ μὴ, τοὺς παῖδας καὶ τοὺς οἰκείους τοὺς αὐτοῦ. [247] Τοὺς δὲ πόνῳ καὶ φιλοσοφίᾳ τοῦτο κατεργάσασθαι πειρωμένους, ὁ παρὰ τῶν θεῶν αὐτοὶ βούλονται λαβεῖν, οὐδὲν φασιν τῶν δεόντων πράττειν, ἀλλ' ἐνίοτε μὲν ὡς ἐξηπατημένων καὶ πεφενაკισμένων προσποιῶνται καταγελαῖν αὐτῶν, ὁπότεν δὲ τύχῳσι, μεταβαλόντες ὡς περὶ πλεονεκτεῖν δυναμένων τοὺς λόγους ποιῶνται. [248] Καὶ συμβούλοις μὲν, ὅταν κίνδυνός τις καταλάβῃ τὴν πόλιν, τοῖς ἄριστα περὶ τῶν πραγμάτων λέγουσιν, τούτοις χρῶνται, καὶ πράττουσιν ὅ τι ἂν οἱ τοιοῦτοι παραινέσωσιν· περὶ δὲ τοὺς ἔργον ποιουμένους ὅπως χρησίμους αὐτοὺς ἐν τοῖς καιροῖς τοῖς τοιούτοις τῇ πόλει παρασχῆσουσιν, βλασφημεῖν οἶονται χρῆναι. Καὶ Θηβαίοις μὲν καὶ τοῖς ἄλλοις ἐχθροῖς τὴν ἀμαθίαν ὀνειδίζουσιν, τοὺς δ' ἐκ παντὸς τρόπου ζητοῦντας τὴν νόσον ταύτην διαφυγεῖν λοιδοροῦντες διατελοῦσιν. [249] Ὁ δ' οὐ μόνον ταραχῆς σημεῖόν ἐστιν, ἀλλὰ καὶ τῆς περὶ τοὺς θεοὺς ὀλιγωρίας· τὴν μὲν γὰρ Πειθῶ μίαν τῶν θεῶν νομίζουσιν εἶναι καὶ τὴν πόλιν ὀρῶσιν καθ' ἕκαστον τὸν ἐνιαυτὸν θυσίαν αὐτῇ ποιουμένην, τοὺς δὲ τῆς δυνάμεως ἧς ἡ θεὸς ἔχει μετασχεῖν βουλομένους ὡς κακοῦ πράγματος ἐπιθυμοῦντας διαφθείρεσθαί φασιν.

[250] Ὁ δὲ πάντων δεινότατον, ὅτι προκρίναιεν μὲν ἂν τὴν ψυχὴν σπουδαιοτέραν εἶναι τοῦ σώματος, οὕτω δὲ γινώσκοντες ἀποδέχονται μᾶλλον τοὺς γυμναζομένους τῶν φιλοσοφούντων. Καίτοι πῶς οὐκ ἄλογον τοὺς τοῦ φαυλοτέρου ποιουμένους τὴν ἐπιμέλειαν ἐπαινεῖν μᾶλλον ἢ τοὺς τοῦ σπουδαιοτέρου, καὶ ταῦτα πάντων εἰδόντων διὰ μὲν εὐεξίαν σώματος οὐδὲν πώποτε τὴν πόλιν τῶν ἐλλογίμων ἔργων διαπραξαμένην, διὰ δὲ φρόνησιν ἀνδρὸς εὐδαιμονεστάτην καὶ μεγίστην τῶν Ἑλληνίδων πόλεων γενομένην;

[251] Πολὺ δ' ἂν τις ἔχοι πλείους τούτων ἐναντιώσεις συναγαγεῖν τῶν ἀκμαζόντων τε μᾶλλον ἢ γὰρ καὶ τοῦ καιροῦ τοῦ παρόντος μὴ φρονιζόντων ἐπεὶ καὶ τάδε περὶ τῶν αὐτῶν τούτων ἔνεστιν εἰπεῖν. Φέρε γὰρ, εἴ τινες πολλὰ χρήματα παρὰ τῶν προγόνων παραλαβόντες τῇ μὲν πόλει μηδὲν εἶεν χρήσιμοι, τοὺς δὲ πολίτας ὑβρίζοιεν καὶ τοὺς τε παῖδας καὶ τὰς γυναῖκας αἰσχύνοιεν, ἔστιν ὅστις ἂν τοὺς αἰτίους τοῦ πλούτου μέμψασθαι τολμήσειεν, ἀλλ' οὐκ ἂν αὐτοὺς τοὺς ἐξαμαρτάνοντας κολάζειν ἀξιώσειεν; [252] Τί δ' εἴ τινες ὅπλομαχεῖν μαθόντες πρὸς μὲν τοὺς πολεμίους μὴ χρῶντο ταῖς ἐπιστήμαις, ἐπανάστασιν δὲ ποιήσαντες πολλοὺς τῶν πολιτῶν διαφθείραιοιεν, ἢ καὶ πυκτεύειν καὶ παγκρατιάζειν ὡς οἷόν τ' ἄριστα παιδευθέντες τῶν μὲν ἀγώνων ἀμελοῖεν, τοὺς δ' ἀπαντῶντας τύπτοιεν, τίς οὐκ ἂν τούτων τοὺς μὲν διδασκάλους ἐπαινέσειεν, τοὺς δὲ κακῶς χρωμένους οἷς ἔμαθον ἀποκτείνειεν;

[253] Οὐκοῦν χρὴ καὶ περὶ τῶν λόγων τὴν αὐτὴν ἔχειν διάνοιαν ἢ περὶ τῶν ἄλλων, καὶ μὴ περὶ τῶν ὁμοίων τὰναντία γινώσκειν, μηδὲ πρὸς τοιοῦτον πρᾶγμα δυσμενῶς φαίνεσθαι διακειμένους, ὃ πάντων τῶν ἐνόντων ἐν τῇ τῶν ἀνθρώπων φύσει πλείστων ἀγαθῶν αἰτιὸν ἐστίν. Τοῖς μὲν γὰρ ἄλλοις οἷς ἔχομεν, ἅπερ ἤδη καὶ πρότερον εἶπον, οὐδὲν τῶν ζῶων διαφέρομεν, ἀλλὰ πολλῶν καὶ τῷ τάχει καὶ τῇ ῥώμῃ καὶ ταῖς ἄλλαις εὐπορίαις καταδεέστεροι τυγχάνομεν ὄντες. [254] ἐγγενομένου δ' ἡμῖν τοῦ πείθειν ἀλλήλους καὶ δηλοῦν πρὸς ἡμᾶς αὐτοὺς περὶ ὧν ἂν βουλευθῶμεν, οὐ μόνον τοῦ θηριωδῶς ζῆν ἀπηλλάγημεν, ἀλλὰ καὶ συνελθόντες πόλεις ᾠκίσσαμεν καὶ νόμους ἐθέμεθα καὶ τέχνας εὕρομεν, καὶ σχεδὸν ἅπαντα τὰ δι' ἡμῶν μεμηχανημένα λόγος ἡμῖν ἐστίν ὁ συγκατασκευάσας. [255] Οὗτος γὰρ περὶ τῶν δικαίων καὶ τῶν ἀδίκων καὶ τῶν καλῶν καὶ τῶν αἰσχυρῶν ἐνομοθέτησεν, ὧν μὴ διαταχθέντων οὐκ ἂν οἷόι τ' ἦμεν οἰκεῖν μετ' ἀλλήλων. Τούτῳ καὶ τοὺς κακοὺς ἐξελέγχομεν καὶ τοὺς ἀγαθοὺς ἐγκωμιάζομεν.

Διὰ τούτου τούς τ' ἀνοήτους παιδεύομεν καὶ τοὺς φρονίμους δοκιμάζομεν· τὸ γὰρ λέγειν ὡς δεῖ τοῦ φρονεῖν εὖ μέγιστον σημεῖον ποιούμεθα, καὶ λόγος ἀληθῆς καὶ νόμιμος καὶ δίκαιος ψυχῆς ἀγαθῆς καὶ πιστῆς εἶδωλόν ἐστιν. [256] Μετὰ τούτου καὶ περὶ τῶν ἀμφισβητησίμων ἀγωνιζόμεθα καὶ περὶ τῶν ἀγνοουμένων σκοπούμεθα· ταῖς γὰρ πίστεσιν, αἷς τοὺς ἄλλους λέγοντες πείθομεν, ταῖς αὐταῖς ταύταις βουλευόμενοι χρώμεθα, καὶ ῥητορικοὺς μὲν καλοῦμεν τοὺς ἐν τῷ πλήθει λέγειν δυναμένους, εὐβούλους δὲ νομίζομεν, οἵτινες ἂν αὐτοὶ πρὸς αὐτοὺς ἄριστα περὶ τῶν πραγμάτων διαλεχθῶσιν. [257] Εἰ δὲ δεῖ συλλήβδην περὶ τῆς δυνάμεως ταύτης εἰπεῖν, οὐδὲν τῶν φρονίμωςπραπτομένων εὐρήσομεν ἀλόγως γιγνόμενον, ἀλλὰ καὶ τῶν ἔργων καὶ τῶν διανοημάτων ἀπάντων ἡγεμόνα λόγον ὄντα, καὶ μάλιστα χρωμένους αὐτῷ τοὺς πλεῖστον νοῦν ἔχοντας. ἽΩν οὐδὲν ἐνθυμηθεὶς Λυσίμαχος κατηγορεῖν ἐτόλμησε τῶν ἐπιθυμούντων τοιοῦτου πράγματος, ὃ τοσοῦτων τὸ πλῆθος καὶ τηλικούτων τὸ μέγεθος ἀγαθῶν αἰτίον ἐστιν.

[258] Καὶ τί δεῖ τούτου θαυμάζειν, ὅπου καὶ τῶν περὶ τὰς ἔριδας σπουδαζόντων ἔνιοι τινες ὁμοίως βλασφημοῦσιν περὶ τῶν λόγων τῶν κοινῶν καὶ τῶν χρησίμων ὥσπερ οἱ φαυλότατοι τῶν ἀνθρώπων, οὐκ ἀγνοοῦντες τὴν δύναμιν αὐτῶν, οὐδ' ὅτι τάχιστ' ἂν οὗτοι τοὺς χρωμένους ὠφελήσειαν, ἀλλ' ἐλπίζοντες, ἦν τούτους διαβάλωσιν, τοὺς αὐτῶν ἐντιμότερους ποιήσειν. [259] Περὶ ὧν δυνηθεῖην μὲν ἂν ἴσως διαλεχθῆναι πολὺ πικρότερον ἢ 'κεῖνοι περὶ ἡμῶν· οὐδέτερον δ' οἶμαι δεῖν, οὐθ' ὅμοιος γίγνεσθαι τοῖς ὑπὸ τοῦ φθόνου διεφθαρμένοις, οὔτε ψέγειν τοὺς μηδὲν μὲν κακὸν τοὺς συνόντας ἐργαζομένους, ἤττον δ' ἐτέρων εὐεργετεῖν δυναμένους. Οὐ μὴν ἀλλὰ μικρά γε μνησθήσομαι περὶ αὐτῶν, μάλιστα μὲν ὅτι κάκεῖνοι περὶ ἡμῶν, ἔπειθ' ὅπως ἂν ὑμεῖς σαφέστερον εἰδότες τὴν δύναμιν αὐτῶν οὕτω διακέησθε πρὸς ἐκάστους ἡμῶν ὥσπερ δίκαιόν ἐστιν, [260] πρὸς δὲ τούτοις ἵνα καὶ τοῦτο ποιήσω φανερόν, ὅτι περὶ τοὺς πολιτικοὺς λόγους ἡμεῖς ὄντες, οὓς ἐκεῖνοί φασιν εἶναι φιλαπεχθήμονας, πολὺ πραότεροι τυγχάνομεν αὐτῶν ὄντες· οἱ μὲν γὰρ ἀεὶ τι περὶ ἡμῶν φλαῦρον λέγουσιν, ἐγὼ δ' οὐδὲν ἂν εἴποιμι τοιοῦτον, ἀλλὰ ταῖς ἀληθείαις χρήσομαι περὶ αὐτῶν. [261] Ἦγοῦμαι γὰρ καὶ τοὺς ἐν τοῖς ἐριστικοῖς λόγοις δυναστεύοντας καὶ τοὺς περὶ τὴν ἀστρολογίαν καὶ γεωμετρίαν καὶ τὰ τοιαῦτα τῶν μαθημάτων διατρίβοντας οὐ βλάπτειν, ἀλλ' ὠφελεῖν τοὺς συνόντας, ἐλάττω μὲν ὧν ὑπισχνοῦνται, πλείω δ' ὧν τοῖς ἄλλοις δοκοῦσιν. [262] Οἱ μὲν γὰρ πλεῖστοι τῶν ἀνθρώπων ὑπειλήφασιν ἀδολεσχίαν καὶ μικρολογίαν εἶναι τὰ τοιαῦτα τῶν μαθημάτων· οὐδὲν γὰρ αὐτῶν οὐτ' ἐπὶ τῶν ἰδίων οὐτ' ἐπὶ τῶν κοινῶν εἶναι χρήσιμον, ἀλλ' οὐδ' ἐν ταῖς μνειαῖς οὐδένα χρόνον ἐμμένειν ταῖς τῶν μαθόντων διὰ τὸ

μήτε τῷ βίῳ παρακολουθεῖν μήτε ταῖς πράξεσιν ἐπαμύνειν, ἀλλ' ἔξω παντάπασι εἶναι τῶν ἀναγκαίων. [263] Ἐγὼ δ' οὐθ' οὕτως οὔτε πόρρω τούτων ἔγνωκα περὶ αὐτῶν, ἀλλ' οἷ τε νομίζοντες μηδὲν χρησίμην εἶναι τὴν παιδείαν ταύτην πρὸς τὰς πράξεις ὀρθῶς μοι δοκοῦσιν γινώσκειν, οἷ τ' ἐπαινοῦντες αὐτὴν ἀληθῆ λέγειν. Διὰ τοῦτο δ' οὐχ ὁμολογούμενον αὐτὸν αὐτῷ τὸν λόγον εἶρηκα, διότι καὶ ταῦτα τὰ μαθήματα τὴν φύσιν οὐδὲν ὁμοίαν ἔχει τοῖς ἄλλοις οἷς διδασκόμεθα. [264] Τὰ μὲν γὰρ ἄλλα τότε ὠφελεῖν ἡμᾶς πέφυκεν ὅταν λάβωμεν αὐτῶν τὴν ἐπιστήμην, ταῦτα δὲ τοὺς μὲν ἀπηκριβωμένους οὐδὲν ἂν εὐεργετήσειεν πλὴν τοὺς ἐντεῦθεν ζῆν προηρημένους, τοὺς δὲ μανθάνοντας ὀνήνησιν. [265] περὶ γὰρ τὴν περιττολογίαν καὶ τὴν ἀκρίβειαν τῆς ἀστρολογίας καὶ γεωμετρίας διατριβόντες καὶ δυσκαταμαθήτοις πράγμασιν ἀναγκαζόμενοι προσέχειν τὸν νοῦν, ἔτι δὲ συνεθιζόμενοι μένειν καὶ πονεῖν ἐπὶ τοῖς λεγομένοις καὶ δεικνυμένοις καὶ μὴ πεπλανημένην ἔχειν τὴν διάνοιαν, ἐν τούτοις γυμνασθέντες καὶ παροξυνθέντες ῥᾶον καὶ θάπτον τὰ σπουδαιότερα καὶ πλείονος ἄξια τῶν πραγμάτων ἀποδέχεσθαι καὶ μανθάνειν δύνανται. [266] Φιλοσοφίαν μὲν οὖν οὐκ οἶμαι δεῖν προσαγορεύειν τὴν μηδὲν ἐν τῷ παρόντι μήτε πρὸς τὸ λέγειν μήτε πρὸς τὸ πράττειν ὠφελούσαν, γυμνασίαν μὲντοι τῆς ψυχῆς καὶ παρασκευὴν φιλοσοφίας καλῶ τὴν διατριβὴν τὴν τοιαύτην, ἀνδρικωτέραν μὲν ἤς οἱ παῖδες ἐν τοῖς διδασκαλείοις ποιοῦνται, τὰ δὲ πλεῖστα παραπλησίαν. [267] καὶ γὰρ ἐκείνων οἱ περὶ τὴν γραμματικὴν καὶ τὴν μουσικὴν καὶ τὴν ἄλλην παιδείαν διαπονηθέντες πρὸς μὲν τὸ βέλτιον εἰπεῖν ἢ βουλευσασθαι περὶ τῶν πραγμάτων οὐδεμίαν πω λαμβάνουσιν ἐπίδοσιν, αὐτοὶ δ' αὐτῶν εὐμαθέστεροι γίνονται πρὸς τὰ μείζω καὶ σπουδαιότερα τῶν μαθημάτων. [268] Διατριῦσαι μὲν οὖν περὶ τὰς παιδείας ταύτας χρόνον τινὰ συμβουλευσάμ' ἂν τοῖς νεωτέροις, μὴ μὲντοι περιδεῖν τὴν φύσιν τὴν αὐτῶν κατασκελετευθεῖσαν ἐπὶ τούτοις μηδ' ἐξοκείλασαν εἰς τοὺς λόγους τοὺς τῶν παλαιῶν σοφιστῶν, ὧν ὁ μὲν ἄπειρον τὸ πλῆθος ἔφησεν εἶναι τῶν ὄντων, Ἐμπεδοκλῆς δὲ τέτταρα καὶ νεῖκος καὶ φιλίαν ἐν αὐτοῖς, Ἴων δ' οὐ πλείω τριῶν, Ἀλκμέων δὲ δύο μόνα, Παρμενίδης δὲ καὶ Μέλισσος ἓν, Γοργίας δὲ παντελῶς οὐδέν. [269] Ἦγοῦμαι γὰρ τὰς μὲν τοιαύτας τερατολογίας ὁμοίας εἶναι ταῖς θαυματοποιαῖς ταῖς οὐδὲν μὲν ὠφελούσαις, ὑπὸ δὲ τῶν ἀνοήτων περιστάτοις γιγνομέναις, δεῖν δὲ τοὺς προὔργου τι ποιεῖν βουλομένους καὶ τῶν λόγων τοὺς ματαίους καὶ τῶν πράξεων τὰς μηδὲν πρὸς τὸν βίον φερούσας ἀνααιρεῖν ἐξ ἀπασῶν τῶν διατριβῶν.

[270] Περὶ μὲν οὖν τούτων ἀπόκρισι μοι τὸ νῦν εἶναι ταῦτ' εἰρηκέναι καὶ συμβεβουλευκέναι· περὶ δὲ σοφίας καὶ φιλοσοφίας, τοῖς μὲν περὶ ἄλλων τινῶν ἀγωνιζομένοις οὐκ ἂν ἀρμόσειε λέγειν περὶ τῶν ὀνομάτων τούτων, - ἔστιν γὰρ ἀλλότρια πάσαις ταῖς πραγματείαις, - ἔμοι δ' ἐπειδὴ καὶ κρίνομαι περὶ τῶν τοιούτων καὶ τὴν καλουμένην ὑπὸ τινῶν φιλοσοφίαν οὐκ εἶναι φημι, προσήκει τὴν δικαίως ἂν νομιζομένην ὀρίσαι καὶ δηλῶσαι πρὸς ὑμᾶς. [271] Ἀπλῶς δὲ πως τυγχάνω γινώσκων περὶ αὐτῶν. Ἐπειδὴ γὰρ οὐκ ἔνεστιν ἐν τῇ φύσει τῇ τῶν ἀνθρώπων ἐπιστήμην λαβεῖν, ἣν ἔχοντες ἂν εἰδεῖμεν ὅ τι πρακτέον ἢ λεκτέον ἐστίν, ἐκ τῶν λοιπῶν σοφοὺς μὲν νομίζω τοὺς ταῖς δόξαις ἐπιτυγχάνειν ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ τοῦ βελτίστου δυναμένους, φιλοσόφους δὲ τοὺς ἐν τούτοις διατρίβοντας, ἐξ ὧν τάχιστα λήψονται τὴν τοιαύτην φρόνησιν. [272] Ἄ δ' ἐστὶ τῶν ἐπιτηδευμάτων ταύτην ἔχοντα τὴν δύναμιν ἔχω μὲν εἰπεῖν, ὀκνῶ δὲ λέγειν· οὕτω γὰρ ἐστὶν σφόδρα καὶ παράδοξα καὶ πολὺ τῆς τῶν ἄλλων ἀφεστῶτα διανοίας, ὥστε φοβοῦμαι μὴ τὴν ἀρχὴν αὐτῶν ἀκούσαντες θορύβου καὶ βοῆς ἅπαν ἐμπλήσητε τὸ δικαστήριον. Ὅμως δὲ καίπερ οὕτω διακείμενος ἐπιχειρήσω διαλεχθῆναι περὶ αὐτῶν· αἰσχύνομαι γὰρ, εἴ τιςιν δόξω δεδιῶς ὑπὲρ γήρωσ καὶ μικροῦ βίου προδιδόναι τὴν ἀλήθειαν. [273] Δέομαι δ' ὑμῶν μὴ προκαταγνῶναί μου τοιαύτην μανίαν, ὡς ἄρ' ἐγὼ κινδυνεύων προειλόμην ἂν λόγους εἰπεῖν ἐναντίους ταῖς ὑμετέραις γνώμαις, εἰ μὴ καὶ τοῖς προειρημένοις ἀκολουθῶντες αὐτοὺς ἐνόμιζον εἶναι καὶ τὰς ἀποδείξεις ἀληθεῖς καὶ σαφεῖς ὧμην ἔχειν ὑπὲρ αὐτῶν. [274] Ἦγοῦμαι δὲ τοιαύτην μὲν τέχνην, ἣτις τοῖς κακῶς πεφυκόσιν πρὸς ἀρετὴν σωφροσύνην ἐνεργάσαιτ' ἂν καὶ δικαιοσύνην, οὔτε πρότερον οὔτε νῦν οὐδεμίαν εἶναι, τοὺς τε τὰς ὑποσχέσεις ποιουμένους περὶ αὐτῶν πρότερον ἀπερεῖν καὶ παύσεσθαι ληροῦντας [275] πρὶν εὔρεθῆναι τινα παιδείαν τοιαύτην, οὐ μὴν ἀλλ' αὐτοὺς γ' αὐτῶν βελτίους ἂν γίνεσθαι καὶ πλείονος ἀξίους εἰ πρὸς τε τὸ λέγειν εὖ φιλοτίμως διατεθεῖεν καὶ τοῦ πείθειν δύνασθαι τοὺς ἀκούοντας ἐρασθεῖεν καὶ πρὸς τούτοις τῆς πλεονεξίας ἐπιθυμήσαιεν, μὴ τῆς ὑπὸ τῶν ἀνοήτων νομιζομένης, ἀλλὰ τῆς ὡς ἀληθῶς τὴν δύναμιν ταύτην ἐχούσης.

[276] Καὶ ταῦθ' ὡς οὕτω πέφυκεν ταχέως οἶμαι δηλώσειν. Πρῶτον μὲν γὰρ ὁ λέγειν ἢ γράφειν προαιρούμενος λόγους ἀξιόους ἐπαίνου καὶ τιμῆς οὐκ ἔστιν ὅπως ποιήσεται τὰς ὑποθέσεις ἀδίκους ἢ μικρὰς ἢ περὶ τῶν ἰδίων συμβολαίων, ἀλλὰ μεγάλας καὶ καλὰς καὶ φιλανθρώπους καὶ περὶ τῶν κοινῶν πραγμάτων· μὴ γὰρ τοιαύτας εὐρίσκων οὐδὲν διαπράττει τῶν δεόντων. [277] Ἐπειτα τῶν πράξεων τῶν συντεινουσῶν πρὸς τὴν ὑπόθεσιν ἐκλέγεται τὰς πρεπωδεστάτας καὶ μάλιστα συμφερούσας· ὁ δὲ τὰς τοιαύτας συνεπιζόμενος θεωρεῖν καὶ δοκιμάζειν οὐ μόνον περὶ τὸν ἐνεστῶτα λόγον, ἀλλὰ καὶ περὶ τὰς ἄλλας πράξεις τὴν αὐτὴν ἔξει ταύτην δύναμιν, ὥσθ' ἅμα τὸ λέγειν εὖ καὶ τὸ φρονεῖν παραγενήσεται τοῖς φιλοσόφως καὶ φιλοτίμως πρὸς τοὺς λόγους διακειμένοις. [278] Καὶ μὴν οὐδ' ὁ πείθειν βουλόμενος ἀμελήσει τῆς ἀρετῆς, ἀλλὰ τούτῳ μάλιστα προσέξει τὸν νοῦν, ὅπως δόξαν ὡς ἐπιεικεστάτην λήψεται παρὰ τοῖς συμπολιτευομένοις. Τίς γὰρ οὐκ οἶδεν καὶ τοὺς λόγους ἀληθεστέρους δοκοῦντας εἶναι τοὺς ὑπὸ τῶν εὖ διακειμένων λεγομένους ἢ τοὺς ὑπὸ τῶν διαβεβλημένων, καὶ τὰς πίστεις μεῖζον δυναμένας τὰς ἐκ τοῦ βίου γεγενημένας ἢ τὰς ὑπὸ τοῦ λόγου πεπορισμένας; Ὡσθ' ὅσῳ περ ἂν τις ἐρρωμενεστέρω ἐπιθυμῇ πείθειν τοὺς ἀκούοντας, τοσοῦτῳ μᾶλλον ἀσκήσει καλὸς κάγαθὸς εἶναι καὶ παρὰ τοῖς πολίταις εὐδοκιμεῖν. [279] Καὶ μηδεὶς ὑμῶν οἰέσθω τοὺς μὲν ἄλλους ἅπαντας γινώσκειν ὅσῃν ἔχει ῥοπήν εἰς τὸ πείθειν τὸ τοῖς κρίνουσιν ἀρέσκειν, τοὺς δὲ περὶ τὴν φιλοσοφίαν ὄντας μόνους ἀγνοεῖν τὴν τῆς εὐνοίας δύναμιν· πολὺ γὰρ ἀκριβέστερον τῶν ἄλλων καὶ ταῦτ' ἴσασιν, [280] καὶ πρὸς τούτοις, ὅτι τὰ μὲν εἰκότα καὶ τὰ τεκμήρια καὶ πᾶν τὸ τῶν πίστεων εἶδος τοῦτο μόνον ὠφελεῖ τὸ μέρος ἐφ' ᾧ περ ἂν αὐτῶν ἕκαστον τύχη ῥηθὲν, τὸ δὲ δοκεῖν εἶναι καλὸν κάγαθον οὐ μόνον τὸν λόγον πιστότερον ἐποίησεν, ἀλλὰ καὶ τὰς πράξεις τοῦ τὴν τοιαύτην δόξαν ἔχοντος ἐντιμοτέρας κατέστησεν, ὑπὲρ οὗ σπουδαστέον ἐστὶν τοῖς εὖ φρονοῦσιν μᾶλλον ἢ περὶ τῶν ἄλλων ἀπάντων.

[281] Τὸ τοίνυν περὶ τὴν πλεονεξίαν, ὃ δυσχερέστατον ἦν τῶν ῥηθέντων· εἰ μὲν τις ὑπολαμβάνει τοὺς ἀποστεροῦντας ἢ παραλογιζομένους ἢ κακόν τι ποιοῦντας πλεονεκτεῖν, οὐκ ὀρθῶς ἔγνωκεν· οὐδένες γὰρ ἐν ἅπαντι τῷ βίῳ μᾶλλον ἐλαττοῦνται τῶν τοιούτων, οὐδ' ἐν πλείοσιν ἀπορίαις εἰσὶν, οὐδ' ἐπονειδιστότερον ζῶσιν, οὐδ' ὅλως ἀθλιώτεροι τυγχάνουσιν ὄντες·

[282] χρῆ δὲ καὶ νῦν πλέον ἔχειν ἡγεῖσθαι καὶ πλεονεκτῆσειν νομίζουσιν παρὰ μὲν τῶν θεῶν τοὺς εὐσεβεστάτους καὶ τοὺς περὶ τὴν θεραπείαν τὴν ἐκείνων ἐπιμελεστάτους ὄντας, παρὰ δὲ τῶν ἀνθρώπων τοὺς ἄριστα πρὸς τούτους μεθ' ὧν ἂν οἰκῶσιν καὶ πολιτεύονται διακειμένους, καὶ τοὺς βελτίστους αὐτοὺς εἶναι δοκοῦντας.

[283] Καὶ ταῦτα καὶ ταῖς ἀληθείαις οὕτως ἔχει καὶ συμφέρει τὸν τρόπον τοῦτον λέγεσθαι περὶ αὐτῶν, ἐπεὶ νῦν γ' οὕτως ἀνέστραπται καὶ συγκέχυται πολλὰ τῶν κατὰ τὴν πόλιν ὥστ' οὐδὲ τοῖς ὀνόμασιν ἔνιοί τινες ἔτι χρῶνται κατὰ φύσιν, ἀλλὰ μεταφέρουσιν ἀπὸ τῶν καλλίστων πραγμάτων ἐπὶ τὰ φαυλότατα τῶν ἐπιτηδευμάτων.

[284] Τοὺς μὲν γε βωμολοχευομένους καὶ σκώπτειν καὶ μιμεῖσθαι δυναμένους εὐφυεῖς καλοῦσιν, προσῆκον τῆς προσηγορίας ταύτης τυγχάνειν τοὺς ἄριστα πρὸς ἀρετὴν πεφυκότας· τοὺς δὲ ταῖς κακοηθείαις καὶ ταῖς κακουργίαις χρωμένους καὶ μικρὰ μὲν λαμβάνοντας, πονηρὰν δὲ δόξαν κτωμένους, πλεονεκτικούς νομίζουσιν, ἀλλ' οὐ τοὺς ὀσιωτάτους καὶ δικαιοτάτους, οἵπερ τῶν ἀγαθῶν, ἀλλ' οὐ τῶν κακῶν πλεονεκτοῦσιν·

[285] τοὺς δὲ τῶν μὲν ἀναγκαίων ἀμελοῦντας, τὰς δὲ τῶν παλαιῶν σοφιστῶν τερατολογίας ἀγαπῶντας φιλοσοφεῖν φασιν, ἡμελήσαντες τοὺς τὰ τοιαῦτα μανθάνοντας καὶ μελετῶντας ἐξ ὧν καὶ τὸν ἴδιον οἶκον καὶ τὰ κοινὰ τὰ τῆς πόλεως καλῶς διοικήσουσιν, ὧνπερ ἕνεκα καὶ πονητέον καὶ φιλοσοφητέον καὶ πάντα πρακτέον ἐστίν. Ἀφ' ὧν ὑμεῖς πολὺν ἤδη χρόνον ἀπελαύνετε τοὺς νεωτέρους, ἀποδεχόμενοι τοὺς λόγους τῶν διαβαλλόντων τὴν τοιαύτην παιδείαν. [286] Καὶ γὰρ τοὶ πεποιήκατε τοὺς μὲν ἐπιεικεστάτους αὐτῶν ἐν πότοις καὶ συνουσίαις καὶ ῥαθυμίαις καὶ παιδιαῖς τὴν ἡλικίαν διάγειν, ἀμελήσαντας τοῦ σπουδάζειν ὅπως ἔσονται βελτίους, τοὺς δὲ χεῖρω τὴν φύσιν ἔχοντας ἐν τοιαύταις ἀκολασίαις ἡμερεύειν ἐν αἷς πρότερον οὐδ' ἂν οἰκέτης ἐπιεικῆς οὐδεὶς ἐτόλμησεν· [287] οἱ μὲν γὰρ αὐτῶν ἐπὶ τῆς Ἐννεακρόνου ψύχουσιν οἶνον, οἱ δ' ἐν τοῖς καπηλείοις πίνουσιν, ἕτεροι δ' ἐν τοῖς σκιραφείοις κυβεύουσιν, πολλοὶ δ' ἐν τοῖς τῶν ἀθλητρίδων διδασκαλείοις διατρίβουσιν. Καὶ τοὺς μὲν ἐπὶ ταῦτα προτρέποντας οὐδεὶς πώποτε τῶν κήδεσθαι φασκόντων τῆς ἡλικίας ταύτης εἰς ὑμᾶς εἰσήγαγεν· ἡμῖν δὲ κακὰ παρέχουσιν, οἷς ἄξιον ἦν, εἰ καὶ μηδενὸς ἄλλου, τούτου γε χάριν ἔχειν ὅτι τοὺς συνόντας τῶν τοιούτων ἐπιτηδευμάτων ἀποτρέπομεν. [288] Οὕτω δ' ἐστὶ δυσμενὲς ἅπασιν τὸ τῶν συκοφαντῶν γένος ὥστε τοῖς μὲν λυομένοις εἴκοσι καὶ τριάκοντα μνῶν τὰς μελλούσας καὶ τὸν ἄλλον οἶκον συναναιρήσειν οὐχ ὅπως ἂν ἐπιπλήξαιαν, ἀλλὰ καὶ συγχαίρουσιν ταῖς ἀσωτίαις αὐτῶν, τοὺς δ' εἰς τὴν αὐτῶν παιδείαν ὀτιοῦν ἀναλίσκοντας διαφθείρεσθαί φασιν.

ἼΩν τίνες ἂν ἀδικώτερον ἔχοιεν τὴν αἰτίαν ταύτην; [289] Οἵτινες ἐν ταύταις μὲν ταῖς ἀκμαῖς ὄντες ὑπερεῖδον τὰς ἡδονὰς, ἐν αἷς οἱ πλεῖστοι τῶν τηλικούτων μάλιστ' αὐτῶν ἐπιθυμοῦσιν, ἐξὸν δ' αὐτοῖς ῥαθυμεῖν μηδὲν δαπανωμένοις εἴλοντο πονεῖν χρήματα τελέσαντες, ἄρτι δ' ἐκ παίδων ἐξεληλυθότες ἔγνωσαν, ἃ πολλοὶ τῶν πρεσβυτέρων οὐκ ἴσασι, [290] ὅτι δεῖ τὸν ὀρθῶς καὶ πρεπόντως προεστῶτα τῆς ἡλικίας καὶ καλὴν ἀρχὴν τοῦ βίου ποιούμενον αὐτοῦ πρότερον ἢ τῶν αὐτοῦ ποιήσασθαι τὴν ἐπιμέλειαν, καὶ μὴ σπεύδειν μηδὲ ζητεῖν ἑτέρων ἄρχειν πρὶν ἂν τῆς αὐτοῦ διανοίας λάβῃ τὸν ἐπιστατήσοντα, μηδ' οὕτω χαίρειν μηδὲ μέγα φρονεῖν ἐπὶ τοῖς ἄλλοις ἀγαθοῖς ὡς ἐπὶ τοῖς ἐν τῇ ψυχῇ διὰ τὴν παιδείαν ἐγγιγνομένοις. Καίτοι τοὺς τοιούτῳ λογισμῷ κεκρημένους πῶς οὐκ ἐπαινέσθαι χρὴ μᾶλλον ἢ ψέγεσθαι, καὶ νομίζεσθαι βελτίστους εἶναι καὶ σωφρονεστάτους τῶν ἡλικιωτῶν;

[291] Θαυμάζω δ' ὅσοι τοὺς μὲν φύσει δεινοὺς ὄντας εἰπεῖν εὐδαιμονίζουσιν ὡς ἀγαθοῦ καὶ καλοῦ πράγματος αὐτοῖς συμβεβηκότος, τοὺς δὲ τοιοῦτους γενέσθαι βουλομένους λοιδοροῦσιν ὡς ἀδίκου καὶ κακοῦ παιδεύματος ἐπιθυμοῦντας. Καίτοι τί τῶν φύσει καλῶν ὄντων μελέτη κατεργασθὲν αἰσχρὸν ἢ κακὸν ἐστίν; Οὐδὲν γὰρ εὐρήσομεν τοιοῦτον, ἀλλ' ἔν γε τοῖς ἄλλοις ἐπαινοῦμεν τοὺς ταῖς φιλοπονίαις ταῖς αὐτῶν ἀγαθὸν τι κτήσασθαι δυνηθέντας, μᾶλλον ἢ τοὺς παρὰ τῶν προγόνων παραλαβόντας, [292] εἰκότως· συμφέρει γὰρ ἐπὶ τε τῶν ἄλλων ἀπάντων καὶ μάλιστα' ἐπὶ τῶν λόγων μὴ τὰς εὐτυχίας, ἀλλὰ τὰς ἐπιμελείας εὐδοκιμεῖν. Οἱ μὲν γὰρ φύσει καὶ τύχῃ δεινοὶ γενόμενοι λέγειν οὐ πρὸς τὸ βέλτιστον ἀποβλέπουσιν, ἀλλ' ὅπως ἂν τύχωσιν, οὕτω χρῆσθαι τοῖς λόγοις εἰώθασιν· οἱ δὲ φιλοσοφία καὶ λογισμῶ τὴν δύναμιν ταύτην λαβόντες, οὐδὲν ἀσκέπτως λέγοντες, ἤττον περὶ τὰς πράξεις πλημμελοῦσιν. [293] Ὡσθ' ἅπασιν μὲν βούλεσθαι προσήκει πολλοὺς εἶναι τοὺς ἐκ παιδείας δεινοὺς εἰπεῖν γιγνομένους, μάλιστα δ' ὑμῖν· καὶ γὰρ αὐτοὶ προέχετε καὶ διαφέρετε τῶν ἄλλων οὐ ταῖς περὶ τὸν πόλεμον ἐπιμελείαις, οὐδ' ὅτι κάλλιστα πολιτεύεσθε καὶ μάλιστα φυλάττετε τοὺς νόμους οὓς ὑμῖν οἱ πρόγονοι κατέλιπον, ἀλλὰ τούτοις οἷσπερ ἢ φύσις ἢ τῶν ἀνθρώπων τῶν ἄλλων ζῶν καὶ τὸ γένος τὸ τῶν Ἑλλήνων τῶν βαρβάρων, [294] τῶ καὶ πρὸς τὴν φρόνησιν καὶ πρὸς τοὺς λόγους ἄμεινον πεπαιδεῦσθαι τῶν ἄλλων. Ὡστε πάντων ἂν συμβαίῃ δεινότατον, εἰ τοὺς βουλομένους τοῖς αὐτοῖς τούτοις διενεγκεῖν τῶν ἡλικιωτῶν, οἷσπερ ὑμεῖς ἀπάντων, διαφθείρεσθαι ψηφίσαισθε, καὶ τοὺς τῇ παιδείᾳ ταύτῃ χρωμένους, ἧς ὑμεῖς ἡγεμόνες γεγένησθε, συμφορᾷ τινι περιβάλοιτε.

[295] Χρὴ γὰρ μηδὲ τοῦτο λανθάνειν ὑμᾶς, ὅτι πάντων τῶν δυναμένων λέγειν ἢ παιδεύειν ἢ πόλις ἡμῶν δοκεῖ γεγενῆσθαι διδάσκαλος, εἰκότως· καὶ γὰρ ἄθλα μέγιστα τιθεῖσαν αὐτὴν ὁρῶσιν τοῖς τὴν δύναμιν ταύτην ἔχουσιν καὶ γυμνάσια πλεῖστα καὶ παντοδαπάτα παρέχουσιν τοῖς ἀγωνίζεσθαι προηρημένοις καὶ περὶ τὰ τοιαῦτα γυμνάζεσθαι βουλομένοις, [296] ἔτι δὲ τὴν ἐμπειρίαν, ἥπερ μάλιστα ποιεῖ δύνασθαι λέγειν, ἐνθένδε πάντας λαμβάνοντας· πρὸς δὲ τούτοις καὶ τὴν τῆς φωνῆς κοινότητα καὶ μετριότητα καὶ τὴν ἄλλην εὐτραπελίαν καὶ φιλολογίαν οὐ μικρὸν ἡγοῦνται συμβαλέσθαι μέρος πρὸς τὴν τῶν λόγων παιδείαν. Ὡστ' οὐκ ἀδίκως ὑπολαμβάνουσιν ἅπαντας τοὺς λέγειν ὄντας δεινοὺς τῆς πόλεως εἶναι μαθητάς. [297] Σκοπεῖτ' οὖν μὴ παντάπασιν ἢ καταγέλαστον τῆς δόξης ταύτης φλαυρόν τι καταγιγνώσκειν, ἢν ὑμεῖς ἔχετε παρὰ τοῖς Ἕλλησιν πολὺ μᾶλλον ἢγὼ παρ' ὑμῖν· οὐδὲν γὰρ ἄλλ' ἢ φανερῶς ὑμῶν αὐτῶν ἔσεσθε κατεψηφισμένοι τὴν τοιαύτην ἀδικίαν, [298] καὶ πεποηκότες ὅμοιον ὥσπερ ἂν εἰ Λακεδαιμόνιοι τοὺς τὰ περὶ τὸν πόλεμον ἀσκοῦντας ζημιοῦν ἐπιχειροῖεν ἢ Θετταλοὶ παρὰ τῶν ἱππεύειν μελετώντων δίκην λαμβάνειν ἀξιοῖεν. Ὑπὲρ ὧν φυλακτέον ἐστὶν ὅπως μηδὲν τοιοῦτον ἐξαμαρτήσεσθε περὶ ὑμᾶς αὐτοὺς, μηδὲ πιστοτέρους ποιήσετε τοὺς λόγους τοὺς τῶν κατηγορούντων τῆς πόλεως ἢ τοὺς τῶν ἐπαινούντων. [299] Οἴμαι δ' ὑμᾶς οὐκ ἀγνοεῖν ὅτι τῶν Ἑλλήνων οἱ μὲν δυσκόλως πρὸς ὑμᾶς ἔχουσιν, οἱ δ' ὡς οἶόν τε μάλιστα φιλοῦσιν καὶ τὰς ἐλπίδας τῆς σωτηρίας ἐν ὑμῖν ἔχουσιν. Καί φασιν οἱ μὲν τοιοῦτοι μόνην εἶναι ταύτην πόλιν, τὰς δ' ἄλλας κώμας, καὶ δικαίως ἂν αὐτὴν ἄστου τῆς Ἑλλάδος προσαγορεύεσθαι καὶ διὰ τὸ μέγεθος καὶ διὰ τὰς εὐπορίας τὰς ἐνθένδε τοῖς ἄλλοις γιγνομένας καὶ μάλιστα διὰ τὸν τρόπον τῶν ἐνοικούντων· [300] οὐδένας γὰρ εἶναι πραοτέρους οὐδὲ κοινοτέρους, οὐδ' οἷς οικειότερον ἂν τις τὸν ἅπαντα βίον συνδιατρίψειεν. Οὕτω δὲ μεγάλαις χρῶνται ταῖς ὑπερβολαῖς ὥστ' οὐδὲ τοῦτ' ὀκνοῦσι λέγειν, ὡς ἦδιον ἂν ὑπ' ἀνδρὸς Ἀθηναίου ζημιωθεῖεν ἢ διὰ τῆς ἐτέρων ὀμότητος εἶ πάθοιεν. Οἱ δὲ ταῦτα μὲν διασύρουσιν, διεξιόντες δὲ τὰς τῶν συκοφαντῶν πικρότητας καὶ κακοπραγίας ὅλης τῆς πόλεως ὡς ἀμίκτου καὶ χαλεπῆς οὔσης κατηγοροῦσιν. [301] Ἔστιν οὖν δικαστῶν νοῦν ἔχόντων τοὺς μὲν τῶν τοιούτων λόγων αἰτίους γιγνομένους ἀποκτείνειν ὡς μεγάλην αἰσχύνην τῇ πόλει περιποιούντας, τοὺς δὲ τῶν ἐπαίνων τῶν λεγομένων περὶ αὐτῆς μέρος τι συμβαλλομένους τιμᾶν μᾶλλον ἢ τοὺς ἀθλητάς τοὺς ἐν τοῖς στεφανίταις ἀγῶσιν νικῶντας· [302] πολὺ γὰρ καλλίω δόξαν ἐκείνων κτώμενοι τῇ πόλει τυγχάνουσι καὶ μᾶλλον ἀρμόττουσαν. Περὶ μὲν γὰρ τὴν τῶν σωμάτων ἀγωνίαν πολλοὺς τοὺς ἀμφισβητοῦντας ἔχομεν, περὶ δὲ τὴν παιδείαν ἅπαντες ἂν ἡμᾶς πρωτεύειν προκρίνειαν.

Χρή δὲ τοὺς <καὶ> μικρὰ λογίζεσθαι δυναμένους τοὺς ἐν τοῖς τοιοῦτοις τῶν ἔργων διαφέροντας, ἐν οἷς ἢ πόλις εὐδοκιμεῖ, τιμῶντας φαίνεσθαι, καὶ μὴ φθονερῶς ἔχειν, μηδ' ἐναντία τοῖς ἄλλοις Ἑλλήσιν γινώσκειν περὶ αὐτῶν. [303] Ἦν ὑμῖν οὐδὲν πώποτ' ἐμέλησεν, ἀλλὰ τοσοῦτον διημαρτήκατε τοῦ συμφέροντος ὥσθ' ἡδίων ἔχετε δι' οὓς ἀκούετε κακῶς ἢ δι' οὓς ἐπαινέισθε, καὶ δημοτικωτέρους εἶναι νομίζετε τοὺς τοῦ μισεῖσθαι τὴν πόλιν ὑπὸ πολλῶν αἰτίους ὄντας ἢ τοὺς ἅπαντας οἷς πεπλησιάκασιν εὖ διακεῖσθαι πρὸς αὐτὴν πεποηκότας.

[304] Ἦν οὖν σωφρονῆτε, τῆς μὲν ταραχῆς παύσεσθε ταύτης, οὐχ οὕτω δ' ὥσπερ νῦν οἱ μὲν τραχέως, οἱ δ' ὀλιγώρως διακείσεσθε πρὸς τὴν φιλοσοφίαν, ἀλλ' ὑπολαβόντες κάλλιστον εἶναι καὶ σπουδαιότατον τῶν ἐπιτηδευμάτων τὴν τῆς ψυχῆς ἐπιμέλειαν, προτρέψετε τῶν νεωτέρων τοὺς βίον ἱκανὸν κεκτημένους καὶ σχολὴν ἄγειν δυναμένους ἐπὶ τὴν παιδείαν καὶ τὴν ἄσκησιν τὴν τοιαύτην, [305] καὶ τοὺς μὲν πονεῖν ἐθέλοντας καὶ παρασκευάζειν σφᾶς αὐτοὺς χρησίμους τῇ πόλει περὶ πολλοῦ ποιήσεσθε, τοὺς δὲ καταβεβλημένως ζῶντας καὶ μηδενὸς ἄλλου φροντίζοντας πλὴν ὅπως ἀσελγῶς ἀπολαύσονται τῶν καταλειφθέντων, τούτους δὲ μισήσετε καὶ προδότας νομιεῖτε καὶ τῆς πόλεως καὶ τῆς τῶν προγόνων δόξης· μόλις γὰρ, ἦν οὕτως ὑμᾶς αἰσθῶνται πρὸς ἑκατέρους αὐτῶν διακειμένους, ἐθελήσουσιν οἱ νεώτεροι καταφρονήσαντες τῆς ῥαθυμίας προσέχειν σφίσι αὐτοῖς καὶ τῇ φιλοσοφίᾳ τὸν νοῦν. [306] Ἀναμνήσθητε δὲ τὸ κάλλος καὶ τὸ μέγεθος τῶν ἔργων τῶν τῇ πόλει καὶ τοῖς προγόνοις πεπραγμένων, καὶ διέλθετε πρὸς ὑμᾶς αὐτοὺς καὶ σκέψασθε ποῖός τις ἦν καὶ πῶς γεγωνῶς καὶ τίνα τρόπον πεπαιδευμένος ὁ τοὺς τυράννους ἐκβαλὼν καὶ τὸν δῆμον καταγαγὼν καὶ τὴν δημοκρατίαν καταστήσας, ποῖος δὲ τις ὁ τοὺς βαρβάρους Μαραθῶνι τῇ μάχῃ νικήσας καὶ τὴν δόξαν τὴν ἐκ ταύτης γενομένην τῇ πόλει κτησάμενος, [307] τίς δ' ἦν ὁ μετ' ἐκεῖνον τοὺς Ἑλληνας ἐλευθέρωσας καὶ τοὺς προγόνους ἐπὶ τὴν ἡγεμονίαν καὶ τὴν δυναστείαν ἦν ἔσχον προαγαγὼν, ἔτι δὲ τὴν φύσιν τὴν τοῦ Πειραιῶς κατιδὼν καὶ τὸ τεῖχος ἀκόντων Λακεδαιμονίων τῇ πόλει περιβαλὼν, τίς δ' ὁ μετὰ τοῦτον ἀργυρίου καὶ χρυσίου τὴν ἀκρόπολιν ἐμπλήσας καὶ τοὺς οἴκους τοὺς ἰδίους μεστοὺς πολλῆς εὐδαιμονίας καὶ πλοῦτου ποιήσας· [308] εὐρήσετε γὰρ, ἦν ἐξετάζητε τούτων ἕκαστον, οὐ τοὺς συκοφαντικῶς βεβιωκότας οὐδὲ τοὺς ἀμελῶς οὐδὲ τοὺς τοῖς πολλοῖς ὁμοίους ὄντας ταῦτα διαπεπραγμένους, ἀλλὰ τοὺς διαφέροντας καὶ προέχοντας μὴ μόνον ταῖς εὐγενείαις καὶ ταῖς δόξαις, ἀλλὰ καὶ τῷ φρονεῖν καὶ λέγειν, τούτους ἀπάντων τῶν ἀγαθῶν αἰτίους γεγενημένους.

[309] ἼΩν εἰκὸς ὑμᾶς ἐνθυμουμένους ὑπὲρ μὲν τοῦ πλήθους τοῦτο σκοπεῖν ὅπως ἐν τε τοῖς ἀγῶσιν τοῖς περὶ τῶν συμβολαίων τῶν δικαίων τεύζονται καὶ τῶν ἄλλων τῶν κοινῶν μεθέξουσιν, τοὺς δ' ὑπερέχοντας καὶ τῆ φύσει καὶ ταῖς μελέταις καὶ τοὺς τοιούτους γενέσθαι προθυμουμένους ἀγαπᾶν καὶ τιμᾶν καὶ θεραπεύειν, ἐπισταμένους ὅτι καὶ τὸ καλῶν καὶ μεγάλων ἡγήσασθαι πραγμάτων καὶ τὸ δύνασθαι τὴν πόλιν ἐκ τῶν κινδύνων σφῆξιν καὶ τὴν δημοκρατίαν διαφυλάττειν ἐν τοῖς τοιούτοις ἔνεστιν, ἀλλ' οὐκ ἐν τοῖς συκοφάνταις.

[310] Πολλῶν δ' ἐφεστώτων μοι λόγων ἀπορῶ πῶς αὐτοὺς διαθῶμαι· δοκεῖ γάρ μοι καθ' αὐτὸ μὲν ἕκαστον ὧν διανοοῦμαι ῥηθὲν ἐπιεικὲς ἂν φανῆναι, πάντα δὲ νυνὶ λεγόμενα πολλὴν ἂν ὄχλον ἐμοί τε καὶ τοῖς ἀκούουσιν παρασχεῖν. Ὅπερ καὶ περὶ τῶν ἤδη προειρημένων δέδοικα μὴ τοιοῦτόν τι πάθος αὐτοῖς διὰ τὸ πλῆθος τυγχάνη συμβεβηκός. [311] Οὕτω γὰρ ἀπλήστως ἅπαντες ἔχομεν περὶ τοὺς λόγους ὥστ' ἐπαινοῦμεν μὲν τὴν εὐκαιρίαν καὶ φαμὲν οὐδὲν εἶναι τοιοῦτον, ἐπειδὴν δ' οἰηθῶμεν ὡς ἔχομέν τι λέγειν, ἀμελήσαντες τοῦ μετριάξιν, κατὰ μικρὸν ἀεὶ προστιθέντες εἰς τὰς ἐσχάτας ἀκαιρίας ἐμβάλλομεν ἡμᾶς αὐτούς· ὅπου γε καὶ λέγων ἐγὼ ταῦτα καὶ γιγνώσκων, ὅμως ἔτι βούλομαι διαλεχθῆναι πρὸς ὑμᾶς.

[312] Ἀγανακτῶ γὰρ ὄρων τὴν συκοφαντίαν ἄμεινον τῆς φιλοσοφίας φερομένην, καὶ τὴν μὲν κατηγοροῦσαν, τὴν δὲ κρινομένην. Ὅ τίς ἂν τῶν παλαιῶν ἀνδρῶν γενήσεσθαι προσεδόκησεν, ἄλλως τε καὶ παρ' ὑμῖν τοῖς ἐπὶ σοφίᾳ μεῖζον τῶν ἄλλων φρονοῦσιν; [313] Οὐκ οὐκ ἐπὶ γε τῶν προγόνων οὕτως εἶχεν, ἀλλὰ τοὺς μὲν καλουμένους σοφιστὰς ἐθαύμαζον καὶ τοὺς συνόντας αὐτοῖς ἐζήλουν, τοὺς δὲ συκοφάντας πλείστον κακῶν αἰτίους ἐνόμιζον εἶναι. Μέγιστον δὲ τεκμήριον· Σόλωνά μὲν γὰρ, τὸν πρῶτον τῶν πολιτῶν λαβόντα τὴν ἐπωνυμίαν ταύτην, προστάτην ἠξίωσαν τῆς πόλεως εἶναι, περὶ δὲ τῶν συκοφαντῶν χαλεπωτέρους ἢ περὶ τῶν ἄλλων τοὺς νόμους ἔθεσαν. [314] Τοῖς μὲν γὰρ μεγίστοις τῶν ἀδικημάτων ἐν ἐνὶ τῶν δικαστηρίων τὴν κρίσιν ἐποίησαν, κατὰ δὲ τούτων γραφὰς μὲν πρὸς τοὺς θεσμοθέτας, εἰσαγγελίας δ' εἰς τὴν βουλὴν, προβολὰς δ' ἐν τῷ δήμῳ, νομίζοντες τοὺς ταύτη τῇ τέχνῃ χρωμένους ἀπάσας ὑπερβάλλειν τὰς πονηρίας. Τοὺς μὲν γὰρ ἄλλους ἀλλ' οὐκ ἐπειρᾶσθαι γε λανθάνειν κακουργοῦντας, [315] τούτους δ' ἐν ἅπασιν ἐπιδείκνυσθαι τὴν αὐτῶν ὀμότητα καὶ μισανθρωπίαν καὶ φιλαπεχθημοσύνην. Κάκεῖνοι μὲν οὕτως ἐγίγνωσκον περὶ αὐτῶν· ὑμεῖς δὲ τοσοῦτον ἀπέχετε τοῦ κολάζειν αὐτοὺς ὥστε τούτοις χρῆσθε καὶ κατηγοροῖς καὶ νομοθέταις περὶ τῶν ἄλλων. Καίτοι προσῆκεν αὐτοὺς νῦν μισεῖσθαι μᾶλλον ἢ κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον. [316] Τότε μὲν γὰρ ἐν τοῖς ἐγκυκλίαις μόνον καὶ τοῖς κατὰ τὴν πόλιν ἔβλαπτον τοὺς συμπολιτευομένους·

ἐπειδὴ δ' αὐξηθείσης τῆς πόλεως καὶ λαβούσης τὴν ἀρχὴν οἱ πατέρες ἡμῶν μᾶλλον θαρρήσαντες τοῦ συμφέροντος τοῖς μὲν καλοῖς κάγαθοῖς τῶν ἀνδρῶν καὶ μεγάλην τὴν πόλιν ποιήσασιν διὰ τὰς δυναστείας ἐφθόνησαν, πονηρῶν δ' ἀνθρώπων καὶ μεστῶν θρασύτητος ἐπεθύμησαν, [317] οἰηθέντες ταῖς μὲν τόλμαις καὶ ταῖς φιλαπεχθημοσύναις ἱκανοὺς αὐτοὺς ἔσεσθαι διαφυλάττειν τὴν δημοκρατίαν, διὰ δὲ τὴν φαυλότητα τῶν ἐξ ἀρχῆς αὐτοῖς ὑπαρξάντων οὐ μέγα φρονήσῃν οὐδ' ἐπιθυμήσῃν ἐτέρας πολιτείας, ἐκ ταύτης τῆς μεταβολῆς τί τῶν δεινῶν οὐ συνέπεσεν τῇ πόλει; Τί δὲ τῶν μεγίστων κακῶν οἱ ταύτην ἔχοντες τὴν φύσιν οὐ καὶ λέγοντες καὶ πράττοντες διετέλεσαν; [318] Οὐ τοὺς μὲν ἐνδοξοτάτους τῶν πολιτῶν καὶ μάλιστα δυναμένους ποιῆσαι τι τὴν πόλιν ἀγαθόν, ὀλιγαρχίαν ὀνειδίζοντες καὶ λακωνισμόν, οὐ πρότερον ἐπαύσαντο πρὶν ἠνάγκασαν ὁμοίους γενέσθαι ταῖς αἰτίαις ταῖς λεγομέναις περὶ αὐτῶν; Τοὺς δὲ συμμάχους λυμαινόμενοι καὶ συκοφαντοῦντες καὶ τοὺς βελτίστους ἐκ τῶν ὄντων ἐκβάλλοντες οὕτω διέθεσαν ὥσθ' ἡμῶν μὲν ἀποστῆναι, τῆς δὲ Λακεδαιμονίων ἐρασθῆναι φιλίας καὶ συμμαχίας; [319] Ἐξ ὧν εἰς πόλεμον καταστάντες πολλοὺς ἐπείδομεν τῶν πολιτῶν τοὺς μὲν τελευτήσαντας, τοὺς δ' ἐπὶ τοῖς πολεμίοις γενομένους, τοὺς δ' εἰς ἔνδειαν τῶν ἀναγκαίων καταστάντας, ἔτι δὲ τὴν δημοκρατίαν δις καταλυθεῖσαν καὶ τὰ τεῖχη τῆς πατρίδος κατασκαφέντα, τὸ δὲ μέγιστον, ὅλην τὴν πόλιν περὶ ἀνδραποδισμοῦ κινδυνεύσασαν καὶ τὴν ἀκρόπολιν τοὺς πολεμίους οἰκήσαντας.

[320] Ἀλλὰ γὰρ αἰσθάνομαι, καίπερ ὑπὸ τῆς ὀργῆς βίᾳ φερόμενος, τὸ μὲν ὕδωρ ἡμᾶς ἐπιλείπον, αὐτὸς δ' ἐμπεπτωκῶς εἰς λόγους ἡμερησίου καὶ κατηγορίας. Ὑπερβὰς οὖν τὸ πλῆθος τῶν συμφορῶν τῶν διὰ τούτους γεγενημένων, καὶ διωσάμενος τὸν ὄχλον τῶν ἐνότων εἰπεῖν περὶ τῆς τούτων συκοφαντίας, μικρῶν ἔτι πάνυ μνησθεὶς ἤδη καταλύσω τὸν λόγον.

[321] Τοὺς μὲν οὖν ἄλλους ὀρθῶς τοὺς κινδυνεύοντας, ἐπειδὴν περὶ τὴν τελευτὴν ὧσι τῆς ἀπολογίας, ἰκετεύοντας, δεομένους, τοὺς παῖδας, τοὺς φίλους ἀναβιβαζομένους· ἔγω δ' οὔτε [τὸ] πρέπειν οὐδὲν ἡγοῦμαι τῶν τοιούτων τοῖς τηλικούτοις, πρὸς τε τῷ ταῦτα γινώσκῃν αἰσχυνθείην ἂν εἰ δι' ἄλλο τι σφζοίμην ἢ διὰ τοὺς λόγους τοὺς προειρημένους ὑπ' ἐμοῦ καὶ γεγραμμένους. Οἶδα γὰρ ἑμαυτὸν οὕτως ὀσίως καὶ δικαίως κεχρημένον αὐτοῖς καὶ περὶ τὴν πόλιν καὶ περὶ τοὺς προγόνους καὶ μάλιστα περὶ τοὺς θεοὺς, ὥστ' εἴ τι μέλει τῶν ἀνθρωπίνων αὐτοῖς πραγμάτων, οὐδὲ τῶν νῦν περὶ ἐμὲ γινομένων οὐδὲν αὐτοὺς οἶμαι λανθάνειν. [322] Διόπερ οὐκ ὀρρωδῶ τὸ μέλλον συμβῆσεσθαι παρ' ὑμῶν, ἀλλὰ θαρρῶ καὶ πολλὰς ἐλπίδας ἔχω τότε μοι τοῦ βίου τὴν τελευτὴν ἤξειν ὅταν μέλλῃ συνοίσειν ἡμῖν,

σημείω χρώμενος ὅτι καὶ τὸν παρελθόντα χρόνον οὕτω τυγχάνω βεβιωκῶς μέχρι ταύτης τῆς ἡμέρας ὥσπερ προσήκει τοὺς εὐσεβεῖς καὶ θεοφιλεῖς τῶν ἀνθρώπων.

[323] Ὡς οὖν ἐμοῦ ταύτην ἔχοντος τὴν γνώμην καὶ νομίζοντος, ὅ τι ἂν ὑμῖν δόξη, τοῦθ' ἔξειν μοι καλῶς καὶ συμφερόντως, ὅπως ἕκαστος ὑμῶν χαίρει καὶ βούλεται, τοῦτον τὸν τρόπον φερέτω τὴν ψῆφον.